



O arquivo pessoal de
Godofredo Filho
na ótica **digital**

composição da memória através do conjunto documental

Zeny Duarte • Daniel Branco • Joseane da Cruz
Vinicius Lima • Káila Guimarães • Silvana Santos

O arquivo pessoal de
Godofredo Filho
na ótica **digital**

composição da memória através do conjunto documental

Zeny Duarte
Daniel Branco
Joseane da Cruz
Vinicius Lima
Káila Guimarães
Silvana Santos

O ARQUIVO PESSOAL DE
GODOFREDO FILHO
NA ÓTICA DIGITAL
composição da memória
através do conjunto documental

Salvador-BA
2019

© 2019, autores.

De acordo com a lei nº 9610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento dos detentores dos direitos autorais.

Capa, projeto gráfico e editoração

Josias Almeida Jr.

Revisão de linguagem

Zeny Duarte

Kaila Guimarães

Silvana Santos

Sistema Universitário de Bibliotecas - UFBA

O arquivo pessoal de Godofredo Filho na ótica digital : composição da memória através do conjunto documental / Zeny Duarte ... [et al.] .- Salvador: ICI, 2019.
148p. : il.

ISBN: 978-85-89556-03-3

1. Godofredo Filho, 1904-1992 - Arquivo pessoal. Arquivos pessoais.
2. Arquivos pessoais - Inovações tecnológicas. 3. Memória. . 4. E-book
I. Duarte, Zeny.

CDD025.197

Elaborada por Evandro Ramos dos Santos CRB-5/1205

Sumário

<i>Ut par est (Como é justo)</i>	7
Prefácio	9
Apresentação	11
Conceitos, teorias e práticas arquivísticas: aplicabilidade em arquivos pessoais	19
Análise documentária contextualizada	25
Diálogos sobre arquivo	30
Unicidade e organicidade de documentos de arquivo	32
Ordem original e Ordem lógica	35
Recolhimento e identificação	39
Ecletismo da documentação	41
A cronologia do arquivo pessoal	44
Memória de Godofredo Filho por meio do seu arquivo pessoal	46
Depoimentos sobre Godofredo Filho	66
A escrita biográfica de Godofredo Filho	84
VIDA EM DATAS	90
Do suporte físico ao digital sob o viés da democratização do acesso à informação	119
Ponto de partida	119
Paradigma editorial na construção do e-book e a interdisciplinaridade	120
E-book: como disponibilizá-lo?	121
Breve reflexão sobre a mudança de mídia na era cloud	122
Inovação tecnológica aplicada ao arquivo pessoal de Godofredo Filho	123
Síntese das inovações tecnológicas aplicadas	127
Ponto de chegada	129
Posfácio	133
Referências	137
Nota explicativa	137

Ut par est (Como é justo)

Zeny Duarte

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Letras, UFBA. Pós-Doutora em Ciência da Informação em Plataformas Digitais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Coordenadora do G-Acervos – CNPq. Memorialista. Escritora.

Elegemos este livro para prestar o depoimento a seguir:

Por tudo que a professora Maria José Rabello de Freitas realizou na UFBA, não poderíamos deixar de registrar o nosso reconhecimento e dedicar este trabalho a essa guerreira baiana, que tão bem defende e divulga a Arquivologia. Sua capacidade de congregar adeptos e seguidores para a mesma causa se comprova com as ações a que seus ex-alunos e orientandos vêm dando prosseguimento. Muitas têm sido as realizações no campo da Arquivologia na Bahia, a partir de seu pioneirismo e visão de futuro.

Desde o ano de 2001, a UFBA já graduou sete turmas de bacharéis em Arquivologia, cujo curso foi inaugurado em 1998. É o primeiro e único no Norte e Nordeste. Em 2003, obteve o reconhecimento do MEC, mantido pelo prazo de cinco anos, com conceitos elevados e elogios ao trabalho desenvolvido pelo colegiado do curso, então sob a coordenação da Profa. Zeny Duarte. A Universidade do Estado da Bahia - Uneb realizou cursos de pós-graduação *lato sensu*, formando especialistas em Arquivologia e nas Novas Tecnologias da Informação; a Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc implementou um curso de pós-graduação, disponibilizando, para o mercado da região Sul do Estado, especialistas em Arquivologia. Alhures, outros cursos de extensão vêm se realizando, há trabalhos não publicados, muitas pesquisas com resultados são apresentadas em reuniões científicas. Já houve aprovação de dissertação de mestrado e de tese de doutorado com temática da área.

Podemos dizer que a semente plantada pela mestra maior Maria José Rabello de Freitas, em 1972, tem dado resultados frutíferos. A luta continua e as dificuldades não são tão diferentes. Atualmente, o maior desafio é sustentar o *status* da Arquivologia e fazer reconhecer a sua imprescindível participação no processo evolutivo das disciplinas que adotam no seu fluxo curricular postulados, segmentos e métodos da informática.

Prefácio

João Carlos Salles Pires da Silva

Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Professor Titular – Departamento de Filosofia – UFBA. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Membro titular fundador da Academia de Ciências da Bahia e membro da Academia de Letras da Bahia.

Quando cheguei à Faculdade de Filosofia, Godofredo Filho, que fora professor de estética da casa, já estava aposentado. Porém, ainda era fácil perceber sua importância como um dos nomes emblemáticos da Faculdade, mas que, em verdade, apenas em parte nos pertencia, pois ultrapassava nossa história e nossos marcos. Isso era evidente, tanto por seu vínculo ainda maior com o patrimônio público, tendo sido ele por décadas diretor do IPHAN, quanto pela condição de poeta consagrado, desses dignos de constar da célebre seleção de um Manuel Bandeira.

Homem de texto forte e ligação íntima com a cidade, viveu com intensidade a trajetória ambígua de gestor e intelectual, de homem das letras e da ação institucional, com as correspondências e limitações que afetam esses papéis nem sempre harmônicos. Afinal, refletia sobre a cidade, ao tempo que, por seu lugar de gestor, podia fazer ou, de um posto privilegiado, lutar por fazer restaurar ou tombar monumentos, interferindo por atos e proposições na própria trama que analisava.

Modernista nos versos e, sem contradição, ardoroso defensor de uma cidade e um patrimônio a serem preservados, contrapunha-se, como escreveu, aos “energúmenos que encontram prazer em derrubar”, quando cabe preservar, higienizar e mesmo reter os aspectos originais dos prédios a serem reformados. Por outro lado, não se dá sem dificuldade ou disputa esse seu afã de higienizar, pelo qual sepode inclusive afastar a cidade negra que o poeta tanto cantava.

Obrigado à reflexão e à ação, levado por forças e interesses, em meio a pressões e conflitos, a desejos e amores, a construções e ruínas, sua trajetória desenha-se em argila rara. Se temos em conta os aspectos ricos, complexos e ambíguos de seu lugar e posições, se lembramos a posição destacada, sua arte e reflexões, seu arquivo pessoal reveste-se agora de extremo interesse público, sendo peça essencial para a compreensão da nossa cidade e nossa cultura no século passado.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) só pode assim orgulhar-se desta publicação, *O arquivo pessoal de Godofredo Filho na ótica digital*, com a qual a equipe coordenada pela Prof^a. Zeny Duarte dá continuidade ao trabalho anteriormente publicado pelo Instituto de Ciência da Informação da UFBA, *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Há que destacar nesses trabalhos, além do evidente interesse, o padrão elevado do tratamento arquivístico próprio da equipe coordenada por Zeny Duarte, sendo justamente reconhecida e premiada sua excelência acadêmica. E aguardar, enfim, que os bons frutos ora propiciados se traduzam em novas e instigantes pesquisas.

Apresentação

Zeny Duarte

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Letras, UFBA. Pós-Doutora em Ciência da Informação em Plataformas Digitais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Coordenadora do G-Acervos – CNPq. Memorialista. Escritora.

Este trabalho se constitui tentativa de vencer as dificuldades encontradas na realização de estudos sobre organização e conservação de documentos de arquivos à luz das tecnologias digitais. É um desafio iniciado após o resgate do arquivo pessoal de Godofredo Filho, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em fins de 1996. Oxalá, o que aqui se apresenta possa contribuir para ampliar pesquisas relacionadas com a Arquivologia, Ciência da Informação e Ciência da Computação, escassas, principalmente, em pesquisas sobre temática relacionada aos arquivos pessoais e de famílias acumulados por representantes das humanidades artes, filosofia, ciências e cultura.

Após recolhimento, o arquivo pessoal de Godofredo Filho adquiriu a garantia de guarda por parte da instituição pública, que deverá mantê-lo organizado e salvaguardado, tornando-o imune à fragmentação e assegurando-lhe a conservação preventiva, possibilitando-o maior longevidade. Assim, a ação de recolha do arquivo pessoal em tela, por parte da UFBA, representou organizá-lo e franquialo ao acesso à informação aos mais variados estudos por ele suscitados.

Apresenta-se aqui reflexão teórica e crítica sobre arquivo pessoal, análise documentária contextualizada dos documentos do arquivo, suas ressignificações, a adoção de regras que permitiram combinar dados da entidade arquivística¹ e o estabelecimento de recursos técnicos e metodológicos capazes de atingir meios de recuperação da informação, visando a originalidade do arquivo. Não obstante, são inclusas ferramentas ligadas às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

Nos meandros deste estudo, falamos do passado do titular do arquivo, da abordagem sócio-histórica de seu tempo, relacionando-a à análise documentária contextualizada do acervo por ele acumulado. A síntese do trabalho está nas considerações finais, onde focalizamos o ponto de vista sobre os resultados obtidos.

Não foi nossa pretensão esgotar o estudo sobre aquilo que o arquivo oferece de possibilidades de “escavações” (FOUCAULT, 1969). Ao contrário, deixamo-lo em aberto para a realização de outras leituras. Um dos objetivos é manter pluralidade de recursos tecnológicos ao catálogo do arquivo, tornando-o, ainda mais acessível, por meio do endereço <www.webgodfredofilho.ufba.br>.

A realização desse estudo tornou-se possível a partir do relacionamento entre a Arquivologia e outras disciplinas, a exemplo da Biblioteconomia, Ciência da Computação,

1 Podendo ser do fundo, da classe, da subclasse, da série, da subsérie, do dossiê ou de um item documental.

Tecnologias da Informação, Letras, Artes, entre outras áreas das Humanidades, interdisciplinaridade necessária ao desenvolvimento das metodologias adotadas.

Realizamos estudo reflexivo possibilitando o conhecimento do arquivo, favorecendo a percepção do “vínculo orgânico existente entre o documento e a ação que nele se materializa a título de prova ou evidência.” (CAMARGO, 1998, p.2).

Excluimos a visão ultrapassada que se tem da Arquivologia, de ciência ancilar ou auxiliar, com modelo histórico-erudito e tecnicista. Em compasso com suas técnicas, adotamos um contexto teórico, objetivando adoção de sistema operacional de informação pautado nas exigências da estrutura orgânica do arquivo.

No primeiro momento, o trabalho que inicialmente pensamos - “A semiótica e a linguística na descrição e indexação de documentos: um estudo de caso no arquivo privado de Godofredo Filho” - era bastante ambicioso e não correspondia, na íntegra, àquilo que acabou sendo realizado.

Com efeito, o projeto tinha, como primeiro objetivo, a construção de um modelo teórico que evidenciasse o processo de tradução / transposição da análise de conteúdo dos documentos, na tentativa de alcançar uma indexação, com base em estudos da semiótica e da linguística. Esse objetivo passou por alterações a partir dos estudos de disciplinas concluídas no Doutorado em Letras, pela Prof^a Dr^a Zeny Duarte, realizado na UFBA, sob a orientação da Prof^a Dr^a Elizabeth Hazin e coorientação das professoras doutoras Ana Maria Camargo e Heloísa Bellotto, e de pesquisas em acervos no Brasil e em Portugal. Além disso, os resultados alcançados em estudos teóricos e práticos, desenvolvidos no próprio arquivo, mostraram outra realidade. O caminho tomado possibilitou a publicação de nossa tese em livro *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*, em 2005. (DUARTE, 2005).

A própria documentação do arquivo, com grande diversidade e originalidade, determinou os passos a serem percorridos. Não houve seleção do *corpus*, o que significou o estudo do acervo em sua totalidade. A decisão foi realizar análise documentária contextualizada de todo o arquivo, a partir da leitura de cada item documental, subsídio primordial para a realização desta pesquisa com apresentação do catálogo informatizado.

Na etapa de familiarização da documentação, percebemos que não seria admissível omitir uma revisão teórica sobre a Arquivologia e arquivos pessoais. O estudo destes, aliado à análise documentária contextualizada do arquivo do titular, deu-nos a certeza de que a pesquisa deveria ser realizada a partir de reflexões teóricas e terminológicas. Outras disciplinas fizeram-nos avançar em novas teorias, confrontando-as nas discussões no percurso da análise documentária.

Contamos com o apoio da viúva do escritor-poeta², Carmozinda Almeida Lomes Figueiredo, dos dois filhos do titular do arquivo, frutos do relacionamento anterior, Godofredo Rebello de Figueiredo Neto e Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo e da irmã do escritor-poeta Clarice Figueiredo, imprescindível, sobretudo na doação de dossiês complementares e na transmissão de informações que se constituíram ricos documentos orais, como também

2 Adotamos a denominação escritor-poeta porque GF^o foi tanto prosador quanto poeta. Mas, se lhe perguntassem em francês, como a Vinícius de Moraes: *qui êtes-vous?* (quem és?), responderia como o Poetinha: *je suis d'abord poète* (sou, antes de mais nada, poeta).

na concessão de direito de uso do arquivo e afins, a exemplo da liberação dos direitos autorais desta publicação.

Conhecendo estudos similares realizados em arquivos pessoais de escritores, no Brasil, Portugal e França, percebemos que equipes, muitas vezes formadas por profissionais de diversas áreas, realizam estudos visando encontrar métodos eficazes de organização de documentação acumulada por intelectuais representantes da *intelligentia*.

Parte das dificuldades vivenciadas por esses profissionais diz respeito a falta de conhecimento teórico da Arquivologia. As diferenças de métodos e práticas das áreas próximas à Arquivologia causam interpretações errôneas de técnicas de organização de arquivos.

Muitos são os trabalhos que buscam respostas inalcançáveis para determinadas discussões metodológicas, que envolvem a organização e o acesso aos documentos de arquivos pessoais. Mesmo com a contribuição dos mais variados eventos técnico-científicos, notamos que a discussão sobre o papel do profissional da informação³ e do pesquisador da área mostra-se complexa. Esse aspecto concentra-se mais ainda na “aplicabilidade dos princípios arquivísticos à essa modalidade de arquivo, nas condições a serem cumpridas em sua disponibilização à consulta e nas exclusões praticadas nesse processo”. (CAMARGO,1998,p.6).

Os documentos dessa natureza possuem especificidades, sobretudo pela dimensão histórica e transformações por que passam as suas entidades produtoras. Aspectos também ligados à nova reflexão sobre os conceitos de documento, memória, identidade e arquivo.

Na França, os manuscritos autógrafos de escritores do século XIX - documentação da literatura clássica da Antiguidade, da Idade Média, da Renascença e de escritores franceses modernos - têm seu lugar na concepção da conservação do patrimônio cultural do país e estão sob a guarda da Bibliothèque Nationale de France. Nesse caso, encontram-se ricos acervos de manuscritos autógrafos. Exemplificando-os: de *Pensées*, de Blaise Pascal; de *La religieuse*, de Denis Diderot; de *Les misérables*, de Victor Hugo; de *L'éducation sentimentale*, de Gustave Flaubert; de *Les Rougons-Macquarts*, de Émile Zola; de *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust; de *La nausée*, de Jean-Paul Sartre; de *La peste*, de Albert Camus.

A experiência de estudos realizados em Portugal em torno de espólios⁴ de escritores destacou o papel fundamental do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC), da Biblioteca Nacional de Lisboa, responsáveis pelos espólios de escritores portugueses dos séculos XIX e XX, como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Raul Proença, Florbela Espanca, António Botto, Vitorino Nemésio, Adolfo Casais Monteiro, João Gaspar Simões, João de Barros e Pedro Homem de Mello, e alguns arquivos pessoais de políticos, como Rodrigo da Fonseca e Fernando Abranches-Ferrão. No ACPC, encontram-se os acervos de Almada Negreiros e de Cruzeiro Seixas, Garrett, Camilo Pessanha, Mário Cesariny de Vasconcelos, Luís Amaro e João Palma-Ferreira.

3 “ Temos estudado corpos de conhecimentos que são na verdade sistemas sociais, cada qual com uma perspectiva cultural e sistema de comunicação próprios. Conforme nos adverte um pesquisador da área, ele usa a expressão ‘comunidades de conhecimento’ de forma mais ampla e solta do que ‘comunidades de disciplinas’. Nesse sentido do conceito, ‘profissionais da informação’ se qualificaria como uma comunidade de conhecimento, sendo a comunicação (a não-comunicação) da informação na sociedade sua preocupação central”. (McGARRY,1999,p.158). Entendemos a denominação de “profissional da informação” como aquela mais aproximada da ampla gama de ações desenvolvidas pelo gerenciador de projetos e planejamentos de sistemas de informação em instituições documentais.

4 Espólio - termo utilizado em Portugal para significar arquivo pessoal pós-vida do titular.

O ACPC foi criado em 1981, com a designação de área de espólios. Mantém atribuição de recolher e tratar espólios de literatos, na sua maioria manuscritos, deixados por escritores e intelectuais dos séculos XIX e XX. O seu objetivo é difundir a informação “biobiblioarquivística” compreendida entre o início do século XIX e os nossos dias. Além de inventários de manuscritos autógrafos de escritores contemporâneos, o ACPC procede à identificação e à transcrição atualizadas de inúmeros textos inéditos, para efeito de publicação e exposição seletiva.

Ainda assim, muitos dos espólios mantidos na referenciada instituição, passaram por anteriores intervenções causadoras da desconfiguração da ordem original, enquanto outros encontram-se fragmentados e redistribuídos em bibliotecas e arquivos de Portugal. Essas ações são provenientes de equivocada compreensão de que os documentos resultantes de produção artístico-literária são complementos de edições em séries e de que não são originários de atividades de gestão.

No Brasil, no que diz respeito à conservação preventiva de documentos acumulados por escritores, tratamos o arquivo de Ildásio Tavares, que, ao lado do arquivo pessoal de Godofredo Filho, integrava o Acervo de Manuscritos Baianos (AMB). No mesmo ano da instalação desse projeto, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aprovou a renovação da pesquisa “Inventário de arquivos de escritores baianos”, iniciada em 1992. Nessa etapa, tivemos a oportunidade de acompanhar os trabalhos do subprojeto “Inventário do arquivo Jorge Amado”, direcionado à organização dos manuscritos autógrafos da produção literária desse autor e a aplicação da Crítica Genética⁶.

Em Portugal, sob a orientação científica do Prof. Dr. Luiz Fagundes Duarte, do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, realizamos pesquisas bibliográficas e informacionais, por meio de catálogos e inventários manuais e informatizados. Trabalhamos com os espólios dos escritores Fernando Pessoa, Eça de Queirós e José Régio, seguindo o projeto de doutorado, desenvolvido com o auxílio de bolsa da CAPES, com o título de “Estudos de gênese e estudos semióticos em acervos de manuscritos autógrafos de escritores portugueses - subsídios para tese de doutorado”.

A seguir, referimos as instituições portuguesas onde realizamos pesquisas: Arquivo Fotográfico de Lisboa; Arquivo Histórico Municipal do Porto (Porto); Arquivo da Literatura Portuguesa Contemporânea; Arquivo Nacional Torre do Tombo; Arquivo Ultramarino; Arquivo Municipal de Lisboa; Biblioteca da Associação Portuguesa de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação; Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Biblioteca Nacional; Biblioteca Pública Municipal do Porto; Centro de Estudos Regionais (Vila do Conde).

Ainda em Portugal, participamos de estudos dos seguintes projetos, coordenados pelo Prof. Dr. Luiz Fagundes Duarte: *Equipa Pessoa* - “Estudo do espólio e edição crítica da obra completa de Fernando Pessoa”; *Equipa Régio* - “Estudo e edição dos manuscritos autógrafos de José Régio”. Especificamente, realizamos pesquisa sobre o espólio de José Régio, em Vila do

5 Biobiblioarquivístico - relativo simultaneamente à vida, obra, pensamento e o arquivo.

6 Crítica Genética - A crítica genética, em seu surgimento, propunha o acompanhamento teórico-crítico do processo de criação na literatura; no entanto, já trazia consigo a possibilidade de explorar um novo campo transdisciplinar, que nos levaria a poder discutir o processo criador em outras manifestações artísticas. Essa ampliação dos estudos genéticos parecia já estar inscrita na própria definição e seu propósito e de seu objeto de estudo. (SALLES; CARDOSO, 2007, p.1)

Conde, sob a supervisão da Prof^a. Dr^a. Isabel Cadete. No mesmo ritmo, atuamos na pesquisa sobre o projeto *Equipa Eça de Queirós* - “Edição crítica das obras de Eça de Queirós”, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Reis.

Acompanhamos *in loco et in genere*, os trabalhos de crítica textual e crítica genética, manuseando manuscritos autógrafos, documentos epistolares e outros suportes documentais, a exemplo de fotografias, objetos pessoais, coleções museográficas, relíquias. Interagimos com equipes que desenvolvem projetos pioneiros na área, em nível de Europa. Essas equipes eram constituídas de pesquisadores portugueses da Biblioteca Nacional, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, e italianos da *III Università Degli Studi di Roma*.

Foi igualmente possível ver a prática exercida de organização de *acervos manuscriptológicos*⁷ de escritores portugueses, bem como a expansão da pesquisa em importantes instituições documentais, oportunizando-nos conhecer estudos teóricos e metodológicos sobre crítica textual e crítica genética ali aplicados.

Ainda como grande contributo à ampliação de conhecimento ao doutorado, tivemos a oportunidade de participar da alimentação do banco de dados informatizado, à disseminação de informação contida na série manuscritos autógrafos da edição e estudo genético de escritores.

Foi nesse período da pesquisa que obtivemos indispensável recolha de bibliografia para a complementação daquilo que faltava à fundamentação terminológica do nosso estudo, enriquecendo-o com vocabulário interdisciplinar.

Os documentos do arquivo pessoal de Godofredo Filho possuem valor primário⁸ e valor probatório⁹. Procedemos à análise dessa documentação, considerando-a sob o ponto de vista de produto social da história. Passamos ao estudo do arquivo, entendendo-o de maneira global, abarcando o seu interior e o sistema induzido pelo próprio titular, a partir de evidentes dados que fizeram dele um ótimo exemplar para nosso exercício científico. Visualizamos a produção documental com sua circulação. Descrevemos a unidade física e passamos ao reconhecimento da história do arquivo, resultante das ações do titular, em vida. Seguimos princípios essenciais da Arquivologia: o da proveniência e do respeito à ordem original.

Godofredo Filho registrou informações em variados suportes. Com essa atitude - vista como a soma de marcas da originalidade do seu arquivo -, deixou interpretações contextualizadas sobre o conteúdo dos documentos. Manuscreveu em flor, em folha, em caixas e noutros invólucros de suvenires recebidos por familiares de geração anterior. Em rolas de vinhos, rótulos de garrafas de bebidas, em envoltórios onde se encontram guardadas peças especiais / excêntricas de que se apropriava para registrar informações representativas do instante por ele vivido. Interpretou o conteúdo de seus documentos e, para eles, elaborou a classificação e

7 *Manuscriptologia* em Portugal e, na França, *manuscriptologie* - estudo de textos inicialmente produzidos à mão e, posteriormente, também por meio de objetos extensivos ou sucedâneos da mão. Já se reconhece o especialista denominado *manuscriptólogo* e *manuscriptologue*. No Brasil, Philippe Willemart (1988,p.2) utiliza o termo *manuscriptologia* sob o enfoque dos estudos da crítica genética e literária.

8 “Valor primário - Qualidade que possui cada documento produzido ou recebido por uma pessoa física ou moral no exercício das suas funções, para fins administrativos, legais, financeiros ou probatórios, a fim de decidir agir e controlar as decisões e as ações empreendidas. O valor primário dos documentos está estreitamente ligado com razões que justificam a sua criação, existência e utilização”. (ROUSSEAU e COUTURE, 1998,p.296).

9 “Valor probatório - 1 - Qualidade pela qual um documento evidencia a existência ou a veracidade de um fato; 2 - Qualidade pela qual os documentos de arquivo permitem conhecer a origem, a estrutura, a competência e/ou o funcionamento da instituição que os produziu”. (DICIONÁRIO,1996,p.78).

descrição por meio de linguagem natural¹⁰. Registrou dados históricos, revelando a composição da organicidade do arquivo e os significados do processo informacional.

Na descrição dos documentos implementada por Godofredo Filho, há sinais que refletem seu conhecimento de mundo. Neles, estão claros seus múltiplos papéis desempenhados, como o de literato, conservador do patrimônio, representante de episódios históricos da Bahia, membro de instituições culturais, explorador da gastronomia requintada, humanista, e demais faces de sua personalidade. Esse aspecto abre espaços em seu arquivo pessoal às variadas explorações temáticas, possibilitando a prática de estudos Multi, Inter e Transdisciplinar (MIT).

Após várias tentativas de busca em estudos terminológicos da Arquivologia, de um termo aproximado, sem lograr êxito, decidimos introduzir um novo verbete para os futuros glosários da área: descrição original - realizada por meio de linguagem natural. Essa técnica não possui regras, nem elementos formais e permite a identificação advinda da ordem original dos documentos, podendo fazer parte da descrição arquivística. A aplicação desse conceito, aqui introduzido, deriva da representação tipológica do objeto analisado e se insere no paradigma da arquivística científica, dos princípios do respeito pelos fundos e do respeito pela ordem original, mais adiante abordados.

Godofredo Filho juntou sua história, de modo natural, à descrição autenticada por ele em determinados itens documentais de seu arquivo pessoal. Oportunamente, há inúmeras possibilidades quanto à realização de outros estudos, a exemplo, a interpretação da descrição original em itens documentais eleita por Godofredo Filho. Isso implicará rever teorias da psicanálise, linguística, semiótica, estudos cognitivos, indexação, entre outras presentes nas etapas de representação da informação.

Diante do ato íntimo de descrever seus documentos, poderemos encontrar algumas respostas sobre comportamento, moda, costume e mundividência do possuinte. A seguir, transcrevemos uma das centenas descrições originais manuscritas pelo escritor-poeta, deixada por ele em invólucro, a de um daguerreótipo:

Godofredo Filho. “Retrato de elegante do séc. XIX (1860?) namorado de Sinhá, minha tia - bisavó irmã de Clarinha, minha avó paterna . Tia Sinhá morreu tuberculosa, aos 35 anos. Era apaixonada por esse [...], [...] acompanhando-a na agonia. Ele não lhe correspondia aos amores” [informação manuscrita por Godofredo Filho no papel-divisória, contendo um daguerreótipo do dito homem elegante]. (RELI 06 - 01)¹¹.

A escrita dele não está somente nos seus poemas, textos científicos e históricos. Está também nos papéis-divisórias dos invólucros em que aponta para palavras, conceitos, frases e descrições sobre itens documentais e/ou dossiês. Podemos também interpretar esse comportamento “godofrediano” como decorrente da intenção de fixar identidade informacional no seu arquivo. Daí, este ser visto, também, como uma edição “quase” completa de sua vida e obra. Cada texto registrado de próprio punho, indica a própria interpretação e o valor do ato de transmitir o conteúdo do documento ou do dossiê arquivístico. Procedendo desse modo, mantinha a dinâmica do contexto informacional de seu arquivo.

10 “A linguagem natural é formada pela reunião de sinais utilizados pelo homem. A fala, os gestos, os olhares, a palavra escrita, por exemplo, são tipos de sinais empregados pelo homem para se comunicar com outros homens e para expressar suas idéias”. (CAVALCANTI,1978,p.11).

11 Os itens documentais do arquivo pessoal de Godofredo Filho citados neste livro apresentam-se com a descrição entre parênteses e, a partir dela, o leitor poderá localizar no catálogo informatizado o mesmo documento.

A partir dessas especificidades do arquivo, estruturamos metodologia arquivística capaz de mostrar, o mais fielmente possível, a natureza da documentação. Considerando a prática adotada pelo titular, na organização dos seus documentos, decidimos preservar a originalidade do acervo, desenvolvendo mecanismos específicos às etapas de elaboração do catálogo, evitando a descaracterização da classificação e da descrição original.

Interessou-nos não apenas criar um sistema de recuperação de informação ou simples catalogação do arquivo, introduzindo metodologia condizente por meio de aportes teóricos e práticos da Arquivologia e de sua interdisciplinaridade, em seus entornos históricos e conceituais aliados às reflexões acerca de figuração e representação na ordenação de documentos pessoais, e mediante a leitura de todo o arquivo.

Neste estágio, apresentamos uma nova continuidade dos estudos desenvolvidos a partir do arquivo de Godofredo Filho, esta que se mostra compatível com a era digital. Ou seja, o acesso ao arquivo anteriormente consultado por CD-ROM, passa a ser disponibilizado em plataforma digital.

Entretanto, o catálogo, seja qualquer for o seu mecanismo de busca, objetiva mostrar a totalidade da documentação de Godofredo Filho, a partir de suas particularidades, estabelecendo princípios que norteiam as etapas de classificação, arranjo e descrição arquivística.

Sua elaboração, enquanto estudo arquivístico, tratou primeiramente dos dados observados na análise documental contextualizada dos itens. Descrevemos os documentos com base na teoria da diplomática. Assim, o catálogo apresenta a natureza e o funcionamento externo e interno do acervo e reúne os elementos pertinentes à sua composição.

Ante o pressuposto de que nem sempre os arquivos pessoais se constituem, sob o ponto de vista material, de documentos *stricto sensu*, esta pesquisa comprova a possibilidade fiel da organização arquivística, com base em princípios teóricos-conceituais e, amparada pela interdisciplinaridade com as áreas aqui envolvidas.

Conceitos, teorias e práticas arquivísticas: aplicabilidade em arquivos pessoais

De acordo com seu produtor, os arquivos podem se dividir em duas classes fundamentais: públicos e privados. Foi no mundo grego que passaram a coexistir os arquivos públicos e privados, os segundos deixando de ser constituídos, apenas, como arquivos de direito restrito. A partir de então, o conceito de arquivo sofreu modificações, tendo hoje a denominação de público e privado, em função de características específicas.

Segundo suas atividades, os primeiros são judiciais, estaduais, municipais. Os segundos, de empresas, pessoais, eclesiásticos, de sindicatos, entre outros. A história da arquivística grega e romana diz que:

O desenvolvimento do direito romano deverá ter contribuído para a proliferação de arquivos privados, que constituíam um instrumento essencial para o desenvolvimento dos negócios e garantia da propriedade dos cidadãos. Em Pompéia, no primeiro andar da casa do banqueiro Cecilius Jucundus, apareceu um grande cofre com a respectiva escrituração, feita em tabuinhas de cera. (SILVA,1999, p.66).

A formação de um arquivo privado se concretiza na medida em que o titular passa a agrupar documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida. Ele agrupa os itens documentais, dispondo-os próximos ou distantes, segundo uma necessidade presumida ou a constância dos acontecimentos.

Nesses arquivos, é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, permanecendo camuflada a avaliação de seus deslizes, falhas, receios, erros e defeitos. Porém, o profissional da informação certamente descobrirá, na etapa da análise documentária, alguns desses pontos negativos, que desfazem parte das proezas do titular, deixadas na grande parcela dos documentos acumulados.

Eles representam sempre o vínculo pessoal que o titular mantém com o mundo. O sentido monumental/histórico do arquivo privado não é descoberto pelo profissional de arquivo. Ele se encontra presente no próprio ato intencional de acumular documentos. O arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que se imagina.

O movimento do titular é dominado por uma subjetividade que recorta, costura e prolonga percepções momentâneas. Sua lógica emerge da região histórico-afetiva em que os mundos íntimo e público se misturam.

A franquia de um arquivo privado ao público por qualquer meio e, especialmente, sua inclusão no acervo de uma instituição de preservação da memória conduzem à sua “publicização” e, conseqüentemente, à sua caracterização efetiva enquanto arquivo privado/público.

Desse modo, descobrimos uma das problematizações do arquivo privado. A “publicização” do privado possui interferência tanto da ordem do privado quanto do público. Há ambiguidades na definição de abertura pública de acervos de origem do privado.

Em teoria, quando a documentação pessoal é recolhida por uma instituição pública, ficando sob a guarda desta, ela deixa de pertencer ao mundo estritamente privado e passa a configurar-se como da esfera pública. A natureza jurídica e a maneira particular como os arquivos privados entram nessas instituições suscitam problemas diferenciados.

No entanto, para a disseminação da informação de documentos pessoais, leva-se em conta a legislação pertinente, algo diferenciado no tocante à disseminação de informações contidas em fundos de natureza pública. Em alguns casos, o acesso ao documento privado requer observar a restrição quando se trata de dados informacionais de cunho sigiloso. Como exemplo disso, a Lei n.8.159, de 8 de janeiro de 1991, dispendo sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, no capítulo V, art.23, prescreve:

Decreto que fixará as categorias de sigilo que deverão ser obedecidas pelos órgãos públicos na classificação dos documentos por eles produzidos.

§ 1º. - Os documentos cuja divulgação ponha em risco a segurança da sociedade e do Estado, bem como aqueles necessários ao resguardo da inviolabilidade e da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas são originariamente sigilosos.

§ 2º. - O acesso a documentos sigilosos referentes à segurança da sociedade e do Estado será restrito por um prazo máximo de 30 (trinta) anos, a contar da data de sua produção, podendo esse prazo ser prorrogado, por uma única vez, por igual período.

§ 3º. - O acesso a documentos sigilosos referentes à honra e à imagem das pessoas será restrito por um prazo máximo de 100 (cem) anos, a contar da data de sua produção. (JARDIM,1995, p.187).

Os arquivos privados, de interesse público e social, identificados como conjuntos de fontes relevantes para a história e o desenvolvimento científico nacional, ficam preservados se depositados em instituições documentais públicas. Assim, deixam de ser apenas pessoais/domésticos e passam para o âmbito de sua divulgação, mediante autorização do proprietário ou do possuidor.

A arquivística francesa, através do *Manuel d'Archivistique: théorie et pratique des archives publiques en France* (Association des Archivistes Français,1970, p.25), conceitua patrimônio público arquivístico, dizendo:

Dans l'optique moderne de l'archivistique, il convient de distinguer deux catégories dans les papiers publics, les uns étant publics par nature, les autres l'étant par destination.

Doivent être considérés comme papiers publics par nature tous les documents (minutes, expéditions, copies, notes, mémoires, etc) émanés de tout agent de l'autorité publique agissant dans l'exercice de ses fonctions, qu'ils soient adressés à un service public ou à un fonctionnaire public *ratione functionis*, ou bien qu'ils soient établis pour être conservés à titre de preuve dans des Archives publiques.¹

Os documentos do patrimônio arquivístico público são provenientes de ações administrativas do Estado. Portanto, há distinção entre os documentos que surgem já públicos no seu

1 "Na óptica moderna da arquivística, convém distinguir duas categorias nos papéis públicos, uns sendo públicos por natureza, outros sendo por destinação. Devem ser considerados como papéis públicos por natureza todos os documentos (minutas, originais, cópias, notas, memoriais, etc.) emanados de qualquer autoridade pública agindo no exercício de suas funções, quer sejam dirigidos a um serviço público, ou a um funcionário público *ratione functionis*, quer sejam estabelecidos para ser conservados a título de prova em arquivos públicos". (Tradução nossa)

nascedouro e aqueles que assim se tornam por destinação: os arquivos privados. A afirmação merece maiores explicações.

Aux papiers provenant de l'exercice d'une fonction publique, et qu'on peut tenir comme publics par nature, il convient d'assimiler d'autres papiers de caractère divers qu'on peut en général considérer comme *publics par destination*, bien certains le soient en fait également par nature.

(...)sont considérés comme papiers d'État tous documents, quelle que soit leur date, établis, adressés ou reçus à raison du fonctionnement des pouvoirs publics et des institutions administratives et émanant soit des représentants ou des agents d'une collectivité publique, soit des particuliers; toutefois, les documents adressés à des particuliers demeurent la propriété de ceux-ci. Il semble alors qu'on pourrait définir les papiers privés comme étant ceux qui furent de bonne foi détenus par des particuliers, en tant que personnes privées et non à raison de leurs fonctions officielles, quel que soit actuellement leur lieu de conservation. (ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS, op. cit., p.401).²

Gonçalves (1996, p.6) rememora trecho da história da formação dos arquivos privados, dizendo:

Será a partir do século XII, quando surgem os novos conceitos de “Estado”, “Família” e “Indivíduo”, que se começa a construir os arquivos senhoriais, paralelamente aos arquivos reais, já sem o conceito de “arquivo público”, mas sim com o de arquivo de indivíduos, de famílias a par dos arquivos eclesiásticos.

Não obstante o documento pertencer a uma ou a outra classe, todo conjunto documental possuidor de informação de interesse histórico merece ser recolhido à guarda em arquivos públicos ou em instituições culturais mantenedoras de acervos documentais, passando a se constituir “fundo de arquivo”. O mesmo manual francês define esse conceito com a seguinte aceção:

Un fonds d'archives est en effet l'ensemble des pièces de toute nature que tout corps administratif, toute personne physique ou morale, a automatiquement et organiquement réuni en raison même de ses fonctions ou de son activité. C'est dire qu'en font partie les minutes et les doubles des pièces expédiées et les originaux et les copies des pièces reçues, aussi bien que les documents élaborés en conséquence de l'activité interne de l'organisme considéré et les pièces réunies pour sa propre documentation, ainsi que les ensembles éventuellement hérités d'autres organismes auxquels celui-ci a succédé en tout ou en partie. (ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS, op. cit., p.22).³

Nessa citação, os arquivos privados podem ser lidos enquanto “itens documentais de qualquer natureza... (...) que toda pessoa física ou moral reuniu automática e organicamente em razão de suas próprias funções ou de sua atividade”.

2 “Com os documentos que provêm do exercício de uma função pública, e que se podem considerar públicos por natureza, convém comparar outros documentos de caráter diverso que se podem em geral considerar como *públicos por destinação*, embora alguns o sejam de fato igualmente por natureza. (...) são considerados como papéis de Estado quaisquer documentos, independentemente de suas datas, estabelecidos, endereçados ou recebidos em razão do funcionamento dos poderes públicos e das instituições administrativas e emanados seja dos representantes ou dos agentes de uma coletividade pública, seja dos particulares. Todavia, os documentos endereçados a particulares permanecem na posse destes. Parece então que se poderiam definir os documentos privados como sendo os que foram retidos de boa-fé por particulares, como pessoas físicas e não em razão de suas funções oficiais, independentemente do seu lugar atual de conservação.” (Tradução nossa)

3 “Um fundo de arquivo é com efeito o conjunto dos itens documentais de qualquer natureza que todo corpo administrativo e toda pessoa física ou moral reuniram automática e organicamente em razão de suas próprias funções ou de sua atividade. Quer dizer que fazem parte dele as minutas, as reproduções de itens documentais expedidos, os originais e as cópias dos itens recebidos, assim como os documentos elaborados em consequência da atividade interna do órgão considerado e os itens reunidos para a sua própria documentação, bem como os conjuntos eventualmente herdados de outros órgãos aos quais ele sucedeu no todo ou em parte.” (Tradução nossa)

A seguir, duas citações que dão conta da visão conceitual de documentos arquivísticos, independentemente de serem da esfera pública ou privada. A primeira é a italiana, de 1928, que considera o arquivo como “a acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais pela referida instituição ou pessoa.” (CASANOVA, 1928, p.15). A segunda é a brasileira, do mesmo período. Embora com maiores detalhes, coincide, dizendo que o arquivo reúne:

...conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. (BRASIL, Lei n.8.159)

Os estudos brasileiros sobre arquivos privados muito pouco diferem dos franceses. Porém, encontramos em Bellotto (1991, p.171), uma exposição necessária à definição, ao dizer:

A conceituação de arquivos pessoais está embutida na própria definição geral de arquivos privados, quando se afirma tratar-se de papéis produzidos recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado. (...) São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística, de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas, etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresentem interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre sua própria personalidade e comportamento.⁴

É sabido que o conceito de *arquivo privado* se encontra nos estudos terminológicos brasileiros, com remissivas para *arquivos pessoais*, *papéis privados*, *papéis públicos*, *documentos privados*, *documentos pessoais*. Essa confluência de denominações indica valor representativo de uma mesma classificação. Possui equivalências noutros idiomas. No inglês *non-public archives*, *private archives*, *private records*. No francês, *archives privées*. No espanhol, *archivo privado*. No português de Portugal, *espólio* [quando da pessoa física] (DICIONÁRIO, 1996, p.8).

O documento privado é de valor histórico, “qualidade pela qual se justifica a guarda definitiva de um documento” (DICIONÁRIO, op.cit, p.77), possibilitando um campo vasto de pesquisas sobre os mais variados temas. Muitos são mantidos por arquivos históricos, que guardam “conjunto de documentos preservados em caráter definitivo, em função de seu valor probatório e/ou informativo” (NAGEL, 1991, p.20).

Acreditamos que a diferença entre as antigas noções de arquivo e a que hoje é consagrada pela Arquivologia reside nas diferentes concepções de “indivíduo”. A valorização do indivíduo se modifica historicamente. Esse aspecto contribui para a valorização dos arquivos. Os arquivos privados podem ter caminhado nessa mesma direção, coincidindo com a emergência do “indivíduo moderno”.

No século XIX, a França incluiu os fundos de natureza privada na legislação de arquivos. Entretanto, a aplicação dos procedimentos arquivísticos em arquivo privado ocorreu no século XX.

Foi a partir da segunda metade do século XX que o arranjo de papéis privados deixou de se basear em práticas e métodos biblioteconômicos. Antes eles eram tomados como simples unidades avulsas, sem considerar o seu caráter orgânico. Para Schellenberg (1974, p. 244),

4 Com fundamento em Bellotto, doravante não faremos distinção entre arquivos pessoais e privados, optando por este último conceito.

...a maioria das coleções naturais de papéis privados são grupos orgânicos no sentido em que foram criados por uma entidade, como uma igreja, um negócio, uma instituição erudita ou coisa parecida, ou por pessoa ou família dedicada a uma determinada atividade. Uma grande coleção de papéis privados produzidos por um indivíduo tem, também, algumas características de um grupo de arquivos, pois o indivíduo que cria uma grande coleção deve executar muitas atividades para criar muitos papéis, e essas atividades, provavelmente, são a base pela qual seus papéis são agrupados e organizados durante a sua vida.

Dessa forma, os documentos orgânicos, isto é, aqueles que são produto de continuada atividade humana, apresentam significado coletivo. Todos os que surgiram de determinada operação revelam um caráter coesivo. Sendo parte uns dos outros, perdem o sentido quando descritos individualmente e não como unidades coletivas.

Antigamente os documentos pessoais eram considerados de índole completamente privada. Por isso eram excluídos dos arquivos públicos. A partir da história contemporânea, os documentos privados adquiriram a qualidade orgânica de documentos públicos. Com frequência, chegam aos arquivos históricos para que recebam tratamento consoante os princípios arquivísticos.

Há na Arquivologia dois princípios básicos de arranjo. O primeiro, geralmente conhecido como de proveniência, é o de que os documentos devem ser guardados de acordo com a sua origem (entidade de origem). O segundo é o de que urge preservá-los na ordem que lhes foi imposta na fonte (na ordem original adotada pela entidade produtora).

Portanto, tais princípios referem-se a duas matérias distintas: a proveniência e a ordem original, base da noção de fundo de arquivo. É consenso internacional o entendimento do primeiro, como “principe fondamental selon lequel les archives d’une même provenance ne doivent pas être mélangées à celles d’une autre provenance; ce principe a parfois inclus le principe de respect de l’ordre primitif”. (CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES, 1988, p.121).⁵

E o segundo: “Principe de théorie archivistique selon lequel les archives d’une même provenance doivent conserver le classement établi par l’organisme d’origine.” (CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES, op.cit., p.134).^{6,7}No Brasil, a movimentação de pesquisas em arquivos privados (sobre eles e com os recursos deles) proporciona espaço para ricas discussões acerca de sua importância na formação da cultura. Surgem propostas renovadas com objetivo de reduzir os problemas vivenciados em tais arquivos.

Entre nós, embora tenhamos evoluído muito, o número reduzido de reflexões sobre teoria e prática em arquivos privados é bastante reduzido, sobretudo no que diz respeito a estudos aprofundados no nível de mestrado e doutorado.

Surgem, aos poucos, discursos que implementam linhas de pesquisa tendo como enfoque os estudos sobre documentos privados, considerados como possuidores de informação

5 “Princípio fundamental segundo o qual os arquivos de uma mesma proveniência não devem ser agrupados com os de uma outra proveniência; esse princípio às vezes inclui o princípio de respeito à ordem primitiva.” (Tradução nossa)

6 “Princípio de teoria arquivística segundo o qual os arquivos de uma mesma proveniência devem conservar a classificação estabelecida pelo órgão de origem.” (Tradução nossa)

7 Encontramos em estudo recente, em Portugal, a distribuição de outros princípios, inseridos no paradigma da arquivística científica, assim denominados: “ - o princípio da acção estruturante - todo o arquivo resulta de um acto fundador, individual ou colectivo, formal ou informal, que molda a estrutura organizacional e a sua especificidade funcional em evolução dinâmica; - o princípio da integração dinâmica - todo o arquivo integra e é integrado pela dinâmica do universo sistémico que o envolve (interligação e relação com outros sistemas conexos); - o princípio da grandeza relativa - todo o arquivo se desenvolve como estrutura orgânica (unicelular) ou complexa pluricelular); - o princípio da pertinência- todo o arquivo disponibiliza informação que pode ser recuperada segundo a pertinência da estrutura organizacional.”(SILVA et al.,1998,p.222).

muito mais eclética do que nos idos do século XIX e primeira metade do XX. Por outro lado, notamos que acadêmicos, intelectuais, escritores, políticos, artistas, homens públicos, têm demonstrado maior interesse pela preservação de seus próprios documentos e mais consciência do valor deles para a história e a cultura. Alguns já assumiram a transferência de seus arquivos para instituições documentais, onde os acervos sejam salvaguardados.

No nível do poder público, alguns arquivos históricos detêm a guarda de privados, a exemplo do Arquivo Nacional, do Arquivo do Estado de São Paulo, do Arquivo Público do Distrito Federal. A função desses arquivos tem sido a de coordenar os sistemas estaduais ou municipais de arquivo e, no que se refere aos privados, receber os acervos de personalidades que se destacam no âmbito da administração pública, como complemento de seus documentos públicos.

Como vimos, às vezes a distinção entre documentos públicos e privados não é tão nítida. Nesse caso, devem-se determinar critérios prévios. Esses critérios são muito mais subjetivos do que jurídicos ou técnicos. Entre as funções dos arquivos públicos, deve-se incluir a do cumprimento de política que se refira à guarda da documentação privada.

A dispersão de um acervo promove sua desintegração. Havendo a quebra de unidade em um arquivo, ocorre o esfacelamento irreparável de seu valor histórico-científico-cultural.

Para os arquivos privados, há uma definição bastante óbvia e simples: eles não são públicos, isto é, guardam documentação que não foi produzida pelo Estado. Entretanto, tal definição tem polarizado questionamentos, uma vez que muitos desses arquivos guardam, entre outros documentos, papéis públicos.

A interpenetração progressiva do público e do privado, dissolvendo sua relação originária, tem múltiplas facetas. Não só os interesses privados passaram a ter importância pública, o que pode ser observado pela crescente intervenção do Estado no setor privado - sobretudo no seu direito de dispor livremente da propriedade - como também houve transferência de competências públicas a entidades privadas. A esse fenômeno, que Habermas caracterizou como de socialização do Estado e de estatização da sociedade, corresponde o de “publicização do direito privado e privatização do direito público”. (CAMARGO,1998, p.6).

Essa reflexão promove a indagação: como denominar - num arquivo privado - documentos da esfera pública? Quase sempre, o titular do arquivo, na sua vida cotidiana, desenvolve atividades públicas em plena conexão com suas atividades pessoais. Então, encontramos nos seus documentos marcas da essência pública.

O arquivo privado possui funções utilitárias e a sua qualidade está na organicidade. Ele se apresenta como o espelho da vida de seu titular e, como já dissemos, permite conhecer a origem, a formação, a competência e/ou a atividade de quem o produziu, cabendo ao profissional da informação recuperar o sentido probatório dos documentos.

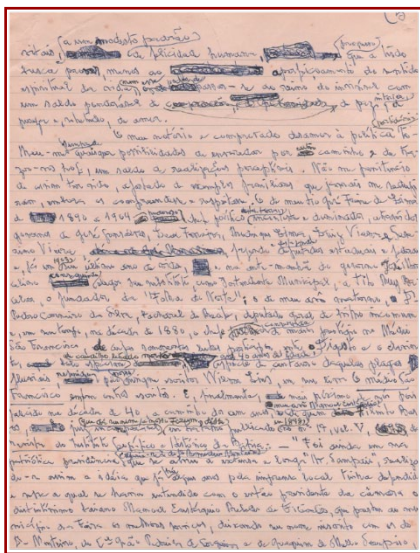
Estes pródromos de século e milênio trazem certa provocação ao homem moderno. Importa pensar inovando, pensar para mudar, avançar com ênfase para o máximo de novidade. Nesse contexto, multiplicam-se interesses por estudos sobre arquivos privados, durante muito tempo desvalorizados ou, pelo menos, não compreendidos como detentores de fontes históricas.

Análise documentária contextualizada

Em face da análise documentária contextualizada do arquivo pessoal de Godofredo Filho, colocamo-nos em duas posições. Perto dele, por se tratar da organização de arquivo conforme conhecimentos da Arquivologia (ainda assim, proporcionou-nos novos desafios no estágio profissional de nossa formação técnico-científica). Ele apresenta delimitações próprias de documentação produzida num universo cultural e estético do século que findou. Longe dele, porque a gama de materiais acumulados pelo titular representa a produção singular de documentos referentes a um estágio de vida que se encontra além das diferenças de interesses atuais, de cotidiano, de comportamentos epocais e do conhecimento de mundo do titular.

A depender do contexto, a forma física interfere na análise do arquivo pessoal. Um daguerreótipo⁸ não é o mesmo que uma fotografia em brometo de prata. Igual para o ferrótipo⁹, para a albumina¹⁰ ou para outros documentos que apresentam especificidades, devendo constar na descrição arquivística.

Figura 1- Manuscrito autógrafo de Godofredo Filho



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Godofredo Filho acumulou documentos que testemunham a representatividade histórica e cultural de seu tempo. Teve o cuidado de preservá-los. De outro modo, teriam sido destruídos. O computador não era de uso habitual. Por esse motivo, não encontramos nenhum documento digitado e impresso por Godofredo Filho. A maior parte de seus documentos é representada por suporte papel, manuscrito autógrafo e datilografado.

A análise documentária contextualizada do arquivo pessoal foi enriquecida com leituras, sob o ponto de vista arquivístico, cronológico, biobibliográfico. Eco (1991, p.234) diz que as formas de trato entre os indivíduos presumem não apenas “determinada estrutura da sociedade, mas sim toda uma série de relação estabelecida entre homem e homem,

homem e objetos, homem e universo mítico, homem e linguagem”. Esse pensamento, relacionado com a análise documentária contextualizada da documentação de Godofredo Filho, passa pela descoberta do titular, de suas características, seu mundo em família, em sociedade, sua infância, adolescência, juventude e maturidade.

A leitura cronológica do seu arquivo pessoal propiciou uma análise mais apurada sobre sua biografia. Inclui-se neste trabalho a representação dos liames da documentação em relação à memória do escritor-poeta. No item *Memória de Godofredo Filho*, apresentamos a demonstração do que o arquivo pessoal, depois de catalogado, é capaz de oferecer para estudos memorialísticos e apresentamos o quadro biobibliográfico. Comprovamos o pressuposto da pesquisa: o arquivo privado mantém relação especular com a vida do homem.

8 O processo “daguerreótipo” foi registrado na França e teve período de utilização frequente de 1839 a 1855. Dessa data até 1860, tornou-se processo técnico muito raro. (CARTIER-BRESSON, 1992, p.165).

9 O processo ferrótipo teve freqüente utilização no período de 1855 até 1890. (Ibid., loc.cit.).

10 O papel albuminado circulou entre os anos de 1850 a 1920. Por esse motivo, é o processo fotográfico que se encontra no espólio em maior quantidade. (Ibid.,loc.cit.).

Figura 2 - Godofredo Filho aos treze anos. Salvador, 1917.



Imaginemos, em 1980, Godofredo Filho com 76 anos. Não era mais aquele homem tão preocupado em dar explicações sobre atitudes menos comuns. O que tinha de rever e o que realizara até essa data, ele não poderia desfazer, muito menos remediar. Nessa etapa de vida, sua capacidade de escrever poemas não passava mais pelo crivo da censura exacerbada, nem da preocupação com minúcias de quem exercia o desejo de estar bem com a crítica.

Depois de décadas vividas, a sua escrita ganhou mais segurança, embora continuasse demonstrando um espírito de homem inquieto, sem ter encontrado o sentido completo da vida. Já havia provado de uma boa parte dos vinhos preferidos, degustado iguarias e acepipes principescos, vivenciado momentos grandiosos, ilusões e amarguras.

Os motivos que o levaram a acumular documentos foram vários. Nesse sentido, o elemento burocrático-administrativo-político foi o mais forte, sobrepujando também a

vocação de suas expressões artísticas.

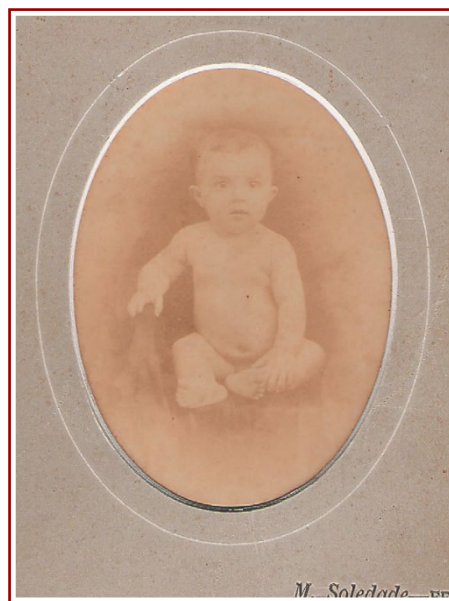
Esses e outros aspectos não seriam, de todo modo, motivo de avaliação do homem Godofredo Filho. Junto a eles está a observação crítica com base na cronologia de seus documentos pessoais. Lendo-os, percebemos que buscou sempre a companhia daqueles que se dedicavam a orientá-lo e apoiá-lo nos estudos poéticos e da preservação do patrimônio da Bahia. Sua importância histórica ganhou peso maior com o desenvolvimento dessa temática em obras publicadas e nas entrelinhas de missivas trocadas com representantes da cultura no Brasil.

É esse arquivo pessoal a mais completa fonte de referência existente sobre Godofredo Filho. Guarda documentos importantes sobre sua vida e obra, a exemplo dos originais e esboços de livros publicados ou não. Nele está uma pequena parte de sua biblioteca, com livros autografados, ou não, pelos autores.

É acervo epistolográfico de excelência, marcando a relação do titular com amigos, familiares e expoentes da literatura, história, arte e cultura do Brasil e de outros países. Essa é a documentação majoritária de Godofredo Filho. Ela pode ser completada porque a fração omissa existe e é recuperável. Geralmente, com raríssimas exceções, é quase impossível estudar a vida e obra de um titular, sem ter de recorrer às várias pessoas e/ou instituições responsáveis pelos documentos, devido a suas fragmentações, por conta, normalmente, de diversas atividades e relações pessoais exercidas pelo titular.

Analisar o arquivo pessoal de um escritor contemporâneo é tarefa que exige coragem, por vezes considerada perigosa e controversa. Temos em conta a conexão presente e acentuada do

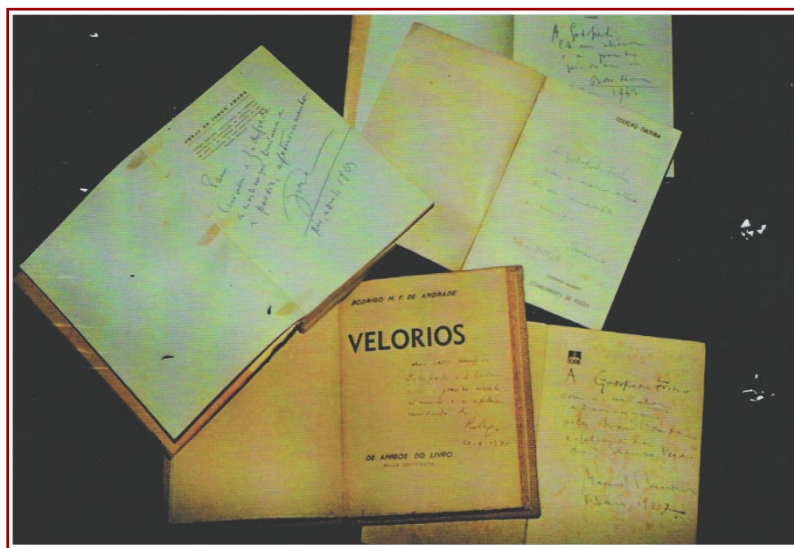
Figura 3 - Godofredo Filho com oito meses de idade. Feira de Santana – BA, 20 de dezembro de 1904.



autor com todos aqueles do seu circuito familiar, afetivo, profissional, de identidade ou mesmo de oposição ideológica. No nosso caso, a imagem de Godofredo Filho e a da obra não estão suficientemente consolidadas e se encontram ainda em constante mutação, podendo evoluir para um modelo socioliterário do escritor.

Soma-se a essa dificuldade a característica multifacetada do escritor-poeta, agregando em seu acervo diversidade temática e vasta produção documental. A pluralidade de ações e

Figura 4 - Livros do seu arquivo pessoal, autografados por escritores amigos. Autógrafos de Jorge Amado, Vitorino Nemésio, Manuel Bandeira e Rodrigo Melo Franco de Andrade.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

atividades por ele desenvolvidas tornou complexa e desafiadora a análise do arquivo pessoal. Tivemos que superar condicionamentos próprios ao ato de interpretar, representar e descrever o item documental, sem deixar de lado a ética na divulgação de certos conteúdos de foro íntimo e de sigilo.

McGarry (1999, p.180) nos adverte que as pessoas desempenham na vida diferentes funções, e o tipo de papel pode influenciar as decisões éticas:

tomamos decisões éticas em nosso cotidiano e frequentemente essas decisões têm consequências para outras pessoas que estão relacionadas conosco de várias maneiras. Essas pessoas podem ser amigos, colegas, até mesmo estranhos de passagem; quem quer que sejam, estamos numa relação ética com elas, mesmo que sejam um tanto temporárias e efêmeras.

Na análise desse arquivo pessoal, não poderia ser diferente. Preservamos os interesses que surgem em detrimento da privacidade de Godofredo Filho, de outros e para o bem comum. O autor citado continua dizendo: “Definirei privacidade como a situação em que se está protegido do acesso indesejável por parte de outrem, seja acesso psicológico ou físico, a informações pessoais ou observação indesejável”. Portanto, observando documentos com informações muito pessoais no arquivo pessoal em análise, evitamos a divulgação de assuntos que possam comprometê-lo e a outrem.

Godofredo Filho acumulou um conjunto documental a partir de procedimento natural. Organizou dossiês com seus primeiros livros, com suas primeiras letras escritas em cadernos caligráficos e com outros, contendo objetos pessoais. Preparou pacotes com documentação civil (registro de nascimento, casamento, CPF, identidade, título de eleitor, reservista). Guardou correspondências pessoais, documentos familiares, fotografias, documentos íntimos, outros de interesse profissional, estudos técnicos, históricos, científicos, artísticos e literários.

Através desse arquivo pessoal, tivemos a oportunidade de conhecer um homem de feito sociocultural desconhecido. A possibilidade desse conhecimento se deu a partir das leituras de

documentos que tratam da relação do titular com seus contemporâneos, porque numa leitura arquivística é impossível passar ao largo da reflexão sociológica, que trata as incursões paralelas e discursivas, ou melhor, a mistura existente nos conteúdos dos documentos.

Quanto à veia do escritor-poeta, Ferreira (1970, p.26) é quem bem o retrata, dizendo:

Godofredo Filho, poeta baiano e mais ainda sertanejo, passa pelo leve e gracioso que vem da criação de Rosália, solta o matiz popular das romagens e dos bailaricos e transfunde tudo numa vivência eternizante; canaliza toda a sua experiência em direção do intemporal, na rota da ancestral angústia de existir. O poeta que aparece nas suas antigas produções ligado ao momento modernista brasileiro, retratador de uma realidade tropical, busca e encontra o seu oposto, aliás, um aposto acordante a grande parte de sua obra posterior.

Encontram-se no seu arquivo pessoal vários documentos relativos a passagens da sua vida pública como ocupante de cargos públicos e membro de entidades socioculturais e educacionais. Era organizado. Tinha cuidado especial com a documentação. Formou seus dossiês conforme seus pensamentos, visando ao menor esforço possível na recuperação de um documento. Grande parte do arquivo pessoal encontra-se com registro de data conservado pelo titular. Portanto, o ato de guardar o documento como parte de sua cronologia é uma de suas marcas peculiares. Tudo indica que organizou seu arquivo em função de sua própria cronologia.

Guardou documentos e objetos de seu interesse, especialmente aqueles que possuem referenciais de sua personalidade. Manteve, desde o início, critérios próprios de arquivamento e acondicionamento de documentos. Reuniu textos, artigos, correspondências pessoais e profissionais.

Viveu o passado para compreender o presente, com auxílio dos documentos por ele acumulados ao longo dos anos. Guardou os primeiros manuscritos autógrafos. Fez embrulhos de documentos com folhas de jornais e do diário oficial do Estado. Classificou os itens documentais conforme o instante presente.

Armazenou o que considerava relevante nas estantes de seu birô, onde permanecia durante a maior parte do tempo. Segundo depoimento do seu segundo filho, Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo, o seu arquivo mantinha-se a ele reservado e não era permitido o acesso de outrem.

Organizou seu arquivo privado com critérios notados na classificação que dava aos dossiês. A classe “Família”, por exemplo, manteve separada dos demais assuntos de sua restrita intimidade e de outros de cunho profissional. Cuidados especiais foram dados aos dossiês referentes à sua produção artística, literária, histórica e cultural.

Figura 5 - Birô pessoal de Godofredo Filho no seu apartamento, na Rua Oito de Dezembro, n. 178, Edif. Gabriel, Graça, Salvador – BA.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Num só dossiê, arquivou grande quantidade de recortes de jornais com múltipla temática. Por exemplo, anúncios sobre astrologia, cartomancia, notas de falecimento, com destaque para as idades dos falecidos.

Somente conhecendo as convenções adotadas por ele nos seus autógrafos (abreviaturas, sinais, símbolos, entre outros), podem-se ver as modificações e revisões desses manuscritos autógrafos e de outros do tipo epistolográfico, técnico e científico. É um arquivo pessoal valioso, fecundo para quantos se interessem pela historiografia, literatura, processo de criação, crítica genética, linguagem, moda e comportamento de época.

Os documentos foram acumulados por ele com dedicação e, enquanto vivo, parece não ter tido a menor vontade de doá-los, vendê-los e nem tinha projeto para divulgá-los.

Vianna et al. (1986, p.65) analisam a posição dos indivíduos que reprimem o ato de transferir seus conhecimentos e sua própria vida, imbricados em seus documentos pessoais, dizendo que:

A produção de uma imagem é fruto tanto do que se exhibe quanto do que se esconde (...). É difícil imaginar o gesto de doação sem o espírito de notabilidade. Do ponto de vista da memória, não se exhibe o que não se revela; não se expõe, conscientemente, o que não seja rentabilizável como preservação de imagem.

Bennett (1979, p.8) diz que, “no desenvolver de nossas vidas, inúmeros são os documentos, as lembranças, os valores que precisam ser guardados.” Com referência a esse aspecto, Vianna et al. (1986, p.62) afirmam que:

o colecionador constitui sua coleção de documentos segundo critérios que lhe são precisos: precaução, vingança, pragmatismo político ou administrativo (economia, eficiência, etc.), orgulho, fantasia e até mesmo senso histórico. De qualquer forma, o colecionador constitui sua coleção como parte de si mesmo, segundo um movimento que é, em primeiro lugar, um exercício de controle sobre os eventos e que pode ainda estar exigindo sua eternidade enquanto indivíduo, cujo único critério de afeição e sólida garantia é exatamente a memória.

A constituição do arquivo pessoal de Godofredo Filho e, sobretudo, o método de organização de documentos por ele implementado refletem um perfil singular de homem criterioso, perfeccionista, metódico e exigente. Possuía personalidade meticulosa. Era paciente e criativo. O seu lado de artista conferiu o toque necessário para a sua escrita. Suas decisões eram tomadas numa ordem compatível com aquela adotada na organização de sua documentação.

Ele demonstrava também a preocupação de conservar seu arquivo pessoal, notada nos cuidados elementares que tomava, embora sem muitos recursos, na utilização de materiais recomendáveis para a conservação (acondicionamento e armazenamento).

Interessavam-lhe a história de sua vida, a de seus amigos, a de seus filhos, da sua família, sua obra, suas recordações, seus discursos. Além de sua produção literária como homem singular, representante de uma época, guardou marcas de fatos e feitos fundamentais para os estudos brasileiros, sobretudo para a história da Bahia.

À medida que íamos entrando em contato com os documentos, e valendo-nos de nossa formação em Arquivologia, fomos nos dando conta das surpresas e das dificuldades com que teríamos de nos haver.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho foi se formando a partir do desenvolvimento de sua vida, ações e atividades. Não foi criado artificialmente. Muito menos foi reunido com outros de outras origens.

Este trabalho tentou encontrar equilíbrio na análise documentária contextualizada do arquivo pessoal de Godofredo Filho e de sua organização. Foi tarefa árdua. Mais custoso ainda foi encontrar, nas reflexões teóricas e na prática da Arquivologia, uma espécie de linha teórica que possibilitasse a realização do estudo pretendido.

A nossa intenção foi extrair significantes do *analogon* documental e, a partir dos resultados alcançados, definir as etapas de organização do arquivo pessoal. Este constitui a própria existência de seu titular, a sua sedimentação “biobibliográfica”, resultante das afinidades de sua vida com a produção intelectual.

Godofredo Filho não fez distinção dos documentos que poderiam ou não ser divulgados. A ordem do arquivo indica que ele não procedeu à seleção, a fim de não revelar os documentos mais reservados que se mantiveram desprovidos de arranjo intencional, ou seja, sem avalia-

Figura 6 - Rua Conselheiro Franco (Rua Direita), Feira de Santana – BA, 1921.



ção, nem seleção. Na verdade, poucos são os arquivos que possuem esta característica: estarem abertos à visitação de espaços de intimidade do titular (o espaço doméstico/particular). O profissional da informação deve ter sempre um olhar no passado do titular do arquivo, evidenciando o percurso em conexão com a própria passagem histórica. Deve, sobretudo, considerar a ética, a deontologia pertinentes à etapa de divulgação de informações sigilosas e restritas ao titular do arquivo.

Por meio da análise de seu arquivo pessoal, vimos algumas sintonias de sua vida em torno dos seguintes temas: vinho, pão, feminino, culinária, infância, família, catolicismo, Europa, patrimônio, memória, passado, presente, cultura, regionalismo, Feira de Santana, Cachoeira, Salvador, Bahia, Sergipe, Brasil, além de outros que podem ser localizados na descrição original de documentos do arquivo pessoal.

As tradições da Bahia e a fiel demonstração do sentido de preservação do patrimônio cultural retratadas por Godofredo Filho e seus contemporâneos do Brasil e de outros países, encontram-se representadas na descrição de itens documentais, com traços culturais, étnicos e sociais da temporalidade do escritor-poeta.

Diálogos sobre arquivo

Diante da complexidade do papel dos arquivos na sociedade contemporânea, a Arquivologia tem provocado reflexões e revisões de conceitos, por parte de filósofos consagrados. Os estudos de Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze e de outros defendem o arquivo contra quem o entende como assunto acessório e menor.

A propósito, Derrida (1997, p.9) apresenta a questão: “¿Por qué reelaborar hoy en día un concepto del archivo? En una sola y misma configuración, a la vez técnica y política, ética y jurídica?”¹¹

Embora considerando válidas tais reflexões, entendemos que elas indicam a vontade de boa parte dos pesquisadores de arquivo de terem acesso sem restrições à documentação de que precisam.

No entanto, o tratamento arquivístico dos documentos é coordenado pela técnica, pela política, pela ética, legislação e direito. Essa é uma configuração que tem promovido debates sobre a teoria e a prática da Arquivologia. As normas impõem aos arquivos certa impossibilidade de serem vistos conforme anunciam os estudos contemporâneos.

O arquivo é memória e esta, por sua vez, tem potencialidade para informar e alterar a realidade presente. A memória só é pensável como arquivo quando se pretende determiná-lo enquanto monumentalidade.

Para Foucault (1969, p. 173), a noção de arquivo foi tema central da fase em que escreveu “Arqueologia do saber” e o conceito que foi dado enquanto “estratégia de rememoração”. Nessa fase, ele afirma que:

Ce terme n’incite à la quête d’aucun commencement; il n’apparente l’analyse à aucune fouille ou sondage géologique. Il désigne le thème général d’une description qui interroge le déjà-dit au niveau de son existence: de la fonction énonciative qui s’exerce en lui, de la formation du discours à laquelle il appartient, du système général d’archive dont il relève. L’archéologie décrit les discours comme des pratiques spécifiées dans l’élément de l’archive.¹²

Melot (1986, p.18) diz que “a mania do arquivo tem a ver com a procura de legitimação de uma forma de sociedade que destrói crescentemente seus objetos”.

Ora, o fenômeno “arquivo” vai além de qualquer conceito. É mesmo uma categoria da experiência. Nesse campo, desempenhar o papel de rever e interpretar documentos pessoais revela fenômenos ilimitados. Ainda na revisão do conceito de arquivo, Derrida (1997, p.98) observa:

...el archivo reserva siempre un problema de traducción. Singularidad irremplazable de un documento que hay que interpretar, repetir, reproducir, más en su unicidad original cada vez; un archivo debe ser idiomático y, por tanto, a la vez ofrecido y hurtado a la traducción, abierto y sustraído a la iteración y a la reproductibilidad técnica.¹³

O autor considera o arquivo possuidor de problema de tradução, talvez porque se constitua de documentos únicos e insubstituíveis, que, certamente, passam por várias formas de interpretação, repetição e reprodução. Essa maneira de ver o arquivo condiz com as reflexões que se encontram no próximo item.

11 “Por que reelaborar hoje em dia um conceito de arquivo? Numa só e mesma configuração, ao mesmo tempo técnica e política, ética e jurídica?” (Tradução nossa)

12 “Esse termo não estimula a busca de nenhum princípio; não simula análise em nenhuma escavação ou sondagem geológica. Designa o tema geral de uma descrição que interroga o já-dito no nível de sua existência: da função enunciativa que se exerce nele, da formação do discurso à qual ele pertence, do sistema geral de arquivo do qual depende. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo.” (Tradução nossa)

13 “O arquivo reserva sempre um problema de tradução. Singularidade insubstituível de um documento que se tem de interpretar, repetir, reproducir, mais em sua unicidade original todas as vezes; um arquivo deve ser idiomático e, portanto, ao mesmo tempo oferecido e furtado à tradução, aberto e subtraído à interação e à reproductibilidade técnica.”(Tradução nossa)

Poderíamos ficar falando das teorias dos filósofos mencionados. Porém, não cabe aqui ampliar o espaço dessas discussões. Na verdade, as ideias apresentadas somam-se às que nos fizeram rever outras leituras de arquivo.

Passamos a conviver, num só espaço, com manuscritos medievais e documentos eletrônicos. A Arquivologia se defronta com estudos em torno da influência dos recursos da informática. Sobre estes, Peterson (1989, p.83, apud SILVA, 1998, p.160), entende “não ser necessário criar um novo universo de teoria, pois os princípios arquivísticos tradicionais - valor probatório e informativo, princípio da proveniência, critérios de ordenação e descrição- continuam a reger a prática arquivística. ”

Tais reflexões foram constantes neste trabalho. Consciente de não poder resolver o que Derrida e outros teóricos contemporâneos questionam (quanto a decifrar o arquivo, reelaborar ou não o conceito de arquivo, etc.), tentamos traduzir, o mais aproximadamente possível, o arquivo pessoal de Godofredo Filho, procurando, na descrição maximizada, o modo de dispor informações ao futuro pesquisador desse acervo.

O nosso trabalho representa uma primeira “escavação” em torno da documentação estudada, com resultados que abrem espaços para investigações subsequentes. Por exemplo: o estudo aprofundado da ideia do documento, a discussão teórica aliada ao compromisso da reflexão lógica, os jogos de remissões, a teia de arquivos, as pistas para o jogo da reciprocidade.

A partir daí, poderemos retomar estudos sobre a arqueologia dos documentos, explorando-os nos campos em que cada um deles poderá emergir. Há similaridades entre as atividades do profissional da informação e as do etnólogo, antropólogo, filólogo, etimólogo, linguista, arqueólogo e paleógrafo, dentre outros estudiosos. Nossa abordagem sugere investigações posteriores em que se caracterizará o espírito ordenador e multifacetado de Godofredo Filho, assim como a fidelidade de sua descrição e classificação originais. No entanto, nenhuma pesquisa que busque a leitura de um arquivo poderá se dizer completa e finda no seu propósito.

Unicidade e organicidade de documentos de arquivo

Estudamos a organização de arquivo acumulado por um literato, considerado por alguns especialistas de “arquivo literário”. Definições como esta vêm sendo revistas com frequência. Talvez isso ocorra devido à especificidade e característica próprias de cada arquivo. Porém, é preciso observar a unicidade, ou seja, “qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito de forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem”. (DICIONÁRIO,1996, p.76).

O termo arquivo literário tem sido utilizado por estudiosos de manuscritos autógrafos. Muitas vezes estudiosos de Letras. Entretanto, não devemos delimitar o campo do arquivo a partir de determinada atividade exercida pela entidade produtora ou por suporte, tipologia, etc. Entendemos que o literato, assim como o geólogo, o artista plástico, o arquiteto e outros especialistas, acumula documentos relacionados com sua vida pessoal e pública.

O geólogo não guarda apenas documentos pertinentes à geologia. Do mesmo modo, o literato. O homem que opta por acumular seu arquivo particular, armazena documentos que têm relação com suas atividades, cotidianidade, moda e costume no decurso de sua vida.

O arquivo passa a ser espaço livre, tanto para os manuscritos autógrafos, quanto para os documentos produzidos a partir de atividades públicas e privadas. Eles são convenientemente

reunidos a serviço do titular, pelo prazer de guardar a própria representação de seus valores, estendendo-se posteriormente à leitura e aos interesses de outrem.

“É exatamente porque resultantes de uma acumulação natural, necessária e não-gratuita, que os documentos são dotados de organicidade, isto é, da capacidade de refletir a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora.” (CAMARGO,1998, p.1). Segundo Herrera (1992, p.115),

Nesta linha, os arquivos sempre são institucionais e não temáticos.

Esta unanimidade em termos de definição, entretanto, contrasta com a corrente, explicitada por alguns e sugerida por outros, de falar com demasiada frequência de arquivos da literatura, arquivos do vinho, arquivos econômicos, etc.

A relevância histórica dos acervos acumulados por literatos torna-os fonte de estudo à disposição de quaisquer pesquisadores. Nesse ponto, o arquivo pessoal de Godofredo Filho possui marcas específicas, modificadoras e com características peculiares, à semelhança de outros também acumulados por literatos. Isso se deve praticamente a um desejo igual de escrever e colecionar escritos e objetos representativos do percurso de sua própria vida e dos contemporâneos.

Os arquivos acumulados por escritores foram se sedimentando, a partir da primeira metade do século XIX a nossos dias. Neles, encontramos pistas fundamentais para compreender o conhecimento permutado entre eles. Há similaridade no comportamento de homens das letras, quanto ao estético, ético, ao político, ao histórico, aos precursores, com uma nova escrita nos seus manuscritos autógrafos e, sobretudo, nos epistolares.

É comum nos arquivos desses homens a existência de autógrafos, geralmente restritos, desconhecidos, por assim dizer, não-publicados. Como exemplo, temos os dossiês completos de manuscritos autógrafos. Estes trazem o estatuto de insubstituível no seu todo e em suas partes. Alguns deles são ricos em textos abandonados. São originais que justificam tratamento particular, exigindo uma classificação mais adequada à sua composição.

É comum encontrarmos também significativa quantidade de correspondências, representantes da sutil convivência dos homens das letras e os insuspeitáveis trechos de sua vida em diversas áreas do conhecimento humano. Eles não se identificam apenas na produção e acumulação de missivas. Percebemos que os literatos de uma mesma época repetem atos e comportamentos no seu cotidiano. Segundo Del Priori (1997, p.272), “a repetição cotidiana é a repetição da necessidade histórica de repetir. É (...) a história dos modos e das maneiras através dos quais os diferentes grupos podem se constituir sujeitos. Ou seja, o reconhecimento da valorização de uma imagem.”

Nesse caso, os escritores, mesmo a distância, demonstram repetição de atitudes, explícitas nos seus documentos. Na maioria das vezes, o escritor exerce atividades diversificadas que se misturam com os escritos pessoais e literários. É o contributo da riqueza documental para estudos manuscritológicos, textológicos, arquivísticos, históricos, críticos textuais, críticos genéticos, literários, entre outros. Com raras exceções, os manuscritos autógrafos são frequentes. Normalmente em versões. As correspondências se impõem diante de outras espécies documentais.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho guarda discursos da geração de 1920-40, que reuniu tendências e expressões com afinidades e semelhanças sociopolíticas e artísticas. No

entanto, o seu tratamento, como de outros – *e.g.* de arquivo de arquitetos, geólogos - deve ter como base os princípios arquivísticos.

O ato de registrar os acontecimentos encontra-se aliado ao de reuni-los e preservá-los. As espécies documentais são provenientes do processo de acumulação e o arquivo privado reflete o perfil singular de seu detentor. Nesse caso, os escritores acumulam dossiês arquivísticos complexos, decorrentes de atividades literárias, de ações cívicas e culturais, de atividades exercidas no meio social e de caráter livre. Cada arquivo representa unidade orgânica e sua organização deve compreendê-lo com sua totalidade de documentos.

Entendemos que não é a forma, o suporte, o tipo, nem o conteúdo informativo que singularizam um documento de arquivo, mas, sim, a sua origem, ou seja, o modo como ele foi produzido, em consequência e no decurso da atividade da entidade produtora.

Compreendido o documento de arquivo na sua acepção, facilmente será também perceptível que ele não tem significado enquanto entidade individual ou distante de seus pares. Na realidade, é o contexto orgânico de produção dos documentos que lhes dá significado próprio que não pode ser deixado de lado.

Não entendemos a organização de um arquivo em compartimentos (repartido). Os documentos nascem a partir de ações neles registradas. No geral, essas ações possuem contínuidades que irão estabelecer o delineamento do arquivo.

A especificidade faz com que um arquivo seja diferente do outro. Nele, os documentos possuem unicidade porque se constituem de peças únicas, que, soltas, perdem sentido. A ordenação obedece à tipologia documental e deve refletir a relação orgânica da documentação. Não se pode pensar em arquivo sem pensar em documentos que possuam relacionamentos próprios com as ações e atividades exercidas por quem os acumulou num determinado percurso de vida pessoal e jurídica.

Por exemplo, os documentos do arquivo pessoal de Godofredo Filho possuem características históricas, legais e administrativas que irão representar sua substância e a razão de sua existência. Nele encontramos manifesta a vontade do titular, a evidência do ato, a sua memória.

Cada arquivo é produzido por uma pessoa singular, possuidora de um passado único, com sua existência também única. A leitura não pode ser de outro modo, senão revendo o interior e, mais precisamente, os enunciados comuns dos itens documentais do mundo do titular. Os enunciados encontrados no arquivo pessoal de Godofredo Filho fazem parte de seus sonhos e de seu modo de vida. Cada um tem seu objeto próprio, ou se cerca de um mundo também por ele mesmo construído.

Embora o conteúdo do documento isolado seja único, sabemos que, em arquivo, não existe documento órfão. Ou seja, o documento sozinho não tem sentido, valendo ele, isso sim, no seu conjunto orgânico.

O fator que norteia a constituição do arquivo pessoal de Godofredo Filho é a origem do documento. O que ele representou no momento de sua criação. A razão pela qual foi criado, sua função em concordância com os objetivos do titular.

Para tornar possível a recuperação de todo o arquivo pessoal, ele não foi retalhado, repartido. Se assim fizéssemos, estaríamos negando os princípios arquivísticos e, mais ainda, rejeitando a possibilidade de recuperação da informação, do volume organicamente catalogado.

Não concebemos o retalhamento, a distribuição do arquivo pessoal de Godofredo Filho e nem qualquer outra tomada de decisão que promova a separação de espécies e tipologias documentais com tratamento diferenciado. Definitivamente, o fundo do arquivo pessoal analisado foi organizado de modo a salvaguardar sua história, numa perspectiva de conjunto documental e não de frações/subconjuntos documentais ou de documentos solitários.

Concordamos com estudiosos que militam na mesma linha de pensamento e com o mesmo ponto de vista de Tessitore (1989, p.25), quando esta diz que o tratamento arquivístico de um conjunto documental não propõe “um vínculo entre o arranjo e as expectativas da pesquisa, pois esse papel de restabelecer o elo entre o cientista e o documento cabe - como se encontra há muito estabelecido - aos instrumentos de pesquisa”.

Ordem original e Ordem lógica

Existem estudos consagrados internacionalmente sobre a teoria dos princípios arquivísticos. Incluímos na bibliografia deste trabalho os que abordam discussões sobre a terminologia arquivística e concentram teorias pertinentes. Na fase de revisão bibliográfica, usamos de antigas e atuais informações sobre esses princípios, introduzimos novas informações e repetimos todo o processo novamente, numa simbiose ilimitada (própria de pesquisa científica).

Como medida principal, na organização do arquivo pessoal de Godofredo Filho e no estabelecimento de valores de unicidade, unidade, autoria, consideramos o *respect des fonds* (respeito aos fundos), a proveniência, a ordem original, a pertinência.

Sobre o princípio da proveniência, referimo-nos ao enfoque dado ao estudo de Rousseau e Couture (1998, p.79). Nele encontramos o panorama da Arquivologia canadense, com todas as influências recebidas da França, Inglaterra, Alemanha e dos Estados Unidos. O estudo diz:

O princípio da proveniência é a base teórica, a lei que rege todas as intervenções arquivísticas. O respeito desse princípio, na organização e no tratamento dos arquivos, qualquer que seja a sua origem, idade, natureza ou suporte, garante a constituição e a plena existência da unidade de base em arquivística, a saber, o fundo de arquivo. O princípio da proveniência e o seu resultado, o fundo de arquivo, impõem-se à arquivística, uma vez que esta tem por objectivo gerir o conjunto das informações geradas por um organismo ou por uma pessoa no âmbito das actividades ligadas à missão, ao mandato e ao funcionamento do dito organismo ou ao funcionamento e à vida da referida pessoa. Pense-se na criação, avaliação, aquisição, classificação, descrição, comunicação ou na conservação dos arquivos: todas as intervenções do arquivista devem ocorrer sob o signo do princípio da proveniência e, à partida, do reconhecimento do fundo de arquivo como unidade central das operações arquivísticas.

Revedo o conceito de “princípio de estrutura” (relacionado ao “princípio da proveniência”), entendemos que ele trata da reconstituição da ordem dada (primitivamente) a um fundo pelo organismo/titular. Já o princípio de pertinência, na organização do arquivo pessoal de Godofredo Filho, foi subsidiário e instrumental da autoria e proveniência. Esses princípios foram respeitados no reconhecimento da estrutura do arquivo pessoal, na ordenação e na descrição de cada item documental.

Conservando a ordem original, estamos conservando a gênese documental. Esta vê o documento “a partir das relações que estabelece com seus congêneres e no lugar que lhe é próprio.” (CAMARGO,1998, p.3). O “próprio”, para a nossa reflexão, diz respeito ao espaço originário ocupado pelo item documental no instante primeiro em que foi arquivado.

Devem-se levar em conta as relações estruturais e funcionais que presidem à gênese dos documentos de arquivo para a garantia de sua organicidade. Ou seja, cada documento deverá ser preservado no fundo do qual provém e no seu lugar de origem. Portanto, delineamos nosso estudo metodológico tomando como base o princípio de pertinência, subsidiário e instrumental dos princípios da autoria e proveniência na organização do arquivo pessoal, mantendo-o intocável no que diz respeito ao tratamento arquivístico oriundo do titular. Essa ordem manifesta, destarte, uma rara postura, porque, com poucas exceções, a maioria dos espólios chega aos arquivos sem qualquer tipo de ordenação, perdendo de vez a possibilidade de se apresentar como um verdadeiro arquivo.

Conseguimos manter os documentos na sua ordem original e resgatar as ações e atividades que os geraram. Repetimos a técnica do titular, transformando-a em método científico. A classificação como foi concebida, na origem, isto é, no momento em que as informações foram acumuladas, garantiu não somente o respeito à proveniência, como também a adoção do respeito à ordem original.

Preservamos a ordenação dos documentos na classificação física e intelectual. Verificamos classificações ambíguas dadas pelo titular. Decidimos mantê-las. Não haveria de ser diferente, se pretendíamos ler no arquivo pessoal a sua escrita, a significação da temática e a relação existente entre a tipologia e a espécie documental.

Encontramos no arquivo pessoal de Godofredo Filho uma ordem baseada na compreensão que ele tinha de seus documentos e um manusear dos dossiês conforme a necessidade de suas pesquisas. Portanto, repetimos a classificação, em conformidade com essa ordem.

Do arquivamento por ele adotado, encontramos documentos com o mesmo teor temático em duas ou mais classificações. Porém, cada uma delas sinaliza um percurso, uma ação, uma atividade, um certo momento, ou uma estratégia do titular. O arquivo pessoal se mantém organizado com possibilidades de comprovação de alguns atos e passagens da vida do titular, tanto sob o ângulo pessoal, quanto profissional.

Observamos, criteriosamente, a constituição dos dossiês, das espécies e tipologias documentais para a compreensão da ordem original. Godofredo Filho imprimiu classificação particular, como quem estivesse ensaiando seu próprio arranjo.

A ordem primitiva, felizmente, não sofreu alterações por parte de outrem. Percebemos, é claro, alterações provenientes do próprio manuseio do titular. Não nos cabe aqui transcrever essas ocorrências, devido ao caráter subjetivo de pontos que poderiam ser apresentados.

Não modificamos a ordem original pelo vício do “achismo”, ou pela suposição. Nesse caso, seria afirmar que uma correspondência de Alceu Amoroso Lima, guardada num pacote classificado por Godofredo Filho como “Correspondências de amigos”, devesse estar noutra com a denominação de “Correspondência enviada 1ª via”, onde encontramos a resposta de Godofredo Filho sobre o conteúdo da correspondência anterior.

O titular procedeu à classificação de suas correspondências usando de sinonímia. Percebemos que o convívio e o estreitamento dos laços de amizade com seus correspondentes - distanciando-os ou aproximando-os - promoveram a repetição de certas classes. Godofredo Filho deveria ter seus motivos para adotar essa classificação. Mesmo que possa parecer desarumado, o método adotado não concorda com reagrupamentos ou qualquer outra modificação da forma física e intelectual aí encontrada.

Há casos em que o titular não procedeu à classificação dos documentos. Portanto, coube-nos obedecer à descrição sem modificar a ordem física deles, ou seja, o local exato onde foram deixados pelo titular. Para tal, adotamos classificação com base na ordem lógica. Obedecer a essa ordem significou organizar o arranjo do catálogo com a representação, ora da ordem original da organização do titular, ora da ordem lógica da organização deste trabalho, aproximada da produção do item documental.

O conceito de ordem lógica diz respeito à ordem dada pela pesquisa ao documento ou dossiê do arquivo pessoal, partindo da lógica da ordem original. Encontram-se nesse caso as classes sem subclasses e aquelas que não possuem a mesma denominação da classe.

Existe sempre uma lógica na ordem implementada pelo titular, mesmo aquela aparentemente incompreensível. Nas condições em que se encontrava o arquivo pessoal de Godofredo Filho, procedemos à sua reconstituição, versando sobre sua interpretação e representação por meio de uma linguagem documentária, que preserva o “seu valor testemunhal originário”. (CAMARGO,1998, p.3).

O titular reuniu documentos, deixando marcas representadas pelo manuseio e procedimento adotado na classificação. Quando alguém decide arquivar um documento, tem o propósito de recuperá-lo da forma como o entende e no contexto por ele vivenciado. Por isso, preservamos a mesma disposição de todo e qualquer documento.

Godofredo Filho costumava fazer redistribuições de seus documentos. Encontramos divisórias vazias com anotações de classificação em manuscrito autógrafo e fora de lugar.

Quando ainda se encontrava como “fundo aberto”, o acervo era mantido pela constante incorporação de documentos, um organismo circular. Ocorriam modificações e criações de classes. Esse processo foi interrompido. Godofredo Filho, sem que se desse conta da possibilidade de adquirir doença súbita, não pôde prosseguir na ordenação de seus dossiês. Teve de lançar mão da preservação individualizada do seu acervo documental. Encontramos algumas indicações do próprio punho do titular, que denotam a previsão quanto ao futuro de seu arquivo. Talvez soubesse que ele seria aberto a um público bem maior do que ser guardado em espaço tão restrito, no seu apartamento.

Com efeito, a linguagem utilizada por ele na organização de seu arquivo é justificada pela tendência do homem de “dar ordem às coisas”. Por isso, ele busca encontrar, em meio à aparência caótica de seus documentos, uma estrutura capaz de promover o acesso rápido ao item documental de sua consulta.

A classificação de Godofredo Filho, por nós respeitada, oferece particularidades na forma de pensar cada uma de suas classes. Ela pressupõe uma realidade própria, um universo uniformemente ordenado e uma estrutura compatível com o mundo do titular.

Porém, não seria possível dizer que a classificação dada ao seu arquivo deva ser a única etapa da metodologia científica implementada. Se assim fosse, não seria possível ver o arquivo pessoal com todos os seus símbolos. Ela representa a iniciação do processo arquivístico por parte do titular do arquivo. É como se ele tivesse deixado os sinais iniciais para o prosseguimento do método que deixou inacabado.

Acontece que o arquivo pessoal já não se encontra limitado ao seu único usuário - Godofredo Filho. Já não atende apenas a sua pesquisa e passa a ser utilizado por outros estudiosos conforme os interesses de pesquisa de cada um.

Consideramos científico manter a ordem primitiva, decisão adotada como perpetuação daquilo que há de mais original no arquivo pessoal: o caráter de “intocado por outrem”. Mantivemos todo e qualquer documento no seu devido lugar sem alterar nem um, nem outro e conciliamos essa deliberação com a etapa de descrição do arquivo pessoal.

A ordenação, tal como ela foi deixada por Godofredo Filho, demonstra a imagem fiel da ambiência e do movimento “biobibliográfico cronológico” do titular.

Seu arquivo representa um conjunto documental reunido de forma natural. Foi organicamente acumulado ao longo do tempo, enquanto representação de suas atividades e funções, até quando elas perduraram.

Os tipos documentais estão estreitamente ligados às funções de quem os acumulou. Quando as atividades e funções do titular se encerram, a organicidade dos documentos também se encerra e o arquivo já não mais responde pelos documentos produzidos após esse ato. A partir de 1992, com seu falecimento, o arquivo pessoal do escritor-poeta encontra-se assim caracterizado.

O respeito à ordem original foi introduzido pela primeira vez em 1898 pelos arquivistas holandeses S. Muller, J.A. Feith e R. Fruim, quando destacaram que “o sistema de classificação interna do fundo deve fundamentar-se sobre a organização primitiva do fundo de arquivo, a que corresponde, dentro de suas grandes linhas, a organização da qual provém” (DUCHEIN, 1992, p.26).

De lá para cá, muitos questionam a possibilidade de “levar a cabo” esse princípio. Alguns o consideram com certa restrição, argumentando inclusive por conta das dificuldades que se podem encontrar numa ordem primitiva.

Consideramos que, se existe uma ordem original, seja qual for sua disposição, ela deve ser mantida. Do contrário, não será possível detectar a organicidade dos documentos, e muito menos compreender a relação existente entre os itens documentais.

A análise da totalidade do arquivo pessoal permitiu-nos compreender as idiossincrasias de Godofredo Filho. Assim, consideramos inadmissível tratá-lo com classificações temáticas, por vezes pretensiosamente rígidas. O método implementado teve como base as razões da existência de cada documento, perpetuando a organização do titular.

Houve um tempo em que o profissional da informação compreendia documento de arquivo como documento de biblioteca e procedia à organização de um e de outro, utilizando a mesma metodologia. Sobre esse período, Ducrot (1998, p.154) diz que:

Em todos os países, os arquivistas começaram a classificar os arquivos por assunto de pesquisa (classificação metódica), como nas bibliotecas e nos centros de documentação. Ora, essa prática rapidamente revelou-se catastrófica: tirar os documentos do conjunto original a que pertenciam, ou romper sua ordem inicial no seio do fundo para distribuí-los entre temas arbitrariamente escolhidos e que, na maioria das vezes, deixavam de fazer justiça à riqueza (já que cada documento pode responder a várias questões), tornava inviável qualquer pesquisa. Os danos causados por essa prática levaram um arquivista e historiador francês, Natalis de Wailly, a definir em 1841 a noção de fundo e o *principe du respect des fonds*, ou princípio da proveniência: os documentos não devem ser tratados isoladamente segundo um quadro metódico, e sim ficar agrupados em seus fundos de origem, sendo o fundo o conjunto de arquivos que provêm de uma mesma entidade - repartição, órgão público, pessoa, família, empresa, etc.

Com a revisão apresentada, conduzimos melhor a definição das técnicas implementadas quanto ao modo de trabalhar os itens documentais do arquivo pessoal de Godofredo Filho.

Preservamos a forma organizacional dada pelo seu titular, as marcas por ele deixadas nos documentos, a sua classificação e a descrição original. Seguimos esses pontos como parâmetros da metodologia implementada.

O modo de realizar este trabalho tornou-o mais longo, porém o resultado foi positivo, considerando a organização do instrumento de pesquisa, com a possibilidade do acesso à informação de todos os documentos do arquivo pessoal.

Recolhimento e identificação

O recolhimento do arquivo pessoal de Godofredo Filho ocorreu em dezembro de 1995, feito pela Universidade Federal da Bahia, junto à Sra. Carmozinda Almeida Lomes Figueiredo (viúva do titular do arquivo) para o Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, do Instituto de Letras. O acervo é composto de documentos arquivísticos, livros e periódicos da biblioteca, na maioria autografados. Após formalização do seu recolhimento, passou a ser arquivo privado de interesse público.

O processo de recolhimento e guarda desse acervo, por parte da UFBA, deu-se sem a presença do titular, que não legou à sociedade a leitura de seus documentos. A seleção, quando não realizada pelo titular, é normalmente efetuada por familiares ou amigos, que passam, após sua morte, a manter a guarda do acervo. Esse não foi o caso do arquivo pessoal de Godofredo Filho.

A documentação dele ficou com a viúva. Encontrava-se armazenada na residência do casal, Rua Oito de Dezembro, nº 278, edifício São Gabriel, apartamento 401, Graça, Salvador

Figura 7 - Mobiliário da biblioteca e arquivos pessoais do apartamento de Godofredo Filho, na Rua Oito de Dezembro, n. 178, Edif. Gabriel, Graça, Salvador - Bahia.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

- BA. A maior parte dos documentos estavam em seu gabinete e uma menor no pequeno depósito de vinhos e licores, espaços estritamente reservados. A documentação foi transferida para o Acervo de Manuscritos Baianos (AMB), instalado na Biblioteca Central da UFBA, onde iniciamos as intervenções de conservação preventiva e arquivística. Participamos de todo o percurso, do recolhimento e da transferência do arquivo pessoal para o AMB.

O trâmite foi efetuado nos moldes similares a outros realizados com documentação do gênero. A transferência deu-se em dias alternados. No roteiro, documentado por escrito e fotografado, tratamos das questões legais, do encaixotamento e do transporte da documentação pertencente ao arquivo pessoal. Não foi possível para a UFBA o recolhimento da totalidade do acervo de Godofredo Filho, sobretudo o que é constituído pela documentação bibliográfica completa, mobiliário, objetos pessoais e peças artísticas.

Com a parte do arquivo pessoal, tentamos representar o espaço doméstico da historicidade do escritor-poeta. Del Priori (1997, p. 263), diz que

a vida é feita de utensílios, de objetos e de gestos do comum dos homens. Apenas esta vida lhes concerne em sua cotidianidade. Ela os absorve em seus pensamentos e atos. (...). Ambos, vida privada e cotidiano, são, por conseguinte, teatro de um processo de historicidade.

Encontramos nas peças desse arquivo pessoal o cotidiano do titular e as etapas de mudanças pessoais e profissionais. Passamos à compreensão dos interesses que mantinha em vida. Decidimos ler “o mundo de suas relações secretas e atos de sigilos encerrando-se no que se denominou de mais precioso, o que não pertence a ninguém a não ser a si próprio”. (DEL PRIORI, op.cit, p.264). São documentos que normalmente não se encontram a salvo em público. Reportamo-nos também aos utensílios individuais por ele acumulados. Inseridos no conjunto documental, passam a obter relação orgânica com características arquivísticas postas à prova de pesquisas das mais variadas temáticas. A autora, anteriormente citada, faz um pequeno resumo que acorda com a nossa discussão, asseverando:

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma. (DEL PRIORI, op.cit., p.274).

O arquivo pessoal, além de reunir acervo *manuscriptológico* e bibliográfico, encerra relíquias, excentricidades, bens móveis da ambiência de sua intimidade e outros documentos históricos.

A descrição e indexação desse conjunto documental concedem informações represen-

tativas da cumplicidade do titular com o seu passado. Ele acumulou documentos por razões, ao mesmo tempo, pessoais, profissionais, científicas, artísticas, de entretenimento e administrativas.

Encaixotados em precárias condições de conservação, esses documentos foram transportados para o AMB. Nesse recolhimento, foram transferidos 100% do acervo correspondente aos documentos arquivísticos e materiais vários que se encontravam no gabinete de seu apartamento.

Trata-se de um arquivo constituído por uma significativa quantidade de

Figura 8 - Ambiente íntimo (living) de Godofredo Filho no seu apartamento, na Rua Oito de Dezembro, n. 178, Edif. Gabriel, Graça, Salvador – BA.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Figura 9 - Ambiente íntimo (saleta) de Godofredo Filho no seu apartamento, na Rua Oito de Dezembro, n. 178, Edif. Gabriel, Graça, Salvador – BA.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

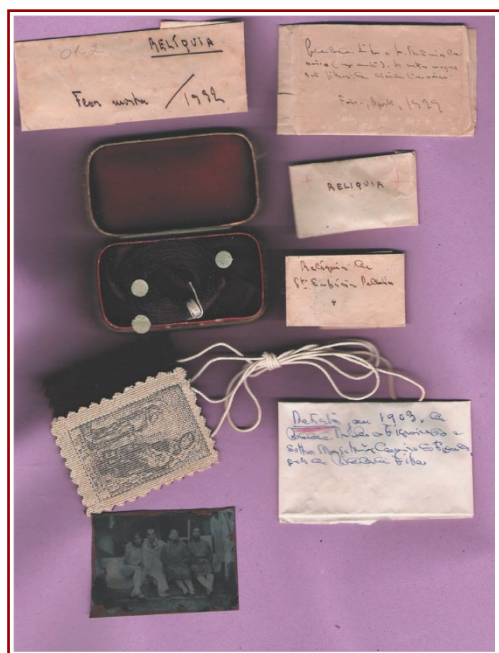
manuscritos autógrafos, datilografados, contendo versões anteriores às obras publicadas, muitos esboços e planos de obra e uma grande parte de documentação autoral na mais variada ordem. Além de desenhos, fotografias, recortes de jornal, documentos pessoais, correspondências, publicações de terceiros, algumas delas submetidas à sua opinião, objetos pessoais, documentos confidenciais.

A área de identificação do arquivo pessoal é destinada à informação primeira sobre o fundo. Nesse caso, identificamos o detentor do arquivo pessoal através do código de referência “BR UFBA / BC / AMB ESP.1 GF^o”. Decidimos pelo código GF^o e não GF, considerando ser o último já utilizado para representar o arquivo privado do escritor Gilberto Freyre. O código do país está de acordo com a denominação internacional e, na sequência, encontra-se o código específico de referência do depósito local, identificador único. As abreviaturas significam:

BR - Brasil UFBA - Universidade Federal da Bahia
 BC - Biblioteca Central Reitor Macedo Costa AMB - Acervo de Manuscritos Baianos
 ESP.1 - Espólio n. 1 do AMB
 GF^o - Godofredo Filho

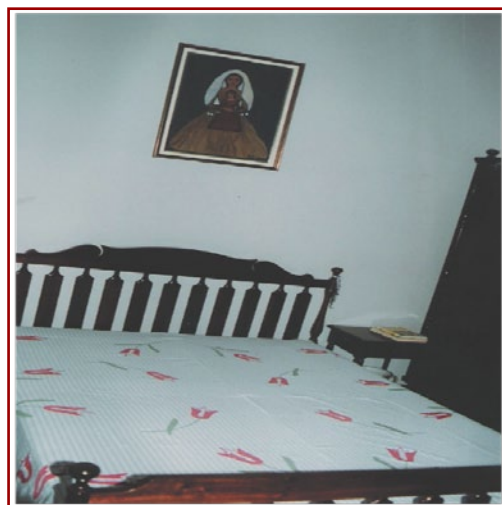
Desde 2015, o arquivo pessoal de Godofredo Filho encontra-se localizado no setor Lugares de Memória – Estudos Baianos, UFBA, voltado ao tratamento, organização e preservação de acervos documentais de arquivos, bibliotecas e museus, produzidos e acumulados por personalidades do mundo acadêmico da citada Universidade. Entretanto, o código de referência do arquivo foi mantido, evitando assim a perda da originalidade descritiva do conjunto documental e de sua trajetória até ser incorporado ao novo setor.

Figura 11 - Relíquias. Itens documentais da coleção de relíquias de Godofredo Filho.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Figura 10 - Ambiente íntimo (quarto do casal) de Godofredo Filho no seu apartamento, na Rua Oito de Dezembro, n. 178, Edif. Gabriel, Graça, Salvador – BA.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Ecletismo da documentação

Tendo em vista a configuração eclética da documentação de Godofredo Filho, com variantes de espécies e tipologias documentais, o acervo extrapola a condição de conter apenas documentos arquivísticos, representados por materiais que se enquadram na restrita denominação de itens documentais de arquivo.

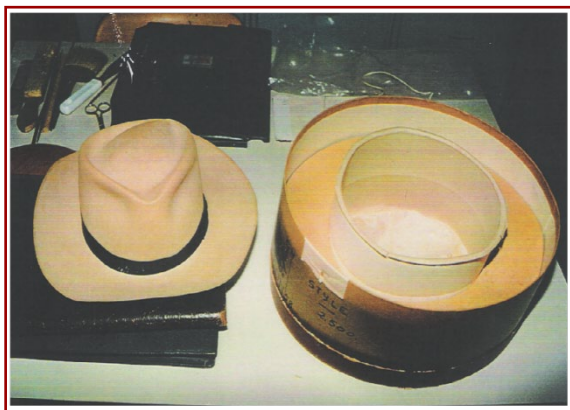
Encontramos documentos e objetos com data anterior ao seu nascimento, a sua certidão,

materiais de diversos feitios, a exemplo dos utensílios que utilizava na produção de seus desenhos. A exemplo, deixou seu chapéu com a caixa/embalagem original, caixas de charutos, caixas com relíquias contendo cachos de cabelo, vegetais, fotografias históricas, caixas com ro-lhas de vinho, documentos bancários, ações, cadernetas, escrituras, declarações sobre acordos realizados, entre outros materiais.

Arquivou também itens de terceiros, recebidos por doações, alguns de teor confidencial, mantendo-os cuidadosamente em sigilo. Não se trata aqui de apenas definir um conceito para representar essa massa documental com característica *sui generis*. É, também, a definição de um princípio operacional de trabalho, uma nomenclatura consagrada.

Apresentamos, anteriormente, definições sobre arquivo privado, mas nenhuma delas

Figura 12- Chapéu utilizado por Godofredo Filho e utensílios de trabalho do seu birô pessoal.



nos ofereceu a conotação necessária ao que transparece no acervo acumulado pelo escritor-poeta. Não tratamos aqui simplesmente de “conjunto de documentos acumulados...”, ou conjunto documental. O acervo possui características de uma documentação pessoal decorrente das atividades desenvolvidas por uma pessoa física. É rede textual, que configura relação sociopolítico-cultural entre intelectuais, políticos e artistas, mais acentuada nas décadas de 20 a 90 do século XX. O arquivo pessoal de Godofredo Filho tem similaridade de espólio, não simplesmente por estar o titular ausente.

Diz o bom procedimento científico que não se pode aplicar à realidade a camisa de força da teoria, como se a dimensão empírica devesse caber necessariamente no modelo teórico. Esse acervo combina elementos materiais que o configuram como um espólio. Trata-se aqui do sentido daquilo que pode ir além do formalismo da norma e, especialmente, concorda com a tendência dos estudos da terminologia arquivística, diante da “própria dinâmica dessa disciplina que, ao longo dos tempos, se tem moldado aos diversos contextos em que se enquadram as entidades produtoras/receptoras de documentação e de informação social” (SILVA et al, 1998, p.236).

Visto sob o ângulo de sua acepção jurídica, espólio é empregado post mortem e se aproxima do conceito “herança”, enquanto conjunto de bens do de cujus (do falecido). Portanto, o conceito jurídico de espólio também se adequa ao significado da documentação deixada intacta, como bem que, após a morte do titular, passa a pertencer a outrem. Além do mais, ela foi recolhida sem ter sido possível o consentimento do titular.

A utilização desse novo conceito de arquivo privado não anula a característica de

Figura 13 - Caixas de madeira de charutos Suerdieck S.A., Florinha e Holandeses, contendo coleção de piteiras plásticas e porta-charutos de plástico transparente.



documentação pessoal. Ajuda a compreender melhor aspectos de similaridade e diferenças do conjunto material analisado.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho reporta-nos a suas obras literárias, àquelas acabadas e a outras tantas inacabadas, à sua vida profissional, ao convívio com amigos, familiares, com intelectuais e personalidades envolvidas nas mais variadas manifestações socioculturais por ele também compartilhadas.

Parte da documentação por ele reunida retrata sua intimidade e se constitui em herança de uma parte histórica de sua vida e, conseqüentemente, de tudo a ela relacionada. Também manifesta suas intenções em ser abrangente, a ponto de reunir variedade de espécie, tipologia e suporte documental (convencional ou não).

A reunião, num mesmo acervo, de documentos e materiais da natureza descrita não é muito comum. Assim sendo, essa singularidade nos faz compreendê-lo como arquivo pessoal possuidor de documentação pessoal/intima/ doméstica.

Godofredo Filho acumulou a documentação que considerava relevante para o espaço reservado à sua memória. O arquivo pessoal assim configurado possibilita o estudo das mediações de parte de sua vida. A interpretação dos materiais não-convencionais ajuda a narração de suas ações, atividades e pontuações de seu cotidiano. Esse fundo arquivístico é configurado como um legítimo espólio. Del Priori (1997, p.260) focaliza:

A evidência mesma de uma 'vida cotidiana' constitui um mecanismo magistral de dicotomização da realidade social. De um lado, temos uma esfera onde se produzem bens e uma atividade produtiva, um lugar de acumulação e, por isso mesmo, de transformação. Aí localizado, encontramos o campo onde se articula o futuro de uma formação social, onde se concentra tudo o que faz a História. De outro lado, temos uma esfera de 'reprodução', ou seja, de repetição do existente, um espaço de práticas que regeneram formas, sem, contudo, modificá-las nem individualizá-las. Um lugar de conservação, de permanências culturais e de rituais: um lugar 'privado' da História.

Godofredo Filho encontra-se situado na primeira posição. Consideramos o seu arquivo enquanto atividade produtiva, onde podemos ver as manifestações de suas ações e o resultado delas perante as transformações de sua história de vida. Sua documentação passa a fazer parte da história, embora represente um espaço por ele reservado. Portanto, o escritor-poeta é "ator potencial da história" (DEL PRIORI, 1997, loc.cit.)

O arquivo pessoal de Godofredo Filho aponta costumes e comportamentos de época. Guarda documentos e materiais que não são comuns nos arquivos modernos. A exemplo, guarda outras relíquias em caixas de suvenires presenteados. Godofredo Filho armazenou uma caixa de bombons franceses com cachos de seus cabelos, amarrados com fitas de tecido, contendo descrição em manuscrito autógrafo.

A seguir, um dos itens analisados e a descrição arquivística:

Godofredo Filho. Cartão de visita. Manuscrito autógrafo.

- Contendo a informação: "Cabelos de Godofredo Filho quando criança (1908?)". A caixa de Crèmes Marquises foi presente de meu pai (Godofredo) a minha mãe (Esther), em 1908. (RELI 07 - 01.1).

Nos arquivos atuais, as relíquias possuem outras características físicas e suportes textuais - cópias de mensagens de correio eletrônico, textos gravados em discos e noutros documentos eletrônicos utilizados pela maioria das pessoas que acumulam documentos. Embora a evolução da tecnologia da informação encontre-se desenfreada, os acervos pessoais continuarão

acumulando materiais em suporte papel, fotografias, objetos pessoais, obras de arte, entre outros. A evolução tecnológica sempre transformou a representatividade do documento.

Nos quase cinco anos em que sobreviveu à sua moléstia, Godofredo Filho, embora lentamente e no seu limite, acumulou documentos. Com a instalação definitiva do quadro clínico, proveniente de esquemia cerebral, nos últimos meses de vida, viu-se numa cama sem possibilidade de movimento, falecendo após três anos de tratamento médico.

No ocaso da existência, não atentou para o que poderia acontecer com o seu arquivo. Não fez distinção quanto aos documentos que poderiam ser conhecidos. Não sabemos se houve propósito ou se lhe faltou tempo e memória para proceder a uma revisão da ordenação encetada por ele próprio.

O arquivo pessoal contém documentação “resultante das múltiplas relações do cidadão com instituições públicas e privadas” (CAMARGO, 1998, p.2). Encontramos nele tanto materiais que representam passagens de sua vida doméstica, quanto documentos que respondem sobre sua vida em sociedade.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho é a sua vida vazada em letras, desenhos, fotografias, utensílios, objetos pessoais, documentos confidenciais, lembranças íntimas, excentricidades, documentos inseridos a partir das circunstâncias de cada momento compartilhado e/ou vivido individual e intimamente.

Situamos uma outra questão: o arquivo privado quando organizado com a presença de seu titular, além de opinar sobre o que ele considera melhor ao tratamento dos documentos, pode também impedir (ou não) a livre interpretação e dificultar a análise documentária contextualizada no nível desejado e completo da historicidade representada pelo seu acervo.

Imaginemos que Godofredo Filho estivesse partilhando das etapas de análise do arquivo. É possível que a ordem original passasse pelo crivo de sua censura e que o arquivo perdesse a riqueza e valores que transcendem a própria concepção de vida. O movimento deste trabalho também seria alterado.

Tratar um arquivo de titular ainda em vida é algo complexo, sobretudo no que se refere à manutenção da ordem original dos documentos. Por outro lado, quando o titular já não mais se encontra em vida, o profissional da informação caminha sozinho e não conta com a participação dele em determinados esclarecimentos e na complementação de dados.

Normalmente, quando estamos lidando com a documentação pessoal do titular ainda em vida, ocorre interferência no processo de avaliação e seleção (realizadas pelo titular, antes, durante e, algumas vezes, após a organização do arquivo), na descrição e no arranjo.

O arquivo pessoal em destaque, ofereceu-nos a condição de reconstituí-lo intelectualmente na ordem que lhe foi dada pelo próprio titular.

Da mesma maneira que existem pontos contrários à organização arquivística de arquivos privados de titular em vida, existem também pormenores desarticuladores, quando não se conta com a sua presença. Se não cuidamos bem desses detalhes, corremos o risco de mascarar a organização do arquivo pessoal.

A cronologia do arquivo pessoal

O arquivo pessoal de Godofredo Filho, assim como acontece com outros acervos documentais, possui documentos com ou sem o registro de data. Nas regras do mapeamento

e descrição arquivística, adotamos a convenção <<s.d.c - sem data complementar>>, para os itens documentais não possuidores do registro de ano.

O acervo analisado representa um período de acumulação de documentos produzidos e recebidos desde 1904 até 1992, com predominância de acumulação de documentos a partir dos anos 40. Ele não passa mais por ampliação. Não é cumulativo, ou seja, está fechado, com sua extensão definida. Os documentos complementares não são considerados como inserção cumulativa advinda do próprio titular. Portanto, o fundo encontra-se fechado desde a data de seu falecimento.

Na análise do arquivo pessoal de Godofredo Filho, evidencia-se a fragmentação, devido à falta de peças complementares. Com essa característica, poderá receber novos documentos produzidos ou recebidos pelo titular e que estão sob guarda de terceiros ou de instituições relacionadas a ele. Essa ocorrência não altera a sua característica de fundo fechado. Trata-se de documentos referentes ao arquivo pessoal, que possuem, na maioria das vezes, conteúdo relacionado aos dossiês já constituídos. Porém, visto que não foram acumulados pelo titular, permanecerão definitivamente afastados da organicidade de seu arquivo. Não é possível a incorporação deles na ordem original do arquivo pessoal.

Em 1974, Godofredo Filho festejou seu setuagésimo aniversário. Nesse ano, acumulou o maior número de itens documentais, duzentos e setenta e nove ao todo. Em 1975, deu-se o cinquentenário de sua vida literária. Acumulou cento e noventa e sete itens documentais. Em 1984, com as comemorações de seus oitenta anos, duzentos e dezenove documentos foram arquivados.

Percebemos que o fluxo de documentos por ele acumulados projeta-se de 1950 a 1987, com certa constância estatística, oscilando entre o mínimo de cento e sete e o máximo de duzentos e setenta e nove itens documentais introduzidos no seu arquivo.

A partir de 1988, há notória queda de produção e recebimento de documentos. No ano de seu falecimento, o arquivo recebeu apenas seis itens documentais. Esses e outros dados estatísticos podem ser analisados com os recursos do instrumento de pesquisa.

Conforme a Arquivologia, a formação progressiva, natural e orgânica do arquivo de Godofredo Filho corresponde ao período de sua vida. Independentemente da doença que o deixou imobilizado, meses antes de seu passamento, impossibilitando-o de produzir intelectualmente, a acumulação documental, nesse período, permanece orgânica.

Estabelecer a cronologia do arquivo pessoal de Godofredo Filho foi etapa indispensável para a metodologia do trabalho. O estudo cronológico ofereceu dados que subsidiaram a metodologia do sistema adotado na implementação do catálogo. Foi muito mais do que apenas respeitar e repetir a data cronológica. O delineamento por datas contribuiu tanto para a montagem do arranjo do arquivo pessoal, quanto para a pesquisa sobre a cronologia bibliográfica do escritor-poeta, o que possibilitou o relacionamento entre si das atividades/funções e de outros momentos da vida do titular.

Enquanto fundo fechado, as datas-limite do período abrangido pelos documentos do arquivo pessoal encontram-se encerradas. Portanto, as classes, subclasses, dossiês e itens documentais estão delimitados. Trata-se de um universo em que não ocorre incorporação de documentos produzidos ou recebidos pelo titular. Segundo Rousseau e Couture (1998, p.92),

Fundo fechado é um conjunto de arquivos ao qual não se irão juntar mais documentos, como é o caso, por razões evidentes, do arquivo de uma personagem falecida. Compreende-se que é o encerramento de um fundo para actividades que já não geram documentos e não para os próprios documentos. Assim, pode acontecer que alguns documentos se juntem excepcionalmente ao fundo fechado da nossa personagem, se se descobrir, por exemplo, uma parte da sua correspondência. Isto nada tem a ver com um retomar das actividades da personagem, mas antes com a descoberta de documentos gerados quando o fundo ainda era aberto.

Para a realização deste trabalho, analisamos os documentos e materiais do arquivo pessoal no AMB, os dossiês complementares recolhidos por doação de março de 1996 a agosto de 1999. O arquivo pessoal possui doze mil cento e três itens documentais, acumulados

Figura 14 - Dossiê com documentos organizados e deixados por Godofredo Filho.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

pelo titular. Além dessa documentação, foram doados ao acervo cento e dois itens provenientes de doações de terceiros. Parte deles foi concedida e repassada para o AMB e outra parte foi doada diretamente ao projeto, por parte de familiares, amigos e pesquisadores sensibilizados com a ação do recolhimento e guarda dessa documentação.

Analisamos cada documento individualmente. Criamos para eles a classe “Documentos complementares” e realizamos as etapas de arranjo e descrição com base nas regras da organização arquivística.

Embora apresentando, na maioria das vezes, relação com as classes e subclasses constituídas pelo titular, esses dossiês não fazem parte do conjunto documental do arquivo pessoal. Elaboramos para eles um índice de documentos complementares.

O arquivo pessoal possui uma coleção bibliográfica composta de um total aproximado de duzentos e oitenta e seis livros, a maioria com autógrafos, duzentos e oitenta e um periódicos e dois mil e cem artigos de jornais, considerando os artigos selecionados para a descrição.

Analisamos em torno de cento e vinte metros lineares de jornais com temática diversificada, contendo artigos de Godofredo Filho e sobre ele. O escritor-poeta reuniu jornais inteiros e partes de jornais que falam de história da Bahia, preservação do patrimônio, política, saúde, sexo, literatura, religião, estudos críticos, homenagens a ele, textos de sua lavra, entre outros temas. Encontramos os jornais em pacotes, sem ordem cronológica e alguns sem data. Ganham destaque os dossiês contendo documentos epistolográficos. Eles representam uma grande parte do acervo.

Realizamos análise documentária contextualizada e catalogação (procedendo à descrição de cada item e ao arranjo do arquivo pessoal) de um total geral de doze mil cento e três itens documentais.

Memória de Godofredo Filho por meio do seu arquivo pessoal

Falar sobre Godofredo Filho, a partir da sua documentação é compreender o escritor-poeta com visão arquivística. Ao longo de sua vida, em sua ação de literato e gestor de instituições culturais, sempre buscou, de forma dedicada, repassar seus ensinamentos.

Godofredo Rebello de Figueiredo Filho, conhecido como Godofredo Filho, nasceu nascido na cidade de Feira de Santana - BA, em 26 de abril de 1904 e faleceu em 22 de agosto de 1992, com 88 anos, 3 meses e 27 dias de vida. Era o filho mais velho de uma família de três irmãos. Seus pais: Esther Magalhães Carneiro de Figueiredo e Godofredo Rebello de Figueiredo¹⁴; os irmãos: Homero Figueiredo, Milton pai. Casou-se com Amandina Ferreira de Carvalho no dia 17 de agosto de 1928, dela se divorciou em 14 de novembro de 1936. Da união com sua segunda mulher, Carmem de Almeida Dias, nasceram os filhos: Godofredo Rebello de Figueiredo Neto e Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo. Após o falecimento de Carmem Dias, em 1973, esposou sua terceira e última mulher, Carmozinda Almeida Lomes de Figueiredo, em 2 de setembro de 1982, com quem viveu até o último dia de vida.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho foi objeto de estudo para a realização desta obra, iniciada pelos dados e traços biográficos mesclados sobre aspectos da vida privada e pública desse homem plural e de personalidade marcante, a seguir apresentados, é possível compreender a sua história e energia vital, detectadas através da leitura de cada pista por ele deixada, guardada e classificada em seus documentos.

Figura 16 - Godofredo Rebello de Figueiredo, pai de Godofredo Filho.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Figura 15 - Esther Magalhães Carneiro de Figueiredo, mãe de Godofredo Filho.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Nota-se que em muitas oportunidades, afastando-se do exterior e passando a falar predominantemente em primeira pessoa, os documentos espelham suas atividades funcionais, demonstrando um traço burocrático muito acentuado e expressando sua mundividência conjugada à de outrem, sendo que por meio do arquivo pessoal se constitui a memória e representação social, como afirma (CUNHA, 2016 p.26)

Por outro lado, a questão consiste em saber que uma memória ainda que produzida individualmente, é uma representação e está repleta do pensamento social que envolve o sujeito. A própria afirmação recorrente de que a trajetória individual se transforma ao longo do tempo, remete ao fato de que estamos muito bem afinados com o universo social que nos cerca.

É comum observar um descompasso entre a biografia de um homem público ou de prol e o grau

¹⁴ Lê-se no jornal A Tarde, de Salvador, 5 de maio de 1960, o artigo *O 80º aniversário do antigo comerciante*, que diz: “Entre os afetos de que lhe são caros e da estima de numerosos amigos que soube granjear em muitos anos de atividade comercial, completa hoje 80 anos de existência o Sr. Godofredo Rebello de Figueiredo. Nasceu em Feira de Sant’Ana aos 4 de maio de 1880. Exerceu vários cargos de relevo na vida daquela cidade. Transportandose para Salvador, foi por muitos anos negociante na praça, sendo um dos chefes da extinta firma Portella Passos e Cia. Além de Godofredo Filho, são seus filhos Clarice, mulher do Senhor Alfredo Meyer, alto funcionário da Secretaria de Viação, Homero e Milton. O aniversariante receberá cumprimentos à noite em sua residência à rua Rio Itapicuru 19, Monte Serrat”.

informativo da documentação que ele reteve. Intervém nesse processo a variável subjetiva, tendo em conta a personalidade e o caráter do indivíduo.

Arquivar a própria vida é, de certa forma, querer se mostrar a outras pessoas. No momento em que o arquivamento do “eu” não é uma prática neutra, muitas vezes é a única maneira de uma pessoa fazer-se ver tal como ela se vê e desejaria ser vista, algo peculiar aos arquivos pessoais, diferente dos arquivos institucionais, como afirma o EASTWOOD (2016, p.11) “Conforme Catherine Hobbs esclarece em sua investigação dos arquivos pessoais, as práticas arquivísticas dos indivíduos e das famílias não suscetíveis a controles de procedimentos como os exercidos sobre os arquivos institucionais”.

Quem arquia seus próprios documentos, simbolicamente arquia o que entende de si mesmo, ou como se quer fazer entender, passando a reunir as peças necessárias à própria defesa. Decifra a ordem dos acontecimentos, manipula às vezes dados informacionais para a representação de sua história e de sua temporalidade, em função de um futuro leitor autorizado ou não. Arquivar a própria vida, a de sua família, de amigos ou até mesmo de supostos desafetos, é uma postura própria de quem guarda memórias.

Para tal, temos aí a inusitada história de parte de uma vida que o próprio Godofredo

Figura 17 - “Godofredo Filho: 50 anos de literatura”



Fonte: Arquivo pessoal de Godofredo Filho – recortes de jornais.

Filho delineou. Ele fez de seu arquivo aquilo que implicitamente imaginava ficar para a posteridade: a manifestação de algumas de suas faces e conforme sua conveniência.

O arquivo pessoal de Godofredo Filho representa quase um século e nos faz conhecer grande parte de sua expressão artística, manifestada na literatura, pintura, música, artesanato, cinema e teatro.

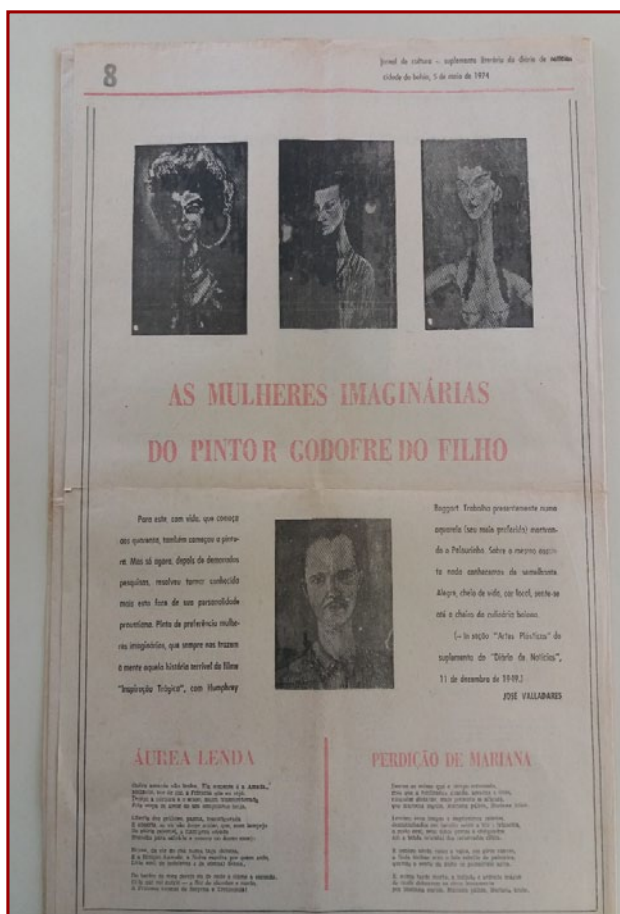
Parte do acervo aparece como memória materializada, em que ele reuniu informes sobre seus antepassados, parentes e amigos mais próximos, estudos variados, papéis e correspondências de

terceiros, com datação anterior ao seu nascimento.

A pesquisa em arquivos privados possibilita melhor rastreamento do percurso de vida construído, vivido ou resgatado pelo autor, caracterizado também pela busca de suas próprias origens. Em muitas passagens de seus escritos biográficos e nos registros autobiográficos, há implícito um pacto entre a genealogia e a memória coletiva.

Na verdade, ao mesmo tempo em que escrevia sua história, utilizando para isso dados de parentesco, depoimentos de familiares, memórias da infância, levantava dados para a composição de páginas da história de sua cidade natal, frequentemente rememorada em sua escrita e pelos documentos agrupados, em fundos, algo basilar para o arquivo, como cita DUCROT (1998, p. 151):

Figura 18 - As mulheres imaginárias do pintor Godofredo Filho



Fonte: Arquivo pessoal de Godofredo Filho – recortes de jornais. (Jornal da Cultura - Suplemento do Diário de Notícias. Cidade da Bahia, 5 de maio de 1974, pg 8.

Os documentos não devem ser tratados isoladamente segundo um quadro metódico, e sim ficar agrupados em seus fundos de origem, sendo o fundo o conjunto de arquivos que provêm de uma mesma entidade - repartição, órgão público, pessoa, família, empresa e etc.

Godofredo realizou vários estudos, deixou autógrafos, recortes de jornais, fotografias, guardando produções de outros estudiosos sobre temas relacionados à história e preservação de seu patrimônio, entre outras tantas e múltiplas áreas.

Possuidor de grandes talentos, Godofredo Filho também produziu pinturas, como podemos ver no jornal abaixo:

Além disso, Godofredo Filho desejava ver Feira de Santana transformada em mais do que a *Princesa do Sertão Baiano* e longe da fragilização regional. A composição poética como preito ao torrão natal, o conhecido *Poema da Feira de Sant'Ana*, escrito em Salvador no mês de março de 1926 e somente publicado em 1977, é uma evocação à cidade de sua meninice e do passado no seio familiar. Apresenta-se como iniciação ao processo de autoconhecimento, ao mesmo tempo em que inau-

gura sua escrita sobre o município. Versos iniciais:

Feira de Sant'Ana do grande comércio de gado / nos dias poeirentos batidos de sol compridos / Feira de Sant'Ana / das segundas-feiras de agitações mercenárias / correrias de vaqueiros encourados / tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes / - barracas esbranquiçadas à luz / e as manadas pacientes que vêm para ser vendidas / de bois do Piauí de Minas do sertão brabo / até de Goiás...

Há publicação no jornal *A Tarde*, de Salvador, em 27 de abril de 1974, Godofredo Setentão, onde há uma foto (com a descrição: Godofredo Filho no templo em Évora) onde vemos:

festa no país da cultura, seu Jorge, Mestre Godofredo Filho completará 70 anos na próxima semana. Setenta anos? Godofredo Filho? Grande festa, sem dúvida para todos aqueles que amam a cultura, a beleza, mas restam dúvidas no ar, sinto-me envolvido por elas, uma atmosfera obscura, um tanto misteriosa, própria de poetas (AMADO, Jorge. *A tarde*. 1974, p. 3)

Godofredo, também faz *apelo ao futuro prefeito de Feira de Santana*, falando da perda do caráter arquitetônico da cidade e propondo ao setor urbanístico e arquitetônico mudança a partir de um plano de urbanização e recuperação de monumentos. Em um dos trechos, disse:

Que inteligentes e sensatos foram os feirenses antigos, com suas construções populares de duas e quatro águas, telha vã apropriada ao clima, clara tijoleira nos pisos e aqueles ensombrados quintais dos fundos, com deliciosas árvores frutíferas, e, de mistura aos pés de manjeriço e crótons, as latadas de rosa-menina e de jasmim! (...) a casa da Chácara do Valado e a outra, palaciana, onde por muitos anos esteve sediado o Hospital D. Pedro II, ambas construídas para residência daquele grão-senhor que foi João Pedreira de Cerqueira.

É oportuno notar que, na infância de Godofredo Filho, se encontra retratado com fidelidade o menino caprichoso, sensível, talentoso, tímido, vaidoso e de origem latifundiária, aspectos que esclarecem os episódios mais importantes de sua vida e sobre o feitio da poesia que produziu.

É também escritor de si mesmo e dos seus, guardador dos vestígios deixados por ascendentes, descendentes e por indivíduos especiais, pertencentes à categoria daqueles que fazem parte de um novo tempo biográfico, o do homem que se insere em uma nova imagem especificamente construída ao longo de seu caminho de vida em boa companhia.

Os documentos de seu arquivo pessoal indicam o interesse em viver cercado de monumentos e amigos, nomes da Bahia, do Brasil e de outros países, chegando a recepcionar alguns deles. A seguir, transcrevemos trecho de cartão por ele recebido: “Godofredo, é Pablo Neruda: não preciso lhe dizer mais nada! Vai ver a Bahia. Faça com ele e senhora o que fez comigo. Grande abraço de Manuel.” (Manuscrito com autógrafo de Manuel Bandeira). Além de Pablo Neruda e Manuel Bandeira, Godofredo Filho manteve correspondências com outros nomes de reconhecimento internacional, tais como Gilberto Freyre, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Augusto Frederico Schmidt tendo sido cicerone por ruas e becos da velha Bahia para outros amigos e companheiros constantes. Guardou documentos, biografias e depoimentos que escreveu sobre terceiros e o que escreveram sobre ele. O escritor-poeta se mostra como alguém que estava sempre disposto a projetar aqueles que admirava, seus contemporâneos – homens das artes e cultura, intelectuais e nomes bem relacionados com o poder central do Brasil. Ao contrário, ele próprio foi pouco divulgado. Viveu e morreu sem alcançar a justa projeção e, mais do que isso, o merecido reconhecimento.

Descobriu que podia discursar com a biografia / memória de renomados intelectuais. Isso contribuiu para a sua maior circulação no meio cultural. Enaltecia os sentimentos dos outros e exaltava-lhes os méritos para além dos seus. Propagava os nomes de seus pares, daqueles com quem viveu encontros e momentos marcantes. Intentava uma forma nova de revelação do outro à percepção social e à memória histórica. José Valladares foi um desses amigos. Godofredo Filho sofreu com sua inesperada perda. O Jornal da Bahia, em 24 de dezembro de 1959, publicou o seguinte:

Godofredo Filho, sobre a morte de José Valladares: perdemos um grande amoroso das nossas coisas e tradições. José Valladares fará à Bahia uma falta difícil de avaliar. Com ele perdemos mais que um douto em assuntos de arte e de museografia: perdemos um grande amoroso de nossas tradições, um defensor exaltado, porém consciente, da beleza plástica de nosso passado – disse, ontem, à reportagem do Jornal da Bahia, o Prof. Godofredo Filho, externando o seu pesar pela morte do intelectual José do Prado Valladares, uma das vítimas do recente desastre de aviação que abalou o país. Pelo que escreveu com acerto - prosseguiu - pela dignidade de sua linha de conduta intelectual, pelo entusiasmo e tenacidade com que soube defender os ideais a que se devotou, sua memória não se apagará, estou certo. Ficará como extraordinária lição, que a nossa saudade recolherá. Foi um grande baiano, exemplar humano que honrou seu país e a própria civilização.

A leitura dos dados relativos a seu ciclo vital e à evolução de seu pensamento não se dissociou da presença constante de pessoas contemporâneas, sobretudo daquelas que estão vivamente registradas no seu arquivo. Essa é uma faceta particular, singular e específica em todas as etapas de sua vida e obra, onde não exista um texto produzido por ele sem a inclusão de um ou mais nomes de quem era personagem ou objeto de sua escrita, participe na pesquisa ou revisão histórica, ou estava presente em recordação pessoal de episódios compartilhados. Inúmeras nótulas na imprensa registram Godofredo Filho entre amigos, em recepções, encontros, ágapes *en petit comité*.

Como exemplo:

O mestre Nestor Duarte (e agora também imortal) passou a Semana Santa na Fazenda Morro Belo, de sua propriedade, acompanhado de alguns amigos, entre os quais o acadêmico e poeta Godofredo Filho. Política e literatura foram assuntos fora de pauta para discussão porque o propósito, quando deixaram Salvador, era falar exclusivamente sobre culinária e vinhos estrangeiros. O difícil é acreditar que o pacto não tenha sido quebrado. (Jornal da Bahia, de Salvador, em 14 de abril de 1966).

Em 22 de setembro de 1955, homenageado como diretor regional do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Sphan¹⁵ no programa *A Bahia te agradece*, declarou na sua oração de agradecimento ao microfone da Rádio Sociedade da Bahia – PRA-4:

Ao homem simplesmente devotado ao seu dever não se deve em rigor prestar tais homenagens cabíveis, no caso somente àqueles cuja ação social ultrapassa os limites normais tocando-se da aura do sacrifício, do heroísmo ou da santidade, tal o caso de alguns que me precederam aqui no recesso de vossa benevolência. Quanto ao mais, de um modo geral o reconhecimento e a consagração só lhes advêm postumamente.

(...) Do ponto de vista pessoal, é que não há merecimento nenhum excepcional de minha parte. Comigo ou com qualquer de meus ilustres e dignos colegas de São Paulo, de Minas ou do Recife o resultado seria o mesmo ou mais eficiente. O mérito é do Governo Federal, é do MEC, é da admirável equipe das divisões competentes da Dphan, é de seus eruditos e pesquisadores, pequena confraria de tão notáveis obreiros, cujos estudos, projetos e pareceres as mais das vezes submergem naquele anonimato que também foi a glória dos artistas e artesãos da Idade Média.

(...) A homenagem de hoje, na parte que me toca, eu a quero dividir com todos aqueles presentes e ausentes que são, por afeto, vocação ou cultura, legítimos defensores das tradições culturais baianas e, em especial, do seu admirável acervo de obras de arte do passado.

Em aula magna na UFBA, em março de 1984, ora ele citou personagens da história, ora intercalou episódios com nomes que compuseram a mensagem passada aos ouvintes. Um trecho da aula:

Governava a Bahia, ou melhor, o Brasil, como seu 5º Vice-Rei, o Conde das Galveias, D. André de Mello e Castro, que demorou no cargo de 1736 a 1749. Descendia o afortunado fidalgo daquele D. Diniz de Mello e Castro, notabilizado nas guerras da Restauração pelos 111 combates em que lidou, ferido 22 vezes, e com singularíssima bravura.

(...) O Reitor Edgard Santos tinha, a respeito da decisão por tomar, certos escrúpulos e mos manifestava sempre. (...). Afinal, era um baiano de cepa muitas vezes provada, nascido na freguesia da Sé e cria vigorosa da nossa tradicional Faculdade do Terreiro. Como seus contemporâneos a certa distância na idade e colegas de saber, Álvaro de Carvalho, esplendidamente retratado pelo insigne memorialista José da Silveira, e Eduardo de Moraes, cujo primeiro centenário de nascimento estamos a comemorar, ele também fizera, evidentemente em outro sentido, uma singular viagem ao âmago de civilizações que puderam, como disse o poeta, humanizar os deuses para divinizar os homens sobre a terra... (Godofredo Filho. *Universidade e*

15 O órgão estatal para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, desde 1936 até hoje, foi designado, sucessivamente, Serviço, Diretoria, Instituto, Secretaria, Subsecretaria, Secretaria novamente e agora outra vez instituto.

Figura 19 - Capa do ensaio *Universidade e memória nacional*, texto da aula magna proferida por Godofredo Filho na Universidade Federal da Bahia, em 1984.



memória nacional, Salvador: UFBA; Centro de Estudos Baianos, 1984. Série Publicações, 106)

Não poderíamos organizar a documentação sem conhecer sua biografia ou, para início dos trabalhos, seu *curriculum vitae*. O que é um *curriculum vitae* senão uma amostra catalogada do arquivo doméstico? Os manuscritos autógrafos e publicações que tratam de aspectos biográficos de Godofredo Filho serviram-nos de base para a complementação de dados. No entanto, o seu currículo, por si só, não foi suficiente para a implementação do catálogo de seu arquivo pessoal, na forma como foi realizado. Analisamos os documentos relativos ao estado civil, à sua escolaridade, formação, situação militar, carreira, a editais de nomeação e promoção, a atribuições de condecorações recebidas; incluindo agendas, diários íntimos e memórias, cadernetas de notas e todos os que apresentam cortes biográficos.

Encontramos respaldo igualmente naqueles itens que nos forneceram dados cronológicos e sociais, como os recortes de jornais, documentos fotográficos, livros com anotações de contabilidade. Destes, descrevemos os que tratam dos bens de propriedade do titular, com alguns registros de contas, recibos mensais de aluguéis residenciais, contabilidade encerrada, impostos, contas de luz. Além de outros, foram analisados documentos que tratam de prestações escolares, mesadas de filhos, netos e outras despesas com sua propriedade, o Sítio do Guerra em São José das Itaporocas, na Feira de Santana.

O arquivo pessoal possui documentos não-convencionais, que complementam as informações e contribuem para a compreensão dos dossiês arquivísticos. Materiais como relíquias e objetos pessoais auxiliaram na leitura de episódios vivenciados.

Godofredo Filho fez questão de ser escritor de leitores escolhidos. Tinha um clube de amigos, espécie de tropa de linha sentimental e afetiva. As edições de seus livros eram em número limitado, mas sempre primorosas e com leitor previamente definido. Na verdade, eram quase sempre distribuídas entre os que privavam de sua amizade. Jamais levadas ao circuito comercial.

Outro traço que não mudou, e que sempre o caracterizou, foi o rigor, a censura dos próprios versos, o pudor de não publicar as primeiras linhas escritas. Considerando a maneira como Godofredo Filho conduziu a publicação de suas obras, Raimundo Lueduy, em reportagem publicada no Jornal da Bahia de 5 de maio de 1984, *A trajetória de um poeta que chega aos 80 anos e, lucidamente*, disse:

Essa autocensura, que o levou a queimar muitos originais, teria explicação na luta interior entre uma formação clássica e a prática da poesia moderna. Ele admite que seu modernismo era menos natural e mais intelectual. Explica as tiragens limitadas das edições de seus livros - *Poema de Ouro Preto* (1932), *Poema da rosa* (1952), *Balada da dor de corno* (1952), *Sonetos e canções* (1954), *Lamento da perda de Enone* (1959), *Sete sonetos do vinho* (1971), *Solilóquio* (1974), *Ladeira da Misericórdia* (1976), *Poema da Feira de Sant'Ana* (1977).

Nesse artigo, o autor incluiu depoimento de Godofredo Filho que afirmou ser esse o seu comportamento: “O número limitado de minhas obras deve-se a um feitio todo especial meu. Sempre gostei de livros belos, gratificantes. Isso encareceria as edições”.

Tendência ao perfeccionismo é sua característica marcante no itinerário da poesia e da prosa moderna, burilando poemas e redigindo textos técnicos e literários em estilo apurado e com linguagem esmerada. Todavia, esse seu *modus operandi* não é suficiente para entender o motivo que o levou a publicar alguns textos ou permitir sua disseminação, enquanto que outros apenas foram conservados em seu estado original. Através deles imagina-se a relação entre o sentimento do escritor e a realidade de sua produção intelectual: o que publicou ou não e a guarda de importantes documentos para a leitura do século XX.

Sua linguagem literária é das mais ricas. Seu amigo e companheiro Wilson Lins (Rubião Braz), para demonstrar que “joalheiro do verso” é o epíteto que melhor lhe cabe, escreveu:

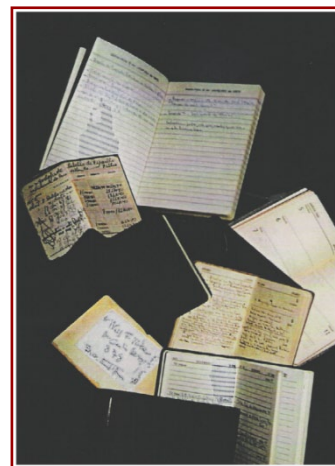
Grego por acaso nascido em Feira, no jardim dos seus sonhos só há lírios e crisântemos. Percorri as cinquenta e sete produções enfeitadas no seu admirável *Sonetos e canções*, e nada encontrei que nos trouxesse à lembrança o sertão de onde ele veio. Não o censuro pela desvinculação que há entre sua poesia e a terra de sua gente, já que não o perdoaria se ele me aparecesse falsificando o sertão. Prefiro-o autêntico no seu refinamento de joalheiro do verso, a cantar dos negros olhos o clarão nostálgico, a tê-lo desengonçado nos couros de vaqueiro, a campear a rês a que não saberia distinguir se touro ou vaca. (Wilson Lins, *Godofredo Filho: mestre do envelhecer*, Salvador, Tipografia São Judas Thadeu, 1984, p.14).

Comprova-se outra faceta de sua personalidade: a de homem seguidor dos ensinamentos cristãos. A temática religiosa encontra-se forte e frequente no seu arquivo, demonstrando nos escritos uma crença arraigada no cristianismo. Passava, às vezes, por fases de conturbação, de dúvidas interiores, refletindo o processo de negação de valores, representado pela inquietação própria de católico, numa constante dialética entre o bem e o mal.

Homem extremamente culto e bem-educado, em cuja convivência todos captavam ensinamentos permanentes, intelectual e cristão rigidamente convicto, tendo recebido formação propedêutica para ser clérigo, sentia-se, contudo, irresistivelmente atraído pelos prazeres mundanos. Essas tendências o atormentavam, fazendo-o vivenciar dramas existenciais típicos do século XX. Como se imerso em valores do homem barroco, sentia-se dividido entre o sagrado e o profano, a matéria e o espírito. O conhecimento profundo dos princípios cristãos superdimensionava esse dualismo, fazendo-o sentir-se um pecador, um réprobo sem remissão.

A religião foi o ponto de iniciação de sua produção intelectual. Sua formação religiosa teve base nos estudos realizados, ainda na Feira de Santana, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, das religiosas do Santíssimo Sacramento. Fez estudos de humanidades no Seminário Arquiepiscopal de Santa Teresa e no antigo Ginásio da Bahia. Com forte tendência ao catolicismo, acumulou no seu arquivo privado documentos que tratam de seu relacionamento com representantes da Igreja Católica.

Figura 20 - Cadernetas e agendas de Godofredo Filho



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

A fé cristã tornou-se então uma das mais fortes vertentes de sua personalidade, a que controlou, em alguns momentos, atos mundanos e hedonistas. Em seus escritos, muitas vezes se mostrou pudico diante de valores morais bastante enraizados, além de ser temática presente também em alguns de seus desenhos.

O comportamento de Godofredo Filho, observado na análise documentária contextualizada do arquivo pessoal, supõe adoção de paradigmas e a tentativa de busca de identidade própria, resultado dos ensinamentos que recebeu enquanto seminarista. Sua produção intelectual reflete seus questionamentos sobre valores pessoais. As missivas permutadas entre amigos, familiares e contemporâneos das artes e de profissão desvelam sua prática de vida, *modus vivendi et faciendi* e traços de sua personalidade.

Estudando filosofia e arte brasileira, dedicou-se às letras e ao magistério, lecionando história do Brasil nos primeiros anos de existência da Escola Normal de Feira de Santana. Disciplinava seus estudos até esgotar o tema que elegia para a sua produção histórica, científica, literária e artística, deixando marcas resultantes de suas próprias arguições.

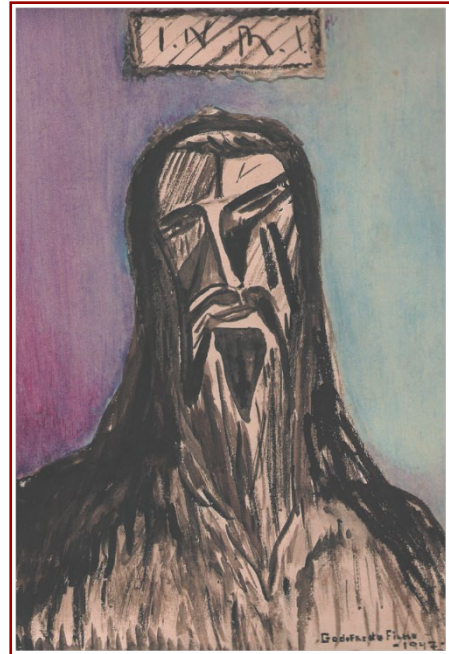
Quando escrevia estudo crítico ou memorialista, o fio do pensamento passava por um ângulo de visão, verdadeiro *tournant* de ideias, conhecimentos e pela própria experiência de vida. Citava nomes que admirava e outros que influenciaram largamente seu processo de construção e produção. Por exemplo, em certa passagem de um escrito, ora faz referência a Paul Valéry, a Friedrich Nietzsche, Franz Kafka, ora ao Gênese.

Fazendo-se o rastreamento de um Godofredo Filho pesquisador, cidadão do Universo, percebem-se os assuntos de seu interesse: a) - obras barrocas, principalmente na Bahia. O documento em que ele desenha e descreve pinturas barrocas, v.g. do Palácio da Aclamação em Cachoeira, mostra sua paixão pela arte, em especial pelo barroco brasileiro; b) história de seus antepassados. O documento que traz versos ao seu tio Ernesto revela esse interesse; c) outros escritores. Escreveu em seu diário sobre as impressões que lhe causaram as leituras de obras de diferentes escritores nacionais e internacionais, dos clássicos greco-romanos e de grandes poetas e prosadores da literatura brasileira e mundial. Separou excertos de algumas publicações, sobretudo versos para usá-los como dísticos ou epígrafes em seus livros, poemas, artigos, ensaios. Isso revela um Godofredo Filho culto, leitor dos clássicos e dos modernos, que dialogava com as suas leituras e delas retirava conhecimentos múltiplos.

Como membro do quadro de colaboradores do jornal A Tarde, ao lado de Wilson Lins, Aloysio de Carvalho Filho, Nelson de Souza Sampaio, Sales Brasil, Thales de Azevedo, José Silveira, Alves Ribeiro, Marieta Alves, Josaphat Marinho, entre outros, deixou uma soberba produção jornalística que abarca diversos níveis e temáticas do conhecimento humano, em variadas formas e gêneros literários.

Ao completar cinquenta anos, passou a ter maior preocupação com a velhice e a morte. Assim, voltou-se para um presente que se deixava permear pelo passado, desatando melancolia

Figura 21 - Cristo: Ecce Homo. Desenho de Godofredo Filho^o em aquarela, com autógrafa, 1947.



causada pela passagem do tempo. Proferiu discurso na Casa dos Sete Candeeiros, em reunião do Conselho de Educação e Cultura, sob a presidência de José Calasans, como despedida de suas funções no Iphan, após 38 anos ininterruptos, declarando: “E vos digo estas palavras quando já empreendo uma viagem, que é a descida da montanha, buscando o vale onde o silêncio e a sombra se adensam.”

A imensa quantidade de manuscritos autógrafos¹⁶ em seu arquivo pessoal dá-nos a certeza de que escrevia incansavelmente. Tinha caligrafia de difícil leitura, por vezes ilegível. Grande parte de sua produção não foi publicada, deixando escritos inacabados, em manuscritos autógrafos, sobre os quais ele desenhava gestos e traços com intenção não-declarada, mas implícita, de um dia serem publicados.

Grande parte da sua vida foi consagrada à preservação da cultura na Bahia, dedicada às causas do patrimônio artístico e cultural. Por conta disso e de conhecimentos acumulados, foi membro de instituições culturais, sobretudo daquelas relacionadas à preservação da memória (bens móveis e imóveis legados pelo homem à posteridade). Porém, nenhuma parece ter sido mais significativa para ele do que a sua presença e atuação incansável a serviço da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Dphan. À frente dessa instituição, teve papel fundamental na implantação e consolidação da política de preservação do patrimônio público, adquirindo projeção no meio intelectual. Prova disso são as inúmeras vezes em que ele enfatizou - em palestras, discursos, aberturas de eventos, aulas inaugurais, cursos, etc. - a importância dessa função. Disse sobre essa instituição: “É um serviço defensor da lei específica, mas, sobretudo, um órgão docente no sentido de que tem despertado e cultivado o amor aos eventos da história e às coisas da arte, que não devem perecer.”

Figura 22 - A DPHAN e a preservação do aspecto tradicional da Bahia.



Fonte: Arquivo pessoal de Godofredo Filho – recortes de jornais. Rotary Club da Bahia, ano XXIII. Cidade do Salvador, 27 de janeiro de 1955.

Responsável pela restauração e manutenção de centenas de imóveis e objetos do acervo cultural baiano, foi defensor destemido de prédios antigos, “uma voz que fortalecia a luta pela revitalização do centro histórico de Salvador”, como disse Clarindo Silva, na cerimônia de exéquias de Godofredo Filho. Lutou pela conservação da Igreja da Sé, publicando dezenas de artigos em periódicos, mostrando a monstruosidade que era a sua demolição. Tombou monumentos de arte religiosa e militar, igrejas, capelas, solares, sobrados, sítios e tudo quanto representa o passado histórico, artístico e cultural.

Como delegado do 2º Distrito da Dphan, destacou-se como um dos intelectuais brasileiros mais interessados na formação da cultura do Brasil e em estudos históricos. O cargo que ocupava aproximou-o de colegas delegados regionais e intelectuais, como o escritor e folclorista Luiz da Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, Airton de Carvalho, em Pernambuco e o poeta, crítico literário e folclorista Mário de Andrade, em São Paulo. Foi um dos esteios da cultura baiana, como afirmou o arquiteto Diógenes Rebouças, seu amigo-irmão, com quem trabalhou na Dphan, zelando pelo

16 Manuscritos autógrafos: originais escritos de próprio punho ou através de instrumentos extensivos ou sucedâneos da mão do autor.

patrimônio, dirigindo uma cruzada em defesa dos bens de “cal e pedra”, e coordenando uma equipe de técnicos e estudiosos que tombou a maioria dos monumentos na Bahia e Sergipe.

Identificado com os valores, paisagens, bens naturais e culturais de sua terra, fez pronunciamentos, divulgou artigos sobre Feira de Santana, Salvador e Cachoeira, com riqueza temática, relacionados aos aspectos socioeconômicos, políticos, históricos, artísticos e culturais. Foi assim em discurso pronunciado no Rotary Club da Bahia, em 1955, quando registrou a preocupação com a preservação, conservação e restauração dos monumentos desta Soterópolis, de 456 anos:

É para conversar a respeito dessas coisas que estou aqui e, mais, para lançar um apelo à vossa autoridade, à vossa influência social, econômica e quiçá política, no sentido de nos unirmos todos, pela palavra, pela ação, pelo exemplo, pela generosidade dos donativos, para que não se acabe nem se mutile o caráter de uma cidade como a nossa, cuja força maior reside ainda no que foi, ou no que é e será, tanto mais, quanto mais extraordinária e viva sua tradição, o amor de sua beleza passada. Longe de nós a ideia de desejar que a Bahia estacione no tempo, que esta cidade atlântica, que esta capital tenha seus passos entravados ou retardados. O que desejamos, o que reclamamos, o que pedimos, é a coexistência pacífica de ambas. E o respeito de uma pela outra. E a não-interferência de uma no espírito e na plástica da outra.

A Graça, o Canela e a Barra fiquem onde estão e melhorem sempre, atualizem-se, projetem-se para o amanhã; mas que o Pelourinho e o Carmo fiquem também onde se encontram, em seus lineamentos e limites estruturais, melhorando ao seu modo, isto é, a higienização e decência das habitações condicionando-se à censura arquitetônica das fachadas. Nem Roma, nem Paris, nem Atenas, nem Toledo, um pouco, deixaram de ser grandes e modernas cidades, sem que isso lhes perdesse o aroma do passado. (...) (Boletim do Rotary Club da Bahia, v.28, n.28, 1955, p.1).

No texto *Introdução ao estudo da casa baiana*, escrito em 1936, e publicado em 1959, no Diário de Notícias, de Salvador, passou a própria visão que tinha da Bahia:

Como há dois, ou três, ou quatro séculos idos, a Bahia ainda é gorda; barroca na essência e nos pormenores de sua arte; barroca no seu modo de vida e nas soluções que tem encontrado para vários de seus problemas. O casario, as ruas, as frutas, as comidas, o ar, a luz, o céu, o povo das procissões matinais e dos ritos bárbaros que a noite esconde, tudo justifica esse modo de vida que lhe é peculiar, essa mentalidade clara e difícil de definir, ou tão fácil se a integrarmos na imagem de um ser ao nosso alcance, como o Portugal de Eça esteve contido na alma de Gonçalo Ramires.

Em 31 de março de 1970, fez na imprensa uma declaração contundente:

A Bahia toda é um patrimônio. Primeiro, vamos defender a política do patrimônio para, depois, saber o que vamos atacar em primeiro lugar. (...) Dependendo de mim, tombaria toda a Bahia porque não encontramos monumentos somente em Salvador. Em todo o estado existem coisas lindas, que estão sendo destruídas pelo tempo e pelo abandono.

Participou do ato presidencial que transformou a cidade de Cachoeira em *monumento nacional*, em 14 de janeiro de 1971. Sobre essa decisão, por ele longamente aguardada, o jornal Tribuna da Bahia, em 15 de janeiro, publicou a reportagem *Godofredo Filho aplaude o decreto de Cachoeira*, incluindo este comentário:

Acredito que todos nós, baianos, devemos estar de parabéns, pois o tombamento de Cachoeira, em seu conjunto, vem corresponder à concretização de um velho ideal. Assim, a mais bela das cidades baianas, onde o prestígio do passado não se apagou, de agora em diante pode ter a certeza de que seu acervo monumental, e não só de edifícios, mas de ruas, de praças e de paisagens, ficará preservado em sua pureza. O decreto presidencial que acaba de ser publicado constituiu-se, do ponto de vista cultural, um dos grandes benefícios

prestados pelo atual Governo ao que nos cumpre chamar a civilização do Recôncavo Baiano. É a primeira cidade de nosso estado considerada, por lei, monumento nacional. A sua área urbana e lugares históricos adjacentes deverão ser inscritos nos Livros do Tombo do Iphan. E o decreto, muito sabiamente, prevê para os futuros exercícios, dotações orçamentárias, a fim de que não somente sejam admirados, mas também reparados e restaurados os monumentos de Cachoeira, conforme provisão a ser feita pelo Patrimônio Histórico.

Escolheu Cachoeira para viver boa parte da sua vida. Nasceram nessa Cidade Heróica os dois filhos, do seu casamento com Carmem de Almeida Dias. Lá conviveu com Hansen-Bahia¹⁷, artista plástico alemão radicado em Cachoeira, tornando-se amigos e partilhando com ele as aspirações de emancipação e preservação da cidade histórica, hoje “Patrimônio da Humanidade”.

Em sua passagem por Cachoeira, escreveu sobre o que lá vislumbrava. Em artigo na revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Sphan, v.1, n.106, discorrendo sobre a arquitetura colonial, exemplificou com a Igreja do Seminário de Belém da Cachoeira:

Quem, partindo da margem do rio Paraguaçu, galga os campos a nordeste de Cachoeira, há de ser levado a um lugarejo perdido na solidão perfeita - Belém. O nome encantado de um primitivismo bíblico casa-se à humildade do pequeno arraial. O local, pela sugestão do silêncio e agreste solitude, não poderia ser melhor para que o escolhesse a pedagogia jesuítica. (...) Uma verdadeira universidade religiosa do Brasil colonial surgiu ali, naquele Seminário de almas, o grande viveiro clássico de letras greco-latinas, a mais famosa escola de formação das nossas elites diretoras. (...) Na solidão do planalto cachoeirano se levantou um dia essa igreja suntuosa, florida internamente de figuras e linhas douradas, de obras de talhas no jacarandá e até dos azulejos, dos marfins e dos desenhos do Oriente. O aspecto severo, rude, desgracioso do exterior do templo e mesmo da expressão do conjunto, compensa-se pela finura das minúcias, pelo cuidado carinhoso posto na ornamentação dos detalhes. (...) No interior da igreja, onde se avantajava a boa pedra, notam-se os púlpitos rendilhados na madeira, o gradil joanino de jacarandá, as portas e janelas que abrem para a capela-mor, estas, principalmente, com resguardos harmoniosos, sanefas e balaústres dourados ao gosto jesuítico. (...) Ali se recolheram, em colóquios com Deus, os mestres magníficos de nossa cultura humanística.

Na direção do Sphan, 2º Distrito, instituição responsável pelas ações de preservação do patrimônio cultural da Bahia e Sergipe, manteve-se em ligação direta com as cidades representativas do cenário histórico em Sergipe, chegando a morar nesse estado e escrever sobre ele. No jornal Estado da Bahia, em 14 de março de 1944, véspera dos quarenta anos, no artigo *Os bangalôs floridos da Graça não vencerão os sobradões do Pelourinho*, fez uma breve síntese do patrimônio sergipano.

Figura 23 - Casa em Cachoeira - BA, onde nasceram Godofredo Rebello de Figueiredo Neto e Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo, filhos do casal Godofredo Filho e Carmen Dias, 1938.



17 Karl Meinz Hansen nasceu em 19 de abril de 1915 em Hamburgo, Alemanha. Foi marinheiro, escultor, poeta, escritor, cineasta, pintor e xilógrafo. Dono de espírito e ideias progressistas, sempre lutou pelo bem-estar do homem; participou da Segunda Guerra Mundial, denunciando-a no seu famoso “Drama do Calvário”. Saiu da Alemanha em 1950 e veio conhecer o Brasil. Morou em São Paulo onde teve o seu primeiro emprego como decorador na Companhia de Melhoramentos até o ano de 1955, período em que desenvolveu criativamente uma série de xilogravuras. Nesse mesmo ano veio para a Bahia expor na antiga Galeria Oxumaré. A temática da Boa Terra o seduziu e resolveu abandonar tudo em São Paulo para morar em Salvador. Naturalizou-se e adotou a Bahia como sua terra e como nome de batismo. Em 1975, Hansen-Bahia e sua mulher Ilse conheceram as cidades de Cachoeira e São Félix. Ele, então, resolveu doar a sua riquíssima obra artística à Bahia, por testamento, para que se criasse uma fundação com o seu nome na cidade de Cachoeira.

Seria uma falta se não falássemos sobre o que de mais afirmativo o pequeno Estado de Sergipe, também fazendo parte da Quinta Região, apresenta como criação de arte a necessitar dos estudos do Sphan. (...) e muito mais vale o pequenino Estado pelo que possui de interessante em matéria de arquitetura religiosa e civil. Uma de suas cidades, a velha São Cristóvão pode figurar na linhagem das mais encantadoras e sugestivas do país, cidade morta como Ouro Preto ou a nossa vila de São Francisco, com suas ruas ermas, seus conventos quase vazios e a voz melancólica de seus inúmeros sinos. Estância e Laranjeiras outras curiosidades guardam, sem esquecer os austeros sobradões. Mas, a maravilha de Sergipe está na quase tricentenária igreja do antigo aldeamento do Jeru dos Índios, onde os padres da Companhia quiseram deixar, naquele trato de caatinga deserta, um exemplar dos mais raros do primeiro barroco brasileiro. A Igreja do Jeru dos Índios, bem como a do Rosário dos Pretos de São Cristóvão, estão sendo agora restauradas, a expensas da União por intermédio do Sphan.

Passagens de sua vida podem ser lidas em diferentes documentos do acervo, nos quais é possível conhecer o homem, suas ideias e ideais, intimidade, desejos, amigos, amores, família, profissão, trabalhos técnicos e literários.

Mantinha epístolas atualizadas com personalidades da literatura, das ciências e artes contemporâneas do Brasil e de outros países. Essa postura lhe proporcionou trocas de informação, a divulgação de seus escritos, o acompanhamento e atualização de episódios de seu tempo, ocorridos no meio artístico e cultural do Brasil e do exterior.

Para suas correspondências, procedeu no arquivo a criteriosa separação em dossiês classificados. Há sinonímia nessa classificação. Percebe-se o convívio e o estreitamento de laços de amizade com seus correspondentes e a ação do tempo distanciando-os ou aproximando-os. Por outro lado, a troca de localização dos documentos de seu arquivo promoveu a duplicação das classificações. Exemplificando a denominação das classificações dadas por ele, temos: *Correspondências com amigos*, *Correspondências com amigos escritores*, *Correspondências com escritores e intelectuais*, *Correspondências com o escritor Jorge Amado*, *Correspondências com artistas, arquitetos e pintores*. Encontramos correspondências de Jorge Amado tanto no dossiê *Correspondências com escritores e intelectuais*, quanto no *Correspondências com amigos escritores*.

Figura 24 - Viagem de Godofredo Filho a Belo Horizonte - MG, em 18 de dezembro de 1931.



Organizou dossiê de viagens realizadas, dando-lhe a classificação de *Viagens*. Nele encontramos registros de 1956 sobre sua ida à Europa, com retorno à França. Essa viagem teve como objetivo principal participar do II Congresso de Cooperação Intelectual, realizado em Santander, Espanha. Na oportunidade, visitou vários países, detendo-se no estudo das manifestações plásticas do barroco. Em 1958, retornou a Portugal.

Esteve sempre atento aos dados informacionais sobre sua ascendência, quando nada, das origens da própria Feira de Santana. Assim, dedicou-se a formar vários dossiês com documentos representativos, que podem colaborar no estudo de sua árvore genealógica. O texto editado no CD-ROM contido na obra impressa apresentava as classificações por ele deixadas nos dossiês que organizou.

Percebe-se que gostaria de ter alcançado o reconhecimento, mas era inibido com relação à sua poesia e outras produções. Sentia prazer em tudo o que era natural e refinado.

Escrevia com elegância, explorava a escrita em português rebuscado e clássico, sobretudo nas missivas. Sua linguagem poética é predominantemente requintada e bastante metafórica. Era exigente nas honras da casa, nas suas relações mais íntimas, no estilo de vida. Tinha especial predileção pela gastronomia. Era homem inspirado pelos sentidos, força motriz de seu processo de criação. Também se distinguia como excelente enólogo e quituteiro. Mantinha a tradição dos jantares que amiúde oferecia, transformando-os em momentos de proximidade e amizade com os convidados. Poucos e selecionados, como aqueles que receberam suas edições, tiveram o privilégio do convívio com ele e esposa, em sua residência, para o prazer de suas iguarias e degustação de seus vinhos. Gilberto Freyre foi um de seus candidatos escolhidos à mesa e à sua criação gastronômica. O pernambucano, apaixonado pelos encantos da Bahia, declarou, no jornal Diário de Pernambuco, do Recife, em 14 de julho de 1974, sua satisfação de ter sido dos poucos que usufruíram da intimidade de Godofredo Filho.

Figura 25- Viagem à Espanha. De uma elevação do outro lado do Tejo (Tajo), Godofredo Filho contempla Toledo. Sábado, 28 de julho de 1956.



É quase um Villa-Lobos da culinária, tal o seu quase gênio no preparo de quindins que, saídos de suas mãos, juntam ao que neles é gostosamente tradicional alguma coisa de saborosamente e ineditamente godofrediano. Gabo-me de que para mim – especialmente para mim – ele tenha preparado mais de uma vez algumas dessas delícias. (...) Alguns dos quitutes preparados ou recriados por Godofredo Filho creio ter sido o único a saborear, pois ele os compôs para o amigo sem se servir ortodoxamente de receitas tradicionais: alterando o tradicional com a sua criatividade, no gênero, repita-se quase genial.

Na Universidade da Bahia, foi professor de disciplinas relacionadas às humanidades. Adquiriu cultura densa sobre a arte de um modo geral e, em especial, a arte brasileira. Foi membro fundador da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade da Bahia. Destacou-se como professor catedrático dessa universidade, ensinando história da arte brasileira, estética e arquitetura do Brasil. Foi membro do Conselho Deliberativo da Escola de Dança da UFBA.

Levou muito a sério o ato de falar em público. Seus discursos, palestras, aulas, tornaram-se famosos. Proferiu inúmeras conferências, recebeu homenagens e distinções de diversas instituições, como a *Comenda Áureo Filho*, a *Medalha da Bristol Mayers do Brasil S/A*, a *Medalha Machado de Assis*, a *Medalha do Mérito Cultural Castro Alves*, a *Plaqueta em homenagem aos cinquenta anos de presença literária*, dentre outras. Como escritor-poeta, conservador do patrimônio, professor da Universidade da Bahia e, mais ainda, orador de elogiada eloquência,

pesquisou temas variados das artes e da cultura em geral e os apresentou no gênero oratório. Guardou uma grande quantidade de textos originais que foram transformados em discursos memoráveis, proferidos com certa constância e com a marca da oratória formal e lúdica.

Pela incidência maior da temática sobre preservação do patrimônio no seu arquivo pessoal, permaneceu conhecido como nome de expressão nas conquistas da Dphan. Na aula inaugural já mencionada, ministrada na UFBA, em 9 de março de 1984, afirmou:

Aqui estamos numa tentativa de avivar, na consciência de nossa Universidade, o compromisso tácito que ela tem com o passado baiano; para fortalecer, no presente, o conluio ou tratado que espiritualmente ela teria selado com as gerações de ontem, todas essas que construíram, pertinaz e laboriosamente, o que usufruímos hoje de beleza plástica esparsa, as nossas igrejas, as nossas casas, as nossas ruas povoadas do murmúrio de séculos de tradição heróica, ou triste, ou risonha, e também o canto grave ou ardente que sobe de nossas noites, o de seresteiros anônimos e de pastoras de ternos, de vendedoras de aluá e canjica da Índia, ou a música de nossos sinos, que não os ouvimos mais, álcres e alígeros nas matinas ou em dobres alongados no sortilégio vespéral. Será que foram substituídos pelo Trio Elétrico?

A sua poética e prosa permeiam todo o contexto de sua vida social. As atividades artísticas por ele desenvolvidas estão entrelaçadas com ações culturais, administrativas e públicas de repercussão. Em torno de sua figura humana, algo como um halo poético tornava-o um homem singular, fiel a si mesmo no que fazia, mas em tudo identificado com quem dele se aproximava.

Encontram-se, no seu arquivo pessoal, documentos administrativos pertencentes a instituições públicas com as quais manteve vínculos. Neles, pode-se verificar a ocupação de cargos que o projetaram socialmente. Foi representante de instituições culturais, a exemplo de: membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Genealógico Brasileiro, da Ala das Letras e das Artes, do Centro de Estudos Baianos, do Conselho de Assistência ao Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, da Sociedade de Amigos da Cidade do Salvador, do Instituto de Filosofia, da União Baiana de Escritores, da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia.

No Conselho de Educação e Cultura, esteve ao lado de figuras ilustres, representantes do meio intelectual e cultural da Bahia, de uma mesma geração: Américo Furtado de Simas Filho, Carlos Eduardo da Rocha, Diógenes de Almeida Rebouças, Hélio Gomes Simões, José Calasans Brandão da Silva, Mário Mendonça de Oliveira, Nelson de Souza Sampaio, Odorico Tavares, Renato Berbert de Castro, Thales Olympio Góes de Azevedo, Wilson Lins de Albuquerque. E dos suplentes: Carlos Alberto Reis Campos, Mercedes Kanark Kruschewsky, Manuel Vicente Ribeiro Veiga Júnior, Cláudio de Andrade Veiga, Maria Mercedes de Oliveira Rosa, Adroaldo Ribeiro Costa, Antônio Celso Spínola Costa, Ary Guimarães, Fernando Luiz da Fonseca, Antônio Loureiro de Souza, José Duarte de Araújo, José Martins Catharino.

Dedicou-se também aos desenhos artísticos, pintando de preferência a figura feminina. Como um de seus últimos trabalhos, o Pelourinho foi pintado em aquarela. Guardou desenhos, esboços, estudos de cores e instrumentos que costumava utilizar quando desenhava e pintava. No jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de maio de 1974, José Valladares escreveu: *As mulheres imaginárias do pintor Godofredo Filho*, dizendo:

Para este, com a vida, que começa aos quarenta, também começou a pintura. Mas só agora, depois de demoradas pesquisas, resolveu tornar conhecida mais esta face de sua personalidade proustiana. Pinta de preferências mulheres imaginárias, que sempre nos trazem à mente aquela história terrível do filme *Inspiração*

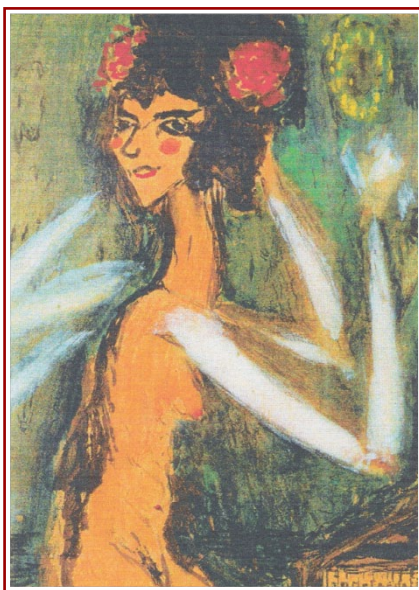
Figura 26 - Mulher Nua. Desenho de Godofredo Filho em grafite, com autógrafo, 1945.



telas encontram-se dispersas em coleções particulares. Através das imagens por ele criadas em suas pinturas (desenhos, croquis, aquarelas, caricaturas) e das metáforas em seus poemas, percebe-se a forte ligação entre poesia e cor.

Intellectual multifacetado, tinha interesses variados e os absorvia nas atividades profissionais, na linguagem, pensamento, moda e comportamento. Em certa época, aproximou-se da língua galega. Sobre ela, organizou vocabulário, acumulou manuscritos autógrafos em diversas

Figura 28 - Nu feminino. Desenho de Godofredo Filho em grafite, com autógrafo, por Godofredo Filho, em 1947

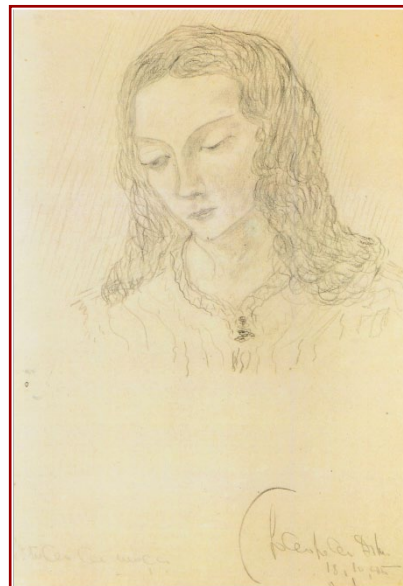


trágica, com Humphrey Boggart. Trabalha presentemente numa aquarela (seu meio preferido) mostrando o Pelourinho. Sobre o mesmo assunto nada conhecemos de semelhante. Alegre, cheio de vida, cor local, sente-se até o cheiro da culinária baiana. (- In seção *Artes plásticas*, do suplemento do Diário de Notícias, 11 de dezembro de 1949)

Observa-se também um Godofredo Filho que retrata a mulher e dela fala, aquele que deixa limites estreitos entre religiosidade e sensualidade, o que louva as relações humanas no poema e na tela. São duas faces do mesmo artista.

Praticamente desconhecido do público como artista plástico, apenas em três momentos distintos – no I, II e III Salão Baiano de Belas-Artes, respectivamente em 1949, 1950 e 1951 – permitiu que se expusessem seus quadros. Suas

Figura 27 - Estudo de moça. Esboço de desenho de Godofredo Filho em grafite, com autógrafo. Salvador, 18 de outubro de 1945.



versões e classificou o dossiê que congrega tudo isso como *Letras galegas*. Nessa língua,

escreveu poemas e, sobre eles deixou a seguinte afirmação, numa entrevista ao *Jornal da Bahia*, em 30 de dezembro de 1963:

Tenho, é verdade, o propósito de publicar proximamente um livro de poemas escritos em galego, língua a cuja índole me sinto vinculado por misteriosas afinidades, que vieram à tona, quando do meu recente contato pessoal com a Galiza. (...) Apesar das dificuldades idiomáticas e técnicas que naturalmente encontro e das deficiências que apresentam estes meus cantos, sinto-me tão bem e em espontaneidade, tentando-os em galego quanto em português.

Para os seus estudos históricos e produção literária, entre outros temas, elegeu o do vinho. Guardou no seu

arquivo pessoal textos que falam dessa sua bebida preferida e uma coleção de cartas de vinhos, rótulos e rolhas.

Em artigo, de sua autoria, *Mistério jerezano*, publicado no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 7 de junho de 1964, falou do vinho de Jerez, observando:

Assim, a tal classe de bebida deve corresponder um singular estado de ânimo, liberto de contingências e preocupações mesquinhas. Vinho para o cair das tardes de verão, para as conveniências amáveis, prólogo de excelsos novenários. Ou para regar um sonho que se transforme em flor, como seu gosto às vezes se transmutou em alma.

Figura 29 - Croquis, estudo de cores, esboços de desenho em grafite e aquarela.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

de Aglaé, *Canção do enterro de Ofélia*, *Lamento da perdição de Enone*, *Dois sonetos à perdição de Mariana*. Em 1974, publicou *Solilóquio*, plaqueta com sete sonetos em que o poeta apaixonado, consciente de sua soledade e da inexorabilidade da morte, ante a sobreeminente imagem da amada desencarnada, compôs estes versos em *Retrato*, 1973: “Permanece no umbral do gélido silêncio. / Tento alcançá-la. Mas, na distância, apenas vejo / Um vulto solitário que anoitece.” Em *Lamento da amada imóvel* continuou: “O que perdura. A esquiva e branda sombra / Tão menos que a figura. E, em vindo a imagem / Já obscura e imprecisa, nessa viagem / Singrando um céu de outrora, eis que me assombra”... O poema foi dedicado a Carmen de Almeida Dias, sua segunda companheira, falecida em 1973. Constata-se que os originais dessa produção no seu arquivo pessoal têm como data o ano de 1924.

Experimentou a arte da tradução e, de modo particular, da poesia francesa. Em 1990, publicou *O Cemitério Marinho*, texto original de Paul Valéry, *Le Cimetière Marin*. Foi lançada pelas Edições Macunaíma, com desenho de Diógenes Rebouças. Wilson Lins, em *Soneto que desafiou o tempo*, artigo publicado em 14 de outubro de 1979, no Jornal da Bahia, de Salvador, considerou a tradução do famoso *Soneto de Arvers*, do poeta francês Alexis Félix Arvers, feita por Godofredo Filho, como a melhor em língua portuguesa, juntamente com a de Guilherme de Almeida. Registrou:

Infeliz no amor e na poesia, morreria indigente, enquanto seu festejado soneto enriquecia outras literaturas, nas traduções de poetas maiores. Só no Brasil, cento e seis poetas, verteram-no do francês para o vernáculo. Para mim, as duas melhores traduções brasileiras são a de Guilherme de Almeida e a de Godofredo

A figura feminina agiganta-se em seus poemas, contemplada e mostrada tanto pelo prisma da carnalidade, quanto envolta na transcendência e misticismo. Nomes, peculiaridades e condicionamentos do sexo amável sobressaem em grandes poemas, como em *Ladeira da Misericórdia* e em *Balada da dor de corno*. Muitos outros são tributo a mulheres especiais ou nominados em memória a elas, como: *Estâncias a Teresa*, *Zagala*, *Lindinalva*, *Eva*, *Euridiké*, *Rondó de Maria*, *Perdição da amada*, *Soneto a Josina*, *Retrato*

Figura 30 - Coleções de rolhas e rótulos de vinhos consumidos, da adega de Godofredo Filho.



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

Filho, seguidas de perto pelas de Olegário Mariano e José Oiticica. Das cento e seis versões brasileiras, que conheço e guardo, oitenta podem ser queimadas, já que não honram a dor-de-cotovelo do finado. A de nosso Godô esteve inédita até o dia de hoje, mas a partir deste momento, embora com muito atraso, é entregue aos leitores, a despeito de eles já não se entregarem ao soneto, como antigamente. Desprezando o modelo original, o nosso poeta o verteu numa imitação de italiano, conseguindo efeitos que os demais tradutores não obtiveram. Mas vamos à recriação do mestre baiano:

Minh'alma seu segredo esconde; e a minha vida, / a febre deste insano e misterioso amor. / O mal é sem remédio. Em vão, quero-a esquecida, / e ela, entanto, nem sabe, é a causa desta dor.

Tantas vezes tremeu-me a sombra comovida / ao seu lado passando... E, cheia de amargor, / há de sumir-se assim, sempre despercebida, / nada ousando pedir, sem ter nenhum favor.

Ela, a quem Deus fez doce, e fez piedosa, e terna, / irá sem entender esse murmúrio, a eterna / canção do ardente amor, que a segue e seguirá.

Ao dever mais austero unida heroicamente, / dirá, lendo-me o verso onde se vê presente: / "Que mulher será esta?" – e não compreenderá.

Uma outra vertente de sua identidade pessoal é a de escritor-arquivista. Reuniu documentos. Registrou informações em suportes e espécies documentais. Aspecto que demarca originalidade, deixando no arquivo pessoal as várias interpretações contextualizadas do conteúdo documental. Elaborou, por meio da linguagem natural, a classificação e descrição dos documentos, interpretando-lhes o conteúdo. Assinalou dados históricos, que revelam a organicidade do arquivo pessoal e significado do processo informacional. Na descrição deixada nos documentos, percebem-se marcas de sua mundividência.

Conforme opinião de companheiros e amigos, entre os quais Luiz Henrique Dias Tavares, era característica da geração de Godofredo Filho a discrição, o silêncio a propósito das preocupações, dificuldades ou pendências pessoais, como também no tocante aos problemas e questões dos amigos mais próximos. Sobre isso não se conversava. A troca de ideias era sobre temas gerais. Sua geração comportava-se dessa forma. Além disso, ele trouxe do seminário uma formação, não só religiosa, mas também de princípios, ditames da consciência e normas comportamentais. Uma dessas regras era não falar demais, dizer o necessário e, ainda assim, apenas com quem merecesse absoluta confiança.

Companheiro de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e de outros responsáveis pela eclosão do modernismo brasileiro, Godofredo Filho foi, na terra dos insignes Castro Alves e Gregório de Matos, o pioneiro desse movimento de renovação artística e literária.

Com Carlos Chiacchio, Carvalho Filho, Hélio Simões e Pinto de Aguiar, emergiu para as letras em torno de *Arco e Flexa*, naquele sonoro enxame de adolescentes de que fala Andrade Muricy. Em 2 de novembro de 1952, no Suplemento do Diário de Notícias, de Salvador, Godofredo Filho revelou:

Fizemos menção ao movimento do chamado grupo de Arco e Flexa. Depois, somente depois, é que surgiu o grupo de Arco e Flexa, com a memorável revista do tradicionalismo dinâmico e aqueles inquietos rapazes,

que hoje são os queridos e sereníssimos Rafael Barbosa, Hélio Simões, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, sem falar nos que por aí vão esquecidos... Deus sabe como em relação às letras. Desses primeiros embates do modernismo, tenho no meu arquivo preciosa correspondência de Graça Aranha, de Renato Almeida, de Manuel Bandeira, de Mário de Andrade, de Ribeiro Couto... É que nesses anos remotos, entre 1924 e 1927, representei, quase sozinho, a dita “poesia nova da Bahia”. Homenagem a ela e à Bahia foram aquelas amizades que fiz, aquelas cortesias que recebi, o encanto de certos encontros de outrora. Como não relembrar, aqui, a noite promovida por Manuel Bandeira, em sua famosa casa do Curvelo, em Santa Teresa, onde fui hóspede para que me ouvissem, pela primeira vez, Eugênia e Álvaro Moreyra, e os então jovens Mário de Andrade, Jayme Ovalle, Prudente de Moraes Neto, Augusto F. Schmidt e Rodrigo M. F. de Andrade. De outras noites, Renato Almeida, que ainda vive solidamente e esteve presente, de certo também recordará, porque foram, ou no velho “Hotel dos Estrangeiros”, onde morava o Graça, ou na casa do querido Ronald de Carvalho, de tão comovida e perturbadora lembrança. Mas o importante é que, na Bahia, a resistência ao moderno estava algo quebrada. Os jornais, as revistas, as conferências, os debates refletiam nosso pensamento, a inquietação que revolvia a terra hostil. Por essa brecha na muralha ou por outras entrariam vários companheiros de ideal, e alguns que hoje são afirmações da Bahia: o singular Carvalho Filho, o admirável Eugênio Gomes, e, anos depois, o lúdico e culto Afrânio Coutinho, sem esquecer dois romancistas que, embora meio analfabetos, afiguram-se-me dotados de singular talento: Jorge Amado, a quem não conheço pessoalmente, e Clovis Amorim, a quem muito prezo e às vezes admiro, lamentando a sua fuga rimbaudiana de nossas letras.

Demonstrava tendência ao exercício verbal por uma trilha que o levaria a encontros nacionais e internacionais, tanto na área da conservação e preservação do patrimônio, quanto da literatura, sobretudo como o primeiro representante da Bahia. Muito guardou do convívio e trato íntimo com a intelectualidade de seu tempo e geração.

Conservou sempre o fervor, a espontaneidade de criação e disposição de implementar ações culturais repartidas apenas com poucos companheiros, confiantes e confiados no segredo mais audaz de projetar e projetar-se por meio de uma empreitada renovada. Em contraponto a seus planos pessoais e um tanto quanto provincianos, havia o amplo panorama temporal e o envolvimento com personalidades de repercussão nacional. Rodrigo Melo Franco de Andrade, por exemplo, foi uma grande amizade em momento decisivo. Godofredo Filho não poderia se restringir às últimas correntes com seus choques - esta vanguarda contra aquela, uma linha nova contra outra formalmente conservadora, esta de cá contra aquela de lá - nem a uma cultura que o privasse como nordestino, que pouco saiu da Bahia, de suas coordenadas fundamentais. Isso equivale a dizer que sua produção teria de ser mostrada àqueles que estavam inteirados nas mudanças originadas com a *Semana de Arte Moderna de 1922*. Antônio Celestino, em *Pátio das artes*, publicado no jornal A Tarde, de Salvador, em 21 de julho de 1973, afirmou:

A Bahia do tempo estava saturada e comprometida com a cultura clássica e com os cânones formais das academias. E aquela Bahia, a que os eruditos chamaram de culta, ainda era a grande dominante, esmagando com o peso secular e a glória dos nomes humanos, alguns realmente impressionantes, a douta e togada minerva purista e latinizante. Apesar de, já desde 1925, Godofredo Filho (extraordinário poeta a quem não se pode desculpar serem as requintadas edições dos seus livros só para os eleitos) ter aberto uma fenda na muralha, por onde entrou depois Eugênio Gomes em 1927 e a que se juntou em 1931 Jorge Amado com o *País do Carnaval*. ”

Os principais manifestos modernistas foram publicados nas revistas porta-vozes dos diferentes grupos. Foi esse o caso do *Manifesto antropofágico*, de Oswald de Andrade, publicado na Revista de Antropofagia em maio de 1928, e do *Manifesto de Cataguases*, publicado em Verde

em novembro de 1927. Houve também o *Manifesto regionalista*, esboçado no 1º Congresso Regionalista do Nordeste, realizado no Recife em 1926, liderado por Gilberto Freyre.

A partir de então, Godofredo Filho manteve missivas com Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e com outros participantes do modernismo nas letras e artes nacionais. Na Bahia, tornou-se o pioneiro desse movimento de renovação. Isso é afirmado em depoimentos de Eugênio Gomes, Agripino Grieco, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Edson Lins, Carlos Chiacchio, Oscar Mendes, Renato Almeida, Afrânio Coutinho e de muitos outros intelectuais, publicados em livros, periódicos e demais tipos de produção bibliográfica.

Passou a ser mais conhecido no cenário cultural da Bahia a partir de encontros inicialmente mantidos com Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Os contatos com Gustavo Capanema, Augusto Frederico Schmidt e Oscar Mendes foram decisivos quanto ao fortalecimento de seu ingresso no espaço mais amplo das relações nacionais e internacionais. O estreitamento do convívio com o Ministro Gustavo Capanema deu-se a partir de informações de terceiros sobre a disponibilidade e as áreas de interesse de Godofredo Filho em empreender ações culturais em prol do Estado da Bahia.

Em entrevista publicada no *Jornal da Bahia*, de Salvador, em 23 de novembro de 1986, Guido Guerra lançou-lhe a seguinte pergunta “- Como foi seu encontro com Bandeira? Godofredo Filho respondeu:

Meu encontro pessoal com Bandeira, cuja amizade até hoje é um dos padrões do meu orgulho, está muito vivo ainda na minha lembrança, mesmo depois de muitos anos de morto, data de 1926. No ano seguinte, fui seu hóspede na casa do Curvelo, em Santa Tereza. Por ele, me veio o conhecimento de Mário de Andrade, Jaime Ovale, Carlos Drummond e desse incomparável Rodrigo Melo Franco de Andrade. Outra influência, que também não devo esquecer, foi de Graça Aranha, cuja particular afeição me desvaneceu e de quem conservo, até a proximidade de sua morte, alguma correspondência epistolar. Graça me assinalou rumos que deveria trilhar, o que não fiz, e seu entusiasmo parecia tão juvenil quanto o meu naqueles tempos. Através dele, e do querido Renato Almeida, conheci Ronald de Carvalho, cujos epigramas irônico-sentimentais já me haviam surpreendido. Ronald, então, na época de seu brilho pela cultura e pela disciplina a que se submetia, jovem de inteligência e sensibilidade, também exerceu sobre mim um singular fascínio a traduzir-se no equilíbrio que sempre busquei, um pouco da clara razão mediterrânea sobre as forças do inconsciente, do instinto e todas as outras que emergem do nosso mundo. Lembraria ainda outros amigos e companheiros daquele tempo, quase todos serenados pela morte.

Paulo Prado, Felipe de Oliveira, Ribeiro Couto, com quem tive grandes afinidades literárias em certa época. Peregrino Júnior, o luminoso Alceu Amoroso Lima, Oscar Lopes, José do Patrocínio Filho, e até o fabuloso Sinhô, do *Menino malvado* e de outras das mais brasileiras e embaladoras das nossas cantigas. Voltando à Bahia literária daqueles anos, parece-me que estou a ver o Chiacchio, o corpo do Sancho e aquela alma de Quixote. Cheiro de corpo, nos melhores anos de sua agressividade crítica e de sua glutoneria entre copadas de *chopp*. Ou Pinheiro Viegas a quem eu, desconfiado, ouvi certa noite recitar um poema em francês. Ou então Rafael Barbosa, cuja elegância de roupas, de maneiras, de estilo boêmio, de letras a esplender o brilho discreto e frio, foi uma das grandes seduções da minha mocidade. Ou Pethion de Vilar. Viegas e Chiacchio eram, cada um a seu modo, príncipes ou pajés de indiscutíveis merecimentos. Numerosos eram os discípulos, alguns do porte de Clóvis Amorim, epigramista perfeito nos achados vituperinos. No mais, salvo exceções que honram, era a infra-estrutura, a patuléia das letras, os rimadores pedestres da confraria daqueles a quem enderecei a hoje antológica *Pastoral de amor aos sonetistas insignes*.

Desdobrando-se em muitas atividades culturais, gozou de renome também nos domínios da história, pesquisa e crítica de artes plásticas, conseguindo firmar-se com trabalhos que já constam de bibliografia estrangeira especializada. Em *Casa grande e senzala*, de Gilberto

Freyre, e na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do Pe. Serafim Leite, é citado como autoridade no trato dos assuntos da história e cultura da Bahia. Na verdade, é homem e escritor-poeta plural, assim reconhecido nacional e internacionalmente pelos intelectuais de seu tempo, confirmando a leitura realizada de sua memória documental.

Com essa releitura sobre o Godofredo Filho, pode se reviver o passado, dessa forma atuamos com a memória e, aos envolvidos com esse resgate, competem guardar e cuidar de uma parte do passado, pois, sabe-se que não tem como manipular o tempo, contudo, se pode e deve conviver com ele, é possível imaginar e testemunhar por meio dos diversos documentos, ilustradas por objetos e relatadas em obras e imagens.

Outro fato a ressaltar é que a memória corre riscos, por conta da sua vulnerabilidade devido ao seu perfil e seletividade, onde a memória implica deve estar atenta às ações políticas no momento de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir alguma informação registrada.

Depoimentos sobre Godofredo Filho

Personalidades representativas do cenário histórico e cultural da Bahia e do Brasil, amigos intelectuais coetâneos de igual estirpe, registraram seus depoimentos e diferentes análises críticas sobre o homem e o autor Godofredo Filho, publicados em livros, periódicos e noutros documentos, incluindo-o no processo de desenvolvimento sociocultural de seu tempo. A imprensa noticiou-o rotineiramente, destacando sua atuação em várias áreas do saber. A seguir, em ordem cronológica, excertos de textos editados.

1 – Carlos Chiacchio

“Godofredo Filho, vinte anos em flor, é o poeta que hoje o suplemento literário de A Tarde vai revelar ao mundo das letras. A sua obra, só conhecida dos íntimos, é já numerosa e rica em prova de talento, de tamanho prestígio lírico, nas suas promessas calorosas, que se lhe pode classificar no conceito justo de um de nossos homens de letras, como a maior expressão da poesia nova da Bahia... É perfeitamente dispensável adiantar juízos críticos sobre as produções que a seguir publicamos, valendo apenas, por alegria de reconhecer valores legítimos da nossa fecunda terra tradicional da poesia e do talento, chamar a atenção dos leitores para esse poeta moço, vibrante de ritmos sadios e ideias novas, tão empolgantes pela frescura matinal das tintas, como impressivas pela precocidade extraordinária do seu estro...” (Carlos Chiacchio, Poesia nova, no jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de janeiro de 1925, apud Cid Seixas, *Godofredo Filho: cinquenta anos de presença literária e do modernismo na Bahia*, no jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 23 de maio de 1975).

2 – Manuel Bandeira

“A apresentação vale a pena. Godofredo Filho é um admirável poeta. Tem 23 anos e nunca saiu da Bahia. Sensibilidade ardente e pronta, técnica precisa, ao par dos últimos achados da vanguarda. E, o que é inestimável, a ausência de preconceitos modernistas. Sem dúvida que detesta passadistas, mas não é dos tais que desejariam botar abaixo a Sé Velha, para abrir avenidas amplas e arejadas. É namorado de todas as velhas casas da Bahia que ele conhece palmo a palmo. Sabe a hora propícia em que se deve olhar tal fachada, tal pórtico, tal saguão, tal janela. E confia-nos ao ouvido, como se revelasse intimidades de amigo, os detalhes históricos

daquelas pedras veneráveis. – Aqui, nesta Capela, Vieira pregou o famoso sermão contra as armas holandesas... E o perfume que lhe vem da terra natal não é cheiro de velharia, mas odor virente de mocidade que o exalta: ‘No silêncio quente da tarde americana... / (O’ cheiro bom de mulher moça!) / Perfume da minha terra!’ A poesia de Godofredo Filho é tão bem-educada como a de Ronald ou de Guilherme. Porém, debaixo daquela sobriedade elegante de cidadão, há assombrações desatinadas de jagunço, há dendês chiando no fogaréu vermelho das macumbas e rumores inquietantes de arapuás danados...” (Manuel Bandeira, *Godofredo Filho*, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1927 – data incompleta no recorte de jornal do arquivo).

3 – Mário de Andrade

“Couto de Barros,

Eu gosto muito de Godofredo Filho e quero pedir pra você fazer as honras da nossa terra e da nossa gente pra ele. Escrevo nisto por que cadê cartão? Cartão está na mala grande lá no hotel e eu nesta Cabaça grande comendo uma peixada à moda da casa com vinho Granjô e quase desistindo de falar brasileiro diante dessas tradições gostosas. Mostre coisas bem bonitas, heim! Arquitetura. Tarsila, São Bento, Guilherme com Baby, você prudencial e cômico, etc. Me esqueci: Godofredo é poeta. Abração do Mário.” (Fac-símile do bilhete de Mário de Andrade para Couto de Barros, datado de 1927, publicado no *Diário de Notícias*, de Salvador, em 5 de maio de 1974).

4 – Agripino Grieco

“Godofredo é um místico que ainda não achou a sua mística. Foi, na Bahia, o cicerone do Sr. Manuel Bandeira junto às igrejas e aos quitutes da preta Eva, e é o cantor das cidades velhas, embora prefira as mulheres novas. Saudoso, compõe umas arietas sentimentais, tramas aéreas de versos quase incorpóreos, que recita com voz sufocada, de quem está sendo estrangulado pelo garroteador da tela de Goya. Na virtuosidade do abstrato, Godofredo converte tudo em visão arcaica. É um alucinado dos séculos esse pobre menino perdido num mundo sem alma, num mundo de bichos de ferro. Doido pelo acarajé e também pelas vendedoras de acarajé, sabe toda a Bahia de cor, trecho a trecho, bequinho a bequinho. Conhece a cor do tempo, a cor dos olhos de todas as criaturas. Romântico cantor de Ouro Preto e da sua Feira de linhas retas, adormecida na planura, como a bela do conto de Perrault...” (Agripino Grieco. *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1934).

5 – Odorico Tavares

“A Faculdade de Filosofia da Bahia pôde marcar com uma pedra branca na sua história a conferência de ontem, à noite, no Instituto Histórico da Bahia. O Sr. Godofredo Filho conseguiu atravessar um tema dificilmente acessível aos leigos, manter o interesse da assistência do princípio ao fim, sem que fosse necessário transigir um só momento sequer, para se fazer entendido ou para conquistar aplausos fáceis. O certo é que o conferencista, sem nenhuma pedanteria e cingido ao seu assunto, árido para tantos, sem nenhuma erudição enfatuada, revelou-se seguro nas suas afirmativas e nas suas conclusões, em domínios cuja porta de entrada requer, pelo menos, uma certa intimidade com autores como Kant. (...). Resta que a Faculdade de Filosofia mantenha sempre as suas conferências no rigorismo selecionador para que nos possa sempre apresentar uma noite como a de ontem. Em que a moderna cultura baiana fique

Figura 31 - Caribé, Odorico Tavares e Godofredo Filho, Salvador, 4 de janeiro de 1950.



à vontade, se representando da maneira que fez o Sr. Godofredo Filho. Que sem temer reações, e sem quebrar a harmonia de um tema tão fechado como o de sua conferência, possa citar ao mesmo tempo, Kant e Cícero Dias, William James e Felipe Soupault.” (Odorico Tavares. *Notas urbanas: a conferência de ontem*, no jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 9 de julho de 1942).

6 – Jornal Estado da Bahia

“Realizou-se, ontem, às 18 horas, no auditório do Ministério da Educação, a 6ª conferência da série de iniciativas do ministro Simões Filho. O conferencista do dia foi o escritor Godofredo Filho, que discorreu sobre *Aspectos da arquitetura colonial em Salvador, no século XVII* (...). A conferência do escritor e poeta Godofredo Filho foi considerada uma das maiores e mais originais contribuições sobre a arquitetura colonial no Brasil, mostrando profundo conhecimento de um assunto exposto com concisão e clareza. Numerosas homenagens têm sido prestadas, nesta capital [no Rio de Janeiro], ao poeta Godofredo Filho, que também visitará São Paulo.” (*Conferência do Sr. Godofredo Filho*, no jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 3 de julho de 1951).

7 – Eugênio Gomes

“É muito raro encontrar-se alguma referência a poetas modernos baianos em publicações sobre o movimento inaugurado oficialmente pela Semana da Arte em 1922. A geografia do modernismo brasileiro, quase sempre traçada de maneira parcial, reduz-se em regra a um jogo de coordenadas que não abrange a Bahia. É uma exclusão incompreensível, sabendo-se que a terra de Gregório de Mattos – tão bravo em suas rebeldias! – não esteve de modo algum alheia a esse movimento, embora fosse, com sua condição de cidade tradicionalmente

acadêmica, o mais obstinado reduto contra a revolução estética. Pois, apesar disso, produziu-se na Bahia um movimento renovador que, capitaneado pelo grande e inesquecível Carlos Chiacchio, pôde abrir algumas brechas naquela antiga fortaleza de retórica e do conservantismo, frutificando numa revista (*Arco e Flexa*) e em alguns livros de poemas que revelam o esplêndido sentido e as características particulares da contribuição baiana naqueles dias de inquieto e obscuro idealismo. Nessa fase, embora sem romper com os seus antigos compromissos, o bravo crítico deu a mão a alguns novos que, sem esse vigoroso estímulo, não teriam talvez podido firmar passo numa direção tão combatida e ridicularizada. Entre esses novos, encontrava-se Carvalho Filho, a mais robusta revelação do grupo, naquele momento. Era o poeta que se afirmaria depois definitivamente pela vitalidade de um pensamento criador que absorveu, transplantando para os seus poemas, o rico húmus daqueles territórios de mistérios e de inexauríveis seivas, em que é tão fértil a velha Bahia. Nessas alturas, o modernismo tinha-se implantado decisivamente, lá, com a força e as consequências de um movimento consciente, mas quem quiser captar as suas primeiras manifestações terá que começar pelo poeta Godofredo Filho. Esse fino Lírico atraiu para si a pior empreitada, atirando-se inicialmente à jaula de leões da reação local, no começo da década de 1920, quando o eruditismo intolerante ainda predominava de maneira hostil. O destemido Daniel daqueles dias completa neste mês de abril cinquenta anos e os seus companheiros e admiradores quiseram homenageá-lo de maneira realmente condigna com a edição especial e ilustrada de alguns poemas seus. Nada mais justo. (...). Não foi impunemente que Godofredo Filho fugiu à sua predestinação eclesiástica, quando já envergava a batina de seminarista. Essa iniciação de vida deixou-lhe um sinal inconfundível, aquilo que levava Renan a sentir-se *un prêtre manqué*. Sua doçura de maneiras e até seu físico denunciavam-lhe ainda esse sentimento, preservado por sua tendência à religiosidade. Quando esteve algum tempo aqui no Rio, o seu quarto de solteiro, numa vila da rua do Catete, era o de um asceta com a Bíblia e algumas obras de autores místicos espanhóis à mesa de cabeceira. Esse é o lado religioso de Godofredo Filho. O outro é o de um homem do mundo, cauta, mas sofregamente inclinado às seduções da vida. Ninguém conhece melhor a Bahia, os seus templos, os seus santos, os seus artistas, as suas tradições, as suas vias mais escusas, os seus pitéus e os seus pecados... Gregório de Matos, que celebrava justamente esses pecados, e, com as suas alternativas de misticismo e de mundanidade, Junqueira Freire, encontraram-se decerto nesse poeta moderno da Bahia. Godofredo Filho conjuga os antagonismos do ambiente peculiar de nossa terra. É um poeta barroco, dominado a um tempo pelo sentimento da vida e da morte. Sua obra publicada através de algumas plaquetas de tiragem extremamente limitada é pouquíssimo conhecida e não revela senão parcialmente a sua magnífica evolução poética. Como uma compreensão a esses ligeiros comentários, exclusivamente para lembrar, no ensejo da passagem do seu cinquentenário, a presença de tão raro poeta, aqui vão alguns versos de uma de suas baladas mais recentes: [transcreve parte de *Balada da dor de corno* – 1952]. Aí fica apenas o começo de uma admirável balada à Villon e que, como tantos outros poemas de Godofredo Filho, mostra o poeta profundamente engolfado na atmosfera ardente de uma terra porosa e sensual em que o homem está mais próximo da natureza e da vida, sem perder, contudo, o sentido da Eternidade.” (Eugênio Gomes. *O cinquentenário de um poeta*, no jornal *A Tarde*, de Salvador, em 1º. de abril de 1954; no jornal *Letras e Artes*, n.293, do Rio de Janeiro, em 6 de abril de 1954).

8 – José Valladares

“É amigo da boa mesa, seduzido por peixes e mariscos sob todas as formas. Desprezando ostensivamente uísque, supõe-se conhecedor de vinhos de mesa. Capaz, por exemplo, de escrever um trabalho sobre os vinhos de Jerez, desde sua história à exegese das mais complexas variações de gosto e cor, já organizou algumas enotecas privadas exemplares, que a sua sede e a de alguns amigos têm secado com avidez rabelaisiana. A propósito, encara com a maior seriedade o prestígio e a dignidade que o Cristo conferiu ao vinho e considera sacrílegos os que dele abusam ou o consomem adulterado. A inteligência que mais admira, como inteligência pura, é a de Anísio Teixeira. O homem mais fabuloso que encontrou foi José do Patrocínio Filho. O guia espiritual que não pode esquecer: o Pe. José Correia. O personagem que mais o seduziu, permanecendo vivo em sua alma: Alioscha Karamazof. O herói que mais o encheu de assombro: César Borgia, com o seu lema *Aut Caesar, aut nihil*. Os filósofos que mais quis: Platão, Plotino, Kant, Natorp, Scheler e Maritain, que o reconduziu definitivamente a Sto. Tomás. O santo de sua maior admiração: Sto. Agostinho, pelo pensamento e pela vida. A lenda que mais o comoveu: a de Sta. Maria Egípcíaca. Seu maior poeta: Dante. Seus poetas prediletos: Hafiz: Baudelaire, Verlaine, Eugênio de Castro e Apollinaire. Seus romancistas preferidos: Dostoievski, Tolstoi, talvez Mauriac. Escritores que amou e que esqueceu: Renan, Stendhal e Gide. Seus músicos mais amados: Bach e Mozart, pois acha que a música deve ser ‘pressentimento do céu’. Seus maiores pintores: Lucas Cranach, Gauguin e Modigliani. Poetas brasileiros que mais lê: Castro Alves, Junqueira Freire, Alberto de Oliveira, Alphonsus de Guimaraens, Drummond, Schmidt e Bandeira. Romancistas: Machado e Graciliano. Músicos: Henrique Oswald, Nepomuceno e Sinhô. Pintores: Visconti e Presciliano Silva, de um lado. Do outro, Pancetti, Bonadei, Cícero Dias. Considera mestres brasileiros de sua geração: em sentido restrito, Leonel Franca, Lúcio Costa e Gilberto Freyre. Em sentido ecumênico, Tristão de Ataíde. Encara sua obra poética como essencialmente efêmera, sentindo-se, porém, feliz ao imaginar que algum dia ela poderá expressar ou libertar a angústia de outros homens. De seus livros, prefere dois, inéditos: o Poema da Feira de Santana, pelo conteúdo de fixação da infância e o Canto Cruel, como sondagem introspectiva formalmente realizada. Manuel Bandeira foi o poeta vivo que mais o influenciou. Diz que o Evangelho de São João foi o livro que o marcou irremissivelmente. E gostaria de morrer orando, pois acredita que o estado de oração, como o estado de poesia, são os mais adequados e translúcidos para nos revelar a perfeição do amor de Deus.” (José Valladares. *Saudação a um poeta nos cinquenta*, na coluna Flash, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, 25 de abril de 1954).

9 – Walter da Silveira

“Às vezes, é preciso ressuscitar as palavras. Esta: gentil-homem, no caso de Godofredo Filho. Mais do que o poeta, mais do que o conservador do patrimônio histórico e artístico da Bahia, mais do que o artista e o crítico de arte, o que eu vejo em Godofredo Filho é o gentil-homem. Gentil-homem seria, semanticamente, uma palavra em desuso, se não existissem homens como esse guardião da velha Casa dos Sete Candeeiros, aí onde se protege, com um amor quase proibido, a beleza de nosso passado. Por sensibilidade, temperamento, vocação cultural, Godofredo Filho pertence à atmosfera de um tempo morto. Sem exasperos numa época de rancores, dir-se-ia um taciturno pelo silêncio e pela distância em que vive, se, antes, não se verificasse que é um nobre por sentimento e um aristocrata por pensamento, mais integrado

na tradição do que no progresso, na contemplação do que na luta. Embora havendo aparecido literariamente com o modernismo, o sentido de sua inspiração seria tão marcado pelas ruas, pelos edifícios, pelas portas, pelas janelas de antanho, que o lirismo de seu livro de estréia se voltaria, desde o título, para uma das cidades mais singularmente passadistas do Brasil: Ouro Preto. Daí, dever ter sentido uma alegria criadora quando, para realizar profissionalmente o próprio destino, veio a ser, na sua terra, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. É certo que, se enganando sem enganar os outros, até na pintura a que se dedica ocasionalmente, tentou imprimir a modernidade que não sente. Pois apenas se encontra, na verdade, com o mundo de hoje, a sociedade do presente, quando entra em íntimo contacto menos com a elite que, de fato, não a representa, do que com o povo, os habitantes do Pelourinho, do Tabuão, do Carmo, local de suas andanças, que são os únicos continuadores legítimos do passado que esse gentil-homem cultiva e defende, como se cultivasse e defendesse a si mesmo. E isso o marca e o assinala: esse raro e estranho, esse poeta erudito de gestos refinados, se escassamente freqüenta a área a que pertence, muitas vezes é visto no outro lado, num itinerário de reconhecimento ou de evasão. Daí, o paradoxo que deve atormentar o seu espírito como tem atormentado e ainda atormenta a quantos não resolveram o problema da contradição entre o intelectual e o povo: só o povo preserva, como os intelectuais, a herança de cultura de cada pátria. Porque, amanhã, esse artista, poeta, conservador inquieto enamorado da cor e do estilo da Bahia – seus olhos se esbraseiam e suas mãos fremem quando nos fala da arquitetura e da mulher típica desta Cidade - comemore o seu cinquentenário, porque, amanhã, Godofredo atinja a plenitude da maturidade, é preciso que se lhe demonstre a exata compreensão de sua presença na vida. Goethe disse, certa vez, que as opiniões podem separar os homens, mas os sentimentos os aproximam. Um exemplo desse conceito acontece entre mim e Godofredo Filho. Pensamos divergentemente. No entanto, nos sentimos amigos, e como! Há, em mim, por ele, a admiração que suscitam os de inteligência clara e gosto profundo, os sinceros mesmo no equívoco. Só um gesto, assim, para lhe traduzir a simples e comovida homenagem que tanto não se desejara efêmera: o velho, o significativo ritual dos braços que se apertam, das palavras que não se sabe pronunciar. Esse instante físico que revela e confirma a eternidade da emoção.” (Walter da Silveira. *Um gentil-homem*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 25 de abril de 1954).

10 – Antônio Loureiro de Souza

“Chamaram-no, de uma feita, de gentil-homem, e com sobeja razão. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, professor da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, Godofredo Filho é, acima disso, realmente um gentil-homem. Cavalheiro antigo de uma aristocracia antiga que vai desaparecendo, sobre ser poeta suave e terno, é dono de uma alma generosa e nobre. No silêncio do seu recolhimento de esteta, urde a teia da sua poesia com um amor comovente. Podendo ser das mais altas expressões culturais da Bahia, com ressonância nos meios nacionais, prefere, antes, ensimesmar-se no estudo e no trabalho em favor da preservação do patrimônio histórico e artístico da nossa terra, que trata e zela com um ‘engenho e arte’ jamais visto e sentido. Mas uma coisa existe dentro, nele, e imanente, viva e fulgurante: a força criadora do seu espírito, que se volve para a poesia pura, sublimado por um ideal de grandeza cristã que se cristaliza nas suas produções. Podendo ser um cético, homem de erudição que é, preferiu ser um artista. No verso, tem uma delicadeza que não perde, por

isso, a profundidade. Daí a segurança com que escreve e a beleza perene de sua poesia. Sem se deixar prender a cânones obsoletos, evoluiu também e deu a sua arte uma ductibilidade perfeita. Vindo de uma época em que a poesia ensaiava os primeiros passos de uma revolução de forma e de fundo, não estacionou. Acompanhou o seu progresso sem perder, no entanto, a pureza. E é isso, justamente, que lhe dá às produções um sentido humano e universal. A edição, ainda agora, promovida por um grupo de amigos seus, que o prezam e admiram, do seu *Sonetos e canções*, é um régio presente não ao autor, mas à cultura brasileira. Foi magnífica a lembrança, pois bem merece quem bem faz, como ele. Homenagem melhor lhe não poderiam prestar. Quando o poeta comemora as suas bodas de ouro de nascimento, surge para a literatura o seu *Sonetos e canções*. Godofredo Filho está todo ele aí. Refletido na sua poesia, todo inteiro.” (Antônio Loureiro de Souza. *Bodas de ouro de um poeta*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 26 de abril de 1954).

11 – Diário da Feira

“Conquanto viva longe da Feira, Godofredo Filho sempre teve para ela voltado o seu pensamento, uma vez que, sobre ser a terra de seu nascimento, ali estão, há dois séculos, as raízes de sua família; ali repousam seus mortos queridos; ali iniciou ele sua educação, e, a esta terra, conseqüentemente, estão associadas suas melhores recordações da infância e da mocidade. Bem o dirá o inédito *Poema da Feira de Sant’Ana*, que os filhos ilustres desta gleba estão na obrigação de, publicando-o, roubar ao tão só deleite do autor e de seus íntimos amigos.” (Cinqüentenário de Godofredo Filho - Homenageado o festejado poeta feirense – edição de luxo de sua obra *Sonetos e canções*, no jornal Diário da Feira, de Feira de Santana, em 11 de maio de 1954).

12 – Augusto Frederico Schmidt

“Mestre Godofredo Filho move-se com lentidão e dignidade. Vozes o saúdam das janelas antigas: - Godô, Godozinho, Godosão! Godofredo Filho promete vir tomar café um dia, mandar um peixe, não faltar a certa cerimônia ou festa. E caminha sereno, descendo ou subindo as ladeiras. Lembro-o quando chegou o Mestre ao Rio em mil novecentos e vinte muitos, pajeadado por Mário de Andrade. Moço em flor, mas já civilizado, correto. Agora é um madurão como eu, mas continua o mesmo homem fiel às preocupações de sempre, aos temas baianos bem amados. Acontece apenas que Godofredo Filho já se misturou para sempre à atmosfera, ao espírito, aos azeites baianos. É um baiano que, à força de o ser, universalizou-se. Tão baiano que é um grande da cultura, de toda a parte.” (Augusto Frederico Schmidt. *Páginas de Galo Branco: primeira viagem a Salvador*, em Revista da Semana, v. 57, n. 14, Rio de Janeiro, abril de 1957).

13 – Jornais A Tarde e Diário de Notícias, de Salvador

“Foi uma legítima festa de inteligência a sessão solene em que a Academia de Letras da Bahia recebeu, ontem à noite, o escritor e poeta Godofredo Filho, nosso brilhante colaborador, eleito para a cadeira nº.19, que tem como patrono Barão de Cotejipe.” (A Tarde, Salvador, 1º. de dezembro de 1959, registrando a posse de Godofredo Filho na Academia de Letras da Bahia, em 30 de novembro).

“Figuras do mundo oficial e intelectual afluíram, ontem, ao Salão Nobre da Academia de Letras da Bahia, para assistir à cerimônia de posse do escritor Godofredo Filho na cadeira

19, de que é patrono o Barão de Cotejipe. A saudação ao novo acadêmico ficou a cargo do professor Aloysio de Carvalho Filho, que em brilhante discurso analisou a personalidade literária de Godofredo Filho, não só como poeta, mas como homem de cultura que tem devotado seu espírito para o engrandecimento de nossa literatura contemporânea. Salientou a contribuição valiosa que trazia para a tradição da Academia o ingresso do poeta nos seus quadros. (...). Ontem, à noite, o poeta Godofredo Filho foi recebido na Academia de Letras da Bahia perante uma assembléia que reuniu toda a *intelligentsia* baiana.” (Diário de Notícias, de Salvador, em 1º. de dezembro de 1959).

14 – Pedro Muniz

“Com a presença do mundo cultural baiano, segunda-feira, o poeta Godofredo Filho tomou posse da cadeira 19 na Academia de Letras da Bahia. Os acadêmicos Hélio Simões, Aloysio de Carvalho Filho e Augusto Alexandre Machado introduziram o novo imortal até o recinto, quando o presidente Prof. Pinto de Carvalho pôs o medalhão acadêmico sob palmas da seleta assistência. Godofredo Filho, trajando *smoking*, subiu à tribuna e proferiu um belo discurso. Sua oração foi uma primorosa peça literária onde aqui e ali ouviam-se álacres referências a determinadas figuras e fatos da vida acadêmica. Analisou longamente o Barão de Cotejipe e fez sucinto estudo de todos os ocupantes da cadeira 19. Fez também uma ligeira autobiografia onde exaltou sua terra natal, Feira de Santana. Demonstrou erudição, bom gosto e, apesar de sua oração ter durado uma hora, não cansou o auditório. Aloysio de Carvalho Filho, que recebeu o novo imortal, fez um discurso que é uma verdadeira obra-prima da literatura acadêmica.” (Pedro Muniz, *Grand Monde*, Jornal da Bahia, de Salvador, em 2 de dezembro de 1959).

15 – Luís Henrique Dias Tavares

“Na paz do almoço português, sob a macieira em flores, Carlos Eduardo da Rocha e eu, sentamos no pátio do antigo convento, hoje Pensão Inglesa, na Rua das Janelas Verdes. Ia normal a tarde de maio, um céu lavado e menos que azul. Via-se o Tejo, então cor de barro, navios, o contingente militar que embarcava, um trecho do cais do Alcântara machucado pelos que assistiam àqueles jovens partindo para a guerra. Falamos da Rua das Janelas Verdes, a curiosa e longa Janelas Verdes que está em “Os Maias”, de Eça de Queirós, e, por causa da rua, chegamos ao Museu de Arte Antiga, o grande e exemplar museu de Lisboa. Escutei Carlos Eduardo elogiar os quadros do estranho Jerome Bosch, o pintor das alucinações reais, e os da pintora Josefa de Óbidos. E, sem que sentíssemos, passamos a falar da Bahia e dos amigos distantes. Nós ambos ouvíamos a voz tranqüila do mestre Calasans e víamos Zitelmann assinando papéis e despachando processos na carteira sempre cheia de trabalhos, livros e problemas da Universidade.

Carlos Eduardo riu:

- Vou lhe contar uma do Godofredo - contou.

Era realmente ótima, e revelava a humanidade do poeta, a sua forma muito sua, e tinha a graça de emborcar sob a macieira florida a Rua da Ajuda e o velho Café das Meninas. Aos poucos acontecia uma transformação, a tarde ficava baiana, a Rua das Janelas Verdes estirava-se em Ladeira da Misericórdia, enchia-se em simples Rua das Campelas, abria a porta em que paravam poetas e artistas plásticos amigos de Zitelmann. Muito forte e bom, Godofredo Filho

nos tomava, vinha com o seu *Poema da rosa*, e tinha o riso de malícia e inteligência. Eu sabia um pedacinho de *Lamento da perda de Enone*:

“ Taça esgalga (negra rosa!)
taça esbelta onde anoitece o vinho que me delira...”

Carlos Eduardo sabia principalmente histórias do poeta, o seu complexo mundo de religiosidade e Bahia, o seu saber de coisas e pessoas, a sua sempre única maneira de dizer um poema ou um discurso. E pelos caminhos da admiração e da amizade, plantamos o poeta Godofredo Filho no pátio da York House.

As mulheres quiseram logo conhecer o motivo da alegria:

- Que é isso, gente? Conversa proibida?
- Não – dissemos. – Falamos do Godô.

Elas ficaram atentas. E o poeta sorria manso, com sua careca disfarçada, o bigode negro, a voz baixa, plantado como nova e robusta árvore, vivo e presente na tarde quase branca de Lisboa”.

(Luís Henrique Dias Tavares. *Andorinha de papel: com o poeta em Lisboa*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 9 de julho de 1966).

16 – Jerusa Pires Ferreira

“Em Godofredo Filho há uma depuração ou exaltação alquímica do macabro, a organização do desconcerto buscando um Caos salvador, uma liga, de que se conhecem e arrumam os elementos e em que se manipulam vocábulos raros como se poderia manipular o simbolismo das cores operacionais. *Canto Cruel* é o caminho cada vez mais intenso de um poeta que não chega a ser tragado pelo maldito, porque nos dá e retira ele próprio a possibilidade de entrever longínquos mundos, perdidas perfeições distantes, de se salvar ou nos salvar por um ‘cyclone de cristal, no vale misterioso que a música suspende’. É ainda na alquimia, que Godofredo Filho se mostra o grande preparador, o grande aliciador e codificador de mistérios, um dos mais injustiçados poetas brasileiros. É preciso conhecê-lo para avaliar a sua altitude transfiguradora, a sua grandeza de destruidor – construtor (princípio mecânico que rege a arte e a consciência de uma Modernidade).” (Jerusa Pires Ferreira. *A alquimia generativa do bruxo Godofredo Filho*. Revista ‘Ocidente’, v. LXXXI, Lisboa, 1971).

17 – Alceu Amoroso Lima

“Queria dizer-lhe - e aqui o faço nas poucas palavras que o tempo me permite (pois embarco daqui a 2 horas) – queria dizer-lhe, primeiramente, quanto me comoveu ter você se lembrando do meu nome para oferta tão admirável, incluindo-me no rol dos seus mais íntimos. Isso me tocou muito. Em seguida, pelo prazer autenticamente requintado que a leitura dos seus sonetos, dignos de Horácio e Gôngora, me proporcionou. Como o nosso Albano, dos tempos simbolistas, você se manteve fiel à sua mais pura inspiração clássica, não neo-clássica, nos campos do modernismo. Como um Guilherme de Almeida, ou como um Abgar Renault ou um Odylo Costa Filho. Você pertence à grey (pondo um ípsilon de propósito) que paira acima das controvérsias. E que escreve uma língua tão pura e tão alta, que nos transporta para lá do tempo e do lugar. Haverá maior poder para a Poesia? Rio, 18 de setembro de 1971.” (Alceu Amoroso Lima, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de maio de 1974, no suplemento literário em homenagem aos 70 anos de Godofredo Filho).

18 – Jorge Amado

“Fernando da Rocha Peres, poesia e memórias da Sé, comunica-me ao telefone:

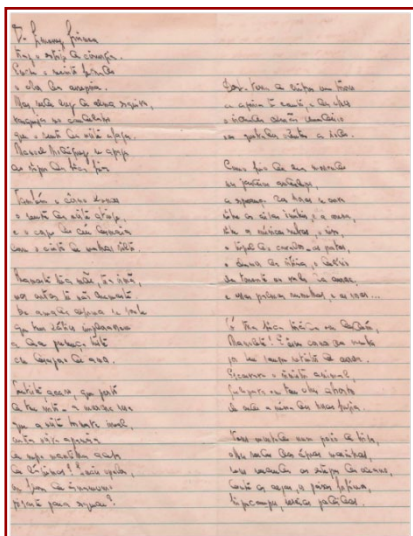
- Festa no país da cultura, seu Jorge, Mestre Godofredo Filho completará setenta anos na próxima semana.

Setenta anos? Godofredo Filho? Grande festa, sem dúvida para todos aqueles que amam a cultura, a beleza, mas restam dúvidas no ar, sinto-me envolvido por elas, uma atmosfera obscura, um tanto misteriosa, própria de poetas. Pois outro poeta, Odorico Tavares, familiar de Godofredo desde os idos de quarenta quando o citado Odorico desembarcou em nossa cidade vindo do Recife em busca de santos antigos e de arte moderna (e como trabalhou bem numa e noutra especialidade), afirma com convicção e conhecimento de causa terem sido comemorados há alguns anos, em ignota intimidade de carurus, vatapás, moquecas e vinho francês, os verdadeiros setenta anos de Godofredo Filho, poeta principal da Bahia. Festa íntima, mas que festa! Com quem a verdade, com qual dos poetas? Com Odorico, com Fernando? Decido esclarecer-me no meio do povo, pois, sendo um requintado do verso, um erudito de alfarrábios e vinhos, mestre Godô bebeu também na sabedoria popular, nas fontes mais puras onde beber se possa o sentimento vital da alegria. No olor do azeite e da pimenta, ouço o elogio do poeta de lábios populares e competentes:

Figura 32 - Jorge Amado e Godofredo Filho, 1966.



Figura 33- Fragmento do canto de amor e morte do toureiro Manolete, Córdoba, 1917 - Linares, 1947. Poema de Godofredo Filho em manuscrito autógrafo. Salvador, 1947. (Não encontrou referência)



Fotografia: Zeny Duarte. Data: Dezembro de 1995

- Setenta anos? Mentira dele, tem isso tudo o quê... Pouco mais que cinqüenta, sessenta talvez, é um moço de brio, língua de mel.

Do mel da poesia que é licor capitoso para nossa leve embriaguez quando provamos os sete sonetos do vinho do Porto, do Moscatel, do Jerez, do Madeira, do Tokaj, do Málaga, do Constança, quando entramos Galícia a dentro no falar mais doce, na lua mais terna. Ou nos becos da Cidade da Bahia, no mistério noturno de sombras morenas e na secreta fonte da vida de onde nascem a balada, a ode, o canto de amor, onde mais alto se eleva a poesia de Godofredo Filho. Mestre poeta sem idade, moço de brio, senhor da sabedoria dos livros e da sabedoria do povo, na cátedra, na intransigente defesa do patrimônio artístico, na mesa, deslumbrante natureza morta, no calor da amizade, nas obscuras encruzilhadas e no largo caminho da criação, Godofredo Filho enriquece-nos. Longa vida, mestre Godô, para que a poesia continue a desabrochar cada manhã na nova avenida de largas pistas, luzes inúmeras, e no mais distante e pobre beco de Salvador da Bahia.”

(Jorge Amado. Texto publicado no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de maio de 1974, no suplemento literário em homenagem aos 70 anos de Godofredo Filho).

19 – David Salles

“Ele dissera com ênfase e promessa na voz:

‘- Não se esqueça de ir a Santiago de Compostela. Vai guardar uma impressão bem profunda!’ Dias depois, tomei um avião da Panair, cuja lembrança, para uma geração inteira (e olhe que mal passaram dez anos), vale hoje talvez a mesma nostalgia dos ‘Ita’ mitológicos.

Era setembro, recordo bem. Quando cheguei a Madrid, os plátanos da pretensiosa Avenida del Arco de la Victoria começavam a amarelecer. Por meses, a frase de Godofredo Filho me acompanhou na descoberta alumbrada da Espanha. Queria buscar o que quer que fosse agressivamente espanhol, entendê-lo, fosse o despojamento ocre de Toledo, fosse a arquitetura visionária de Gaudí, fosse o olhar solitário, mas soberbo dos toureiros, a sensualidade da mulher ‘maja’, os campos brancos da Andaluzia, a atitude nobre de todos os ‘gitanos legítimos’ que se portam como quem são, segundo Lorca. Mas por que Santiago de Compostela? Era um pedido seletivo aquele do poeta. Com muita certeza sua exigência queria me regalar a estesia indizível por ele fruída, ou quiçá vivida, sim, vivida – quem duvidará da transfiguração do homem pela beleza, se ela tiver sido capaz de se metamorfosear em poema? E eu sabia, conhecia os ‘poemas galegos’ de Godofredo Filho. Santiago, por que Santiago? (...). Não fui a Santiago de Compostela.... De volta, deu-se rever a poesia de Godofredo Filho. Pude entender então o que ele quisera reservar-me. Para quem conhece a Espanha, veio a ser possível (pude crer depois) fazer, com a ajuda de sua poesia, uma viagem imaginária a Santiago. Primeiro, é preciso penetrar-lhe, decerto, sentir a textura do poema. Uma vez alcançado, porém, o âmago de sua sensibilidade e de sua expressão estética, o entendimento lúcido será espanhol, antes, será galego de Santiago. E então a viagem imaginária se completa. O despojamento pode ser igualmente andaluz ou toledano, mas a poesia do poeta Godofredo Filho, diversamente, é uma poesia plena de recolhimento e insistência na luta por compreender o mistério íntimo da vida (como a pedra silenciosa e molhada e negra que terá visto na rua noturna da cidade antiga. As paisagens do poeta são libertárias como as montanhas do caminho que nos avizinha de La Coruña; mas em vez dos gestos grandiloqüentes e hiperbólicos de um Castro Alves, o poeta parece preferir a quietude e a palavra repensada das litanias de um Alphonsus de Guimaraens. (...) O poeta Godofredo Filho ainda continuará (espalhem os ventos) segregando a ordem e a promessa do enigma estético de Santiago de Compostela, como fez a mim. Sobreviva ou não Santiago aos dias de nossa crise e nossa angústia por um tempo novo, tão intimamente futuros e apaziguados como a cidade amada; sobreviva ela ou não àquela outra crise que não é nossa (pois traz a crise poluidamente imprensada em si mesma, como se esquecidos sonâmbulos dos filmes de Antonioni ou do espanhol Antonio Berlanga) – ainda assim, saiba o poeta que chegou à tarde plácida dos 70 anos com faculdade de permitir (com seguríssima certeza) a renovada viagem imaginária à inteireza das pedras molhadas de Santiago de Compostela. Translúcida, ainda que desconhecida. Salvador, abril, 1974.” (David Salles, *Viagem imaginária a Santiago de Compostela*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de maio de 1974, no suplemento literário em homenagem aos 70 anos de Godofredo Filho).

20 – Hélio Pólvora

“(...) O poeta tem o cuidado de fechar os sonetos com um apelo à ressurreição. E isso, muito sintomático de sua poesia, nos põe outra vez - da mesma forma que em Gregório de Mattos - às portas do dilema da poesia barroca. Em Godofredo Filho a ambivalência está clara, vem de longe. Nos seus êxtases e amarguras, na sublimidade e na maldição de seus poemas. Godofredo Filho revive o ágil e alumbrado espírito renascentista, que se retorce em cristalizações barrocas. Ora mística, ora pecaminosamente capitolosa, sua poesia é feita de quedas e elevações, presa pela imagística ao sensualismo ibérico. Talvez o ponto mais alto da sua poesia esteja nos sonetos que dedicou ao vinho. O poeta chegou, certa feita, a escrever pequeno ensaio em defesa de seus apetites. Falou nos ‘prazeres da comida e do vinho, tão persistentes nas implicações da minha vida’. Mesmo diluída, a gula do poeta Godofredo Filho, que é o seu grande amor à vida, reaparece em *Solilóquio*, no instante afitivo de sua solidão. Não admira, pois, seu instinto de permanência. Quando menciona a ‘magra mão que, como na gravura / de Durero, nos leva à sepultura’, é para considerá-la ‘dura idéia’. Sob esse aspecto, o traço simbolista de sua poesia é anterior à escola dos que prezaram a hora derradeira e desejaram, quiçá, antecipá-la. É o simbolismo místico que define o Siglo de Oro, unindo vida, morte e ressurreição no mesmo mistério, a um só tempo prazeres, danação e recompensa da fragilidade. ‘Poeta principal da Bahia’, chamou-o Jorge Amado. Na sua dualidade, Godofredo Filho parece-me um prolongamento da musa de Gregório, o primeiro a estabelecer a ponte ibérica que assentou sua cabeceira na Bahia seiscentista. É, no seu fervor existencial, o poeta do inconsciente coletivo de sua cidade.” (Hélio Pólvora. *O “Solilóquio” de Godofredo Filho*, no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1974).

21 – Gilberto Freyre

“Godofredo Filho, que é um superbaiano do mesmo modo que Manoela é uma super-Manoela, acaba de entrar para o número dos brasileiros notáveis cuja idade cronológica atinge os setenta anos. Digo idade cronológica porque na realidade sua idade é outra: menos idade e mais vida. Cervantes, autor de uma frase memorável sobre o assunto, poderia ter escrito também esta: que até os oitenta e, em alguns casos até quase os cem, muito homem ainda é um jovem cheio de vida. Um jovem – o caso de Bertrand Russell, o de Pablo Casals, o de Picasso – por extensão de vida no tempo. Tempo que não flui de igual maneira para todos. Conheço há muitos anos o agora setentão Godofredo Filho. Sou seu velho amigo. Tenho sido seu constante admirador. Seu companheiro de geração. Seu discípulo nas artes da baianidade: palavra que aliás fui eu quem inventou, ao mesmo tempo que inventei pernambucanidade

Figura 34 - Gilberto Freyre e Godofredo Filho, no Alto do Bonfim, Salvador, em 15 de junho de 1954.



e mineiridade, não aceitando para mineiridade, o substituto que propõe, em livro, aliás, notável, o mineiro ilustre e também meu companheiro de geração e meu amigo, Pedro Nava: mineirice. Mineirice dá um tom demasiadamente faceiro ao que há de por vezes gravemente malicioso – humor mais do que espírito – na complexa palavra que é mineiridade. Quando digo artes da baianidade, penso menos na oratória, embora sinceramente admire a de Pedro Calmon, que na poesia sensual e mesmo erótica, à maneira da que escreveram Gregório de Matos e até certo ponto Castro Alves e escreve de modo esplendidamente moderno o próprio Godofredo. Menos na arte política - de que os baianos são mestres tão sutis e na qual Godofredo é um tanto fraco – do que na culinária: nesta o autor do recente e suave como música *Solilóquio* é supremo. Porque Godofredo junta ao bom gosto no seu conhecimento profundo da arte barroca de igrejas baianas – foi quase frade – o bom gosto em assuntos do paladar. (...). É quase um Villa-Lobos da culinária, tal o seu quase-gênio no preparo de quindins que, saídos de suas mãos, juntam ao que neles é gostosamente tradicional alguma coisa de saborosamente e ineditamente godofrediano. Gabo-me de que para mim – especialmente para mim – ele tenha preparado mais de uma vez algumas dessas delícias como me ufano do fato de que, mais de uma vez, no Rio, Villa-Lobos me levou para o seu apartamento e lá compôs improvisos maravilhosos, alguns dos quais fui o único no mundo a ouvir. Alguns dos quitutes preparados ou recriados por Godofredo Filho creio ter sido o único a saborear, pois ele os compôs para o amigo sem se servir ortodoxamente de receitas tradicionais: alterando o tradicional com a sua criatividade, no gênero, repita-se quase genial. Esta é uma das nossas afinidades desde que surgimos, ele e eu, nas letras brasileiras, como provincianos, fiéis à Província: ele, à sua, e um tanto minha, a gorda e doce Bahia; eu à minha magra e um tanto acre – embora com doçuras secretas - ‘pátria chica’, que é Pernambuco. Nossa afinidade principal está, desde aqueles velhos dias, em juntarmos ao nosso tradicionalismo e ao nosso regionalismo ou provincianismo, o nosso próprio modernismo. Nunca nos deixamos anexar, nem ele – autor de alguns poemas ousadamente modernistas – nem eu, com o meu *Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados* – ao ‘modernismo’ que outros provincianos do Nordeste e do Norte receberam enlatado do Rio – São Paulo e o adotaram passiva e enormemente. Há em Godofredo Filho um poeta admirável, cujo poder poético foi proclamado por Manuel Bandeira. E, além de um quituteiro mestre de sutilezas do paladar quase mágico, um homem a quem se devem notáveis defesas da arte tradicional das igrejas da Bahia.” (Gilberto Freyre. *Godofredo, o superbaiano*, no jornal Diário de Pernambuco, do Recife, em 14 de julho de 1974).

22 - Florisvaldo Mattos

“ *Soneto de Málaga*

A Godofredo Filho

Silêncio mouro, o Abralfaro espreita
as montanhas ao fundo recurvadas,
águas e plantações de luz chegadas
que os assírios deixaram sem colheita.
Mar, galope de azul sofrido, seita
de perdições e viagens malogradas,
que desafiando o fogo das estradas
a um céu navegador mais aproveita.

Rosnam remos, desnudam-se paisagens.

Ao tráfico de heranças e doçuras,
recobrando as antigas equipagens
do mito vigilante das lonjuras,
cobre-se em febre Málaga, tecida
mistura de onda, lâmpada e ferida.”

(Florisvaldo Mattos, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de maio de 1974 & Jornal do Commercio, do Recife, em 20 de julho de 1974).

23 – João Carlos Teixeira Gomes

“O grande ‘fabro’ cuidava de exercitar os seus poderes de bruxo. Em *Solilóquio*, porém, é o poeta que se manifesta em toda a sua transcendência humana. Os sonetos já não são apenas o exercício de sonantes habilidades verbais, nascidas de um impulso basicamente lúdico. O dom da palavra rara, habilmente escolhida e trabalhada, não desaparece. Mas ganha profundidade, tocado pelo sopro da angústia e da solidão provocadas pela ausência definitiva da mulher amada, dolorosamente transfigurada pela morte em ‘um vulto solitário que anoitece’. Ou, então, naquilo que é eterno, ‘que perdura. A esquiva e branda sombra / Tão menos que a figura. (...)’ Eis aí, sem sombra de dúvida, um raro poeta. Sua obra, cuja fidelidade à grandeza humana que exprime mais se acentua com o passar do tempo, está reclamando, em definitivo, uma edição globalizante, que a alce do restrito círculo de leitores que a desfrutam, em edições limitadas, para cumprir o destino que merece. Destino, enfim, muito maior do que as acanhadas fronteiras de uma província que, culturalmente, tem vivido mais de dúbias tradições do que do reconhecimento efetivo dos seus melhores e mais autênticos valores.” (João Carlos Teixeira Gomes. *Solilóquio ou a dignidade da dor*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 12 de janeiro de 1975).

24 – Cid Seixas Fraga Filho

“(...) o movimento modernista só chegou à Província vinte ou trinta anos depois. Na verdade, há um injusto exagero, porque, em 1925, ou seja: três anos depois da Semana de 22, um jovem poeta baiano, então desconhecido, publicava seus primeiros trabalhos no suplemento literário do jornal A Tarde, causando estranheza e tumulto. Era Godofredo Filho, o nosso velho bruxo alquímico... (...). Como já afirmou Eugênio Gomes, não se deve ignorar a presença do modernismo na Bahia. O que não tivemos foi um modernismo ortodoxo, mas não se podem negar as adesões às novas conquistas estéticas de um poeta atento aos novos rumos da arte e capaz de assumir, no calor da hora, a reflexão em torno de um movimento que ainda se processava. Mas uma culpa que consideramos grave para ele mesmo e para a poesia baiana excluiu Godofredo Filho do panteon dos poetas nacionais: a de privar o público do conhecimento do seu trabalho, uma vez que a livre circulação do *Samba verde* representaria a continuidade do estabelecimento do seu nome, que começava a se fazer com as entrevistas sobre a arte moderna e as primeiras leituras dos seus versos. A ausência do poeta dos meios literários do Sul e as pequenas edições (às vezes de 15, 50 ou 200 exemplares) que, cruelmente, impunha à sua obra, impediram a Bahia de ter hoje, no âmbito nacional, um poeta de inegáveis qualidades. Se Godofredo Filho se recusou o papel de Paulo de Tarso do modernismo na Bahia, não conseguiu, no entanto, com o pudor do seu recolhimento, fugir à condição de um pioneiro. E é a

isso que louvamos com entusiasmo, na esperança de demover o alquimista do silêncio, para que um dia, que não está longe, possamos apresentar ao público leitor uma amostragem da trajetória poética de GF.” (Cid Seixas Fraga Filho. *Godofredo Filho: 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia*, no jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 23 de maio de 1975).

25 – Thales de Azevedo

“Custa realmente acrescentar alguma coisa de original e de valioso ao vívido e encantador relato que acaba de nos dar esse grande feirense que é mestre Godofredo Filho, poeta consagrado, historiador da arte, declamador aliciante que traz a Feira de antanho à nossa presença na lembrança de ancestrais seus contemporâneos da memorável visita de suas Majestades Imperiais à Princesa do Sertão. Essas nossas notas são um modesto aditivo a tão saborosa peça literária e historiográfica.” Thales de Azevedo. *Feira de Sant’Ana, passado e presente*, Salvador, Centro de Estudos Baianos, n. 75, 1976).

26 – Edivaldo Boaventura

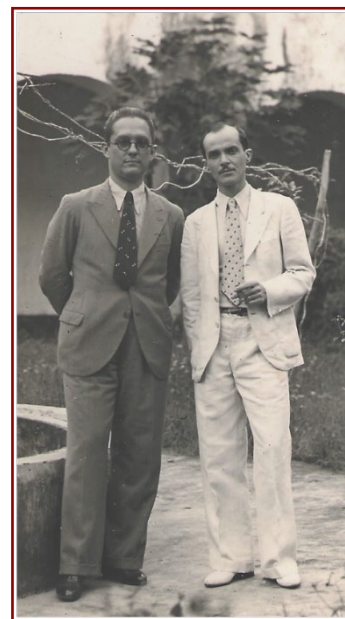
“Partimos em momentos diferentes da Feira para Salvador. Para a Bahia, como dizem no sertão. É interessante como velhas amigas de família são aquecidas depois pelos encontros que aproximam as afinidades. Nascidos na mesma cidade, em épocas diferentes, reencontramo-nos na capital. Só se nasce em um lugar, mas se renasce em muitos. Tantos quantos sejam os climas de adoção. A primeira vez que ouvi falar no nome de Godofredo Filho foi numa conversa com o meu tio Luiz Machado, irmão caçula de minha mãe. Declinavam-se os nomes das pessoas inteligentes e cultas da Feira, como Gastão Guimarães, Eurico Alves, Áureo Filho, João Mendes da Costa Filho. Tio Luiz destacou um que para ele era o maior e pronunciou solenemente seu nome, seu ofício e seu parentesco: o feirense mais inteligente é Godofredo Filho, poeta e neto do Coronel Manoel Eustáquio. Gravei o nome. A casa das filhas do Coronel Manoel Eustáquio era uma das mais queridas da minha mãe e de nós; ficava no final da Rua do Meio, bem próxima da Praça da Matriz, onde morávamos. Lembro-me bem da enorme sala de jantar e das atraentes compoteiras. Toda vez que lá íamos, D. Beatriz, especialmente, nos oferecia doces e mais doces. Quando visitamos os amigos para comunicar a mudança de endereço, foram as filhas do Coronel Manoel Eustáquio as últimas visitadas. De novo, toda a esmerada educação daquela gente a nos trazer até a porta com votos de felicidade para a nova morada. Todas as nossas visitas não coincidiram com a presença do neto famoso pela inteligência e que morava na Bahia. Mas guardei o nome e a relação de parentesco – Godofredo, poeta, neto do Coronel Manoel Eustáquio. Godofredo fora professor da Escola Normal de Feira, logo fundada. Não alcancei mais Godofredo em Feira, mas a sua presença sempre foi considerada e mais ainda lembrada. Com a vinda para os estudos na Bahia, passei cada vez mais a admirar a cidade, onde aos poucos ia renascendo e assim me integrando em sua vida e em sua história. A praia, o porto, as grandes casas e igrejas deslumbravam o pequeno tabaréu da Feira. E, assim, numa curiosidade impulsiva e inata, comecei a indagar da Cidade. Acompanhei de longe a restauração do Solar dos Sete Candeeiros. E um dia subimos, Paulo Ormindo David de Azevedo e eu, as escadas e fomos falar com o seu senhor. Dissemos do nosso interesse em saber da velha mansão, sua ocupação, etc. Apresentei-me como vindo da Feira, conhecedor das suas velhas tias. Godofredo, com educação, nos respondeu bem; reconheceu as relações de amizade, não somente pelo lado materno, mas também pelo paterno. Disse-me ter sido

colega do meu pai na escola primária, e mais, ele e meu pai tinham os melhores cavalos para as montarias e desfiles na Lavagem da Festa de Santana. Este foi o nosso primeiro encontro...” (Edivaldo Boaventura, *O aniversário do neto do Coronel Manoel Eustáquio*, no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 26 de abril de 1984. Texto publicado depois em BOAVENTURA, Edivaldo M. *O território da palavra*. Salvador: Ianamá, 2001.p.169.170)

27 – Carvalho Filho

“Godofredo Filho é da Feira de Santana e da pauta de abril. Da pauta, palavra constante e sintomática do bom escrever do poeta. E de abril, que é o mês do intermédio: vem da claridade resistente do verão e se projeta como ponte cautelosa sobre a bruma inicial do nosso outono de cigarras olegarianas e de nuvens leves; vem das cores vivas e dos contornos nítidos e nele, o abril indeciso, as aparências se adelgaçam e os perfis se esfumam; vem das distâncias claras, respeitadas, e se estende pelos campos ainda não obscurecidos pelos finais das tardes curtas; vem do real para enfrentar o ideal. Nesse esquema, a terra amada e matriz, com a sua magia ressoando em outras terras igualmente muito sentidas, e como átrio do sertão luminoso, e um mistério de abril, como tempo existencial da realidade imponderável, percebem-se os marcos extremos do ciclo da poesia de G.F., no que nela subsiste de válido e de pessoal em suas incursões pelo imanente e pelo transcendente. Os seus cuidados e as suas hesitações em resguardar do público interessado a totalidade das páginas da sua estima e da sua preferência parece foram vencidos e, espera-se, breve vamos tomar conhecimento de todo o território lírico do poeta, o que possibilitará a expressão de juízo definitivo sobre os seus ângulos e as suas extensões. Mas, da sua arte, o elemento conhecido autoriza a afirmação de que ela se estende dos horizontes de morros, de verdes e de azuis ao centro dos quais viu o mundo, à perseguição do mistério, em nível poético de nítida ascensão, desses só atingidos pelos espíritos que chegam conscientemente ao alto da montanha e aí permanecem jovens, vencendo o inesperado tentador dos dias e das noites. Dessa peregrinação, também pelos vinhedos kaianianos, de imagens sem segredos, mas de muitos perigos, o certo é que resultou obra cristalina, mesmo em sua tendência lógica para arejada noturnidade. Resultou enfim o poeta alto e puro da estima e da admiração da sua e da nossa terra.” Carvalho Filho, *Prosa moderna*, no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 26 de abril de 1984).

Figura 35 - Carvalho Filho e Godofredo Filho, no Convento do Carmo, Cachoeira – BA, 1938.



28 – Consuelo Pondé de Sena

“De referência ao Prof. Godofredo Filho, de quem fui aluna pouco mais tarde, tenho a declarar inicialmente que se trata de outra individualidade altamente representativa do nosso meio cultural, poeta de altos méritos e prosador incomparável. Assim, antes de tê-lo como professor, reconheci-o literariamente. Por essa mesma razão, ao vê-lo pela primeira vez em sala de aula, anunciando o seu programa de ensino, falando sobre a sua maneira de aferir o conhecimento do aluno, além de outras obrigações referentes aos discentes, pareceu-me não

estar diante do autor dos belos versos do *Auto da Graça e Glória da Bahia*, que eu havia escutado, deslumbrada, em 1949, no palco do auditório do Instituto Normal da Bahia, hoje Iceia, no Barbalho. Tendo, nesse caso, o conhecimento da poesia precedido o contacto com o professor de História da Arte, vale dizer o poeta, antes do mestre, confesso que preferi, naquele instante, ficar com o primeiro. De outra parte, jamais consegui enxergá-lo senão como um tipo especial, para ser mais precisa, algo excêntrico, de gosto e preferências exclusivas, embora hoje se me afigure menos singular do que outrora. Talvez, tal circunstância decorra da própria convivência que passamos a ter a partir do meu tempo de Faculdade e se prolonga até hoje, sem que jamais nos tivéssemos desentendido. Parece estranho, mas efetivamente consigo revivê-lo tal como se me apresentou no primeiro dia de aula. Personagem fascinante a discorrer sobre os esplendores do belo, acerca das noções de beleza e dos inúmeros conceitos a respeito da origem da arte. Expressando-se serenamente através do verbo torneado, verbalizava sutil nas indescritíveis delicadezas de sua rica e inconfundível fala. Por vezes, parecia apenas sussurrar, tão levemente pronunciava as palavras. Em outras ocasiões, a forte inflexão de sua voz ganhava matizes vigorosos – altissonantes. Sua palavra, revestida de múltiplas nuances, frequentemente emitia sons suavemente sonoros, conduzindo seus devaneios poéticos sob forma de reflexão em torno da estética. Assim, falava com emoção, do fundo d’alma, discorrendo nos semitons de sua escandida fala sobre as expressões do belo nas representações da natureza e da arte. Recordo-me, como se fora hoje, de suas primeiras lições, talvez mais precisamente, da aula inicial, quando discorreu sobre a etimologia da palavra estética. Lembro-me que aludiu ao termo *aisthesis*, vale dizer, à propriedade de percepção pelos sentidos, afirmando que *aisthesis* tem íntima conexão com o verbo grego *aisthanesthai*, que se pode traduzir por perceber pelos sentidos, compreender através da percepção.” (Consuelo Pondé de Sena, *Meu convívio com dois mestres das humanidades*, no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 26 de abril de 1984).

29 – Guido Guerra

“Para defini-lo, numa frase, com a palavra, Eugênio Gomes, um dos mestres da ensaística brasileira: ‘ - Godofredo Filho foi o precursor do Modernismo na Bahia, com bem-sucedidas experiências surrealistas. ’ Na verdade, a partir de 1923, estive no centro dos acontecimentos, testemunha e partícipe: hospedou-se com Manuel Bandeira, a quem deve a perda de preconceitos para entender Apollinaire. Também no Rio, contou com um cicereno ilustre: Mário de Andrade. Em São Paulo, ouviu conselhos de Graça Aranha, mas não os seguiu. Embora reservado, infenso mesmo à publicidade, concordou afinal, à véspera da publicação de sua antologia poética, em falar. E não apenas falar, mais ainda: abrir o coração. Revisitar-se. Descer novamente sua *Ladeira da Misericórdia*, onde moram as mulheres que revivem as noites brancas. Abrir a primeira página de seu *Poema da Feira de Sant’Ana*, editado 52 anos depois de escrito. Tornar à solidão do Seminário de Santa Teresa, entre livros e dúvidas: o pecado de Adão ou o de Lúcifer, qual a primeira escolha? E redescobrir-se na turbulência do Movimento de 22. Mas também tomar assento numa Academia de Letras, a da Bahia. E, assim, diante do gravador, percorrendo longo caminho, devolver-se. E doar-se.” (Guido Guerra, *Godofredo Filho: sem o travo dos frutos verdes*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 23 de novembro de 1986, numa entrevista especial).

30 – José Silveira

“Há oito anos, quando a Bahia festejava os 80 anos de vida de Godofredo Filho, longe estávamos de pensar que, logo depois, um golpe cruel sobre ele se abateria, imobilizando-o por todo esse tempo, num leito de sofrimento e morte. Repentinamente, ficamos privados da sua presença gentil e fidalga; da sua boca, naquele modo peculiar e *sui generis* de declamação, deixávamos de ouvir recitados seus próprios versos e os dos seus poetas preferidos. Jamais o riso malicioso, apenas esboçado, quando aos seus ouvidos chegavam ironias, irreverências ou anedotas mais picantes. Desaparecera, desde então, o brilho faiscante da sua inteligência e do seu bom humor. Minhas relações com ele vinham da nossa infância, em Feira de Santana, quando me tratava de Zequinha e o chamava de Godozinho. Defronte do prédio escolar onde fazia meu curso primário, numa casa exuberante que nos parecia verdadeiro palácio, morava o casal Godofredo Figueiredo. Ele, homem de negócios, dinâmico, desempenado e bem-posto, estimado e querido; ela, de família distinta, recatada e de grande beleza. Desse casamento, nascera Godofredo. Mimado ao extremo, o garoto, branco como um lírio, leve e delgado como uma flor, sempre acompanhado, chegava ao colégio onde estudava. Risonho e sereno, com seu olhar meigo e acariciante, (...). Mais adiantado no estudo, era recebido em sala à parte, pelo Prof. Gedeon, que lhe dedicava uma atenção toda especial. Não pertencia sequer ao grupo dos meninos ricos que, vestidos de batina vermelha, costumavam acompanhar as missas dominicais na igreja matriz. Ao lado dos seus pais, contritamente rezava. Motivo de espanto foi saber-se que, certa vez, numa farmácia da vizinhança, discutira religião com o Dr. Auto Reis, notável médico, declaradamente ateu, que se calara ante os argumentos bíblicos da criança. Daí, quem sabe?! Essa tendência mística dos seus escritos pela vida afora, podendo-se repetir para ele o que se disse de Renan, um eterno tonsurado... Deixei Feira de Santana e vim saber, logo após, que se inclinara pela carreira sacerdotal; como, aliás, esperava toda a gente. Não sei por que abandonara esse caminho, pois nunca deixara de ser um crente. Ano depois, viajando num dos vapores da Navegação Baiana, eis que o encontro em profunda leitura. Abraçamo-nos e veio logo minha pergunta natural:

- Onde está sua batina de seminarista?

- Deixei-a inteiramente de lado; não me adaptei aos cânones do catolicismo. Estou seguindo outro rumo. Minha grande revelação foi Frederico Nietzsche. Minha bíblia é esta, apresentando-me o clássico *Assim falava Zaratustra*.

- Mas - retruquei - que tem isso com o nosso Santo Amaro?

- Minha nova orientação. Volto à natureza, quero ser engenheiro agrônomo; estou matriculado na Escola Agrícola da Bahia, aí em São Bento das Lajes.

Perco-o novamente de vista. Soube que abandonara também a agricultura; seu desejo forte era ser um grande mestre.... Até que um dia, Eugênio Gomes, nas nossas intermináveis conversas, falou-me do aparecimento de um grande poeta, nascido em Feira de Santana, grande pioneiro do Modernismo na Bahia. Era o Godofredo. Logo se entenderam o feirense iluminado e o autor de Moema, obra-prima do meu amigo. Só se desentenderam quando Eugênio escreveu crítica mordaz sobre Manoel Bandeira, chamando-o poeta xexéu, nada original, simples imitador. Reconsideraram-se, depois, na mais franca e leal amizade. Com seus poemas sobre Feira de Santana e Ouro Preto, despertou o interesse e admiração dos intelectuais do Sul. Sobre sua obra, cada vez mais ampla e mais complexa, pronunciaram-se o próprio Manoel Bandeira, Agripino Grieco, Hermes Lima, Alceu Amoroso Lima, Pedro Nava, Carlos

Drummond de Andrade e muitos outros. Apedeuta da poesia, sem competência para julgá-lo, limitei-me a aplaudi-lo e admirá-lo, encantado na magia dos seus versos, pureza do seu estilo, formosura das suas imagens. Grande estudioso, levando muito a sério o que escrevia, seus trabalhos não se faziam de afogadilho; eram profundamente sentidos e meditados. Em linguagem escorreita e erudita, sabia transmitir os paradoxos e as contradições da sua vida de pensador arguto e severo. Tímido e exageradamente autocrítico, com recato e discrição, divulgava seus livros. Jamais os comercializou. Assim foi com os poemas da *Feira de Santana* e de *Ouro Preto*, *Poema da rosa*, *Sete sonetos do vinho* e *Solilóquio*. Edições todas limitadas, dedicadas aos amigos, hoje verdadeiras raridades. Curioso é que não se limitava esse gigante do pensamento e da cultura a sua admirável e fecunda inspiração poética. Nele, atuante e vigoroso, se encontrava o homem de luta e de ação. Como chefe do 2º Distrito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, salvou a Bahia do imenso prejuízo de ver anuladas e dilapidadas as suas maiores riquezas arquitetônicas, só não conseguindo impedir a desgraça da derrubada da Sé, vítima em nossa terra de um dos maiores crimes de lesa-cultura. Depoimentos valiosos dessas batalhas, em defesa da tradição e da história, estão seus estudos sobre *O Seminário de Belém de Cachoeira*, *A Torre do Castelo de Garcia D'Ávila* e tantos outros. Como professor devotado e mestre admirável na Universidade Federal da Bahia, ninguém o venceu em dedicação e saber. Na Academia de Letras da Bahia, estimado e respeitado, exemplo de autenticidade, dignidade, criterioso nos julgamentos, independência nas decisões, generoso e altivo: uma estrela de primeira grandeza. Esse o tesouro de inteligência, de sabedoria e patriotismo que a Bahia e o Brasil acabam de perder. Não mais a alegria da sua presença física, atenciosa e principesca, o comentário lógico e oportuno, a ironia suave das suas sentenças... Sua figura ímpar, a um tempo modesta e elegante, seu trato ameno e delicado, seu bigode cheio, acompanhado de amplas costeletas, sua calva à mostra, quando não coberta por leve e amarfanhado chapéu, tudo isso, apanhado pela nossa visão de amigo e companheiro, dentro da lei natural do mundo, poderá ser esquecido, apagado na voragem terrível da transitoriedade das nossas vidas. Não assim a grandeza da sua obra poética, literária, de extrema consistência e real encantamento. Nela se contêm, defendendo-a para sempre, as forças exponenciais do definitivo, o sentido imprecívvel da verdade, o cunho maravilhoso da beleza eterna.” (José Silveira. *Godofredo Filho*, no jornal *A Tarde*, de Salvador, em 30 de agosto de 1992).

A escrita biográfica de Godofredo Filho

Em todos os seus escritos, em todas as suas leituras de vida, Godofredo Filho apresenta-se como o seu próprio memorialista.

Guardou 657 diários, escritos no período de 1932 a 1987. Deles, 618 encontram-se datados e 39 sem registro de data. Lendo-os, pode-se verificar o teor biográfico, um misto de diário e autobiografia. Tudo é ficcionalizado, partindo do ponto em que a ficção, no fundo, é um traço da organização de seus dados pessoais e história de vida. Isso passa por várias etapas de interpretação do passado e do presente. Com a memória semântica, ele dá coerência aos elementos da memória episódica.

Com a produção de seus diários, ora custodiada no arquivo pessoal, durante um período de 55 anos, ele escreveu parte considerável dos episódios de sua vida. Confundindo-se com o que ele próprio classificou de *curriculum vitae*, de achegas e depoimentos biográficos, os diários

receberam várias denominações: meu diário, diário íntimo, fragmentos de um diário, notas para um diário, diário secreto, diário e memórias, memórias / diário.

Em 6 de abril de 1968, o jornal A Tarde transcreveu *Trechos de um diário íntimo* de Godofredo Filho:

“Aracaju 5-2-1942 (Quinta-feira)

Campo de Stº Amaro de Ipitanga. Da janela retangular do avião diviso, ao longe,

meus três amores. Um aceno, um adeus... Agora o grande pássaro Lockheed ganha altura e dispara pelo céu. A rota azul se distende, pontilhada de flocos enormes, dinossauros brancos, como que estranhos bichos da fauna polar. Logo, voejamos sobre uma pasta névea, o denso mar das nuvens. Estabilidade perfeita, a que ritma o ronco surdo dos motores. Mais alto! A alegria da luz, o domínio sidéreo, o alado caminho! Em baixo, no fundo do abismo, quando em quando, as manchas verdes se toldam de negrume ou se aclaram. Os rios, os pântanos brilham, esbranquiçados aqueles, em sinuosas perfeitas. No horizonte, a neblina cresce, alonga-se o esbatido da imprecisão de pequenos cerros ou de uma linha monótona de terra. Vencido o mistério do céu, trepidam as asas metálicas, fulgindo no incêndio solar. E o homem que, nesse minuto, se comove, tem as mãos apalpando um pequeno símbolo: - *Lumen coeli, Regina*. O pássaro de alumínio baixa do vôo prodigioso, da corrida celeste de cinqüenta minutos. Outras manchas brancas, de casario e de torres, ficaram além, mas esta, que emerge dos mangues, do dédalo das águas paradas, é Aracaju. Amanhã, verei São Cristóvão, a cidade que acende o meu sonho. Ah! São Cristóvão de Sergipe de El-Rei!

São Cristóvão (Sergipe), 21-1-1945 (Domingo)

Descanso total. Delicioso e farto almoço, com abundante e generoso vinho.

‘*Infinis bercements du loisir embaumé.*’

São Cristóvão (Sergipe), 23-1-1945

Persegue-me o desejo de uma felicidade indefinível, tanto mais imprecisa em seus contornos quanto presente no sofrimento que me transborda, agora, de coração fremente.

A tarde desce do pálido azul do céu e uma poeira luminosa, ‘que aumenta a solidão’, adeja sobre as árvores imóveis e solenes no mistério da hora. Silhuetas fortes, nítidos perfis de palmas, de torres, de sinos... A tarde é como um vinho que se sorve lentamente, na esperança de jamais acordar.

São Cristóvão (Sergipe), 15-4-1945 (Domingo)

Ontem, jantar abundante, variado, fabuloso nas cores, no gosto, no aroma incomparável. Jantar com os velhos vinhos de Portugal. Teria sorvido Curcúlio e essa moqueca de curimã, as grandes postas brancas em labaredas vivas de dendê, de tomates e pimentas vermelhas. Que incêndio! Que chamuscas alucinantes a requerem perenemente a canção friíssima dos gargalos... Ó Vinícola de Basto! Ó Celorico de Basto! Apaziguastes-me a língua de onde escorria, entre chiados, a canção dos glutões, o elogio da boca, do ventre, da impudicícia da fartura nos bródios. ”

Além dos diários, Godofredo Filho escrevia sua biografia nos poemas, em correspondências emitidas e em outras guardadas para ele próprio, em artigos publicados, nos textos técnicos, científicos e acadêmicos, em discursos, preleções e palestras proferidas e em comunicações livres.

Em ocasiões especiais, patenteia-se essa característica de escrita biográfica em Godofredo Filho.

Figura 36 - Trechos de um diário íntimo de Godofredo Filho, publicado em A Tarde, de Salvador, em 6 de abril de 1968.



Numa entrevista publicada no Diário de Notícias, de Salvador, em outubro de 1952, apresentou uma síntese biográfica de seus 48 anos de vida.

“Homem do primeiro quartel deste século, não pude fugir às suas inquietações, e, tanto mais, quanto, na infância passada na Feira de Santana, onde nasci, pude perceber, como contraste, um outro mundo que se acabava, otimista, crente nos benefícios do progresso material indefinido, e mal apercebido de que a máquina e a técnica iriam perturbar tragicamente o destino do homem sobre a terra, dando-lhe as asas do vôo suicida. Crise religiosa: formação meio eclesiástica, disciplina espiritual, a paz a princípio, a tormenta, a proximidade do abismo, a queda na vasa. Crise agnóstica: estudos aqui, ali, o turbilhão ignescente do mundo, os caminhos que dilaceram, as leituras ardentes que defloram a pureza do sonho, o desejo de tudo saber, de querer, pela razão, e somente por ela, transpor os precipícios do pensamento. Ancoragem na arte. Novas viagens, o exótico do mundo baudelairiano, o naufrágio na noite, e, em seguida, volta à fé dos primeiros anos, ao amor das coisas simples, ao desejo desmedido da expiação, ao reclamo da pureza que perdi e já não posso alcançar, ao veemente anseio de sacrifício pela felicidade do mundo. Atividades várias: comerciais, acidentalmente, de crítica literária, de poesia sempre, e outras, fugazes e acaso políticas, no melhor sentido. De tudo, restaram as mãos vazias e o Poema de Ouro Preto, editado no Rio, em 1932, por Augusto Frederico Schmidt. Confesso-me, sem temor, em espírito e verdade submetido à doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana. Raízes longínquas e o final encontro do entendimento (luz natural da razão) e da sensibilidade levaram-me a tais convicções, depois de uma crise aberta, na mocidade, ao exame de problemas gnosiológicos que um dia me afastaram pelas veredas equívocas do idealismo crítico da escola de Marburgo. Egresso de tal posição desencantada do espírito, já não me afastarei do realismo neotomista, cuja profundidade abissal só a percebe quem se dispõe a quebrar preconceitos e fórmulas inerentes a um cientificismo estéril que a alguns talvez contente como solução de precaríssima vitória sobre a angústia. Entretanto, vivo a tragédia de não poder servir o meu pensamento com devoção e o sacrifício de uma ação desenvolvida como a Igreja, hoje mais do que nunca, requer. A senda íngreme e sinuosa e o estrênuo combate para dominar as alturas são os que me tentam, ainda, com aquela força, *irascibilis*, a que se referia Eckhart. Mas, a humilhação de certos desânimos, ou de lamentável apego a contingências do mundo, tortura que a Deus ofereço como ato permanente de humildade, creio que só a violência da Graça me ajudará a superá-la. Momentos há, como este, em que, por fidelidade à idéia, torna-se preciso confessar culpas e insuficiências de ordem pessoal. Vale, porém, saber onde está o caminho que leva ao conhecimento da realidade, até aquela que virá *sine inquisitione* e quais os meios ao nosso alcance para viver, no Cristo, aquilo que Ele de nós exige.”

Em 22 de setembro de 1955, ao microfone da PRA-4, ao agradecer a homenagem recebida no programa *A Bahia te agradece*, disse, falando de si:

“Realmente, desde adolescente, desde menino, talvez que fui um amoroso das coisas belas do passado e do passado da Bahia sobretudo. Quando vim do interior para o internato claustral, antes de 1920, sofri o impacto da primeira e mais terrível sedução de minha vida, a que indelevelmente me marcou e persiste, condicionando-me as aspirações e o próprio destino a esse imperativo que é meu orgulho e tantas vezes tem sido meu tormento: a sedução da Bahia, de seus tesouros de arte, de suas ruas, de suas comidas, de suas rezas, de sua música noturna, de seu povo, enfim de sua ardente e sempre misteriosa beleza, só plenamente revelada aos iniciados em sua ternura. Foi essa extraordinária sedução que me prendeu em suas malhas, fazendo-me preferir a todas as aventuras do espírito e do coração, o humilde dever de me tornar aquilo que ainda hoje sou, sem a outra coisa mais aspirar, isto é, um conservador de museu, mas desse museu numeroso e vivo que é a nossa terra.”

Em 10 de novembro de 1959, escreveu carta a Aloysio de Carvalho Filho, como uma espécie de autobiografia. Nessa missiva, destaca, sublinhando, as obras e nomes que mais influenciaram a sua formação.

“(…) (1917-1921) - Considero fundamentais, no processo de minha formação, os anos passados no Seminário Arquiepiscopal de Santa Teresa. O lastro de humanidades (e de humanismo) que acresci mais

tarde, veio dali, dos excelentes mestres que tive, dos livros de que me cerquei e do longo tempo que havia para só cuidar de me instruir nas letras e de me aperfeiçoar nos caminhos do bem.

Mas se, durante o curso, as leituras eram edificantes e os colóquios com o céu freqüentes, em vindo as férias, a solidão cessava, e outros seres, outras coisas, outras vozes, outros livros se me revelavam. Li muito naqueles meses de ócio, que me pareciam intermináveis: li o que devia e o que não devia. E, no adolescente de saúde precária, inquieto, precocemente triste, idéias as mais contraditórias começaram a tecer seus luminosos fios sobre um fundo obscuro, sentimental e místico. Os Strauss, os Renans, os Tolstois, Maeterlinck, Lutero, a poesia de Álvares de Azevedo e de Junqueira Freire, o realismo suntuoso de Raul Pompéia e o de *La tentation de Saint-Antoine*, de Flaubert, abriram em meu espírito sulcos irreversíveis ou riscaram iluminações que em cinza fria tornaram tantos sonhos. E não somente sonhos: também crenças, inclusive aquela que me fizera, vencendo o meio agnóstico em que fora criado e a própria vontade de meus pais, de tentar uma carreira que sabia de renúncia extrema e sacrifício. Mais que o sorriso e as formas opulentas ou delgadas das mulheres que eu começava a reparar nos umbrais do mundo, as palavras de Renan e a evocação de Lutero, cuja vida de angústia tanto admirei através de leituras, exerceram sobre mim um fascínio de perdição. O espírito submergia na dúvida, antes que a carne estremecesse ao calor das primeiras paixões. Ainda hoje, orgulho-me em dizer que a minha primeira e maior crise foi de pensamento, antes que dos sentidos. Precedendo o pecado de Adão, o pecado de Lúcifer. Muitos anos decorridos, para confusão e castigo, iria me encontrar retratado de corpo inteiro no Estêvão Dédalus, de Joyce.

Não me salvaram, então, mestres ilustres muitas vezes consultados (entre eles o famoso jesuíta Pe. Luiz Gonzaga Cabral), nem os autores acessíveis a quem recorri, a apologetica de Cauly, a escolástica de Sinibaldi, nem mesmo Santo Agostinho, cujas *Confissões* foram meu livro de cabeceira.

E, sozinho, empreendi o regresso àquele país cujas cordilheiras azuis a se confundirem com o céu, eu entrevia com saudade e cada vez mais longe; voltaria, por haver trocado a fé pela razão. Porque, por mais estranho que parece num adolescente dos trópicos, foi a razão que me perdeu e afastou das veredas até então trilhadas.

(1922 – 1925) - Heresia. Ateísmo. Anarquismo à base de Stirner e Kropotkin. E duas outras influências, capitais na minha vida e na minha arte: Baudelaire (essencial) e Nietzsche. Também Verlaine e D'Annunzio. *Les fleurs du mal*, a obra inteira de Nietzsche, a sutil e enfermiosa música do *Pauvre Lelian*, o verbalismo de Stelio Effrena.

E novas concessões ao demônio; e outras, cada vez maiores, ao egoísmo, ao egotismo, ao personalismo, ao esteticismo. Brummel, *Des Esseintes*, Dorian Gray, Andrea Sperelli, Fradique, Jayme Colaço, Viriato Bastose, o Joaquim Nabuco da mocidade, foram os heróis imaginários ou reais que mais admirei naquele tempo, antes que a história me mostrasse, em todo o seu perverso encanto, César Borgia.

A doença e longas convalescenças propiciaram-me as mais variadas, difíceis ou sedutoras leituras. Confesso que nem sempre estive à altura do que me vinha pelos olhos: Kant e Hegel, por exemplo. Mas eu os li então, como li Descartes, Spinoza (a *Ethica* no original latino), Pascal, Schopenhauer; como li Platão (e o devo a Gastão Guimarães, que Deus tenha na Glória), Rimbaud (cuja obra Edgard Matta me emprestou em 1923), o Shakespeare inteiro, Balzac, Dostoievski, Camilo e Eça... Sim, Eça! Fui de uma geração que sofreu do *mal de Eça* e aprendeu a corrigir debicando, dando de ombros, sorrindo. Eça curava das truculências de Camilo. Mas não me condicionou à sua visão pessimista e superficial do mundo, ao seu amorismo de *deraciné*, àquele cinismo epicúrio e livresco, que me faria mais tarde detestar a obra de Anatole France.

De nossos escritores, Alencar e Aluísio de Azevedo entre os romancistas, Cruz e Sousa e Raimundo Correia entre os poetas, foram os preferidos. Mas um, sobre os mais, desde então amei: Alphonsus de Guimaraens. Nesse tempo, não conhecia Machado, nem admirava (e, hoje, o aprecio com grandes restrições) Ruy, a quem ouvi em discurso político e com quem conversei, na Feira de Sant' Ana, em 1919.

Vida boêmia à moda dos últimos românticos, com Carlos Chiacchio, Rafael Barbosa (o querido Rafael, a cuja fraternidade espiritual tanto devi), Roberto Correia, Filomeno Cruz, Presciliano Silva, Gonçalo de Vasconcellos, Castellar Sampaio, Hermann Lima...As noitadas começavam em frente ao Teatro Guarany (nossa roda era enorme) e terminavam quase sempre, com ou sem conseqüências, no finado Palace-Club. Vez por outra, aderiam à mesa outras figuras: o velho Cândia, o jovem Hermes Lima, Caio Pedreira; e poetas, e músicos de passagem: Hermes Fontes, Cleómenes de Campos, Dalmau...

(1926 – 1930) - Processo lento de reconstrução. Necessidade de ordem. Desejo de dominar o caos. Influências marcantes: Anísio Teixeira (quando miliciano laico de Loyola) e, através dele, ou por seu

conselho e exemplo, Barrès (toda a obra), Charles Maurras, Montherlant, Massis, Péguy, Bloy...A distância, fui um paladino extremado de *L'Action Française*. Quixotesco!

A contrapartida também houve, com incursões *au-delà*, no imoralismo e no pecado: Montaigne, Rousseau, Amiel, Stendhal, Gide, Hafiz e Kháyyám, dos quais a custo me libertei, pois os sentia como opiáceos. Revelação, tardia para mim, de Eugênio de Castro. Descoberta do fabuloso Pedro Kilkerry.

Adesão total ao modernismo, movimento literário e artístico de que participei desde 1923, como dos mais ardorosos e combativos vanguardistas, propagando-o, de primeira mão, na Bahia, ainda cidade-la de numerosos gramáticos e retóricos à moda lusitana. Sucessivas viagens ao sul do país. Amizade de Manuel Bandeira (de quem fui hóspede em Santa Teresa, na casa do Curvelo e de Mário de Andrade. A. F. Schmidt escreve em *O galo branco* que me conheceu pajeado no Rio por Mário de Andrade). Amizade de Graça Aranha, de Ronald de Carvalho, cuja casa da Rua Humaitá freqüentei nos seus melhores tempos, e de Alfonso Reyes, o insigne humanista de quem conservo correspondência epistolar desvanecedora. Fui, então, no delicioso Rio daqueles últimos anos da República Velha, companheiro constante de Augusto Frederico Schmidt (ainda pobre), de Ronald de Carvalho, de Cícero Dias, de Murilo Mendes, de Rodrigo Melo Franco de Andrade e, vez por outra, de José do Patrocínio Filho (o fabuloso Zeca), de Jayme Ovalle, de Felipe de Oliveira, de Eugênio Gomes e de tantos outros que já eram notáveis nas letras e nas artes, ou seriam mais tarde gloriosos.

(1931 – 1936) - Crise mística. Iminência de abandonar o mundo. Fuga prolongada e consciente para regiões próximas do ideal ascético. Aprofundamento nas obras de Kierkegaard, de Miguel de Molinos, de Sta. Teresa, de São João da Cruz. Retomada de Plotino. Conhecimento de Ruy Sbroeck. Integração na música e convívio da oração. Alceu Amoroso Lima me aproxima do Abade D. Tomaz Keller.

(1937 - ...) Volta à poesia pura. Influência tardia de Apollinaire, só comparável, em minha arte, à de Baudelaire e Manuel Bandeira. Vôo cego perseguindo galáxias imaginárias, talvez as do Quinteto de Pégaso. Tentativa, bem-sucedida, de pintura expressionista: ruas esconsas e mulheres longas, tocadas estas do cansaço das noites brancas.

Em filosofia, retrocesso ignóbil, isto é, defesa do idealismo crítico da escola de Marburgo: Cohen, Natorp.

E a salvação, por fim, entrevista na obra de Bergson e de Maritain, que me reconduziram a Santo Tomás de Aquino.

Viagem à Europa. Tive a impressão de que revi, mais do que vi pela primeira vez, as paisagens, as cidades, os monumentos que se me depararam. De êxtase, só diante de Toledo e, em Paris, d'*Os discípulos de Emaús*, de Rembrandt. E de certos vinhos que provei.

Mas, o que mais me fascina e perturba, hoje, sobre todas as coisas do mundo terreno e extraterreno, é a visão da Face do *Filho do Homem*, como no-la mostra o Santo Sudário de Turim, e que persiste no meu espírito e se abrasa no meu coração.

Do abismo de demissões voluntárias e de tantas faltas a que ainda estou jungido, é que, na plenitude da idade madura, levanto para Ele os olhos e me atrevo a repetir-lhe, com os lábios dantes afeitos ao travo dos frutos verdes e ao dulçor do vinho, aquelas palavras ardentes do Profeta-Rei: *Lavabis me, et super nivem dealbabor*. Por esta súplica, afinal, você conheceu um roteiro de inquietudes, as do pensamento filosófico e da arte de seu afilhado. E, somando daqui, descontando dali, induzindo, deduzindo, terá o homem com sua angústia.

O itinerário poderá parecer complexo, mas evitará, se o considerar bem, qualquer exegese de orientação meramente impressionista, das que, no caso, convirão menos..."

Na conferência pronunciada na Universidade de Feira de Santana, em 22 de novembro de 1975, integrando as comemorações do sesquicentenário de nascimento do Imperador D. Pedro II, publicada em 1976 pelo Centro de Estudos Baianos, da UFBA, reeditada em 2004 pelo Núcleo de Preservação da Memória Feirense da Fundação Senhor dos Passos, em Feira de Santana, com o título *Dimensão histórica da visita do Imperador a Feira de Santana*, n.1 da Coleção Vultos Feirenses; p.16-17, de maneira lúdica e memorialista, expressa o conhecimento de seus antepassados, ao tempo em que relata uma das importantes passagens históricas da Feira de Santana:

“Tendo ultrapassado o marco dos setenta anos de idade, cumpre-nos legar este depoimento que talvez só à Feira e à sua gente fundamentalmente interesse. São notícias que ouvimos, de viva voz, de nossas tias-avós e de uma tia-bisavó, respectivamente Carlota Freire de Lima, viúva do Cel. José Freire de Lima, que de 1890 a 1903, foi intendente e chefe político quase absoluto deste município, e Jesuína Carneiro da Silva, esta nascida em 1820 e falecida aos 104 anos, em dezembro de 1924; de Tarcila Adelaide de Cerqueira Rego Sampaio, viúva de nosso citado bisavô Tibúrcio Fraga Sampaio, nascida em 1838 e falecida aos 105 anos em 1943; de nosso já lembrado avô Manoel Eustáquio Rebello de Figueiredo, nascido em 1853 e falecido aos 92 anos, em 1945, que tais memórias recolheu do boticário Victorino José Fernandes Gouveia, um dos membros da Comissão de Recepção do Imperador; de nosso tio-avô materno Cícero Carneiro da Silva; e de nossos velhos e saudosos amigos, admiráveis conhecedores desta terra, Arnold Silva, Miguel Araújo e Possidônio Cabano.”

Na solenidade de entrega a Godofredo Filho da Medalha do Mérito Cultural Castro Alves, em 25 de julho de 1984, no Solar Ferrão, Pelourinho, Salvador, no ano de seu octogenário, honraria criada pela Lei Delegada nº 67, de 01 de junho de 1983, da Secretaria de Educação e Cultura, no seu discurso de agradecimento, disse: “A poesia é um privilégio de poucos, que inexplicavelmente a possuem, porque poesia não é só ser e expressar-se, mas expressar-se por ser e a razão de ser”.

Aos 82 anos de idade, em longa entrevista ao jornalista e escritor Guido Guerra, publicada no Jornal da Bahia, de Salvador, em 23 de novembro de 1986, declarou respondendo à pergunta:

Num homem tão denso de humanidade, de conflitos tão vários, como a poesia entra em sua vida?

“- A poesia, para nós, equivale a oração. Já o temos dito e escrito. É uma espécie de ascensão para Deus. E é Este, através da verdadeira poesia, que se nos revela. A poesia, como experiência mística, busca pressentir o espiritual no sensível, adivinhá-lo. O divino, que a inteligência racional nem sempre percebe, a poesia no-lo configura. A experiência poética vem a ser hoje uma experiência ontológica, conseguida pelo encontro fortuito e o domínio artesanal de uma forma que esplende autenticidade. Essa mensagem, que nos veio por exemplo e por nós como dádiva aos outros homens, é vitória sobre a angústia e o tempo linear. Para nós, a força modeladora da poesia está presente nas grandes transformações sociais de superestruturas ou de estruturas como preferimos dizer para fugir à moda, embora, lhe assinalemos, à poesia, uma categoria de fonte. (...) Desse ponto de vista, ela seria uma imagem da persuasão da inteligência sobre a necessidade potencialmente capaz de reagir contra o pseudodeterminismo do complexo socioeconômico que nos prende, ou fazendo flectir a linha de uma conceituação que a despojasse de prerrogativas antológicas.

O estudo da estilística e da história literária, com instrumentos de aferição mais precisos, capacitará a percepção de tais virtualidades. O problema do engajamento é outro que nos aperta a corda. A propósito, trazemos para o presente estas palavras nossas, escritas na mocidade: ‘poesia intencionalmente interessada é poesia morta’.”

A análise de itens documentais reveladores da biografia do titular fez-nos elaborar quadro sinóptico (1904-1992), contendo parte do ciclo de sua vida e obra que denominamos de cronologia biobibliográfica godofrediana.

Mesmo que tivéssemos a intenção, não poderíamos apresentar uma visão abrangente, pois, como se vê, trata-se de um homem plural, de um literato com dotes e trabalhos intelectuais multifacetados, um autor muito identificado com a sua terra e a sua gente. É, como disse o Prof. Luís Henrique Dias Tavares no jornal A Tarde, de Salvador, em 26 de abril de 1984, no caderno especialmente preparado para homenagear os 80 anos de Godofredo Filho:

“Muito poeta e muito pintor, esse intelectual de boa palavra, que escreve muito bem e diz com perfeição. (...) Pois, se esse Godofredo Filho é o do verso e dos pincéis, também é o da fé católica e o da boemia e mais

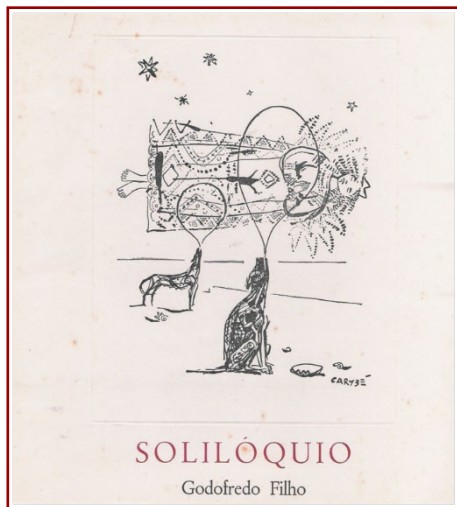
ainda (pelo que vadiou) o do amor. Ah! Esse homem do amor! Com o seu andar de marujo desembarcado, é personagem de histórias que correm becos e ruas...”

O quadro a seguir é apenas um corte da totalidade de dados acerca da vida e obra de Godofredo Filho. A pesquisa no catálogo informatizado, parte integrante deste trabalho, em CD-ROM, oferece maiores subsídios às investigações de estudiosos.

VIDA EM DATAS

Data	Ocorrência
1904	Em 26 de abril, nasceu na Feira de Santana - BA, filho de Godofredo Rebello de Figueiredo e Esther Magalhães Carneiro de Figueiredo.
1912	Aluno do curso primário em Feira de Santana, passando pelo Collegio Nossa Senhora de Lourdes (atual Colégio das Sacramentinas) e Collegio Coração de Jesus, Internato e Externato (já extinto).
1916	Aos doze anos, escreveu e proferiu seu primeiro discurso na <i>Festa das árvores</i> . O jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, em 20 de maio, na primeira página, noticiou: “(...) Alumnos de todas as escolas pronunciaram discurso e recitaram poesias, monólogos e trechos adequados, salientando-se o inteligente menino Godofredo de Figueiredo, da escola complementar, na sua bonita allocução...” Foi o primeiro sinal em público de uma de suas tendências: a de orador.
1917	Ingressou no Seminário Arquiepiscopal de Santa Thereza, saindo em 1921.
1920	Em 13 de dezembro, faleceu sua mãe, Esther Magalhães Carneiro de Figueiredo, em consequência de complicações no parto de seu irmão, Homero Rebello de Figueiredo. Nas primeiras décadas, manteve correspondência continuada com Anísio Teixeira.
1921	Escreveu os poemas, <i>Minha mãe</i> e <i>Olhos verdes</i> . Desde então seus manuscritos autógrafos se multiplicaram.
1922	Pioneiro do modernismo na Bahia. Foi citado por grandes críticos literários do país, entre os melhores escritores brasileiros de sua geração. Em 9 de outubro, obteve certidão de exame nas matérias do Gymnásio da Bahia para inscrição no exame vestibular.
1923	Em São Bento das Lajes, povoado do município de Mairi, demonstrou interesse nos estudos da Escola Agrícola da Bahia. Lá escreveu os poemas <i>Rumor</i> e <i>Doidada</i> , incluídos na coletânea <i>Luz submersa</i> (1923-1932), parte do livro <i>Irmã Poesia</i> (1986). Organizou os primeiros esboços de publicações. Retomou o poema <i>Gostosura</i> , em três versões, para fazer parte da plaqueta <i>Giramundo</i> , (1923-1924), com os seguintes poemas: <i>Toada do rei</i> , <i>Munganga</i> , <i>Papagaio-louro</i> , <i>Cantiga</i> , <i>Noite em Copacabana</i> .
1924	Em dezembro, escreveu os sonetos de <i>Solilóquio</i> , publicando-o em 1974.
1925	Carlos Chiacchio publicou <i>Poesia nova</i> , no jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de janeiro, apresentando depoimento sobre a poesia de Godofredo Filho e aclamando-o como “a maior expressão da poesia nova”. Incluiu os poemas <i>Ironia</i> , <i>Melancolia do arrabalde</i> , <i>Onde o silêncio dorme</i> , <i>Esta saudade do adolescente lírico</i> , <i>Poça d'água</i> .

Figura 37 - Capa do livro de Godofredo Filho, *Solilóquio*, publicado em 1974, no seu setuagésimo aniversário.



n.4, *Fiau*, *Exaltação*.

- 1926 Elogiado pela crítica brasileira, com depoimentos de Agripino Grieco, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Freyre, Augusto Frederico Schmidt, Mauro Mota, Afrânio Coutinho e de muitos outros.

Em 16 de março, recebeu uma das muitas menções honrosas, um cartão com autógrafos de personagens marcantes do cenário artístico e cultural da Bahia, no dia do *Recital de canto de despedida* da soprano lírico brasileira Lucina Soeiro, realizado no salão nobre da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia, em Salvador.

Em março, escreveu, em Salvador, o *Poema da Feira de Sant'Ana*, publicado em 1977, dedicando-o a sua mãe, morta seis anos antes, a seu pai e a todos que levam nas veias o seu sangue.

- 1927 Em janeiro, foi acolhido por Manuel Bandeira. Após esse encontro, o poeta pernambucano logo escreveria em *O Jornal*: “Godofredo Filho é um admirável poeta. Tem 23 anos e nunca saiu da Bahia.”

Os jornais passam a publicar artigos que falam da participação de Godofredo Filho no modernismo, com poemas de sua autoria e depoimentos sobre ele.

Publicou o poema *Enthusiasmo*, na *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, v.1, n.9, 15 de janeiro, ao lado de outros escritores brasileiros. Passou a ser conhecido como representante do cenário cultural da Bahia e a manter-se ativo na troca de informações com intelectuais.

Recebeu a primeira obra publicada por Manuel Bandeira, com autógrafo do autor, *Poesias*, lançada na *Revista de Língua Portuguesa*.

O *Jornal*, do Rio de Janeiro, em 29 de maio, publicou *O Movimento moderno na Bahia: uma hora com o poeta Godofredo Filho*, destacando os seguintes representantes do Modernismo: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Godofredo Filho, incluindo passagens da biografia / memória do vate baiano.

Em 19 de janeiro, o jornal *Diário da Bahia* publicou a reportagem *Arte e sensibilidade: a propósito dos versos de Godofredo Filho*.

Com um cartão-postal, enviado por Anísio Teixeira, do *Norddeutscher Lloyd*, Bremen, Madeira, Taucher, iniciou o processo de armazenamento e classificação de suas correspondências, como *Correspondências de escritores e intelectuais*.

Até 1936, prestou serviços técnicos como escrivão, segundo oficial da Seção de Ensino Primário da Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia, órgão do Ministério da Educação e Saúde Pública.

Escreveu *Samba verde*, nele incluindo os poemas: *Zabumba*, *Cambonblé*, *Caaporas*, *Brasil*, *Aparição*, *Sinfonia*, *Galopada*, *Verão*, *Carnaval*, *Meio-dia*, *Paisagem*

Em junho, Manuel Bandeira convocou alguns de seus amigos íntimos para que ouvissem o *Poema da Feira de Sant'Ana* dito por seu autor, a quem então hospedava no Rio, em sua casa em Santa Teresa, na Rua do Curvelo, 53. Encontravam-se presentes o músico Jayme Ovalle, os escritores Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto (Pedro Dantas), ainda então primorosamente atuante, Antônio Bento e Dante Milano. Com a fama que seguiu “são os do Norte que vêm”, o poeta viu-se tenazmente requestado, logrando ser admirado por Graça Aranha, no Hotel dos Estrangeiros e com louvores os mais cálidos pelo poeta Ronald de Carvalho, em recepção oferecida ao jovem baiano na sua bela casa da Rua Humaitá, presentes o ensaísta Renato Almeida e o embaixador Teixeira Soares.

Intensifica-se seu relacionamento com integrantes do modernismo, inicialmente com Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

1928 Professor comissionado de História do Brasil e História Universal na Escola Normal de Feira de Santana.

Editorou *Samba verde*, coletânea de poemas modernistas, como o onomatopaico *Fiau e Carnaval*, para Pongetti Editor, Rio de Janeiro, edição recolhida pelo próprio autor, não permitindo viesse a lume, embora Manuel Bandeira e Ronald de Carvalho, por documentos escritos, lhe louvassem a forma e auspiciassem o êxito do esplêndido “verde-amarelismo” dessa edição. Considerou que esse livro não mais representava a diretiva de sua produção estética.

Em 17 de agosto, casou-se no civil com a primeira mulher, Amandina Carvalho de Figueiredo, natural de Alagoinhas - BA.

1929 Publicou *O meu amigo Zeca*, no jornal Folha da Feira, de Feira de Santana, em 22 de setembro, falando de um amigo chamado Zeca, com recordações e memória de convívio, retratando seu caráter, elogiando-o, rememorando sua visita à Bahia, o último encontro que tiveram em 1927 e como recebeu a notícia de seu falecimento.

1931 Passou a se corresponder com Carlos Drummond de Andrade e Emílio Moura, este, redator de A Revista, primeiro órgão modernista em Minas Gerais.

Em 08 de abril, publicou *Catolicismo e arte* no Suplemento do Diário de Notícias, Salvador.

Em 09 de outubro, num artigo intitulado *A Bahia intelectual*, o jornal O Imparcial, de Salvador, publicou entrevista com Godofredo Filho.

Figura 38 - Capa da Revista do Brasil, do Rio de Janeiro, v.1, n.9, janeiro de 1927, apresentando produção literária de escritores brasileiros, incluindo *Enthusiasmo*, poema de Godofredo Filho.



- O jornal O Globo, do Rio de Janeiro, em 30 de novembro, publicou no caderno dedicado às letras, entrevista com Godofredo Filho, *Como a Bahia se apresenta: uma entrevista espirituosa*.
- Em 16 de dezembro, publicou *Ouro Preto*, no jornal O Globo, Rio de Janeiro, 16 de dezembro, composição poética vanguardista.
- 1932 Passou a escrever seus diários íntimos, prosseguindo até 1987.
- Seu contato com Gustavo Capanema, Augusto Frederico Schmidt e Oscar Mendes foi decisivo quanto ao fortalecimento de seu ingresso no espaço mais amplo das relações nacionais e internacionais. Tinha intenção de ser representante de instituição cultural no Sul do Brasil ou noutro país. Pretendeu ser incorporado na representação consular.
- Carlos Chiacchio publicou *Homens & obras; dois poetas modernistas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 02 de fevereiro, apresentando breve biografia de Godofredo Filho.
- Augusto Frederico Schmidt publicou *Ouro Preto Godofredo Filho*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 02 de fevereiro, comentando a produção literária de Godofredo Filho e sua participação no Modernismo.
- Publicou *Poema de Ouro Preto*, no Rio de Janeiro, pela Editora Schmidt. Poema escrito e datado em Ouro Preto, aos 19 de maio de 1928, contendo versões com títulos de *Poesia de Ouro Preto* e *Ouro Preto*. Para alguns críticos, esse poema é o “marco do modernismo na Bahia”. Produção no mesmo ano em que se lançou a revista *Arco e flexa* (sic), periódico representativo desse movimento que se firmava na Bahia e do qual Godofredo Filho foi colaborador.
- Oscar Mendes publicou *Chronica literária; vozes de desespero e de melancolia*, no jornal Estado de Minas, de Belo Horizonte, em 27 de agosto, apresentando breve biografia de Godofredo Filho.
- Em 04 de dezembro, realizou-se a formatura de sua segunda mulher, Carmem de Almeida Dias, filha de Alvino Alves Dias e Alcina Almeida Dias, pela Escola Normal de Feira de Santana, na Igreja Matriz dessa cidade, obtendo o grau de professora.
- 1933 Em 20 de janeiro, Renato Almeida escreveu a Godofredo Filho, do Rio de Janeiro, enviando notícias, artigos de jornais, com resposta quanto à possibilidade de ele ser representante consular no exterior.
- 1934 Agrippino Grieco publicou *Escritores e artistas baianos*, em O Jornal, do Rio de Janeiro, em 18 de novembro, falando da participação decisiva de Godofredo Filho na literatura brasileira.
- 1936 Antes mesmo de ser oficializada a sua nomeação como delegado regional do 2º Distrito do Sphan (Bahia e Sergipe), do Ministério da Educação e Saúde, atual Iphan, Godofredo Filho passou a realizar assinalados serviços na região. Desde a fundação dessa instituição, integrou a equipe de especialistas em arte, restauração, história, arquitetura e engenharia, que, sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, procedeu aos estudos de tombamento de acervos históricos, artísticos e culturais do país.
- Realizou as primeiras pesquisas acerca do patrimônio cultural da Bahia, escrevendo sobre os seguintes monumentos: *Santuário do Monte Serrat; Catedral Basílica do Salvador; Capela de Santo Antônio da Mouraria; Capela de S. Miguel*.

Em maio, Alceu Amoroso Lima, no Rio de Janeiro, apresentou Godofredo Filho a Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, propondo a ida do escritor-poeta para iniciar atividades profissionais no Sul do Brasil.

Em 9 de junho, o Ministro de Estado da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema, devidamente autorizado, em despacho exarado no processo de n. 9.355, tendo observado as disposições do Decreto 871, de 1º de junho, contratou Godofredo Filho para exercer as funções de assistente técnico de terceira classe do Sphan. A partir de então, dedicou-se à preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural da Bahia e Sergipe.

Em 20 de junho, escreveu *Notas sobre a casa portuguesa*, publicando-as como *Introdução ao estudo da casa baiana*, em 1959.

Em 27 de junho, o Diário Oficial do Estado da Bahia publicou o decreto do Ministério da Educação e Saúde, colocando Godofredo Filho à disposição desse Ministério, sem direito a percepção de vencimentos pelo Tesouro do Estado durante um ano, para o cargo de 2º Oficial da Diretoria do Interior e Justiça.

Em 14 de novembro, desquitou-se da primeira mulher, que voltou a chamar-se Amandina Ferreira de Carvalho.

Com a concretização de projetos na área da preservação do patrimônio artístico e cultural, estreitou laços de amizade com Rodrigo Melo Franco de Andrade, organizador e diretor do Sphan, desde sua fundação em caráter provisório, convidado pelo Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema (1934-45), por indicação de Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Esse serviço de defesa e conservação dos bens culturais do país foi consubstanciado no Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, ora vigente.

1937 Lançou o texto *Seminário de Belém de Cachoeira* na Revista do Sphan, Rio de Janeiro.

Em 13 de setembro, nasceu seu primeiro filho, na cidade de Cachoeira - BA, registrado no cartório civil com o nome de Godofredo Rebello de Figueiredo Neto.

1938 Em 11 de dezembro, nasceu seu segundo filho, na cidade de Cachoeira - BA, registrado no cartório civil com o nome de Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo.

1939 Publicou na Revista do Sphan, Rio de Janeiro, *A Torre e o Castelo de Garcia D'Ávila*, artigo de grande relevância para os estudiosos do patrimônio e história da formação da Bahia.

Nos termos do Decreto de 31 de janeiro, o Governador do Estado determinou que Godofredo Filho, funcionário da Secretaria do Interior e Justiça, posto à disposição do Ministério da Educação e Saúde, continuasse a serviço do governo federal, enquanto fosse necessária a sua colaboração no Sphan, sem direito à percepção de vencimentos pelos cofres estaduais.

1940 Em 12 de maio, *A Voz*, de Lisboa - Portugal, noticiou o preparo dos livros de Godofredo Filho *O canto cruel* e *História da arquitetura portuguesa no Brasil*.

Em 10 de junho, como representante da Inspeção do Museu e Monumentos do Sphan, apresentou conferência quando da inauguração da sala do Museu do Estado, em homenagem a João da Silva Campos, posteriormente publicada no *Imparcial*, Salvador.

1941 Membro do Centro de Estudos Baianos.

Membro do Instituto Genealógico Brasileiro.

Em 24 de maio, nasceu Carmozinda Almeida Lomes Figueiredo, sua terceira e última mulher.

Em 13 de junho, a Universidade da Bahia constituiu a Faculdade de Filosofia, por meio de decretos do Governo do Estado n.44.984, de 03 de setembro e n. 44.931, de 10 de julho, com estatutos inscritos em 18 de junho.

O jornal Cidade do Salvador, no dia 15 de agosto, publicou “Não poderia ter sido vendido o altar da igreja da Sé! Uma lei estadual impede a negociação. Cabem as providências à Inspetoria dos Monumentos. Muitas relíquias já não mais encontrou o Serviço do Patrimônio Histórico – fala-nos o Sr. Godofredo Filho.”

O Jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 28 de agosto, em Atos – nomeados, promovidos e exonerados, publicou: “O Interventor Federal assinou decreto promovendo, por antiguidade, a escriturário de primeira classe da Penitenciária do Estado o Sr. Godofredo Rebello de Figueiredo Filho, escriturário de segunda classe da Diretoria do Interior e Justiça”.

Em 27 de novembro, Isaías Alves, então diretor da Faculdade e Filosofia, convidou Godofredo Filho para ocupar a cadeira de História da Arte Brasileira.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 16 de dezembro, publicou depoimento de Godofredo Filho, nestes termos: “É a própria constituição que protege a conservação do bairro da Sé: acha o Delegado do Serviço do Patrimônio que só deverá pensar em reformas depois de haver um plano diretor.”

- 1942 Sérgio Correa da Costa publicou na revista Vamos Ler!, n.296, de 02 de abril, depoimento sobre Godofredo Filho, dizendo: “Seus artigos de crítica revelam personalidade das mais agudas e uma cultura bem sedimentada”.

Em 27 de junho, Godofredo Filho fez um pronunciamento, no Clube Fantoches da Euterpe, em homenagem a Jorge Calmon, pela posse como diretor da Biblioteca Pública do Estado.

Em 20 de julho, Isaías Alves divulgou convite para a conferência de Godofredo Filho sobre o tema *Fundamentos da estética psicológica*, promovida pela Faculdade de Filosofia.

O jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 29 de julho, noticiou *A conferência, ontem, do escritor Godofredo Filho, na Faculdade de Filosofia da Bahia*.

Em 15 de dezembro, recebeu o título de professor catedrático de História da Arte Brasileira na Faculdade de Filosofia.

- 1943 Nos jornais A Tarde e Estado da Bahia, de Salvador, em 17 de agosto, foi anunciada a assinatura de um contrato entre a Prefeitura e escritores baianos para a produção do

Figura 39 - Professores fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia, incluindo Godofredo Filho. Salvador, 29 de novembro de 1941.



livro *Evolução histórica da cidade do Salvador*, onde caberia aos escritores a elaboração de capítulos, ficando para Godofredo Filho a escrita do texto *Fundação, construção, desenvolvimento e transformações da cidade do Salvador*.

A década de 40 foi decisiva na vida profissional de Godofredo Filho. Seu nome é cogitado para ingresso na Academia de Letras da Bahia. Alguns de seus companheiros lançaram a inscrição de seu nome, em carta manuscrita datada de 26 de outubro, quando se previa sua entrada junto com Aloysio de Carvalho Filho.

1944 Cláudio Tuiuti Tavares, no jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 14 de março, publicou a reportagem *Os bangalôs floridos da Graça não vencerão os sobradões do Pelourinho*, com depoimento de Godofredo Filho sobre a luminosidade da glória barroca da Bahia, os imóveis tombados e a necessidade de legislação específica para proteger outros monumentos de valor histórico e artístico.

1945 Em 08 de setembro, ocorreu o casamento de sua irmã Clarice de Figueiredo com Alfredo Dantas Meyer.

1946 Por ato do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. José Linhares, assinado em 24 de janeiro, publicado no Diário Oficial de 26 seguinte, Godofredo Filho foi nomeado para exercer o cargo, em comissão, padrão N, de Chefe do 2º Distrito da Dphan, do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde. Tomou posse e assumiu o exercício em 19 de fevereiro.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 13 de agosto, publicou o artigo *A conservação do patrimônio histórico baiano: as obras realizadas pelo serviço federal responsável a propósito do 4º centenário da cidade – declarações do Sr. Godofredo Filho*.

1947 Publicou *Poesia e barroquismo*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 30 de novembro, analisando o livro *Face oculta*, de Aloysio de Carvalho Filho, apontando para características ligadas à emoção, ao pensamento e à força da palavra, acentuando o conteúdo da poesia, comparando o autor a um escultor e exaltando a característica barroca de sua obra.

1948 Em setembro, foi nomeado para ministrar a disciplina Arquitetura no Brasil, no Curso de Arquitetura da Escola de Belas-Artes da Universidade da Bahia.

Escreveu o poema *Ladeira da Misericórdia*, dedicando-o “a todos os que, por misericórdia de Deus, viveram no amor e no tormento desta ladeira”, publicando-o em 1976.

Publicou *Saudação a Murilo Mendes*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 31 de outubro.

1949 Publicou *O estranho mundo de um pintor*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 6 de março, focalizando o artista plástico Carlos Bastos, sua capacidade profissional e temáticas por ele representadas.

Figura 40 - Clarice Figueiredo, irmã de Godofredo Filho. Salvador, setembro de 1931.



Publicou o poema *Tu solus* no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 02 de julho.

O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 07 de julho, noticiou *Teatro auto da graça e da glória da Bahia*, texto de Godofredo Filho encenado, como uma de suas obras mais brilhantes. Sobre essa produção teatral, o jornal A Tarde, de Salvador, em 27 de julho, noticiou *No teatro os 4 séculos de história: o que será o auto da graça e glória da Bahia (inaugurada uma exposição na Rua Chile)*. O Diário de Notícias, de Salvador, em 23 de outubro, publicou *Auto da graça e glória da Bahia*, falando dessa peça, com depoimento de Chianca de Garcia. Em 03 de novembro, esse espetáculo foi encenado no teatro do Instituto Normal, por ocasião das comemorações dos 400 anos de fundação da Cidade do Salvador. O prefeito, na altura, era o historiador José Wanderley de Araújo Pinho. No dia seguinte, o jornal A Tarde, de Salvador, declarou: “Foi uma deslumbrante apoteose: *Auto de graça e glória da Bahia*, de Godofredo Filho, aplaudida em triunfo”. Nesse mesmo jornal, Maurício Augusto, em 12 de novembro, escreveu *Êxito apoteótico que repercute pelo Brasil inteiro*.

Em outubro, participou como membro do júri e expositor do I Salão Baiano de Belas-Artes. Expôs suas obras de pintura: *Dama de verde; Retrato de alma; Meu jardim*.

Publicou *Ternura de Pedro Sem*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 02 de outubro, apresentando crônica com temática sobre a figura feminina.

O Diário de Notícias, de Salvador, em 11 de dezembro, dá conta do estilo de Godofredo Filho como pintor, informando que este começou a desenhar aos 40 anos, pintando, de preferência, mulheres imaginárias.

Publicou o poema *Oração de Natal*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 24 de dezembro.

1950 Sócio-fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia - Secção Bahia.

Como professor da Escola de Belas-Artes da Universidade da Bahia, proferiu aula inaugural, sob o tema *Modernos conceitos de cultura*, na solenidade de abertura dos cursos. O jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 16 de março, divulgou o texto apresentado nessa aula magna.

O jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, em 29 de abril, na coluna *Vida feirense*, em *flashback*, escreveu o seguinte: “Maio – 29 – 1940. O poeta Godofredo Filho, ilustre feirense, ex-professor da Escola Normal desta cidade e assistente técnico da 5ª Região do Sphan, está empenhado em obter apontamentos sobre a capela de N. Srª dos Remédios, no sentido de colocá-la sob a proteção do mesmo Serviço...”

Publicou *Retrato da pintora*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 24 de setembro, destacando a artista plástica Maria Célia e sua capacidade criativa no cenário das artes da Bahia.

Notícia no jornal A Tarde, de Salvador, em 31 de outubro, falou da participação de Godofredo Filho, como expositor, na seção pintura moderna do II

Figura 41 - Retrato da pintora. Artigo de Godofredo Filho publicado no Diário de Notícias, de Salvador, em 24 de outubro de 1950, apresentando depoimento sobre a artista plástica Maria Célia.



Salão Baiano de Belas-Artes. No catálogo, datado de 01 de novembro, há o nome do quadro de Godofredo que participou da exposição: *Pelourinho Bahia*.

- 1951 Escreveu o prefácio do livro de Silvanisio Pinheiro *Azulejos do Convento de São Francisco da Bahia*, publicado pela Livraria Tursita, Salvador. Nesse texto abordou estudo sobre a azulejaria em geral e, em particular, do Convento de São Francisco da Bahia.

Publicou *Catolicismo e arte*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 08 de abril, falando de arte contemporânea, formas de expressão, relação entre a arte moderna e a Igreja.

Indicado pelo governo brasileiro e Unesco, para participar do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, Icomos – *International Council on Monuments and Sites*, com sede em Paris, em companhia do arquiteto Lúcio Costa e do escritor Sérgio Buarque de Holanda. O Diário de Notícias, de Salvador, em 3 de maio e o jornal A Tarde, de Salvador, em 05 de maio, registraram a indicação desses nomes para realizar a política de preservação de monumentos artísticos e sítios históricos.

O jornal O Globo, do Rio de Janeiro, em 29 de maio, publicou *A arquitetura e seus reflexos na formação social*, tratando da conferência apresentada por Godofredo Filho em encontro de intelectuais em Brasília.

Em junho, integrou equipe de renomados intelectuais patricios especialmente convidados pelo então Ministro da Educação, Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, para um ciclo de conferências e debates realizado no auditório do Ministério, no Rio de Janeiro, sobre assuntos literários, artísticos, sociais e políticos da época. Participaram desse evento Olegário Mariano, Gilberto Freyre, Pe. Helder Câmara, Austregésilo de Ataíde, João Neves da Fontoura, Cecília Meireles, Menotti del Picchia, Álvaro Lins, Murilo Mendes, Luís Viana Filho e Levi Carneiro. A participação de Godofredo Filho recebeu ampla divulgação, com elogios na imprensa carioca e baiana. Nessa oportunidade, apresentou o trabalho *Alguns aspectos da arquitetura baiana no século XVII*.

O jornal O Globo, do Rio de Janeiro, em 27 de junho, noticiou o preparo de *Irmã poesia*, seleta de poemas de Godofredo Filho.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 06 de setembro, noticiou a nomeação de Godofredo Filho, por decreto do governador, para constituir o júri do III Salão Baiano de Belas-Artes, aberto em novembro do mesmo ano.

Publicou o soneto *Noturno*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 07 de outubro.

O Diário de Notícias, de Salvador, em 30 de novembro, divulgou o texto do pronunciamento de Godofredo Filho apresentado no encerramento do III Salão Baiano de Belas-Artes.

Nomeado perito em belas-artes, referência 26, do Ministério da Educação e Saúde para exercer, a partir de 8 de dezembro, o cargo de professor catedrático, padrão O, da cadeira de História da Arte Brasileira, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde.

Publicou *Diário*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 16 de dezembro, contendo trechos de seu diário pessoal escrito em Salvador nos dias 6, 7 e 8 de agosto de 1946. Na mesma edição, falou sobre a Casa dos Sete Candeeiros.

- 1952 Iniciou o processo de armazenamento das correspondências por ele classificadas como *Correspondências de amigos escritores*.

Em 03 de março, apresentou pronunciamento em homenagem a Afrânio Coutinho, pela sua excelente atuação no concurso do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

Por ato do Presidente da República, Getúlio Vargas, assinado em 6 de março, Godofredo Filho foi nomeado Perito em Belas-Artes, referência 26, da parte permanente da tabela única de extranumerário-mensalista do Ministério da Educação e Saúde, para exercer, cumulativamente, a partir de 8 de dezembro de 1950, o cargo de Professor Catedrático, padrão O, da cadeira de História da Arte Brasileira da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Em 24 de março, convidado pelo Prof. Luiz Menezes Monteiro da Costa, Diretor do Arquivo da Prefeitura Municipal do Salvador, proferiu preleção sobre a data natalícia desta cidade (29 de março de 1549).

Em 25 de abril, a classificação *Correspondências de amigos* recebeu o primeiro documento: um cartão-postal, em manuscrito com autógrafo de José Silveira, enviado a Godofredo Filho, do Stockholms Stadsmuseum, Estocolmo.

Em 14 de maio, a Casa dos Sete Candeeiros foi inaugurada, com exposição de documentário fotográfico sobre a arquitetura luso-brasileira, cedido pela diretoria da Biblioteca do Congresso de Washington. A partir dessa exposição, passou a sediar o Sphan.

Publicou *Poema da rosa*, escrito em 6 de junho de 1946 e *Balada da dor de corno*, ambos pela S.A. Artes Gráficas, Salvador.

Em 26 de outubro, o jornal Diário de Notícias, de Salvador, apresentou matéria em que Godofredo Filho falava dos projetos realizados pelo Sphan, em sua gestão.

Cláudio T. Tavares publicou no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 02 de novembro, a reportagem: *O artista poderá servir-se da causa, mas, esta, jamais, do artista: repercussão fraca e tardia do movimento de 22 nas letras da Bahia – os paladinos da nova cruzada e o grupo de Arco e Flexa – posição trágica do escritor em face dos problemas de nosso tempo – o exemplo de Lúcio Costa – conclusão do depoimento do poeta Godofredo Filho.*

- 1954 Eugênio Gomes publicou *O cinquentenário de um poeta*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 1º de abril e no jornal Letras e Artes, do Rio de Janeiro, em 06 de abril, em homenagem a Godofredo Filho. Nele afirmou que “o legítimo precursor do modernismo na Bahia e um dos melhores poetas brasileiros de sua geração é o autor de Solilóquio”.

O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 25 de abril publicou *Saudação a um poeta nos cinquenta*, artigo de José Valladares. Uma página dessa edição foi dedicada ao poeta Godofredo Filho. Incluíram-se depoimentos de Walter da Silveira e Afrânio Coutinho e *Carta-poema* de Carlos Eduardo da Rocha a Godofredo Filho, um *flash* de sua biografia, o poema de sua autoria *Soneto à perdição de Mariana*, do livro *Sonetos e canções*, com ilustração de Pancetti e o retrato dele feito por Presciliano Silva.

Antônio Loureiro de Souza publicou *Bodas de ouro de um poeta*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 26 de abril, fazendo o panegírico do cinquentão Godofredo Filho.

Em 26 de abril, foi publicado o livro de Godofredo Filho *Sonetos e canções*, edição de luxo pelas Oficinas S.A. Artes Gráficas, Salvador, sob a direção artística de Carybé, com 12 ilustrações de conhecidos artistas baianos ou domiciliados na Bahia, como homenagem especial de amigos ao poeta no seu cinquentenário.

Cinquentenário de Godofredo Filho: homenageado o festejado poeta feirense, notícia no jornal Diário de Feira, de Feira de Santana, em 11 de maio, destacando o lançamento da edição de luxo de *Sonetos e canções*.

O jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 25 maio, publicou *O velho solar histórico deve e pode ser ainda restaurado*, com depoimento de Godofredo Filho sobre o patrimônio histórico de Salvador, o Paço do Saldanha, o Casarão da Miséria e a restauração do Solar do Saldanha.

O periódico Vanguarda, de Feira de Santana, em 06 de junho, publicou a homenagem a Godofredo Filho realizada pela Câmara Municipal de Feira de Santana em comemoração aos seus cinquenta anos.

A revista Manchete, do Rio de Janeiro, em 21 de agosto, apresentou nota de Godofredo Filho em homenagem a Marta Rocha, eleita Miss Universo.

A revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, em 02 de outubro, publicou *Flash* da biografia de Godofredo Filho na seção *Arquivos implacáveis*, de João Condé.

1955 Publicou, no Boletim do Rotary Club da Bahia, no mês de janeiro, os artigos: *Serviços prestados ao patrimônio histórico na Bahia, Importância da preservação, conservação e restauração dos monumentos artísticos da Bahia*, no v.28, n.27, *A Dphan e a preservação do aspecto tradicional da Bahia*, no v.28, n.28.

Em 1º de setembro, faleceu sua avó paterna, Clara Sampaio Figueiredo, nascida em 18 de agosto de 1861.

Recebeu homenagem no programa *A Bahia te agradece*, da Rádio Sociedade da Bahia, com a entrega da Medalha da Bristol Mayers do Brasil S/A, como eterno reconhecimento de sua terra pelos relevantes serviços prestados em prol da conservação do patrimônio cultural do Estado. Esse acontecimento foi registrado nos jornais Diário de Notícias, em 23 de setembro, com o título de *Godofredo Filho homenageado no programa A Bahia te agradece*, e no Estado da Bahia, de Salvador, no mesmo dia, com o título *É o guardião culto e fiel do valioso patrimônio artístico baiano*.

1956 Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

O Diário Oficial da Bahia, em 30 de maio, publicou decreto de 28 de maio, designando Godofredo Filho e outros intelectuais baianos como representantes do Estado da Bahia no 1º Congresso Brasileiro de Museus, realizado em julho, na cidade de Ouro Preto - MG.

O jornal Diário de Lisboa, Portugal, em 11 de julho, noticiou a chegada de Godofredo Filho e Odorico Tavares à Europa para participar das comemorações do centenário de nascimento de Menéndez y Pelayo, crítico e historiador espanhol, a convite do Instituto de Cultura Hispânica. No dia 25, dia de Santiago, padroeiro da Espanha, Godofredo Filho e Odorico Tavares participaram, na Galícia, das comemorações ao santo.

O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 19 de agosto, publicou *Exemplo à Bahia: o moderno não interfere nas cidades tradicionais do velho mundo: impressões de viagem do professor Godofredo Filho*, apresentando entrevista concedida por Godofredo Filho sobre sua viagem com Odorico Tavares para o II Congresso de Cooperação Intelectual, realizado em Santander, Espanha, descrevendo a cultura, beleza, humanismo, política,

- tradições, literatura, arquitetura e gastronomia de Portugal e Espanha, o povo, as mulheres e os católicos, citando cidades da Espanha e suas belezas, a França e comentando os resultados obtidos no Congresso.
- 1957 Rubião Braz (Wilson Lins), publicou *Definições definitivas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 08 de fevereiro, enfocando nomes da literatura baiana e a produção de Godofredo Filho sobre gastronomia e mulher.
- Publicou *Louvação a Lisboa*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 5 de junho, apresentando crônica sobre essa cidade.
- Rubião Braz escreveu *Alguns literatos*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 09 de agosto, pontuando aspectos da literatura brasileira e alguns de seus representantes.
- Publicou *Presença de José Lins do Rego*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 23 de setembro, enaltecendo a autenticidade do romancista nordestino do neo-realismo pós-modernista, falecido no início do mês.
- Publicou *Dança das estátuas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 02 de outubro, sugerindo o retorno de estátuas e monumentos a seus devidos lugares.
- Em 08 de novembro, publicou *Fronteiras da fé*, no jornal A Tarde, de Salvador, exaltando a crença religiosa, citando Simone Weil, o caráter e a importância de sua obra para a humanidade.
- 1958 Publicou *Enganos do velho Machado*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 08 de janeiro, com ligeiro estudo da obra do primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, enfocando as inumeráveis fontes de sedução machadiana e a temática utilizada em *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.
- Publicou o poema *Áurea lenda*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 03 de agosto.
- O jornal Diário de Notícias, de Salvador, no dia 07 de setembro, publicou depoimento de Godofredo Filho na reportagem *Conservar o caráter típico de cidade monumento*.
- Publicou *Elegia da Vila de São Francisco do Conde*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 21 de setembro, exaltando as vilas do Recôncavo Baiano do século XVII, máxime a de São Francisco do Conde, relembrando o início do século XX, quando, estudante, lá viveu com amigos, em destaque, com Artur de Salles.
- Em *Tempos temerários: romance sem pátria*, artigo publicado no jornal A Tarde, de Salvador, em 08 de outubro, apreciou o livro homônimo de Nestor Duarte, apontando sua importância na ficção brasileira.
- Luis Henrique Dias Tavares escreveu *Cidade, homens e bichos*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 16 de outubro, destacando a personalidade de Godofredo Filho e de outros intelectuais da Bahia.
- Publicou *Oradores da Bahia*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 19 de novembro, exaltando o prestígio da Bahia nas letras brasileiras e citando oradores baianos e suas características de estilo.
- Publicou *Machado de Assis e os cochilos da crítica*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 03 de dezembro.

1959 Publicou, pela Livraria Progresso Editora, *Introdução crítica a O Navio Negreiro de Castro Alves*, Salvador-BA

Publicou *Lamento da perdição de Enone*, em Salvador, pela S.A. Artes Gráficas e Editora Macunaíma.

Membro da Comissão Organizadora do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, destinado ao estudo da civilização de língua portuguesa em todos os países e territórios lusófonos.

Luís Henrique Dias Tavares publicou *Cidade, homens e bichos: para o ano que começa*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 03 de janeiro, enfocando Godofredo Filho e outros intelectuais da Bahia.

Publicou no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 18 de janeiro, *Soneto apaixonado, Fuga, Invocação à musa*. No mesmo periódico, em 25 de janeiro, publicou outros poemas, *Noturno, Soneto à ausente, Retrato de Aglaé*.

Publicou *Casa de marimbondos*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 27 de janeiro, falando da exposição do artista plástico Mário Cravo, enfocando seu caráter profissional, produção artística e a importância de seu trabalho para as belas-artes.

Publicou *Ouvir estrelas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 03 de fevereiro, abordando soneto de Olavo Bilac sobre o materialismo do astrofísico britânico Fred Hoyle e seu livro *Man and materialism*, com resumo feito por Gustavo Corção em *Ogros da filosofia*.

Publicou *Apelo ao futuro prefeito de Feira*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 17 de fevereiro, propondo ao Prefeito Arnold Silva um plano-piloto para a cidade e uma atenção especial à preservação de seu patrimônio arquitetônico e urbanístico.

Publicou *Et ne nos inducas in tentationem*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 22 de fevereiro, discorrendo sobre os principais acontecimentos da vida de Jesus Cristo, as três tentações demoníacas, o comportamento do Messias diante do episódio e a importância da tentação para o homem.

Publicou *A capela da Pampulha*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 17 e 24 de fevereiro, discorrendo sobre a história da Capela de São Francisco de Assis da Pampulha, em Belo Horizonte, a participação de Oscar Niemeyer e Cândido Portinari, a ligação da arte contemporânea com a religião, a falta de compreensão da importância desse estilo arquitetônico, citando demolições e destruições de monumentos e peças religiosas e algumas edificações históricas nos países Itália, França, Alemanha e México.

Publicou *Salvemos a Bahia*, em três edições do jornal A Tarde, de Salvador, em 03 de março, 17 de março e 07 de abril, comentando a importância da preservação dos aspectos tradicionais da Bahia e a preocupação com o patrimônio histórico, artístico e cultural, destacando questões e soluções ligadas à salvaguarda de monumentos no Estado.

Publicou *Que é a verdade?* no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 22 de março, abordando a imagem histórica de Cristo, a chegada da luz ao mundo e o diálogo sobre “a verdade”, entre Jesus e Pilatos.

Publicou *Invasões e favelas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 17 de abril, abordando o problema habitacional nesta cidade.

Clarival do Prado Valladares publicou, no Diário de Notícias, de Salvador, em 19 de abril, *Retrato de Godofredo*, com desenho de Edelweiss.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 22 de abril, publicou *A Bahia terá um Museu de Arte Moderna, plano para sua organização*, destacando a presença de GF nesse projeto.

Publicou *Ainda invasões e favelas*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 24 de abril, apontando a proliferação do favelamento nesta cidade, suas causas e consequências.

Publicou *Dois sonetos à perdição de Mariana*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 26 de abril.

O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 03 de maio, publicou *Sonetos de Godofredo Filho*, com poemas *Noturno à dançarina*, *Longe música*, *Presença*.

Publicou *O Papa e os judeus*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 30 de maio, falando da importância da palavra “paz” entre os povos e, em particular, do acordo entre o cristianismo e o judaísmo.

Publicou *Com o mestre Fidelino*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 06 de junho, mostrando o ponto de vista do Mestre Fidelino sobre a Espanha, diante do dualismo sombra e luz, lembrando os problemas sofridos pelo povo espanhol e comentando o ensaio *O dever dos intelectuais*.

Em 18 de junho, eleito para a cadeira nº 19, da Academia de Letras da Bahia. Sobre esse acontecimento, o Diário de Notícias e o Jornal da Bahia, de Salvador, em 19 de junho, publicaram, respectivamente, *O novo imortal*, e *Eleito Godofredo Filho por expressiva votação*, noticiando sua eleição para a Academia de Letras da Bahia.

O Jornal da Bahia, de Salvador, em 29 de julho, divulgou a homenagem prestada a Godofredo Filho pela Rádio Cultura de Feira de Santana.

Publicou *O mundo trágico da talha baiana*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 07 de agosto, apresentando estudo sobre a arquitetura sacra da Bahia e o estilo barroco dos séculos XVII e XVIII.

Em 15 de agosto, publicou *Introdução ao estudo da casa baiana*, no Diário de Notícias, de Salvador. Nesse mesmo jornal, em 18 de outubro, publicou a segunda parte do estudo, a terceira em 15 e 16 de novembro e a quarta em 22 de novembro.

O Jornal de Letras, do Rio de Janeiro, em novembro, v.11. n.123, s.d., publicou *4 poetas baianos*, falando do lançamento do livro de Carvalho Filho *Face oculta*, pela Editora Progresso, de Salvador e de próximos lançamentos da obra poética de Sosígenes Costa, Jair Gramacho e Godofredo Filho, incluindo o poema *Lamento da perdição de Enone*.

Em 30 de novembro, tomou posse na cadeira 19 da Academia de Letras da Bahia, sendo saudado por Aloysio de Carvalho Filho. A vaga se deu com o falecimento do poeta Guilherme de Andrade Filho. Os ocupantes anteriores foram Severino Vieira, Arlindo Fragoso e Deraldo Dias. Desde 1993, é ocupada pelo Prof. Cid Teixeira.

Os jornais da Bahia noticiaram a posse de Godofredo Filho na Academia com as seguintes manchetes: Diário de Notícias, em 29 e 30 de novembro, *Godofredo Filho tomará posse na Academia*; Estado da Bahia, em 30 de novembro, *Poeta moderno fica imortal: cadeira 19 para Godofredo Filho*; A Tarde, em 1º de dezembro, *Posse do escritor Godofredo Filho na Academia de Letras da Bahia*; Jornal da Bahia, em 1º de dezembro, *Novo imortal*

ingressou na Academia de Letras: poeta Godofredo Filho; Diário de Notícias, em 1º de dezembro, *Godofredo Filho recebido com entusiasmo na Academia*; Estado da Bahia, em 1º de dezembro, *Godofredo Filho a caminho da imortalidade: fortuna haver nascido neste século*; Jornal da Bahia, em 06 e 07 de dezembro, *Saudação de Aloysio de Carvalho Filho a Godofredo Filho: poesia que transcende o cotidiano e o vulgar para projetar-se no infinito dos sentimentos humanos*.

Publicou *Sobre a morte de José Valladares: perdemos um grande amoroso das nossas coisas e tradições*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 24 de dezembro, lamentando o falecimento do amigo, professor e crítico literário, incluindo, além de seu depoimento, o de Vasconcelos Maia, Glauber Rocha, Calazans Neto, Luís Henrique Dias Tavares e Ariosvaldo Matos.

1960 Jornais de Salvador homenagearam o pai de Godofredo Filho no transcurso de seus 80 anos de vida.

Publicou *José Valladares - Professor de estética*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, 03 e 04 de janeiro, comentando aspectos de sua personalidade, funções desempenhadas como perito em belas-artes e professor de estética na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Publicou *Poesia baiana em 1960*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 06 e 07 de março, traçando o panorama da poesia baiana contemporânea.

Publicou *Oróbio de Castro, doutor da lei*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 12 de abril, com depoimento sobre Oróbio de Castro ou Ishak Oróbio e *flash* biográfico.

O jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 22 de setembro, publicou *Bom senso: fortaleza não será frigorífico, diz Godofredo Filho*, com depoimento do poeta contra a transformação do Forte de São Marcelo em frigorífico.

Publicou *Prenúncio de aurora*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de dezembro, refletindo sobre os males que assolam o mundo, frisando a visita do Papa João XXIII ao Primaz Anglicano de Canterbury, exaltando o cristianismo e comentando a entrevista feita por Geoffrey Fisher com o pontífice romano e sua importância para a comunhão cristã e anglicana.

1961 A Revista da Academia de Letras da Bahia, v. 19-20, publicou o discurso de posse de Godofredo Filho nessa agremiação, junto com o de saudação de Aloysio de Carvalho Filho, incluindo versos.

O Jornal da Bahia, de Salvador, em 24 de março, publicou *Godofredo Filho diz ao J.B.: Solar Berquó seria ideal para o museu*.

Publicou *Raissa Maritain*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 06 de abril, criticando o silêncio em torno da morte da escritora, companheira do grande filósofo tomista, Jacques Maritain e comentando o livro *Aventuras da graça*, no qual a escritora elogia Santo Tomás de Aquino e suas ideais transcendentais.

O Jornal da Bahia, de Salvador, em 27 de abril, publicou *Godofredo Filho lamenta abandono do Pelourinho*, incluindo depoimento de Heitor Dias.

O Diário de Notícias, de Salvador, em 29 de abril, publicou *Rosa dos ventos*, apresentando depoimentos de Heitor Dias e Godofredo Filho sobre a pavimentação do Pelourinho e a preservação do patrimônio.

- Publicou a crônica *Hiroshima, lição de angústia*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 07 de junho.
- O Jornal da Bahia, de Salvador, na edição de 6 e 7 de dezembro, publicou *Aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento não passa, em verdade, de um morto*, trecho do discurso de posse de Godofredo Filho na Academia de Letras da Bahia.
- 1962 Formatura de seu filho Godofredo Rebello de Figueiredo Neto, em Direto, pela Universidade Católica do Salvador.
- Em 27 de janeiro, publicou *Goa, China e Bahia*, no jornal A Tarde, de Salvador.
- Publicou *Saudação a Tristão de Athayde*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 05 de fevereiro.
- Em maio, casamento do seu filho Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo com Risoleta Rebello de Figueiredo.
- O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 29 de julho, publicou *Elegías gallegas de Godofredo Filho*, incluindo os poemas *Noiturno en Santiago*, *Romería*, *D'O Erm o*.
- 1963 Recepcionou na Bahia o escritor argentino Fermín Estrella Gutiérrez, membro da Academia Argentina de Letras e, naquele ano, autor de cerca de 30 obras publicadas em Buenos Aires. Membro da Sociedade de Estudos Históricos Pedro II, presidida pelo Professor Marcondes Filho, com atividades animadas por Assis Chateaubriand. Nessa instituição, contribuiu para a realização de pesquisa sobre o *Barroco baiano*.
- Publicou *Portinari*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 09 de fevereiro, enaltecendo Cândido Torquato Portinari (artista plástico, 1903-1962), com estudo reflexivo sobre sua obra, comparando-a com as de artistas mexicanos. Teceu considerações sobre o abstracionismo informal e registrou pesar pelo seu falecimento.
- No dia 10 de fevereiro, morreu seu pai, Godofredo Rebello Figueiredo. Publicou *Influências orientais na pintura jesuítica da Bahia*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 24 de março, estudo sobre influências estrangeiras na pintura tradicional brasileira. Esse texto foi também escolhido em concurso realizado pela Academia de Letras de Ilhéus.
- Publicou o poema *Canzón do mar de Vigo*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 24 de abril.
- Publicou *Presciliano Silva*, no jornal Diário de Notícias, Artes e Letras, de Salvador, em 19 de maio, assinalando a importância desse mestre das artes plásticas na Bahia.
- O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 18 de junho, noticiou o *Jantar de homenagem a Godofredo Filho na casa amarela: Chateaubriand*, uma homenagem prestada por Assis Chateaubriand a Godofredo Filho e a outros intelectuais. Esse mesmo acontecimento foi também noticiado no jornal Estado da Bahia, de Salvador, em 18 de junho, com o título *Godofredo é homenageado: casa amarela*.
- O Jornal da Bahia, de Salvador, em 29 e 30 de dezembro, publicou *Godofredo Filho: poesia vence a angústia e o tempo linear*, com síntese biográfica do poeta e os poemas *Rondó do infante Roberval*, *Perspectiva*.

- 1964 Publicou *Mistério jerezano*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 07 de junho.
- Publicou o poema *Canzón da Lua*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 02 de agosto de 1964.
- Publicou *Louvação aquática*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 23 de agosto.
- No mês de dezembro, proferiu palestra, amplamente anunciada, sobre o tema *As artes no antigo Egito*, sobretudo no novo império, encerrando a *Semana do Egito*, realizada no Centro de Estudos Afro-Orientais – Ceao e promovida pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.
- 1965 Chefe do Departamento de História da Universidade da Bahia, no triênio 1965-1968.
- Publicou *Nosso adeus a Schmidt*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de fevereiro, registrando o falecimento do amigo Augusto Frederico Schmidt (*1906), comentando aspectos de sua personalidade, como literato, jornalista, empresário, editor e homem público e ressaltando relevantes trabalhos deixados para o enriquecimento da língua e literatura portuguesa. Citou a homenagem de Manuel Bandeira à obra poética de Schmidt, abordando os principais temas e características de sua poesia. Finalizou relembrando dias em que estiveram juntos no Rio de Janeiro.
- Publicou *Aldous Huxley e a temática do rouxinol na poesia*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 02 de maio, comentando a discussão entre poesia e ciência e influência do canto do rouxinol e do uirapuru para o escritor inglês e alguns cantadores e poetas.
- 1966 Membro da comissão para escolha da estátua em homenagem ao jornalista Simões Filho.
- Foi publicado o *Discurso de posse de Nestor Duarte e Saudação de Godofredo Filho*, pela Academia de Letras da Bahia, brochura impressa nas oficinas da Editora Beneditina Ltda., sob os auspícios da UFBA, como integrante do ciclo das comemorações culturais do vigésimo aniversário de sua fundação.
- Publicado no Diário Oficial da Bahia, do dia 16 de março, o decreto de 15 de março, referente à Lei 900-59, nomeando Godofredo Filho membro da Junta de Controle da Superintendência de Urbanização da Capital - Surcap, com mandato de 01 ano.
- O jornal A Tarde, de Salvador, em 02 de abril, publicou *Saudação a Nestor Duarte*, destacando o discurso de saudação de Godofredo Filho ao novo imortal da Academia de Letras da Bahia, assunto divulgado em outros jornais.
- Publicou *Guia poético e prosaico de Cachoeira*. Cap. VI, *A opulência*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 05 de junho.
- O Jornal da Bahia, de 08 de junho, publicou *Mutilação do Pelourinho empobrece a Bahia, diz o diretor do patrimônio*, com depoimento de Godofredo Filho sobre a descaracterização do Pelourinho e a importância da preservação dos bens culturais do Estado.
- Luís Henrique Dias Tavares publicou *Andorinha de papel: com o poeta em Lisboa*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 09 de julho.
- Publicou *A cabeça no prato*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 17 de julho.

Publicou *Cinco poetas*, em Salvador, pela Editora Macunaíma, coletânea com a participação de Aloysio de Carvalho Filho, Florisvaldo Mattos, Fernando da Rocha Peres e Myriam Fraga, obra lançada em 02 de dezembro.

- 1967 Foi empossado membro do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, cuja Câmara de Artes e Patrimônio Histórico – Caph presidiu até 1971.

Publicou *Soneto do vinho de Tokay*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 22 de janeiro, dedicando-o a Jorge Amado.

Publicou *Louvor a um cidadão de Salvador*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 11 março, homenageando Odorico Tavares com dados sobre os vinte e cinco anos de sua chegada à cidade do Salvador e contribuição deixada no cenário da cultura do estado, principalmente como guardião do patrimônio cultural.

Publicou *Um festival de poesia*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 17 de setembro, com opinião sobre o espetáculo *A noite da jovem poesia baiana*, realizado no Teatro Castro Alves.

- 1968 O Diário Oficial do Estado da Bahia publicou, em 9 de março, a indicação do nome de Godofredo Filho como membro do Conselho Estadual de Cultura, concluindo com a mensagem n. 1425: “Firmou-se o indicado como um vulto dos mais conhecidos nos meios históricos, geográficos e genealógicos, não só na Bahia, como no Brasil e no mundo intelectual. Estendeu as suas atividades intelectuais como poeta e como crítico na arte plástica, e, como já afirmaram, é o legítimo precursor do modernismo na Bahia”.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 06 de abril, suplemento em homenagem a São Cristóvão - SE, publicou *Trechos de um diário íntimo*, de Godofredo Filho, escritos nas cidades de Aracaju, 5-2-1942 e São Cristóvão, 15-4-1945, 23-1-1945 e 21-1-1945.

- 1969 Publicou o ensaio *Influências orientais na pintura jesuítica na Bahia*, no Caderno n. 1 de Universitas, Revista de Cultura da UFBA.

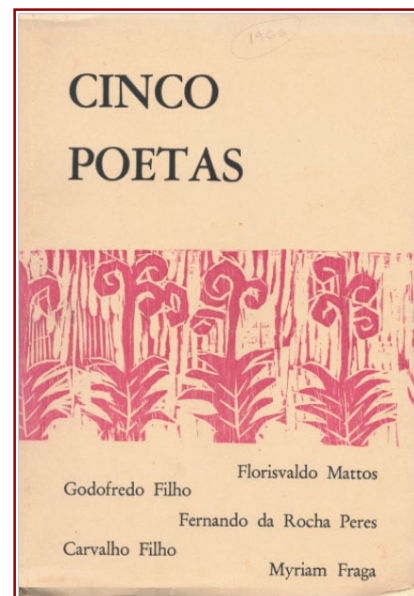
A imprensa noticiou o falecimento de Rodrigo Melo Franco de Andrade, ocorrido no dia 11 de maio, dedicado diretor do Sphan desde sua fundação em 1936 e companheiro de Godofredo Filho na realização de projetos relacionados à preservação do patrimônio.

Publicou *Rodrigo Mello Franco*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 18 de junho. Artigo também editado na *Revista de Cultura da Bahia*, Salvador, n.3, p.11-14, jan./jun. 1969.

Publicou *Guia poético e prosaico de Cachoeira*, na Revista de Cultura da Bahia, Salvador, n. 4, jul./dez., pela Editora Beneditina.

- 1970 O Diário Oficial da República, de 7 de maio, publicou a aposentadoria de Godofredo Filho no cargo de Professor Titular de História da Arte Brasileira da Faculdade de Filosofia

Figura 42 - Capa do livro *Cinco poetas*, publicado em 1966, coletânea realizada entre amigos.



e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

No dia 03 de setembro, proferiu a palestra *Centenário de Pethion de Vilar*, promoção conjunta do Instituto Genealógico, da Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores, do Conselho Estadual de Cultura, da Academia de Letras da Bahia e da Faculdade de Medicina.

1971 Em janeiro, publicou, pelas Edições Estuário, a plaqueta *Sete sonetos do vinho*. Dedicou essa

obra aos amigos escritores Adriano Pondé, Alceu Amoroso Lima, Álvaro Cunheiro Mora (representante da moderna poesia galega e de quem recebeu influência na criação em letras galegas), Álvaro Pedreira, Antônio Olinto, Antônio Simões Celestino, Ariovaldo Matos, Cândido Guinle de Paula Machado, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Eduardo da Rocha, Carlos Lacerda, Carvalho Filho, Cícero Dias, Di Cavalcanti, Diógenes Rebouças, Eugênio Gomes, Eurico Alves, Fernando Machado Leal, Fernando Meneses de Góes, Gilberto Freyre, Hélio Simões, Jayme Junqueira Ayres, João Condé, Jorge Amado, Jorge Calmon, Jorge Novis, José Calasans, José Schaw da Motta e Silva, José Silveira, Lafaiete Spínola, Luís Henrique Dias Tavares, Luiz Forjaz Trigueiros, Luiz Viana Filho, Nuno Simões, Odorico Tavares, Odylo Costa (filho), Pedro Calmon, Renato Almeida, Renato Soeiro, Roberto Burle Marx, Thales de Azevedo, Vitorino Nemésio, Wilson Lins e Zitelmann de Oliva.

Em 14 de janeiro, foi assinado pelo Presidente Médici o decreto que declarou Cachoeira *Monumento Nacional*. Godofredo Filho era então o Diretor da Dphan – Bahia e Sergipe.

Wilson Lins publicou *Lamento da perdição de Godô*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 03 de março.

Publicou *Rita Cebola*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 20 de março, abordando estudo sobre o Recôncavo, citando memórias escritas por Anna Ribeiro de Bittencourt, transmitidas pelo avô, o episódio do desembarque da família real na Bahia em 1808 e histórias sobre essa e outras mulatas.

Publicou *Restauração do Engenho Freguesia*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 27 de março, enfocando a civilização açucareira em Pernambuco e Bahia, a importância do Engenho Freguesia e comentando a obra de José Wanderley de Araújo Pinho, *História de um engenho do Recôncavo*.

Publicou *Mestre de amizade*, no jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 03 de abril, apresentando depoimento sobre Anísio Teixeira, seu companheiro de trabalho. Fez referência ao relacionamento que mantinha com esse educador, destacando a jovialidade dele e citando contemporâneos “naquela Bahia sensual e túrgida da década de vinte”.

Figura 43 - Artigo de Godofredo Filho: Guia poético e prosaico de Cachoeira, Cap. VI, A opulência, publicado no Diário de Notícias, de Salvador, em 5 de junho de 1966.



Recebeu o título de Cidadão de Jaguaripe - BA, ao lado de Jair de Figueiredo Brandão e Deraldo Cardoso da Silva, em vista dos relevantes serviços prestados à comunidade local na restauração de imóveis de acentuado valor histórico. Registro feito pelo jornal A Tarde, de Salvador, em 30 de abril.

O jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 15 de junho, publicou *Godofredo Filho aplaude o decreto de Cachoeira*, apontando a relevância do tombamento de Cachoeira como cidade monumento nacional.

Em 30 de junho, perante o Governador do Estado, foi empossado no cargo de presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, em solenidade realizada no auditório da Secretaria da Educação e Cultura.

Wilson Lins publicou *Os vinhos do poeta*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 16 de julho, comentando a poesia de Godofredo Filho.

O jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 17 de julho, publicou a reportagem *Exemplificação (cronológica) da poética de Godofredo*, com os poemas *Sete sonetos do vinho*, *Poema de Ouro Preto*, *Presença*, *Poema da rosa*, *Fuga*, *Canção da ternura*, *Lamento da perda de Enone*, *Da lívida expectativa da aurora*, *Elegia Antônio*, *Soneto do vinho da Madeira*, *Soneto do vinho de Constança*.

Ariovaldo Mattos publicou *A solidão e os vinhos*, no jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 24 de julho, discorrendo sobre a gastronomia e os poemas de *Sete sonetos do vinho* de Godofredo Filho.

Wilson Lins publicou *Vinhos e comendadores*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 21 de agosto, apreciando o livro de Godofredo Filho *Sete sonetos do vinho*.

Em setembro, vários jornais de Salvador divulgaram o lançamento de *Sete sonetos do vinho*, ocorrido na Academia de Letras da Bahia.

- 1972 Publicou *Breve romanceiro do Natal*, antologia, em Salvador, pela Editora Beneditina.
- Publicou *Pethion de Villar*: um grande e esquecido poeta, na Revista de Cultura da Bahia, n. 5, Salvador, Editora Beneditina.
- O jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 16 de março, publicou *Semana de 22: um toque informativo; Godofredo Filho, a poesia nos moldes do movimento paulista na Bahia*, lembrando o cinquentenário da Semana de Arte Moderna, enfatizando a participação de Godofredo Filho no movimento e transcrevendo um de seus discursos.
- Publicou *O baiano honorário Santos Simões*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 25 de março, sublinhando a importância de Santos Simões no cenário cultural de Portugal, Espanha e Brasil.
- 1973 O jornal A Tarde, de Salvador, em 05 de janeiro, noticiou: “Após alguns anos de luta contra o câncer, morre Carmem de Almeida Dias”, sua segunda companheira.
- 1974 Em maio, publicou *Solilóquio*, pelas Edições Arpoador e Fundação Cultural do Estado da Bahia, sob a direção do Prof. Ramakrishna Bagavan dos Santos, impresso nas oficinas gráficas da Editora Beneditina, Salvador, com desenho de capa de Carybé e supervisão gráfica de Alcino Demby, obra escrita em 1924, uma coletânea com sete sonetos: *Solilóquio*, *Retrato - 1973*, *Da solitária via*, *Lamento da amada imóvel*, *Temor*, *O Trisavô Innocêncio Affonso*, *Ressurreição*. Dedicou-a a Carmen de Almeida Dias, sua segunda

mulher, falecida um ano antes. Essa plaqueta foi organizada por Carlos Cunha e Cid Seixas Fraga Filho, por ocasião das comemorações dos setenta anos do poeta.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 27 de abril, publicou *Godofredo setentão*, incluindo depoimentos de Jorge Amado, Augusto Frederico Schmidt, Jerusa Pires Ferreira e José Valladares e três sonetos de Godofredo Filho *Retrato - 1973, Da solitária via, Solilóquio*.

Homenageado com a publicação do Suplemento Literário do Diário de Notícias, Jornal de Cultura n.12, em 05 de maio, todo a ele dedicado. Nesse suplemento, prestaram-lhe homenagem Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Agripino Grieco, Jorge Amado, Jerusa Pires Ferreira, David Salles, Fernando da Rocha Peres, Sônia Coutinho, Carvalho Filho, Myriam Fraga, Florisvaldo Mattos, Ildázio Tavares, Carlos Cunha, Cid Seixas Fraga Filho, Humberto Fialho Guedes, José Valladares, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, entre outros. Foram incluídos nessa edição trechos do discurso de posse do poeta na Academia de Letras da Bahia, os poemas inéditos *Sinfonia, Fiau, Tauromaquia, Gênese, Astronáutica, Persistência da imagem, Áurea lenda, Perdição de Mariana, Confidência*, o ensaio *Mistério Jerezano*, traduções inéditas dos poemas *Salomé* (de Apollinaire), *As mãos* (de Verlaine), diário do poeta escrito em 18 de fevereiro de 1964 e desenhos de figuras femininas, também de sua autoria. O Jornal de Cultura, com esse número, completava seu primeiro aniversário e comemorava-o dedicando essa edição ao velho poeta.

No dia 07 de maio, na Igreja do Mosteiro de São Bento, com celebração de Missa pelo Abade Dom Timóteo Amoroso Anastácio, Godofredo Filho foi homenageado pela passagem dos seus setenta anos, com declamação de poemas de sua lavra e lançamento da plaqueta *Solilóquio*, evento promovido pela Fundação Cultural do Estado e Diário de Notícias, representado pelo seu superintendente, o jornalista Florentino d'Anuniação.

Hélio Pólvora publicou estudo crítico sobre o poema *Solilóquio*, no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, em 22 de maio, um misto de análise literária e biografia do escritor-poeta.

O jornal Diário de Brasília, do DF, em 29 de maio, noticiou *Godofredo - o poeta setentão*, prestando-lhe homenagem pelo seu setuagésimo aniversário de nascimento.

Waldir de Freitas Oliveira (W.F.O.) publicou *Godofredo*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 29 de maio, em homenagem ao seu setuagésimo aniversário.

Lembrando os 70 anos de Godofredo Filho, Gilberto Freyre publicou o artigo *Godofredo Filho, o superbaiano*, no jornal Diário de Pernambuco, do Recife, em 14 de julho, retratando também a amizade e as afinidades entre eles.

O Jornal do Commercio, do Recife, em 20 de julho, publicou *Godofredo Filho: um poeta faz 70 anos*, incluindo o poema *Solilóquio* e homenagens dos escritores Jorge Amado, Agripino Grieco, Augusto Frederico Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Myriam Fraga, Florisvaldo Mattos e Humberto Fialho Guedes.

No dia 08 de agosto, nasceu sua neta, Carmen Clarice Figueiredo, filha de Ramiro Damaso Rebello de Figueiredo.

O jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, em 21 de setembro, publicou *Homenagem a Godofredo Filho*.

Publicou *Elegia de Walter da Silveira*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 06 de outubro, escrita em 12 de novembro de 1970. Mauro Mota escreveu *Agenda*, no jornal Diário de Pernambuco, do Recife, em 23 de novembro, com depoimento sobre Godofredo Filho.

- 1975 José Silveira publicou, pela Academia de Letras da Bahia, *Imagens da minha devoção*, com uma oração de Manuel de Abreu e palavras de Godofredo Filho.

Na passagem dos cinquenta anos de literatura de Godofredo Filho, João Carlos Teixeira Gomes publicou, o artigo *Solilóquio ou a dignidade na dor*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 12 de janeiro. Nas comemorações, Godofredo Filho recebeu homenagens, mensagens e depoimentos por parte de amigos, admiradores, intelectuais, escritores, personagens da esfera político-cultural e de instituições públicas da Bahia, em eventos comemorativos e pela imprensa.

O jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 11 e 12 de maio, publicou *Literatura - sete cantares de amigo*, divulgando o cinquentenário de literatura de Godofredo Filho.

Carlos Cunha publicou *Duas cartas ao poeta Godofredo Filho*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 14 de maio, apresentando cartas escritas por ele ao poeta, em homenagem ao cinquentenário de literatura de Godofredo Filho.

O Diário de Notícias, de Salvador, em 18 e 19 de maio, publicou *Godofredo Filho no Solar do Unhão*, em homenagem aos cinquenta anos de literatura de Godofredo Filho, com depoimento de Jorge Amado e a *Carta ao poeta Godofredo Filho*, assinada por Carlos Eduardo da Rocha, anteriormente publicada no jornal Diário de Notícias, em 25 de abril de 1954, edição em comemoração ao cinquentenário de Godofredo Filho.

O Jornal da Bahia, de Salvador, em 22 maio, publicou *Homenagem para Godofredo Filho*, em página especial, divulgando o lançamento de *Sete cantares de amigo*.

Cid Seixas Fraga Filho publicou *Godofredo Filho: 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia*, no jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 23 de maio, apresentando retrospectiva da produção literária na Bahia, a partir da década de 20, “quando o eruditismo intolerante ainda predominava de maneira hostil”, incluindo breve passagem biográfica dos cinquenta anos de vida literária de Godofredo Filho e sua participação no movimento modernista. Nesse mesmo dia, recebeu homenagem de entidades culturais do Estado da Bahia em solenidade realizada no Solar do Unhão. Foi aí lançada a plaqueta *Sete cantares de amigo*, Edições Arpoador, obra dedicada ao poeta, com sete poemas de Carlos Cunha, Aloysio de Carvalho Filho, Cid Seixas Fraga Filho, Florisvaldo Mattos, Humberto Fialho Guedes, Ildásio Tavares e Myriam Fraga. Ainda nessa ocasião, recebeu, do Grêmio Brasileiro dos Trovadores, o título de *Cavalheiro da Ordem dos Trovadores*, distinção anteriormente conferida ao poeta Pablo Neruda e ao romancista Ferreira de Castro. Foi realizado recital dos mais expressivos poemas de Godofredo Filho, espetáculo dirigido por Chico Drummond, com a participação dos atores declamadores Carlos Petrovich, Nilda Spencer, Sônia Gantois, Raimundo Blumetti e Alberto Martins. Foi feita exposição de vários quadros pintados por Godofredo Filho, de retratos dele pintados por amigos e de alguns de seus livros.

Symona Gropper publicou *Um jovem poeta com 50 anos de versos*, no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, em 03 de junho, citando frase de Manuel Bandeira sobre Godofredo Filho, publicada em O Jornal, em 1926 e comentando a produção literária do escritor-poeta nos seus cinquenta anos de literatura.

O Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, em 05 de julho, divulgou o cinquentenário de literatura de Godofredo Filho e o lançamento da plaqueta *Sete cantares de amigo*.

Publicou *São Sante, Pintor*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 26 de julho, lembrando o grande clássico do teatro da Espanha: *Y los sueños son*, as qualidades do pintor Sante Scaldasferri e suas recriações artísticas, as características de sua pintura e comparando a sua invulgar figura humana com a de um peregrino medieval de Santiago de Compostella.

Publicou *Soneto em réquiem para o poeta Alberto Luiz Baraúna*, no jornal Diário de Notícias, de Salvador, em 07 e 08 de setembro.

O jornal Tribuna da Bahia, de Salvador, em 08 de setembro, publicou *Ex-diretor do Iphan fala sobre o nosso patrimônio*, com depoimento de Godofredo Filho, estudioso da Bahia antiga, comentando as dificuldades na restauração de obras de valor histórico e artístico em processo de deterioração e mesmo arruinamento.

Publicou *Morre um príncipe do Porto*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 09 de setembro, engrandecendo a figura de Nuno Simões, seu amor pelo Brasil, perfil pessoal e, em especial, sua dedicação aos assuntos de interesse da comunidade luso-brasileira.

Publicou *Os postais de Marcelino*, no Diário de Notícias, de Salvador, em 21 de setembro.

Pronunciou conferência na Universidade Estadual de Feira de Santana, em 22 de novembro, incluída nas comemorações do sesquicentenário de nascimento do Imperador D. Pedro II, coordenadas pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA.

- 1976 Proferiu a conferência *O compromisso social da poesia de Castro Alves* no Instituto Geográfico e Histórico, evento promovido pela Fundação Cultural do Estado da Bahia em homenagem ao poeta dos escravos. GF lembrou *a importância lírica, romântica, social e política da poesia de Castro Alves*, na passagem dos cento e cinco anos de morte.

Publicou *Dimensão histórica da visita do Imperador a Feira de Santana*, em Salvador, pelo Centro de Estudos Baianos, da UFBA.

Publicou *Ladeira da Misericórdia*, poema escrito em 1948, com gravuras de Hansen-Bahia, pela S.A. Artes Gráficas e Edições Macunaíma, sob supervisão gráfica de Calasans Neto.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 05 de julho, publicou *Sala Castro Alves pouco apresenta do maior poeta baiano*, com depoimento de Godofredo Filho. O Jornal da Bahia, de Salvador, em 07 de julho, publicou *Uma homenagem a Castro Alves*, incluindo discurso de Godofredo Filho.

- 1977 Em 07 de março, foi empossado como 1º vice-presidente da Academia de Letras da Bahia, para o biênio 1977-79.

Hélio Pólvora escreveu na revista Veja, de 20 de abril, n. 450, p.113, sobre a publicação *Ladeira da Misericórdia*. Na sua crítica, traçou breve perfil de Godofredo Filho e destacou sua importância no cenário literário brasileiro. Iniciou o texto dizendo: “Jorge Amado considera-o poeta principal da Bahia! Agripino Grieco escreveu que ele sabe quase toda a Bahia de cor.”

Em junho, publicou o *Poema da Feira de Sant'Ana*, com ilustração de Carybé, pela S.A. Artes Gráficas e Fundação Cultural do Estado da Bahia, integrando a coleção Ilha de Maré.

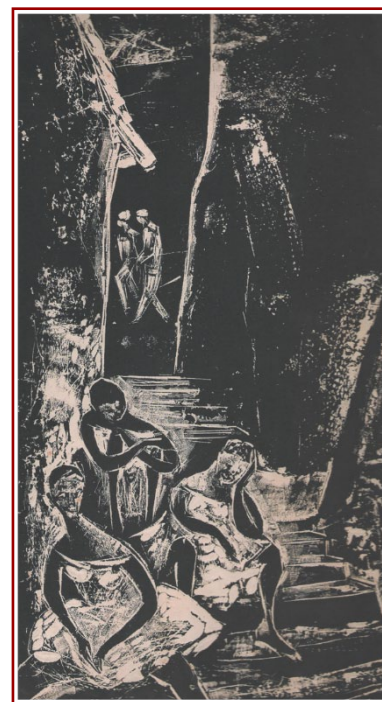
Dival Pitombo publicou *Valores culturais projetaram Feira*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de junho, comentando o lançamento do livro *Poema da Feira de Sant'Ana*.

Wilson Lins publicou *O poeta nu*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 24 de julho, em que apontou as origens e os valores da obra poética do amigo Godofredo Filho, destacando o cinquentão *Poema da Feira de Sant'Ana*.

O jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, em 26 de agosto, publicou *A cidade festeja o seu poeta*, apresentando depoimentos de Jerusa Pires Ferreira, Manuel Bandeira e as produções *Poema da Feira de Sant'Ana*, *Da lívida expectativa da aurora*.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 20 de setembro, publicou o artigo *Sua frase é legenda de uma terra al-tiva: "a Bahia não se dá"*, em homenagem a Severino Vieira, prestada pela Academia de Letras da Bahia, com depoimento de Godofredo Filho.

Figura 44 - Gravura de Hansen-Bahia, uma das ilustrações do livro de Godofredo Filho - *Ladeira da Misericórdia*, publicado em 1976



1978 Publicou *Arquitetura religiosa*, em São Paulo, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

O jornal A Tarde, de Salvador, em 10 de novembro, noticiou *Conferência no IGHB*, de Godofredo Filho, com o título *Anísio Teixeira e Hermes Lima: aspectos singulares da cultura*, em comemoração à passagem do dia da cultura.

1979 O Diário Oficial da Bahia, em Atos do Poder Executivo, em 19 de junho, registrou a nomeação de Godofredo Filho como membro do Conselho Estadual de Cultura, reconhecendo o cargo por ele ocupado desde 20 de junho de 1969.

Luís Henrique Dias Tavares publicou *Passarelas*, no Jornal A Tarde, de Salvador, em 1º de setembro, abordando construções de passarelas e viadutos em Salvador e fazendo referência a Godofredo Filho, incluindo um de seus versos.

Wilson Lins publicou *O soneto que desafiou o tempo*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 14 de outubro, situando Godofredo Filho entre os dois melhores tradutores para o português do *Soneto de Arvers*. (Alexis Félix Arvers, poeta francês, nascido em Paris, em 1806 e falecido em 1850, que deveu sua reputação a esse soneto, que assim começa: *Mon âme a son secret, ma vie a son mystère*).

1980 Nasceu sua neta Elisa Marina Cunha Rebello de Figueiredo, no dia 1º de julho, filha de Godofredo Rebello de Figueiredo Neto e Almerinda Cunha Rebello de Figueiredo.

O Jornal da Bahia, de Salvador, em 23 de agosto, publicou pronunciamento de Godofredo Filho sobre Odorico Tavares (1913 – 1980), com biografia e recordação do amigo recém-falecido.

- 1981 Recebeu a carteira do Icomos, da Unesco, registrando-o como membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

O Museu de Arte da Bahia e a Fundação Cultural do Estado da Bahia publicaram *A arte brasileira da coleção Odorico Tavares*, com biografia de Odorico Tavares e textos de Godofredo Filho, Carlos Eduardo da Rocha e Antônio Carlos Magalhães.

Publicou *Mulata famosa da Bahia colonial*, em *Universitas*, n.28, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia.

Luís Guilherme Pontes Tavares publicou *Bens culturais da Bahia*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 24 de fevereiro, destacando o desempenho de Godofredo Filho em projetos de preservação da memória cultural da Bahia.

O Diário Oficial da União, em 09 de abril, publicou o decreto que aposentou Godofredo Filho no cargo de Conservador do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – EC-604 – Nível 20 – B, com as vantagens do cargo em comissão, de chefe do 2º Distrito da Dphan, compulsória a partir de 27 de abril de 1974.

Publicou *Carybé Caraíba*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 07 de maio, opinando sobre Carybé, iniciando com homenagem a ele pela passagem de seus setenta anos de idade e referindo-se à habilidade do artista plástico, a seu caráter individual e à relevância de sua arte para a Bahia.

O Diário Oficial do Estado da Bahia, de Salvador, em 11 de junho, publicou *Homenagem à memória de Américo Simas Filho*, prestada no Conselho Estadual de Cultura. Na ocasião, Godofredo Filho, como orador oficial, proferiu discurso emocionado, evocando fatos marcantes da vida do homenageado e de sua atuação nesse Conselho, do qual fora um dos fundadores. O ato contou com a presença da esposa do falecido, D. Maria Cidália Barbosa de Simas, dos dois filhos do casal, Eduardo Furtado de Simas e Américo Furtado de Simas Neto (tendo este agradecido em nome da família), de outros familiares e do arquiteto Diógenes Rebouças, ex-membro do Conselho.

O Diário Oficial do Estado da Bahia, em 20 de agosto publicou, *CEC presta homenagem a Clemente Mariani*, apresentando o discurso laudatório proferido por Godofredo Filho.

Em 02 de setembro, o Conselho Estadual de Cultura da Bahia editou *Odorico Tavares*, reunindo os encômios dos conselheiros Carlos Eduardo da Rocha, Godofredo Filho, Wilson Lins e Renato Berbert de Castro, proferidos em sessão solene, homenageando o jornalista, poeta, ensaísta, memorialista e incentivador cultural Odorico Montenegro Tavares da Silva.

Em 14 de novembro, faleceu Amandina Ferreira de Carvalho, a primeira esposa, de quem se desquitara.

- 1982 Foi orador oficial na sessão em homenagem aos 400 anos de instalação da Ordem de São Bento no Brasil, mais especificamente na Bahia. O ato solene ocorreu na sala Ruy Barbosa do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Em 02 de setembro, oficializou seu casamento civil com Carmozinda Almeida Lomes Figueiredo, sua última esposa.

A Tarde publicou a série de oito textos de Godofredo Filho: *Arquitetura civil baiana da 'belle époque'*. (I em 24 de outubro, II em 31 de outubro, III em 7 de novembro, IV e V em 21 de novembro, VI e VII em 5 de dezembro e o VIII em 12 de dezembro). O estudo aborda, de forma lúdica, a arquitetura baiana na primeira década do século XX, obtendo repercussão, a ponto de o escritor passar a publicar outros dos seus estudos, a exemplo do artigo *A casa baiana*.

Edivaldo Boaventura, na coluna Educação, do jornal A Tarde, de Salvador, em 06 de novembro, prestou o seguinte depoimento: “o estudo do conselheiro de cultura, Godofredo Filho, sobre a arquitetura baiana no início deste século está sendo publicado em A Tarde, edição de domingo. A repercussão tem sido grande e alguns amigos do poeta pensam em publicá-lo juntamente com outros estudos de sua autoria sobre *A casa baiana*.”

O Diário Oficial do Estado da Bahia, em 12 de novembro, divulgou as homenagens feitas pelo Conselho Estadual de Cultura em comemoração ao cinquentenário do poema de Godofredo Filho *Ouro Preto*, com o texto *Godofredo Filho festejado no CEC*.

Publicou *O baiano Pedro Calmon*, no Jornal A Tarde, de Salvador, em 19 de dezembro.

- 1984 O Diário Oficial de 14 e 15 de abril publicou portaria assinada pelo Secretário de Educação e Cultura, Prof. Edivaldo Boaventura, número 5229, com o seguinte teor: “Nos termos do Artigo 16, da Lei Delegada nº 67, de 01 de junho de 1983, publicada no Diário Oficial de 2 do mesmo mês e ano, concede-se a *Medalha do Mérito Cultural Castro Alves* a Godofredo Rebello de Figueiredo Filho.”

O jornal A Tarde, de Salvador, em 02 de junho, publicou *Palestra fala do silêncio de Presciliano*, proferida por Godofredo Filho, apresentando biografia do artista plástico.

Publicou *Universidade e memória nacional*, em Salvador, pelo Centro de Estudos Baianos, da UFBA, edição n.106, texto da aula magna proferida em 09 de março nessa instituição.

Em 26 de abril, completou oitenta anos com inúmeras comemorações. Os jornais de Salvador e de Feira de Santana destacaram o acontecimento com textos memorialísticos de autoria de nomes como Telmo Padilha, Matias de Albuquerque, Afrânio Coutinho, entre outros.

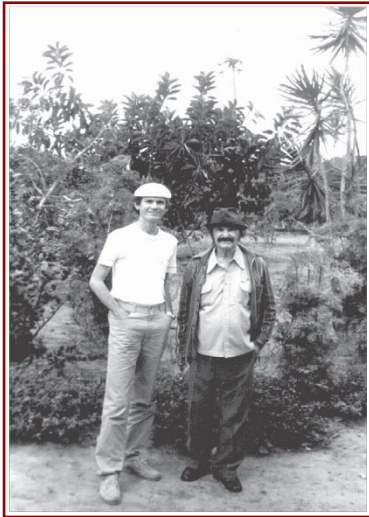
Figura 45 - Da esquerda para a direita: Thales de Azevedo, José Silveira e Godofredo Filho, posando na homenagem aos três octogenários.



Recebeu a Medalha Machado de Assis, concedida pela Academia Brasileira de Letras, indicação inicial e pronunciamento no ato de entrega do acadêmico Jorge Amado. Também receberam essa mesma honraria José Silveira, Thales de Azevedo e Dorival Caymmi.

Nesse mesmo dia, o jornal A Tarde, de Salvador, sob a coordenação de Fernando da Rocha

Figura 46 - Raymundo Lopes e Godofredo Filho, no Sítio Santo Antão, propriedade do escritor-poeta, em São José das Itapororocas, hoje, Distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana, em abril de 1984.



Filho, em 1904.

Raimundo Lueduy escreveu no Jornal da Bahia, de Salvador, em 05 de maio, *A trajetória de um poeta que chega aos 80 anos e, lucidamente*. Nesse artigo, incluiu trecho de pronunciamento do bardo octogenário.

No jornal A Tarde, de Salvador, em 08 de maio, Pedro Tomás Pedreira escreveu o artigo *Godofredo oitentão*, lembrando passagens da vida do poeta e considerando-o, verdadeiramente, mestre da vida por ter atingido oitenta anos sem sinais de tristeza; ao contrário, chegando “incólume” a esses tão bem-vividos anos.

Josué da Silva Mello publicou o artigo *Feira de Santana: cidade do futuro*, na Revista Sitientibus, da Universidade Estadual de Feira de Santana, v.2, n.4, jan./jun., incluindo a entrevista feita por Raymundo Luiz Lopes *Godofredo Filho nos seus oitenta anos*, sobre o octogésimo aniversário de Godofredo Filho, uma breve biobibliografia do poeta e alguns de seus poemas inéditos.

Antônio José Laranjeira publicou *Feira em notícia*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 20 de novembro, apresentando a homenagem da Feira de Santana feita a Godofredo Filho.

Em 12 de dezembro, a Prefeitura Municipal de Feira de Santana e a Universidade Estadual de Feira de Santana prestaram homenagem a Godofredo Filho pelo seu octogésimo aniversário. Nessa festa, no Museu Regional da Cidade, poetas declamaram alguns de seus poemas, o coral Estrela de Belém entoou cânticos, inclusive Honra ao Mérito, de Bach, e um longo discurso foi proferido por Dival Pitombo, também poeta, cujo texto continha traços de fina arte. Ambos os vates compartilharam de um mesmo segmento de época.

Feira presta homenagem a Godofredo Filho com seus 80 anos, texto publicado no jornal Feira Hoje, de Feira de Santana, em 14 de dezembro.

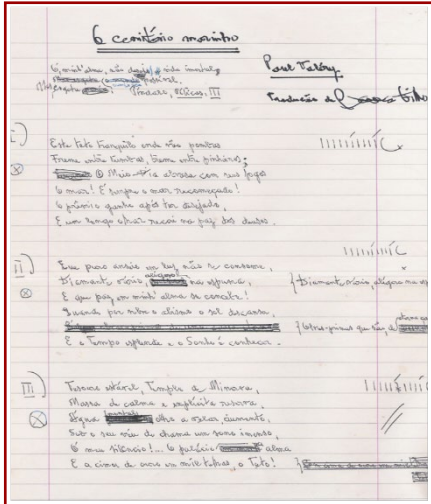
Peres, publicou *Godofredo oitentão*. Prestaram-lhe homenagem os escritores Luiz Viana Filho, Fred Souza Castro, Carlos Drummond de Andrade, Luís Henrique Dias Tavares e Gilberto Freyre.

O Diário Oficial do Estado da Bahia, de Salvador, em 26 de abril, prestou homenagem a José Silveira, Thales de Azevedo e Godofredo Filho, pela passagem do octogésimo aniversário dos três ilustres intelectuais, com edição especial intitulada *240 anos de cultura baiana*, incluindo os artigos: *Três mestres da cultura baiana*, de Remy de Souza; *Da senectude perfeita*, de Rubião Braz; *O aniversário do neto do Coronel Manoel Eustáquio*, de Edivaldo Boaventura; *Prosa poema*, de Carvalho Filho; *Godofredo Rebello de Figueiredo Filho por Godofredo Filho* (autobiografia); e *Meu convívio com dois mestres das humanidades*, de Consuelo Pondé de Sena. Com notas biobibliográficas sobre os octogenários e entrevistas feitas por Remy de Souza.

Wilson Lins publicou a plaqueta *Godofredo Filho: mestre do envelhecer*, uma composição e impressão da Tipografia São Judas Tadeu, com desenho de capa de Juarez Paraíso e ilustração de Rubião Braz (seu pseudônimo), dedicada aos confrades Thales de Azevedo e José Silveira, nascidos, como Godofredo

- Dival Pitombo publicou *Litania para o tempo e a esperança*, pela Contemp, em Salvador, com prefácio de Godofredo Filho.
- 1985 A Odebrecht publicou *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*, livro escrito por Godofredo Filho, com pintura documental de Diógenes Rebouças, apresentação de Pedro Calmon e introdução de Thales de Azevedo.
- Publicou o poema *Saludo a Borges*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 14 de julho, incluindo o seu poema com o mesmo título, escrito em 08 de outubro de 1974. Nessa edição, Myriam Fraga publicou em *Linha d'água*, depoimento sobre Godofredo Filho, e esse poema.
- O artigo *Cem anos sem (ou com) Rosalía de Castro* foi publicado no jornal A Tarde, de Salvador, em 15 julho, como homenagem do Centro de Estudos Galegos por ocasião do centenário de falecimento da poetisa galega, incluindo depoimentos de Jerusa Pires Ferreira, M. Pinheiro Cal, Hélio Simões, James Amado, Federico García Lorca e o poema *Choiva Gallega* de Godofredo Filho.
- Recebeu homenagem do Shopping Center Iguatemi, com a colocação do seu nome numa das praças internas, feito registrado pelo jornal A Tarde, de Salvador, em 26 de novembro, com o artigo *Iguatemi homenageia poeta Godofredo Filho*.
- 1986 Membro do quadro social do *Bahia British Club*.
- Publicou, no jornal A Tarde, de Salvador, em 13 julho, *Thales*, soneto em homenagem ao autor de *As regras do namoro à antiga*, como parte da série de poemas *Retratos*, integrando a parte final do livro *Irmã poesia*.
- Foi editada sua obra *Irmã poesia: seleção de poemas (1923-1986)*, pela Editora Tempo Brasileiro, do Rio de Janeiro, sob os auspícios da Secretaria da Educação e Cultura da Bahia e da Academia de Letras da Bahia, com apresentação de Edivaldo Boaventura.
- Guido Guerra publicou *Godofredo Filho: sem o travo dos frutos verdes*, no Jornal da Bahia, de Salvador, em 23 de novembro, apresentando depoimento sobre Godofredo Filho e entrevista sobre momentos da vida e obra do poeta.
- Myriam Fraga, em *Linha d'água*, publicou *Irmã poesia: o livro geral de Godofredo Filho*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 23 de novembro, incluindo os poemas de Godofredo Filho *De Hafiz, Canção do perfume, Canção da ternura, Soneto epicédio a Carlos Pena Filho*.
- 1987 Edivaldo Boaventura publicou *Irmã poesia do poeta Godofredo*, no jornal A Tarde, de Salvador, em 19 de fevereiro, abordando aspectos da poesia na literatura brasileira e a poesia de Godofredo Filho.
- Em 25 de fevereiro, lançou *Irmã poesia: seleção de poemas (1923-1986)*, em grande estilo, na Academia de Letras da Bahia.
- 1988 Em 6 de janeiro, teve a saúde abalada.
- A Revista da Bahia, de Salvador, Editora Gráfica da Bahia, v.28, mar./ maio, p.63, publicou *A poesia de Godofredo Filho*, com os poemas *Canção da hora branca* e *Canção sem nome*.
- Carlos Roberto Santos Araújo publicou *O poeta Godofredo Filho*, no jornal Cacau / Letras, de Itabuna, em 27 de julho, comentando o lançamento do livro *Irmã poesia*,

Figura 47 - Amostra de um manuscrito do dossiê com estudos sobre a tradução feita por Godofredo Filho do livro *Le Cimetière Marin*, de Paul Valéry, *O Cemitério Marinho*, processo de criação de maio de 1986 a junho de 1987, com lançamento em setembro de 1987.



como um dos grandes acontecimentos literários no ano de 1987, na Bahia.

1990 Publicou *O cemitério marinho*, tradução do texto original de Paul Valéry, *Le cimetière marin*, datado de 1987, conforme seus manuscritos, com desenho de Diógenes Rebouças, editado pelas Edições Macunaíma. Sobre essa obra, Pedro Moacir Maia publicou no jornal *A Tarde*, de Salvador, em 09 de junho, o artigo *O cemitério marinho; Paul Godofredo Valéry Filho*.

1991 Em 28 de janeiro, o Dr. Armênio Guimarães, em relatório médico, registrou o acidente vascular encefálico sofrido por Godofredo Filho em 06 de janeiro de 1988, deixando-o incapacitado de manter vida normal em virtude das sequelas provenientes do AVC, que o impediram de locomover-se e comunicar-se normalmente, apresentando vida puramente vegetativa.

1992 Em 22 de agosto, morreu em Salvador. A certidão de óbito emitida em

23 de agosto pelo Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais, Comarca de Salvador, Subdistrito de Pirajá, certificou a *causa mortis*: parada cardiorrespiratória, insuficiência cardíaca, hipertensão arterial.

No final do artigo no jornal *Diário de Notícias*, de Salvador, em 25 de abril de 1954, comemorando o cinquentenário de Godofredo Filho, *Saudação a um poeta nos cinquenta*, lê-se: “E gostaria de morrer orando, pois acredita que o estado de oração, como o estado de poesia, são os mais adequados e translúcidos para nos revelar a perfeição do amor de Deus.” Certamente, esse texto do Prof. José Valladares proveio de depoimento de Godofredo Filho.

“Longa vida, mestre Godô, para que a poesia continue a desabrochar cada manhã na nova avenida de largas pistas, luzes inúmeras e no mais distante e pobre beco de Salvador da Bahia”. (Jorge Amado, jornal *Diário de Notícias*, de Salvador, em 5 de maio de 1974).

Do suporte físico ao digital sob o viés da democratização do acesso à informação

Ponto de partida

Por muito tempo, a oralidade representou o único mecanismo existente para a disseminação da informação e, conseqüentemente, a conservação e preservação da memória. Com o surgimento da escrita, a preservação da memória se intensificou, ampliando o acesso à informação, antes mais restrito. Assim, independentemente de como é estabelecida, a preservação da memória tem grande importância sociocultural.

Importa conhecer e compreender a diversidade do arquivo pessoal de Godofredo Filho, sua produção artística, literária e filosófica e contribuições de modo geral, assim como torná-lo universalizado através da cultura digital. Desse modo, por meio de um grande e admirável trabalho do grupo de pesquisa, criado em 2000 e consolidado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), intitulado G-Acervos¹⁸, foi proposta e aqui cumprida a migração de um livro impresso (DUARTE, 2005), atualmente em edição esgotada para mídia digital, permitindo assim, acesso compartilhado à informação e ao conhecimento registrados no citado livro.

Certamente, o leitor pode ser levado a refletir acerca das sugestões feitas a partir do título desta seção. Todo um processo teórico-conceitual e experimental foi desenvolvido, sustentado exatamente por mídias digitais, até o desenvolvimento deste *e-book*. Esta é uma definição derivada da expressão inglesa *eletronic book* ou livro eletrônico, podendo ser definida de diferentes formas. Basicamente, o *e-book* é um livro disposto em formato digital livre ou proprietário, podendo, mas, não necessariamente estar associado a recursos audiovisuais e outros, podendo ser lido e acessado por diferentes dispositivos eletrônicos.

Muitas pessoas compreendem o *e-book* como uma ferramenta, um suporte digital capaz de substituir o livro impresso, apesar de tais mídias apresentarem suas próprias características, não se anulam mas complementam-se. Na verdade, o *e-book* é um mecanismo de mudança social e, de um modo específico, pode decisivamente contribuir com a utilização da informação, por ser conhecido o chamado fosso digital (*digital divide*), uma linha de demarcação entre quem obtém e não obtém o acesso à informação (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p. 148). Dessa forma, aliado às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), o *e-book* compreende um modo inovador, dinâmico e enriquecedor de amparo à produção, organização e disseminação do conhecimento, permitindo às pessoas experimentá-lo e discutí-lo com maiores perspectivas.

Além disso, o *e-book* mesmo quando dotado de recursos hipermidiáticos e disposto de modo interativo, configura-se como um documento. Algo extremamente comum de se afirmar,

18 Grupo de Pesquisa - Acervos manuscritológicos, bibliográficos, iconográficos, etnográficos: organização, disseminação da informação, estudos aplicados a manuscritos, estudos biográficos e memorialistas, preservação e resgate de acervos históricos e tecnologia da informação

pois, com o passar do tempo, esta definição sofreu alterações, sendo antes limitada a conteúdos escritos passando a definir então, todo e qualquer objeto fornecedor de informações ou significados (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p.35). Logo, através da tecnologia digital de representação da informação, tornamos compartilhados os significados contidos nesse documento digital, por meio de codificação e decodificação em sistemas de numeração binários.

Paradigma editorial na construção do e-book e a interdisciplinaridade

Neste estudo, consideramos os processos editoriais realizados para a publicação de livros, tais como: análise do conteúdo original, leitura crítica, edição de texto, revisão, normalização, produção gráfica, comercialização e distribuição. Embora esses processos sejam comuns, tanto à mídia impressa quanto à digital, em alguns casos, tornam-se mais dispendiosos quando tratamos da publicação de um livro impresso, principalmente ao nos referirmos à etapa de impressão, fortalecendo desse modo, em mais um ponto, a escolha de suportes digitais para a promoção deste trabalho.

A obtenção do livro eletrônico se dá de modo confortável e prático, por exemplo, ao requerer o *download* do arquivo, armazenado em alguma plataforma digital. Isso pode ocorrer com determinado custo ou não, como é o caso deste *e-book*. Assim, ao disponibilizarmos este livro eletrônico, foi dispensada a utilização do *Digital Right Management* (DRM)¹⁹, pois, felizmente, um *e-book* gratuito não requer a sua aplicação e então, o conteúdo pode, facilmente, ser acessado por outros leitores, possuidores de mecanismos de leitura.

Para o desenvolvimento desta obra, estabelecemos o diálogo e interligação entre diversas áreas de conhecimento tais como: Arquivologia, Letras, Ciência da Computação, Ciência da Informação, Biblioteconomia, Jurisprudência e Editorial, firmando assim o conceito de interdisciplinaridade estrutural, requerendo assim “a convergência de várias disciplinas, tendo em vista levar a efeito uma ação informada e eficaz” (PINHEIRO; GRANATO, 2012, p.30 *apud* JAPIASSU, 1976), neste caso, tratando-se da difusão e compartilhamento da informação e do conhecimento.

Em todas essas áreas, buscamos extrair conhecimentos teórico-conceituais a fim de experimentarmos práticas relativas à migração de suportes analógicos aos digitais e, a partir daí, experimentarmos mecanismos utilizados na produção e compartilhamento de *e-books* gratuitos. Mecanismos esses, tais como as plataformas e mídias digitais, largamente utilizadas em diversas aplicações. Assim, o fato da informação não ser hoje centralizada e estática, mas gerada e disseminada de modo rápido e em alguns casos, instantânea, justifica-se por essa ser transferida em função do âmbito tecnológico e experimentada com base na cultura digital.

Por se tratar de uma obra gratuita buscamos ao máximo aderir a *softwares* livres²⁰ e se possível, gratuitos, como sendo uma maneira de incentivar e apoiar a democratização do acesso à informação, ao conhecimento e à tecnologia. Entretanto, não nos foi permitido em todo o tempo fazer uso deste tipo de suporte, pois, algumas vezes foi necessário utilizarmos *softwares* proprietários específicos, nos restando experimentar as versões de teste, por serem

19 Restringe o uso e a manipulação de conteúdos digitais enquanto são assegurados e administrados os direitos de autores e marcas registradas. Mais informações: <<http://www.vidasempapel.com.br/drm/>>.

20 Mais informações em: <<https://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>>.

gratuitas. Assim, por um determinado período de tempo, utilizamos grande parte dos recursos disponíveis em algumas das ferramentas, não nos interessando, porém, adquirir a licença.

E-book: como disponibilizá-lo?

O êxito na leitura de livros eletrônicos gratuitos depende, necessariamente, do formato utilizado para dispor o conteúdo em tela. Para isso, buscamos experimentar a utilização de algumas linguagens de marcação e estilo, tais como o *HyperText Markup Language* (HTML) e o *Cascading Style Sheets* (CSS), respectivamente - base para a utilização de alguns formatos.

O HTML é responsável pela significação e interpretação do conteúdo do texto – com o uso de *tags* - por parte de navegadores e sistemas interoperáveis (FLATSCHART, 2014, p.37). A partir do HTML pudemos estabelecer algumas possibilidades dentre os quais seria definido o formato da obra e, assim, o conteúdo do *e-book* a ser exibido, seria construído a partir de codificações, marcadas como parágrafos, imagens, corpo do texto e citações, entre outras. Já o CSS, como o nome sugere, é o mecanismo responsável pelo leiaute e recursos tipográficos do texto, sendo inclusive, uma linguagem utilizada junto ao HTML.

Ao buscarmos definir o formato a ser utilizado para a disponibilização do *e-book*, experimentamos formatos livres e proprietários, com padrão aberto ou não. Como proprietário, vimos os formatos AZW, AZW3 (adaptação do anterior), MOBI e o iBooks, os quais só podem ser decodificados a partir de dispositivos eletrônicos específicos. Por essa razão, não foram candidatos ao fazermos a disponibilização desta obra, enfatizando a gratuidade e, consequentemente, o seu compartilhamento.

Experimentamos um outro formato neste trabalho, o *Electronic Publication* (ePub), por ser de código aberto e multiplataforma e bastante utilizado para a publicação de *e-books* gratuitos. Além disso, outros formatos utilizados foram o *Portable Document Format* (PDF) e o DOCX, sendo esse último, na verdade, o formato no qual a versão *alpha*²¹ do *e-book* estava disposta. Assim, as conversões entre os formatos utilizados foram experimentadas por meio de *notebooks* com Sistema Operacional (SO) Windows (64 bits) e *smartphones* com SO Android e Windows Phone através dos seguintes *softwares*: Calibre, versão 2.77.0; Sigil, versão 0.9.3; Word 2013; Word 2016 e o Adobe Reader XI, versão 11.0.20.

Disponibilizamos este *e-book* em PDF, por ser de padrão aberto e utilizado através de diversos dispositivos eletrônicos e plataformas, apresentando também padrões para finalidades específicas (FLATSCHART, 2014, p.36). É um excelente formato para inúmeras utilidades, como a produção de livros eletrônicos, permitindo, caso necessário, a utilização de hiperlinks e recursos hipermidiáticos, como imagens e tabelas, podendo também, oferecer uma maior liberdade de posse por parte dos leitores.

No contexto editorial, a produção de *e-books* requer um alto grau de investimento em testes e aperfeiçoamentos, pois, a conversão entre formatos não se dá de maneira extremamente fácil, sendo necessário grande conhecimento em ferramentas adequadas a fim de a qualidade dos *e-books*, produzidos profissionalmente, ser garantida (SIMPLISSIMO, 2010).

Outro importante fator para a realização da leitura de *e-books*, são os dispositivos eletrônicos a serem utilizados. Desta forma, durante o desenvolvimento deste *e-book*, como já mencionado, utilizamos alguns desses dispositivos com o intuito de experimentarmos alguns

21 Mais informações: <<https://canaltech.com.br/o-que-e/o-que-e/O-que-e-versao-alpha/>>.

livros eletrônicos nos seus mais diferentes formatos e assim, vivenciarmos possibilidades que poderiam se dar aos leitores desta obra.

Como exemplos de dispositivos eletrônicos utilizados como suporte físico para a leitura de *e-books*, citamos computadores, *e-readers*, *tablets* e *smartphones*. Porém, quanto a esses dispositivos, é imprescindível a utilização de um leitor (*software*) compatível tanto com o sistema operacional do dispositivo quanto com o formato do *e-book* utilizados.

Quanto ao processo de edição e atualização do conteúdo da obra impressa - para o desenvolvimento deste *e-book* -, definimos, inicialmente, quais seções seriam reescritas e/ou atualizadas. Foram desenvolvidas revisões semântica, gramatical e bibliográfica do conteúdo da mídia impressa com base na versão *alpha*, além da composição de novos conteúdos.

Ao final da mídia impressa – O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate de memória e estudo arquivístico - já mencionada, há uma amostra iconográfica, a qual faz a representação de momentos, pessoas, locais e objetos importantes da vida e obra de Godofredo Filho. Assim, considerando as características de um livro eletrônico qualquer, decidimos por distribuir todas as imagens contidas na amostra ao longo desse *e-book*, conforme passagens referentes a cada uma das imagens.

Realizamos consultas ao arquivo pessoal de Godofredo Filho e a partir dele, alguns invólucros e séries foram manuseados, sendo desenvolvida uma seleção de conteúdos em jornais utilizados, de modo específico, como matéria para a composição dos novos conteúdos deste *e-book*. Assim, a partir desta seleção foram produzidas ao todo 104 fotos (4128x2322) no formato JPEG, com representação de cores em sRGB, resoluções verticais e horizontais de 72 *Dots Per Inch* (dpi), com arquivos variando entre 1326 e 4167 KB. Foram armazenadas em suportes físicos, como discos rígidos, por exemplo, e na *cloud* (nuvem) em diferentes plataformas, como o Google Drive, a fim de serem utilizadas para eventuais consultas.

Breve reflexão sobre a mudança de mídia na era cloud

Antes, os objetos digitais eram armazenados em suportes físicos, sob o risco de obsolescência. Mas, hoje, podem – bem como o *e-book* - ser resguardados na rede e na nuvem, esta última por representar fortemente a possibilidade de ser um “grande repositório universal da mídia e do conhecimento” (FLASTCHART, 2014, p. 92), o que facilita seu acesso, tornando-os remotos e compartilhados.

Há mudanças também na cultura e nas relações, nas artes e ciências bem como no acesso e obtenção do conhecimento. Novas interrelações têm sido firmadas e com isso, a comunicação se mostra cada vez mais presente. Desse modo, compreendemos as razões pelas quais o *e-book* se constitui como um grande símbolo de revolução sociocultural e assim, nos envolvemos neste imenso trabalho ampliando as perspectivas nas quais o livro eletrônico se insere.

Ao contrário do que alguns acreditam, o *e-book* não trará o fim da mídia impressa. O leitor pode ter uma maior afinidade ou com o uso do *e-book*, ou com a mídia impressa, ou até mesmo por ambas as mídias. Mas, o livro impresso não perderá o seu lugar. Isso porque os hábitos socioculturais associam-se às tecnologias, plataformas e mídias digitais, sendo percebidas as importantes funções que desempenham na sociedade em redes.

As TIC têm sido utilizadas de modo intensivo e, assim, novas oportunidades são obtidas e, se tratando do livro eletrônico, essa condição é oferecida à leitura. Desse modo, STUMPF et al. (2011 *apud* PIRES, 2010, p. 108), diz:

[...] o rompimento dos limites materiais, com a passagem do impresso para o eletrônico e a quebra da sequência de páginas impressas, desperta o leitor para o aprendizado de uma nova leitura, mais dinâmica em termos de deslocamento físico e ação, além de trazer para a narrativa novos elementos que estimulam outros sentidos no ato da leitura.

Portanto, com o mundo sob constantes mudanças, nada se fixa como algo extremamente perfeito e definitivo. É um intenso processo de metamorfose, mudando a cada dia e a cada nova descoberta. Um projeto discutido hoje como inovador, amanhã pode se tornar obsoleto, por ser estabelecida uma melhor maneira de executá-lo, diferentemente do modo anterior. Permanece enraizada a constante busca de evolução em favor de uma melhor sociedade, ao trazer uma maior eficácia e eficiência àquilo que está sendo produzido e, conseqüentemente disseminado adiante.

Inovação tecnológica aplicada ao arquivo pessoal de Godofredo Filho

Apresentamos o resultado de estudos que objetivou a atualização tecnológica da base de dados referente ao arquivo pessoal de Godofredo Filho. Inicialmente, analisamos o sistema de informação sobre os itens do citado arquivo, disponível na época, considerado suficiente para atender as necessidades da migração do catálogo do suporte físico ao suporte digital. Realizamos a digitalização de algumas séries do arquivo, visando minimizar o manuseio à conservação dos documentos e a formatação do ambiente de acesso colaborativo, disponível por meio da plataforma Wiki <www.godofredofilho.ufba.br>.

A estrutura tecnológica da anterior base de dados do mencionado arquivo era composta por um CD-ROM no qual continha um espaço de 114 MB, assim distribuídos: 1 aplicativo EXE, 1 arquivo Flash Movie SWF, 1 arquivo ícone, 1 arquivo banco de dados *Microsoft Data Base* (MDB), 1 arquivo WAV e 2 arquivos PDF totalizando 57 MB, outros 41 MB são referentes ao arquivo setup.exe.

O CD-ROM, como meio de veiculação apresentava algumas características negativas, a exemplo de custos com aquisição da mídia, impressão por serigrafia, capa, impressão, etc. Não obstante, o CD-ROM quebra, arranha, empena, suja, se perde, sofre com a corrupção de arquivos, entre outras intempéries.

O banco de dados MDB mostrou-se defasado e inadequado pelas razões a seguir: a obsolescência deriva do tipo de banco de dados utilizado, sendo o Banco de Dados (BD) com extensão MDB antiga e não mais usada, apesar da tecnologia de BD relacional. Para atualizá-lo o usuário precisa de conhecimento avançado em computação. Neste caso, não é necessário haver essa cobrança, porque quando se distribui um BD de extensão MDB, o programa para executá-lo em primeira instância é o ACCESS da Microsoft, sendo um programa proprietário. E, assim, ou o usuário já o tem instalado ou terá de instalá-lo, gerando custo adicional. Em ambos os casos, convém observar a possível pirataria de *software* como sendo um dos recursos mais em conta.

No quesito “instalação” algumas variáveis devem ser consideradas caso a mesma não seja como *default* (padrão) e a existência de vários sistemas operacionais e suas incompatibilidades referentes ao *software* e *set* (configuração de ambiente) para o aplicativo ser corretamente executado.

Realizamos testes em alguns computadores mais modernos e encontramos erros de configuração de ambiente. Para efeito de publicação, o *software* aplicativo foi instalado em um *notebook* com o S.O. Windows 64 bits. O erro fazia referência ao caminho do banco de dados “C:\arquivos de programas\godo\godo2003.mdb”. Em plataformas de 64 bits, o S.O. cria dois diretórios de compatibilidade com os *softwares* existentes no mercado: “C:\arquivos de programas” para programas da própria plataforma (64 bits) e “C:\arquivos de programas (x86)” para outros mais antigos que rodam em 32 bits. Como podemos observar, o arquivo de configuração direcionava para “C:\arquivos de programas\godo\godo2003.mdb” quando o certo deveria ser: “C:\arquivos de programas (x86) \godo\godo2003.mdb”.

Diante disso, este estudo destaca a renovação de um sistema, que, em um primeiro instante, foi alimentado para compor uma base de dados, conforme tecnologia mais adequada ao momento de sua implementação. E, neste estágio, atualizamos para a tecnologia de informação vigente que é de *cloud*, já que esses dados estão armazenados em um servidor da UFBA, podendo ser acessado de modo universalizado, pela internet. Adotamos o método experimental, através do qual, testes da aplicação do novo sistema foram realizados, sem esquecermos do elemento sustentador da pesquisa, estudos teóricos, terminológicos e epistemológicos da arquivologia, arquivos pessoais e suas interfaces com as ciências da informação e da computação. Finalmente, como resultado final desenvolvemos a página <<http://webgodofredofilho.ufba.br>>.

Verificamos que o instrumento de pesquisa incorporado no CD-ROM, disponível no arquivo pessoal de Godofredo Filho, poderia ter sido otimizado, com variadas possibilidades às formas de acesso à informação. Dessa forma, promoveria ao usuário a disseminação desse rico conjunto documental às mais diversas temáticas de suas pesquisas. No desdobramento deste estudo, adotamos ações referentes à tecnologia da informação, visando reduzir problemas quanto à preservação e conservação da documentação em foco.

“A necessidade de salvar rapidamente milhares de livros, manuscritos e obras de arte reuniu peritos em restauração do mundo inteiro. Desses encontros resultaram novas tecnologias de conservação e restauração de documentos, além de desencadear uma nova filosofia e política de preservação de bens culturais.” (DUARTE, 2014, p.09)

Por outro lado, a preservação possui amplo sentido e, neste caso, compreendemos a importância da digitalização como meio de facilitar o acesso e diminuir o contato manual com o documento original. Outro dado relevante é a questão dos custos de manutenção e gerenciamento de informação no ambiente virtual, algo que se pode ver na obra *Dilema Digital*²², descrita por meio de um relatório em oito capítulos que explicita desde a guarda de materiais, a transição ao digital, relata a prática vivenciada por algumas indústrias, a questão da guarda num ambiente em constante transformação, aponta vantagens como a economia da guarda de obras digitais, embora se busca ainda responder a dúvida: existe a preservação sem erros e o acesso sem fim?

Na sequência dos estudos, avaliamos, tanto retrospectiva quanto prospectiva, a estrutura informacional do arquivo pessoal de Godofredo Filho, analisado, com aplicação de modelos desenvolvidos em plataformas digitais. Em seu artigo²³ “Os Arquivos na era pós-custodial:

22 Mais informações em: <http://cinemateca.gov.br/sites/default/files/Dilema_Digital_2_PTBR.pdf>

23 Mais informações em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/14000>>

reflexões sobre a mudança que urge operar”, RIBEIRO (2005), aborda essa questão: “A simbiose entre a informação e a tecnologia digital veio pôr em causa a noção estática e duradoira de “documento” (tendencialmente identificado com mensagens registadas num suporte papel) como conceito operatório e como objecto de estudo e marcou a entrada dos arquivos e da Arquivística na chamada “era pós-custodial””.

Para ter esses arquivos disponíveis na *cloud* fez-se necessário a digitalização de algumas de suas séries. Essa etapa foi possível, pela utilização dos seguintes materiais: o catálogo²⁴, onde se encontram descritos todos os itens documentais do arquivo pessoal de Godofredo Filho; máquina digitalizadora; microcomputador com o uso do *software* adequado; equipamentos de proteção individual (EPI) para o manuseio dos documentos.

Para as etapas de digitalização e migração do suporte, utilizamos as seguintes ferramentas: *Scanner* Avision FB1200, para digitalizar documentos ou fotografias com resolução óptica de até 1200 dpi podendo reproduzir, detalhes e sombras sutis de modo preciso, tendo se utilizado imagens com resolução de 600 dpi, conforme recomendação do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ).

Figura 49 - Foto do scanner aberto



Fonte: Elaborado pelos autores

digitalização.

Ainda, na linha de evolução pós-custodial, adotamos uma ferramenta, uma vez implantada, permite um alcance global de usuários. Além do mais, para os colaboradores mais comprometidos com a divulgação da vida, obra e pensamento do escritor-poeta Godofredo Filho, existe a possibilidade de se atualizar, coletivamente, a base de dados através do site: <www.godofredofilho.ufba.br>. Essa atualização de dados informacionais coletiva a partir da

Figura 48 - Foto da vista superior do *Scanner* AVISION FB 1200



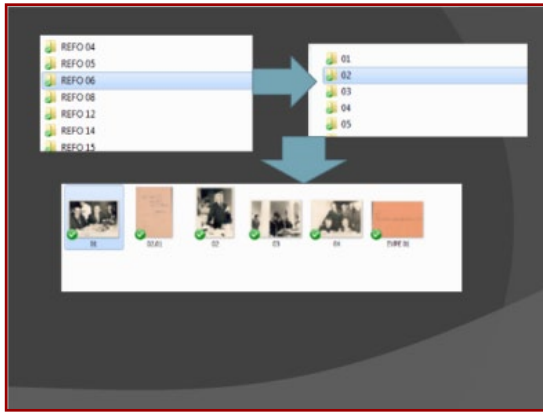
Fonte: Elaborado pelos autores

Outros suportes foram utilizados para a melhoria do formato da base de dados. Nesse caso, o *BookDrive Pro* foi fundamental ao processo de digitalização dos documentos. Trata-se de um modelo da linha de *BookDrive* de scanners. Este tipo de scanners resolve problemas comuns encontrados em scanners gerais: página curva, danos no dorso do livro e baixa produtividade.

Isso ocorre porque o *BookDrive* utiliza uma abordagem diferente, chamada de solução em forma de V. A combinação de um suporte de livros em forma de V, a partir de uma placa nesse mesmo formato, prende o livro aberto em um ângulo de 120 graus não prejudicial durante a

24 Disponível em <http://cinemateca.gov.br/sites/default/files/Dilema_Digital_2_PTBR.pdf>

Figura 50 - *Print Screen* da forma em que estão organizadas as pastas e imagens na *cloud*.



Fonte: Elaborado pelos autores

Computação, refere-se a uma coleção de múltiplas páginas interligadas, cada uma delas podendo ser visitada e editada por qualquer pessoa, através de um cadastro com login e senha, tornando bastante prática a sua reedição. Esse dispositivo é a forma mais democrática e simples de acesso à informação efetuada por qualquer pessoa mesmo destituída de conhecimento tecnológico, podendo ela contribuir aos novos conteúdos da página Web.

Os arquivos pessoais de interesse público são essenciais para a pesquisa, além disso, é um patrimônio documental relevante que deve ser estruturado e preservado para disponibilização aos cidadãos. Diante disso, investimos na publicização do arquivo pessoal de Godofredo Filho, reforçando o conceito do paradigma pós-custodial conforme Armando Malheiros:

“O paradigma pós-custodial, informacional e científico implica, também, uma mudança de postura epistemológica fundamental: da ênfase nas abordagens instrumentais, práticas, normativas e prevalentemente descritivas dos documentos-artefactos tem de se passar para a compreensão e a explicação do fenómeno info-comunicacional patente num conjunto sequencial de etapas/momentos intrínsecos à capacidade simbólico-relacional dos seres humanos - origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Trata-se, claramente, do imperativo da cientificidade diante dos desafios imensos e incertos que se erguem na actual *Era da Informação*, que se está estruturando de forma diversificada e complexa, e em que a internet assume a função de *ferramenta de construção de projectos individuais desenvolvidos a partir de diferentes dimensões (...)* a Internet é na sua constituição e apropriação flexível, interactiva, dotada de ubiquidade, global, acessível e não depende dos poderes passados ou existentes (APUD CARDOSO, 2006: 37). A CI que brota deste novo paradigma é um projecto emergente, com fragilidades e com potencialidades, sintonizado com o universo dinâmico das Ciências Sociais e centrado na compreensão do social e do cultural, com influência directa no processo formativo dos futuros profissionais da informação. Assim sendo, faz todo

plataforma Wiki, mantém uma hierarquia bem definida de colaboradores, assim denominada: juiz, burocrata, administrador, editor e leitor, todos eles sob a tutela de regras claras de conduta e ética na pesquisa e no acesso à informação. A plataforma que melhor se faz adequada à esta pesquisa é a do princípio wiki – WIKIMEDIA²⁵.

Para mais esclarecimentos, a Wiki vem do idioma havaiano que significa algo extremamente veloz ou rápido, justamente por isso que seu criador Ward Cunningham, batizou esse programa a partir da similaridade dele com o nome do ônibus expresso do aeroporto de Honolulu, capital havaiana. Já na Ciência da

Figura 51 - Vista superior do scanner BookDrive Atiz Pro



Fonte: Atiz BookDrive Pro - Site da Atiz²⁶

25 Disponível em <<https://www.mediawiki.org/wiki/MediaWiki>>

26 Atiz BookDrive Pro. Disponível em: <<https://pro.atiz.com/>>

o sentido e necessidade que o conceito operatório de mediação integre o dispositivo teórico-metodológico desta ciência emergente para atender às exigências de um enfoque que só, subsequentemente, é que é comunicacional, ou seja, o foco incide, antes de tudo, na produção informacional (em situações, contexto (s) e meio ambiente), seguindo-se ou não a dinâmica da partilha, da interação ou da ação comunicante.” (SILVA, 2010, p.13)

O grupo de pesquisa G-Acervos, ciente dos avanços tecnológicos, percebeu a grande distância entre o ano de 2005 (quando do lançamento do livro - O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate de memória e estudo arquivístico) e 2017, decidindo pela migração dos sistemas de informação do citado arquivo pessoal e da disponibilização das mídias digitais em rede, democratizando o acesso à informação.

Síntese das inovações tecnológicas aplicadas

O usuário vai encontrar um projeto mais acessível em vários pontos:

1. A modernização do suporte material referente a biobibliografia do Prof. Godofredo Filho, que anteriormente se encontrava em livro, publicado pelo ICI em 2005 na sua 1ª. edição, para um suporte digital no formato de *e-book* (*eletronic book* ou livro eletrônico), que estará disponibilizado na *Internet* gratuitamente.
2. Também tínhamos o catalogo impresso, que evoluiu para uma consulta via sistema informatizado que estava gravado no *CD-ROM* (*compact disc – read only memory* ou disco compacto de memória apenas de leitura) que acompanhava o livro. Seguindo o avanço do processo de inovação, o sistema que o mesmo continha foi migrado para a plataforma *WWW* (*World Wide Web*). A ferramenta disponibilizada como catálogo digital em *CD-ROM* agora está *on-line* na *Internet* no endereço eletrônico: <www.webgodofredofilho.ufba.br>. Tecnicamente efetuamos a migração (mudança) do banco de dados em *Access* da *Microsoft*, totalmente defasado em relação aos parâmetros de *software* e *hardware*, para um banco de dados *MYSQL*. O *MySQL* é um sistema de gerenciamento de banco de dados (SGBD), que utiliza a linguagem *SQL* (Linguagem de Consulta Estruturada, do inglês *Structured Query Language*). O acesso aos dados contidos neste banco de dados (BD) é feito via código *PHP* de uma página *HTML*. Aonde *PHP* é um acrônimo recursivo para “*PHP: Hypertext Preprocessor*”, originalmente *Personal Home Page* e *HTML* é uma abreviação para a expressão inglesa “*HyperText Markup Language*”, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto. O presente *site* e suas demais estruturas – *MYSQL*, *PHP* e *HTML* - estão hospedados nos servidores *Linux* da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sob responsabilidade da Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) situada no *campus* de Ondina da referida universidade.
3. Uma outra inovação implementada foi a forma de contribuição pelas pessoas que participaram da vida e obra do Prof. Godofredo Filho: agora com a utilização da *wikimedia* qualquer pessoa pode fazer parte da construção da sua biobibliografia, mantendo-a sempre atualizada. Para isso é só acessar o sítio: <www.godofredofilho.ufba.br>, também hospedado nos servidores da UFBA.

4. Neste ponto iniciou-se a digitalização de parte do acervo fotográfico e documental, aproximadamente 1.500 imagens foram geradas e estão hospedadas no GDRIVE associado ao *email* de contato.

(*E-mail* para contato: arquivo.godo@gmail.com)

Ponto de chegada

"Democracia é oportunizar a todos o mesmo ponto de partida.
Quanto ao ponto de chegada, depende de cada um".
Fernando Sabino

Zeny Duarte

Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Letras, UFBA. Pós-Doutora em Ciência da Informação em Plataformas Digitais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Coordenadora do G-Acervos – CNPq. Memorialista. Escritora.

Nesta pós-modernidade, concebemos o homem como um ser relacional, vivendo numa teia de interdependências ativas. De maneira orgânica, as pessoas interagem no tecido social, integrando-se nas comunidades vivenciais. Assim, apreendemos o sentido da vida e dos relacionamentos de GF^o em seu tempo, mediante a análise documentária contextualizada de seu espólio.

Podem-se ver na sua documentação os movimentos, os relacionamentos interpessoais, as atividades e as ações que exerceu, compartilhados com seus pares/contemporâneos e vividos por ele de forma ativa, consciente e nunca mecanizada. Seus documentos expressam significâncias pessoais que suplantam contatos formais impostos pelo dia-a-dia do professor, técnico, administrador, escritor-poeta e imortal da Academia de Letras da Bahia GF^o.

Notamos o quanto estava sintonizado com seu mundo interior, com a circunvizinhança, com aqueles e aquilo que provocavam processos de transformação de si mesmo. Por vezes, essa postura ocasionava desafios, descontentamentos, alegrias e contribuía para a sua produção intelectual.

Ninguém reúne documentos com tanto critério para apenas satisfazer a si próprio. No seu espólio, podem-se ler tópicos de sua cotidianidade e parte de sua história, que nos servirão de base para a implementação do arranjo e da descrição do espólio. Elas representam campos fecundos para possíveis explorações, que poderão ser realizadas mediante acesso às informações do catálogo.

Os documentos, cuidadosamente ordenados pelo titular, permanecem como testemunhos definitivamente relevantes para a leitura de seu arquivo.

A fim de compreender os meandros da arquivística e a complexidade da organização desse acervo, revimos a literatura pertinente, o manual tradicional da arquivística francesa, o clássico de Schellenberg (1974) e atualizamos as reflexões com outros estudiosos mais modernos, como Armando Malheiro, Fernanda Ribeiro, Ana Maria Camargo, Heloísa Bellotto, Jean-Yves Rousseau e Carol Couture.

A partir da década de 70, o arquivo passou a ser considerado como unidade única em seu mundo. Nos anos 80 e 90, surgiram outros teóricos.

Em Rousseau e Couture (1998, p.130), a abordagem se atualiza. Incluiu-se no estudo desses autores o conceito de “mundialização das atividades desempenhadas pelo homem

contemporâneo”, voltadas às necessidades de gestão da informação, próprias do final do século XX. Em resumo, eles dizem que

a harmonização das unidades de trabalho dos instrumentos de descrição documental e de gestão do arquivista irão permitir que todos obtenham rapidamente uma informação completa, actualizada e convincente pelo menor preço possível. A este propósito, a normalização irá trazer seguramente uma diminuição dos custos de criação, de difusão, de tratamento, de memorização, de protecção de acesso e de comunicação da informação.(...) Um desafio enorme está diante de nós e cabe-nos aceitá-lo convenientemente, pondo os nossos conhecimentos, bem como o nosso *savoir-faire*, a serviço da colectividade.

Tal desafio nos acompanha desde quando nos detivemos um pouco mais nos estudos de arranjo e descrição arquivística em suas revisões teórica-conceituais. Considerando o respeito à proveniência dos documentos, Camargo (1998,p.2) sinaliza para a dificuldade em definir a estrutura, funções e atividades do arquivo. Nesse sentido, diz que “os arquivos pessoais oferecem uma gama variada de peculiaridades que nos obrigam a rever princípios e conceitos”. Diante dessa constatação e da própria unicidade do documento de arquivo, acreditamos que qualquer proposta de se estabelecer norma internacional para organização de arquivo privado torna-se um tanto quanto inexequível, mormente em se tratando de uma documentação com organicidade preestabelecida pelo titular.

Foi a própria documentação do espólio de GF^o que conduziu ao caminho trilhado. O método do trabalho foi desenvolvido a partir da continência do titular em reservar somente para si o direito da organização de seu arquivo. Convivemos com a memória do escritor-poeta, representada por gestos repetidos e renovados em silenciosas histórias e em adormecidas atividades intelectuais e profissionais. São oitenta e oito anos de formação natural, orgânica e progressiva de documentos a ele pertencidos, somente dados a lume a partir da tese de doutorado, anteriormente citada, sob o título *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho: estudo arquivístico e catálogo informatizado*, Duarte (2000). Vale ressaltar que a realização desta pesquisa agregada ao livro, já mencionado, *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*, Duarte (2005), partem da proposta pela pesquisadora Zeny Duarte, em legar à Bahia e ao Brasil acervos documentais de imensa importância à cultura e, por vezes, nunca antes descortinado, anteriormente na posse apenas de familiares ou de terceiros, sem tratamento, organização e destinação a pesquisadores e demais interessados em documentação do gênero.

Desde quando iniciamos atividades na Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, atual Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), vimos desenvolvendo estudos teóricos e práticos na área de preservação do patrimônio histórico e da memória cultural. Descobrimos, desde então, o arquivo enquanto guardião de documentos históricos capazes de passar a limpo determinados instantes experimentados por alguém.

A leitura do espólio de GF^o fez-nos aprofundar teorias e confirmar nossa propensão para realizar pesquisas em arquivos históricos e em preservação de documentos. Nesse espólio, tivemos a oportunidade de acompanhar o percurso da infância, adolescência, juventude e maturidade do titular.

Rastreamos os liames da documentação. Realizamos então o que se pode denominar primeira “escavação” efetuada por outrem e desvendamos o processo de organização deixado por

GF^o. Registramos o instante exato da ordenação primitiva de cada dossiê e vimos como se deu a acumulação dos documentos.

Desenvolver este trabalho com o aparato da interdisciplinaridade foi necessário e positivo. No início do convívio com diversas teorias, houve certo distúrbio, provocando diferentes leituras em arquivística, letras e noutras áreas. Porém, se assim não tivesse acontecido, o estudo não teria alcançado o resultado com base na Multi, Inter e Transdisciplinaridade (MIT), fenômeno próprio do exercício acadêmico finissecular, na última década. O titular, com sua formação humanística, reuniu documentos com multiplicidade temática.

A microfilmagem, a digitalização, ou outro meio de reprodução tecnológica e de divulgação desse arquivo, são etapas que poderão ser realizadas, evidentemente conservando os procedimentos metodológicos do tratamento, organização e conservação do acervo, adotados por este trabalho e evidenciados no formato do catálogo *online* disponibilizado na plataforma digital www.webgodofredofilho.ufba.br, além do ambiente colaborativo que poderá ser usado para a atualização de dados informacionais referentes ao insigne Prof. Godofredo Filho, localizado em www.godofredofilho.ufba.br. E, sem olvidar que todo e qualquer estudo a ser desenvolvido no arquivo de GF^o não deverá, jamais, interferir na ordem original do titular. Seja qual for o projeto a ser realizado (com ou sem a interferência do computador e da Internet), deve-se observar a salvaguarda dessa documentação (sem modificar a ordem original e manter a conservação preventiva dos suportes).

A implementação desta pesquisa foi mais do que simplesmente implementar o instrumento de pesquisa do espólio de GF^o (Catálogo inicialmente informatizado e em CD-Rom e, atualmente, *online*). Analisamos e organizamos a documentação com o fito de seu compartilhamento e premanência à posteridade. Consideramos os princípios arquivísticos e as atuais revisões teórica-conceituais.

De maneira simbólica, defrontamo-nos com um acervo que possui o “infinito poder das palavras”. Conscientes de que toda conclusão de trabalho científico na realidade é uma abertura, acrescentamos uma breve passagem da grande obra *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1983), escritor italiano e, certamente, um dos intelectuais e teóricos da comunicação mais refinados do século XX. É conhecido pelo uso *playful* da língua e dos símbolos, de sua extraordinária disposição às alusões, às referências e ao uso inteligente dos enigmas e das invenções da narrativa. Assim ele escreveu: “Quarto dia – Terceira, onde Adso se debate nos padecimentos de amor, depois chega Guilherme com o texto de Venâncio, que continua sendo indecifrável mesmo depois de ter sido decifrado.” (ECO, 1983, p.320). Isso nos conduz à certeza de que o arquivo pessoal analisado continua desafiadamente enigmático, possuidor de caráter autônomo e de especificidades próprias. Constitui-se objeto a ser explorado e, de maneira imprevisível. Voltamo-nos ao início deste estudo, quando o conjunto documental se anunciava [indesslindável](#).

Após “ter decifrado” a ordem original do arquivo pessoal de GF^o, sinalizamos outras vertentes de sua documentação. Portanto, a pesquisa não se esgota com a finalização deste livro, porque os mistérios da “rosa” permanecerão.

E, em seu *Poema da rosa*, escrito em 1952 (Godofredo Filho, 1986, p.137), arremata:

“Ó, é preciso salvar a rosa,
e que, livre do espaço e do
tempo, ela viva no jardim, sem
fim. Salvar a rosa!
Salvar a rosa.”

Posfácio

Luís Henrique Dias Tavares

Doutor e livre-docente em História do Brasil pela Ufba, com pós-doutorado na University College de Londres e na Universidade de Londres. Imortal da Academia de Letras da Bahia, professor da rede estadual de ensino e da Ufba. Pesquisador do CNPq, Inep e de outras instituições de amparo à pesquisa. Nome de reconhecimento nacional e internacional, como pesquisador, historiador e escritor.

Escrevi três crônicas tendo Godofredo Filho como personagem central. Uma delas está no livro *Homem deitado na rede*. É a história de três amigos que saem andando no centro da cidade. Um deles é Godofredo; os outros, Carvalho Filho e Zitelmann de Oliva. É texto produzido a partir de uma série publicada no Jornal da Bahia, onde mantive a coluna *Cidade, homens e bichos*, durante um bom tempo. Há também outra crônica, mais pessoal, em que registro o seu andar de marinheiro, pois ele parecia caminhar como se cambaleasse sobre o tombadilho de navio. *Andorinha de papel: com o poeta em Lisboa*, com trecho transcrito nesta obra, fiz inspirado nas andanças por Lisboa em companhia do amigo Carlos Eduardo da Rocha, recordando gestos e jeitos de confrades baianos, incluindo aí histórias sobre Godô. Escrevi outra, *A morte do poeta*, no jornal A Tarde, por ocasião do seu passamento. Além do que posso ainda dizer, ressalto aqui a emoção de recordar o grande poeta brasileiro, o amigo muito querido.

A obra poética de Godofredo, na sua expressão emocional e artística, é uma das mais elevadas do nosso tempo. Foi um modernista na acepção do epíteto que se convencionou dar aos poetas dos anos de 1920 e que procuraram revisar a forma estética brasileira e instituíram o poema livre. Alguns até consideram que o *Poema da rosa* (1952), de Godofredo, é superior ao de Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo* (1945). Não direi isso – não sou entendido – apenas observo que são dois direcionamentos diferentes. O de Drummond encerra toda a formação poética dele, todo o domínio da palavra e da sonoridade, mas com um fundo social muito forte. É também um poema do período pós-guerra (a segunda, 1939 – 1945) em que o Brasil se construía, não mais com a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, porém com o retorno às formas democráticas representativas. A composição quase homônima de Godofredo é um poema lírico, de valorizações sentimentais, sem tonalidade social nem política. Toda a poesia de Godofredo é de primeira qualidade. Não posso criticá-la, porque não sou especialista, mas um leitor. No instante em que leio o livro – antologia de seus poemas, emocio-me pelo seu valor e também pela lembrança que me traz de Godô.

Foi um dedicado defensor do patrimônio histórico e cultural da Bahia. Como pioneiro, montou a sede do Iphan na Bahia e Sergipe, dedicando-lhe toda a vida. Afastou-se, já sem condições físicas e com problemas de saúde, por contingências que estavam acima de sua vontade. Realizou todo o trabalho de defesa dos nossos bens culturais e deixou um caminho aberto para que outros o seguissem.

Como os brasileiros de sua geração, era discreto. Para ser mais exato, calado. Não conversava com os amigos, como era o meu caso, acerca dos problemas enfrentados por cada

um. Se conversava, era com aqueles mais próximos, íntimos. Foi amigo fraternal do poeta Carvalho Filho, anos e anos. Foram amigos de uma existência. Esses dois, sim, um e outro eram confidentes de si próprios. Foi também muito amigo de Odorico Tavares. Não sei o grau de confiança que existia entre eles. Mantinha um grande círculo de amigos. Posso acentuar o seguinte: era característica da geração dele a discrição e o silêncio a propósito de questões pessoais dos companheiros. Sobre isso não se dialogava. Essa geração era extremamente ciosa da privacidade. Diferente das gerações que vieram depois.

Ex-seminarista, trouxe do convívio clerical base não só religiosa, como também moral, de regras de conduta. E uma delas era não falar demais, só o necessário e, ainda assim, com quem fosse da mais completa, absoluta confiança. Pertenceu, portanto, a uma geração baiana e brasileira discreta. Não deixou de manter sempre o comportamento aprendido no Seminário. Ele não seria nunca um padre. Foi, todavia, um religioso católico, convicto, de missas, rezas, de ajoelhar-se perante imagens de devoção, de conversar com elas, em silêncio. Era um homem circunspecto, respeitoso, nunca de exposições, de manifestar suas emoções com exuberância. Viveu várias histórias românticas e envolvimento sentimentais, mas todos marcados pelo respeito e dignidade. Não os conheço em detalhe. Sei apenas que era homem amoroso.

Fui colega dele na Universidade. Foi fundador da disciplina História da Arte na Faculdade de Filosofia, onde eu, por concurso, tornei-me professor de História do Brasil. Convivemos um tempo no Departamento de História. Depois, na Academia de Letras da Bahia, a partir de minha eleição e posse na cadeira n. 1, em 14 de junho de 1968. Os encontros não eram muito constantes. Constante mesmo era a afetividade de minha parte para com ele e acredito que também da parte dele para comigo. Deu-me várias demonstrações de afeto. Convidou-me duas vezes para almoçar em sua residência. Era um presente, um privilégio, algo que se estendia apenas a uns poucos. Era um almoço demorado, de pessoas que apreciavam seus pratos inesquecíveis e a sistemática do serviço, da degustação do vinho. Era um deleite estarmos reunidos numa mesa lânguida e longamente, sem a menor pressa. Nas duas vezes em que almocei na casa dele, as refeições, lautas e deliciosas, estenderam-se por um tempo que não ficou marcado. Saíamos de lá felizes ou mais felizes. Como sempre, ele, admirável na maneira de nos tratar e atender em sua casa.

A Bahia não é de memória imediata. É do esquecer. Quando Godô faleceu, havia anos que estava doente, em cima de uma cama, imobilizado. Já não era o conhecido diretor do Iphan, não tinha qualquer poder, nem vínculo com órgãos estaduais e federais. Era um homem doente, um poeta morrendo, tanto que sua morte foi sentida e acompanhada apenas pelos amigos mais próximos. Talvez, com a leitura de minha crônica *A morte do poeta*, obtenha-se melhor idéia do que sentimos. Na ocasião, a viúva, Sra. Carmozinda Figueiredo, emocionada, revelou-me que o meu texto expressava o que lhe ia n'alma.

Registro meu afeto e admiração pela pessoa e pelo poeta Godofredo Filho. Só tenho dele lembranças cativantes, emocionantes. Nossa amizade foi, por conseguinte, uma concessão montada, primeiro, pela inteligência, depois pela educação dele. Ele sempre me tratou muito afetivamente, como era de seu feitio. Leu-me, comentou as crônicas e contos que eu escrevi e prestou-me ainda a homenagem de dialogar comigo em poesia. Esse diálogo é algo inesquecível. Ele, com um grande poema, e eu, com um soneto singelo, de final pessimista, um verso fechado, que dizia: "E nada vale nada". No seu belíssimo poema, respondeu, opondo-se à conclusão de meu soneto, às colocações pessimistas que havia feito. Um dos números da Revista

da Academia de Letras da Bahia reproduziu os dois textos, tanto o meu soneto, como o poema-resposta de Godofredo Filho*.

Tendo sido convidado para posfaciar esta publicação, focalizada no estudo do arquivo privado e na biobibliografia de Godofredo Filho, e considerando o conceito de posfácio, senti que não me caberia trazer explicações, mas simplesmente o meu depoimento sobre esse homem singular e poeta maior.

Como posfaciador, estou convicto de que esta edição é um excelente exemplo para a Bahia, demonstrativa de uma ação concreta, necessária, para a conservação da memória de representantes da nossa história, agora disponibilizada aos diversos segmentos sociais. É algo a ser seguido e mantido como prática de ética, cidadania, civismo e resgate do passado, pois, como disse Mário de Andrade, “o passado é uma lição que se aprendeu”. E, quem sabe, sem esta pesquisa, transformada em livro, mais um representante da *intelligentsia* baiana cairia no olvido.

* Referências dos sonetos mencionados:

TAVARES, Luís Henrique Dias. Soneto da demissão. Salvador, *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n.35, p.233, set./1988. (Escrito em 24. XII.1969).

GODOFREDO FILHO. Soneto da readmissão. Salvador, *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n.35, p.234, set./1988. (Escrito em 28. XII.1969).

Referências

Nota explicativa

Os itens documentais citados, neste livro, foram coligidos do arquivo pessoal de Godofredo Filho.

Além das obras relacionadas a seguir, realizamos estudos em instrumentos de pesquisa de arquivos privados publicados no Brasil e no exterior, no material bibliográfico recolhido durante o Doutorado em Letras – UFBA e Doutorado-sanduíche na Universidade Nova de Lisboa - Portugal, a pós-graduação em *Stage dans l'Atelier de Conservation et de Restauration des Photographies de la Ville de Paris*, França, a pós-graduação *Stage Technique International des Archives - Archives de France*, nas instituições Arquivo Nacional do Brasil, Conselho Nacional de Arquivos, Associação dos Arquivistas Brasileiros, *Conseil International des Archives*, *Regional Archives Maribor - International Institute for Archival Science*, *Programme de Gestion des Documents et des Archives - Ramp / Unesco*, *Réseau International de Néologie et de Terminologie – Rint*, *Asociación para la Conservación del Patrimonio Cultural de las Américas - Apoyo*.

A

ANSELMO, Artur. Fronteiras da história do livro. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n.9, p.79-82, 1996.

ANTONIELLA, Augusto. Difficoltà nell'uniformazione delle descrizioni archivistiche. *Rassegna degli Archivi di Stato*, Roma, v.54, n.1, p.51-56, 1994.

ANTUNES, Jaime. O Arquivo Nacional e a implantação da política arquivística no Brasil. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, p.121- 131, 1994. ARCHIVAL ACQUISITION. In: *A modern archives reader: basic readings on archival theory and practice*. Washington: National Archives, 1984. p.101-145.

ARIAS, Victoria. La normalización de la descripción archivística: estado de la cuestión en España. SEMINARIO SOBRE NORMAS INTERNACIONALES PARA LA DESCRIPCIÓN ARCHIVÍSTICA. Mexico. 1993. Actas... Mexico, 1993. p.18-27.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *O papel da Ibero-américa na comunidade arquivística internacional*. Rio de Janeiro, 1998. 45p.

ASSOCIATION DES ARCHIVISTES FRANÇAIS. *Manuel d'archivistique: théorie et pratique des archives publiques en France*. Paris: Direction des Archives de France, 1970. 805p.

B

BARATA, Paulo J.S. Investigação em arquivo: tendências dos anos 90. *Páginas a&b*, Lisboa, n.1, p.9-42, 1997.

_____. Organização de um arquivo pessoal, arquivo Mouzinho da Silveira: análise de um caso. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, p.53-73, 1993.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1987. (Col. Signos, n.45).

_____. *Basic archival problems: strategies for development*. München; New Providence; London; Paris: 1999. 307p. (Archivum, 44).

_____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix. 1988. 116p.

_____. *O grau zero da escrita*. Tradução Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1997. 73p.

BAUTIER, Robert-Henri. Les archives. In: *L'histoire et ses méthodes*. Paris: Gallimard, 1961. p.1121-1166.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: a ordenação interna dos fundos. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro (SP), v.5, p.4-15, jan. 1986.

_____. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. 198p.

_____. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. *Estudos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.201-207, 1998.

_____. *Conceituação e caracterização de documentos de arquivos privados*. São Paulo: [s.n.], 1983. 25p.

_____. Descrição: processo e instrumentos. *Arquivo Rio Claro*, Rio Claro, (SP), v.1, n.6, p.8-30, jan. 1987.

_____. Política de descrição documental. *Arquivo Rio Claro*, (SP), v.7, n.2, p.24-30, jul. 1988.

_____. Problemática atual dos arquivos particulares. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p.5, jan. / abr. 1978.

_____. Tipologia documental em arquivos: nova abordagem. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, 9-20p, 1989.

BELTRÃO, Odacyr. *Correspondência: linguagem & comunicação*. São Paulo: Atlas, 1983. Paginação irregular.

BENNETT, Arnold. Meu arquivo particular. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.8-10, jan/abr. 1979.

BERARDINELLI, Cleonice. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990. (Edição Crítica de Fernando Pessoa, v.2).

BERGEZ, Daniel et al. *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 226p.

BERNER, Richard C. Arrangement and description: some historical observations. *The American Archivist*, Chicago, v.41, p.169-181, apr. 1978.

BERTALANEY, L. Perspectiva en la teoría general de los sistemas. Madrid: Alianza, 1979. Paginação irregular.

BERTOLETTI, Esther Caldas. Preservação e acesso de acervos de documentos históricos considerados como patrimônio comum. *Páginas a&b*, Lisboa, n.1, p.113-127, 1997.

BOAVENTURA, Edivaldo M. *O território da palavra*. Salvador: Ianamá, 2001. p.169-190.

BORGES, Leonor Calvão. *A organização e descrição de espólios: estudo de um caso*. [s.n.t.].

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da informação e da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1994. 323p.

BOURDIER, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 431p.

BRASIL. Lei n. 8.159 - 8 jan. 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1991. s.p.

THE BRITISH LIBRARY. National Preservation Office. *Preservação de documentos: métodos e práticas de salvaguarda*. Tradução de Zeny Duarte. Apresentação de Robert Howes. Orelha de Lúcio Farias. Salvador: Edufba, 2000. 108p.

_____. _____. Tradução e glossário de Zeny Duarte. Apresentação de Robert Howes. Orelha de Lúcio Farias. 2. ed. Salvador: Edufba, 2003. 136p.

C

CARDINAL, Louis et al. Les instruments de recherche pour les archives. La Pocatière: Documentor, 1984. Paginação irregular.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida (amcamar@ibm.net). [Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. E-mail para Zeny Duarte \(zenyds@ufba.br\). 18 maio 1998.](#)

_____. Arquivo, documentos e informação: velhos e novos suportes. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, n.5, p.34-40, 1994.

_____. Arquivos pessoais. *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v.9, n.1, p.21-24, jan. /dez. 1988.

_____. *Arquivos pessoais: questões para um debate*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, 1998.

- _____. Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. *Estudos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.169-174, 1998.
- _____. (Coord.). *Diagnóstico dos arquivos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Centro de Apoio à Pesquisa em História, 1996, 195p.
- _____. O público e o privado: contribuição para o debate em torno da caracterização de documentos e arquivos. *Arquivo: boletim histórico e informativo*, São Paulo, v.9, n.2, p.57-64, 1988.
- CAMPOS, Astério Tavares. A indexação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.15, n.1, jan. /jun. 1987.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIANFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508p.
- CARMONA DE LOS SANTOS, Maria. Rentabilización de instrumentos tradicionales de descripción de fondos mediante tratamiento informático. *Irargi*, Victoria - Gasteiz, v.4, n.4, p.341-357, 1991.
- CARTIER-BRESSON, Anne. L'histoire des photographies et les leçons de la technique. In: PARIS AUDIVISUEL. *Portraits d'une capitale: de Daquerre à William Klein*. Paris: Éditions Paris-Musées, 1992. p.159-165.
- CASANOVA, Eugenio. *Archivistica*. Siena, [s.n.], 1928. p.15.
- CASTRO, Astréa de Moraes; CASTRO, Andresa de Moraes; GASPARIAN, Danuza de Moraes e Castro. *Arquivística - técnica; arquivologia - ciência*. Brasília: ABDF, 1985. v.II.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. *Indexação & tesouros metodologia & técnica*. Ed. Preliminar. Brasília : Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1978. 87p.
- CINTRA, Ana Maria et al. *Para entender as linguagens documentárias*. São Paulo: Polis/ APB, 1994. 72 p. (Coleção Palavra-Chave, n. 4).
- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. Tradução Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, [s.d.]. 134p. (Debates, 243).
- COLLISON, Robert L. *Índices e indexação*. São Paulo: Polígono, 1972. 225p.
- CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. L'accès aux archives: aspects légaux. In: CONFÉRENCE INTERNATIONALE DE LA TABLE RONDE DES ARCHIVES. *Actes...* Édimbourg, 1997. 140p.
- CONSEIL INTERNATIONAL DES ARCHIVES. *Dictionary of archival terminology: English and French; with equivalents in Dutch, German, Italian, Russian and Spanish*. 2. ed. rev. München; New York; London; Paris: Peter Walne K.G. Saur, 1988.
- CONTAT, Michel. L'auteur comme espace biographique. In: COLLOQUE FRANCO-SOVIÉTIQUE. *Actes...* Paris: CNRS/ Du Lérot éd., 1988.
- _____. Problèmes de l'édition critique. *Cahiers de textologie*, Paris, 1988. COOK, Terry. *The concept of the archival funds: theory, description and provenance in the post-custodial era*. [s.n.t.].
- CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. *Descrição e representação de fotografias de cenas e fotogramas de filmes*. 1990. 191 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro.
- CORET, Anne. Un système d'indexation structurée à l'INSIST: bilan d'une étude préalable. *Documentaliste, Sciences de l'Information*, [s.l.], n.3, p.148-158, mar./jun. 1994.
- CORTES ALONSO, Vicenta. Organización de fondos en los archivos históricos: los archivos intocables? Los mitos, la falta de recursos y el temor reverencial. *Revista del Archivo General de la Nación*, Lima, n.14, p.17-36, 1996.
- COSTA, Célia Maria Leite, FRAIZ, Priscila Moraes Varella. Acesso à informação nos Arquivos Brasileiros. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.63-76, 1989.
- COUTO, Miriam Yanitchkis. Metodologia para automação de arquivos, bibliotecas e centros de documentação. *Acervo*, Rio de Janeiro, v.7, n.1/2, p.91-96, jan./dez. 1994.
- CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. *Do mito à análise documentária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. 163p. (Teses, 11).

D

DANTAS, Iasmine de Magalhães. A escrita na era eletrônica e digital. *Textos de Cultura e Comunicação*, Salvador, n.36, p.149-162, dez./1996.

DANTAS, Júlio. *Novas bibliotecas, novos arquivos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1917. Paginação irregular.

DÉCIA, Patrícia. IEB limita acesso a documentos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1997.

DEL PRIORI, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIANFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 2. ed. Lisboa: Vega, 1998. 179p.

_____. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Estudos, 35).

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: una impresión freudiana*. Madrid: Trotta S.A., 1997. 105p.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Coordenação Ana Maria Camargo, Heloísa Liberalli Bellotto; Colaboração Aparecida Sales Linares Botani et al. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996. 142p.

DICTIONARY OF ARCHIVAL TERMINOLOGY. English and French; with equivalents in Dutch, German, Italian, Russian and Spanish = DICTIONAIRE

Dilema Digital 2. Disponível em <http://cinemateca.gov.br/sites/default/files/Dilema_Digital_2_PTBR.pdf> Acesso em maio de 2017.

DE TERMINOLOGIE ARCHIVISTIQUE. 2. ed. rev. München; New York; London; Paris: Saur, 1988. 212p. (ICA handbooks series, 7).

DOLLAR, Charles. O impacto das tecnologias de informação sobre princípios e práticas de arquivos: algumas considerações. *Acervo*, Rio de Janeiro, v.7, n.1/2, p.3-38, jan./dez. 1994.

_____. Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: o papel crucial da arquivologia. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.65-79, 1994.

DUARTE, Luiz Fagundes. Breve prática sobre a nova filologia. *Separata da Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*, Lisboa, p.153-160, 1992-1993.

_____. *A Capital!:* começos duma carreira. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1992. 413p.

_____. *A conservação e a restauração de documentos na era pós-custodial*. Salvador: EDUFBA, 2014.

_____. *Crítica textual*. Universidade Nova de Lisboa, 101p. Relatório (Título de Agregado em Estudos Portugueses) – Universidade Nova de Lisboa, 1997.

_____. Edição crítica e memória. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*, n.9, p.145-151, 1996.

_____. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Edições Cosmos, 144p.

_____. *A génese de um romance: incursão na escrita queiroziana*. 1989. Tese. (Doutorado em Linguística Portuguesa) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Paginação irregular.

_____. Manuscritos: para que servem. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n.20, p.11-20, set. 1997.

_____. *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

_____. Prática de edição: onde está o autor? ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4, 1994. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário. 1994. p.335-358.

DUARTE, Zeny. Acervos manuscritológicos e bibliográficos dos escritores portugueses Fernando Pessoa, Eça de Queirós e José Régio: resultado de pesquisa realizada em Portugal. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 16. *Anais...* Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, 1999. p.652-658.

- _____. O arquivo privado de Godofredo Filho: um estudo de caso de organização de documentos pessoais com base na arquivística contemporânea. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PESQUISADORES DO MANUSCRITO LITERÁRIO; MEMÓRIA CULTURAL E EDIÇÕES, 5, 1996, Salvador. *Trabalho apresentado...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996.
- _____. Arquivos, definição e evolução: introdução ao estudo do arquivo privado. *Tecbahia - Revista Baiana de Tecnologia*, Camaçari-BA, v.11, n.3, p.173-180, 1996.
- _____. *Arranjo e descrição do espólio de Godofredo Filho*: estudo arquivístico e catálogo informatizado. 2000. 390 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- _____. *Catálogo cumulativo do arquivo fotográfico do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia*. Salvador: Editora Gráfica da Bahia, v.1, n.1, 1990. 70p.
- _____. Conservação de documentos: uma demonstração do modelo francês no armazenamento dos documentos de arquivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 8. *Trabalho apresentado...* Salvador: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 1990.
- _____. A crítica diplomática e a crítica documental na organização do espólio de Godofredo Filho: uma maneira de pensar os documentos arquivísticos. In: MOURA, Denilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999. p.194-196.
- _____. Desenvolvimento dos estudos e aplicação prática e a normalização sobre a conservação e a restauração de documentos fotográficos na França. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5. *Comunicações...* Lisboa: Câmara Municipal, 1994. p.351-372.
- _____. A fotografia nos arquivos privados do acervo de manuscritos baianos da Universidade Federal da Bahia: aspectos históricos, conservação e organização. In: ENCONTROS DE CONSERVAÇÃO DE FOTOGRAFIA ARQUIVO FOTOGRAFICO MUNICIPAL, *Trabalho apresentado...* Lisboa: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, 1997.
- _____. Godofredo Filho: arquivista literato. *A Tarde, Cultural*, Salvador, 26 de abril de 2003.
- _____. Godofredo Filho: baiano exemplar. *A Tarde, Cultural*, Salvador, 23 de abril de 2005. p.10-11.
- _____. Godofredo Filho: Flash biográfico. *Tribuna Feirense, Cultural*. Feira de Santana, 22 de agosto de 2004. p.1-2.
- _____. Godofredo Filho: homem plural. *A Tarde, Cultural*. Salvador, 18 de março de 2000.
- _____. Letras galegas do espólio de Godofredo Filho. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA - Abralín, *Trabalho apresentado...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- _____. Manuscritos literários do arquivo privado de Godofredo Filho. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA APML; FRONTEIRAS DA CRIAÇÃO - APML, 4. *Trabalho apresentado...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. Organização dos espólios manuscritológicos e bibliográficos do escritor português José Régio e do escritor da Bahia Godofredo Filho. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA APML; FRONTEIRAS DA CRIAÇÃO - APML, 4. *Trabalho apresentado...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. Preservação de documentos: estudo de caso do arquivo privado de Godofredo Filho. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 18. *Trabalho apresentado...* Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.
- _____. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005. Contém CD-ROM (Catálogo informatizado do arquivo pessoal de Godofredo Filho).
- DUCHEIN, Michel. La evolución de las técnicas de descripción archivística. *Irargi*, Victoria-Gasteiz, v.4, n.4, p.41-53. 1991.
- _____. *Le respect des fonds en archivistique*. Paris: Association des Archivistes Français, 1992, p.9-34.
- DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998, p. 151-168.
- _____. (1998). A Classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Revista Estudos Históricos*, Vol. 11, n. 21 p. 151-167.

DURANTI, Luciana. Caratteristiche intrinseche degli strumenti informativi. *Rassegna degli Archivi di Stato*, Roma, v.54, n.1, p.57-65, genn./apr. 1994.

_____. *Ciencia archivística*. Tradução Manuel Vazquez. Córdoba: RA, 1995. Paginação irregular.

_____. The concept of appraisal and archival theory. *The American Archivist*, Chicago, v.57, n.2, 1994. p. 328-344.

_____. *Diplomática: usos nuevos para una antigua ciencia*. Tradução Manuel Vázquez. Córdoba: [s.n.], 1995. 239p.

_____. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.49-64, 1994.

E

EASTWOOD, Terry. MACNEILL, Heather. (Organizadores) Correntes atuais do pensamento arquivístico. UFMG, 2016.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 425p.

_____. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1983. 181p.

_____. *Os limites da interpretação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 284p.

_____. *O nome da rosa*. Tradução Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p.320.

_____. *O signo*. Lisboa : Presença. 1973. 188p. ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 2, 1996, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Letras. Instituto de Letras e Artes; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

ELMASRI, Ramez; NAVATHE, Shamkant B.; *Sistemas de banco de dados*. São Paulo: PEARSON 6ed.

ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 3, 1997, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Curso de Pós- Graduação em Letras. Instituto de Letras e Artes; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 7, 1992, Porto Alegre. *Anais...* Goiânia: ANPOLL, 1993. p.34-48.

ENRICO, Martines. *Fernando Pessoa e "presença": due generazioni a confronto in un intreccio epistolare*. 1997. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Estrangeira) - Facoltà di Lettere e Filosofia - Università degli Studi di Roma. Roma. Paginação irregular.

ESPOSEL, José Pedro. *Arquivos: uma questão de ordem*. Niteroi: Muiraquitã, 1994. 234p.

ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, n.16, jul./dez. 1995.

_____. v.11, n.21, 1998.

F

FARIAS, Lúcio. Dicionário de termos arquivísticos: subsídios para uma terminologia arquivística brasileira. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5, 1994. Lisboa. *Comunicações...* Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas. 1994. p.417-422.

_____. Breve incursão no espaço godofrediano. *A Tarde*, Salvador, 26 de abril de 2003. p.3.

_____. Godô & Rubião Braz: fluxo fraterno. *A Tarde, Caderno Cultural*, Salvador, 4 de setembro de 2004. p.4-5.

FAVIER, F. Les archives. *Que sais-je?* Paris: Direction des Archives de France, n.805, 1975.

FERREIRA, Jerusa Pires. Escritores brasileiros e a Galícia. In: SIMPÓSIO DE LÍNGUA E IMIGRAÇÃO GALEGAS NA AMÉRICA LATINA. 1996. 38p.

_____. Os poemas galegos de Godofredo Filho – poeta da Bahia. *Separata da Revista Ocidente*, Lisboa, v. LXXVIII, p. 21-38, 1970.

- FERRARA, Nelson Fiedler. O texto literário como sistema complexo. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES DO MANUSCRITO E DE EDIÇÕES, 4, 1994. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário. 1994. p.30-43.
- FILANGIERI, Ricardo. Os arquivos privados. In: JAMESON, Samuel (Org.). *Administração de arquivos e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1964. p.36-42.
- FLATSCHART, Fabio. *Livro digital, etc.* Rio de Janeiro: Brasport, 2014
- FOSKETTI, A. C. *A abordagem temática da informação*. Brasília: Polígono, 1973. 437p.
- _____. Informática. In: *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro: Calunga, p.9-51, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1969.
- _____. *Microfísica do poder*. 13. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 295p. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 7).
- FRAIZ, Priscila Moraes Varela. *A construção de um eu autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema*. 1994. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Paginação irregular.
- FRANÇA, Paula Cristina Viana; PEREIRA, Ilídio Manuel Barbosa. XII Congresso Internacional de Arquivos; Montréal, Canadá, 6/11, set./ 1992. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.1, p.83-97, 1993.
- FREITAS, Maria José Rabello de Freitas. O acervo documental da primeira escola de medicina do Brasil: uma experiência de recuperação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 5, 1994. Lisboa. *Comunicações...* Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas. 1994. p.579-589.
- G**
- GALLEGO DOMINGUEZ, Olga; LOPEZ GOMEZ, Pedro. La descripción documental en fondos de archivos o series cerradas. *Irargi*, Victoria-Gasteiz, v.4, n.4, p.207-249, 1991.
- GARCIA, Madalena. A informação arquivística contemporânea: breves considerações. *Leituras*, Rev. Bibl. Nac. Lisboa, v.3, n.1, p.149-155, abr./out. 1997.
- GODOFREDO FILHO. *Balada da dor de corno*. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1952.
- _____. *Breve romanceiro do Natal* - antologia. Salvador: Beneditina, 1972. (Ilustrações de antigos manuscritos do século XVIII do Mosteiro de São Bento da Bahia).
- _____. *Dimensão histórica da visita do Imperador a Feira de Santana*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, Ufba, 1976. (Nota explicativa de Consuelo Pondé de Sena).
- _____. *Dimensão histórica da visita do Imperador a Feira de Santana*. Feira de Santana: Núcleo de Preservação da Memória Feirense; Fundação Senhor dos Passos, 2004. 47p. (Nota explicativa, de Consuelo Pondé de Sena, e Godofredo Filho: síntese biográfica, de Zeny Duarte).
- _____. *Guia poético e prosaico de Cachoeira*. Salvador, separata da Revista de Cultura da Bahia, n.4, jul./dez.1969.
- _____. *Influências orientais na pintura jesuítica da Bahia*. Salvador: Ufba, 1969. (Separata da Revista Universitas, n. 2, jan./abr. 1969)
- Irmã poesia*: seleção de poemas (1923-1986). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia/ Academia de Letras da Bahia, 1986. 374p.
- _____. *Ladeira da Misericórdia*. Salvador: S.A. Artes Gráficas: Macunaíma, 1976. (Com capa e gravuras especiais de Hansen-Bahia).
- _____. *Lamento da perdição de Enone*. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1959.
- _____. *Pethion de Villar*: um grande e esquecido poeta. Salvador: Beneditina, 1972 (Separata da Revista de Cultura da Bahia, n. 5. jul./dez. 1970)
- _____. *Poema da Feira de Sant'Ana*. Salvador: S.A. Artes Gráficas: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1977. (Capa e ilustrações de Caribé).
- _____. *Poema da rosa*. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1952.

- _____. *Poema de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1932.
- _____. *Sete sonetos do vinho*. Salvador: Estuário, 1971.
- _____. *Solilóquio*. Salvador: Arpoador: Fundação Cultural do Estado, 1974.
- _____. *Sonetos e canções*. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1954.
- _____. *Universidade e memória nacional*. Salvador: Centro de Estudos Baianos - Ufba, 1984 (publicação n. 106)
- _____; REBOUÇAS, Diógenes. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no Século XIX*. Salvador: Odebrecht S.A, 1985 (Apresentação de Pedro Calmon e introdução de Thales de Azevedo)
- GODOFREDO FILHO et al. *Cinco poetas*. Salvador: Macunaíma, 1966. (Capa, vinheta e orientação gráfica de Calasans Neto).
- GOMEZ, Maria Néida González. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. *Ciência da Informação*, Brasília, v.22, n.3, p.217-222, 1995.
- GONÇALVES, Manuel Silva; GUIMARÃES, Paulo Mesquita; PEIXOTO, Pedro Abreu. *Arquivos de família: organização e descrição*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1996. 55p.
- GRAWITZ, Madaleine. *Lexique des sciences sociales*. 5^{ème}. édition. Paris: Dalloz, 1991. p.354.
- GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: PUF/ Presses Universitaires, 1994.
- _____. Pour une théorie génétique: esthétique, histoire, écriture. In: *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994. p.202-224.

H

- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p.19. (Tempo Universitário, n.76)
- HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Tradução Ordep José Serra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 217p. (Biblioteca básica).
- HAWORTH, Kent M. Reclaiming archival principles: the future of appraisal, records management and description in North America. In: BUCCI, Oddo (Ed.). *Archival science on the threshold of the year 2000: proceedings of the International Conference, Macerata, Italy, 3-8 September 1990*. Ancona: University of Macerata, 1992. p. 145-165.
- HERRERA, Antonia Heredia. *Archivística general: teoría y práctica*. Sevilla: Diputación Provincial, 1989.
- _____. Arquivos, documentos e informação. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. 235p.
- _____. Estado de la cuestión sobre instrumentos descriptivos y normas de descripción. *Irargi*, Victoria-Gasteiz, v.4, n.4, p.183-205.
- HIMLY, M.F.J. *Les instruments de recherche, principes, définitions, commentaires critiques*. Bas-Rhin [197-?]. 8p. (Résumé de conférence).
- HITOMI, Alberto Haruyoshi. As formas sociais de consciência: o pensamento de Antonio Gramsci. *Transinformação*, São Paulo, v.8, n.1, p. 31-51, jan./abr.1996.

I

INSTITUTO PORTUGUÊS DE ARQUIVOS. *Arqbase: metodologia de descrição arquivística para tratamento automatizado de documentação histórica*. Lisboa, 1991. 57p. (Estudos e documentos técnicos).

J

JARDIM, José Maria. As relações entre a arquivística e a ciência da informação. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, p.9-45, 1992.

_____. *Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1995, 196p.

K

KITCHING, Christopher. *L'informaticque au service des instruments de recherche dans les archives: une étude RAMP*. Paris: Unesco, Programme general d'information de l'Unisist, 1991, 52p.

KOFMAN, Sarah. *L'enfance de l'art: une interprétation de l'esthétique freudienne*. Paris: Galilée, 1985.

L

LANCASTER, F. Wilfrid. *Indexação e resumos: teoria e prática*. Tradução Antônio Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1993. 347p.

LARA, Marilda Lopes Gimez de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n.3, p. 223-226, 1993.

LAUDON, KENNETH C. *Sistemas de Informações Gerenciais - 7ª. Edição* – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

LODOLINI, Elio. El problema fundamental de la archivística: la naturaleza y el ordenamiento de los archivos. In: GUTIERREZ MUÑOZ, César. *Archivística*. Lima: Pontificia Universidad Católica, 1991. p.30-51.

LOPES, Luís Carlos. *A informação e os arquivos: teorias e práticas*. Niterói: Eduff, 1996. Paginação irregular.

LOPES, Alexandre Monteiro. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. Rio de Janeiro: A Coelho Branco Fº, 1943. p.136.

LUCAS, Lydia. Efficient finding aids: developing a system for control of archives and manuscripts. In: *A modern archives reader: basic readings on archival theory and practice*. Washington, Nards, 1984. p.203-210.

LUZ, André Ricardo de Andrade Vasconcellos. A arquivística custodial e pós- custodial: uma mudança de paradigma. *Caderno de Arquivologia*, Santa Maria, n.2, p.177-189, 2005.

LYNN, Hunt. *A nova história cultural*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 317p. (O homem e a história).

M

MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Roteiro para implantação de arquivos municipais*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Porto Calendário, 1996. 125p.

MAGALDI, Cássia. O público e o privado: propriedade e interesse cultural. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania / DPH*. São Paulo: DPH, 1992. 235p.

MARINHO JÚNIOR, Inaldo Barbosa; SILVA, Junia Guimarães e. Arquivos e informação: uma parceira promissora. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.15-32, jan./jun. 1998.

MARQUES, Antônio. Representação e linguagem. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n.10, p.13-23, 1997.

MARTINS, Lígia et al. A aplicação do SIPORBase: uma proposta de indexação do manuscrito e do livro antigo. *Separata dos Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, p.9-18, 1995.

MATTOSO, José. *A escrita da história*. Lisboa: Estampa, 1988. 78p.

MAZIKANA, Peter C. *La gestion des archives et des documents au service des décideurs: une étude RAMP*. Paris: Unesco, 1990. 55p.

McGARRY, Kevin. *O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória*. Tradução Helena Vilar de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999. 206p.

MELOT, Michel. Des archives considérées comme une substance hallucinogène. *L'Archive*, [s.l.], n.36. 1986.p.18.

MENNE-HARITZ, Angelika. Appraisal or selection: can a content oriented appraisal be harmonized with the principle of provenance? In: *The principle of provenance: report from the First Stockholm Conference on Archival Theory and the Principle of Provenance: 2-3 September 1993*. Stockholm: Riksarkivet, 1994. p. 103-131.

MIGUEIS, Maria Amélia Porto. Roteiro para elaboração de instrumentos de pesquisa em arquivos de custódia. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.7-20, ago. 1976.

MIRANDA, José A. Bragança de. A visualização do arquivo. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, Lisboa, n.9, p.95-117, 1996. MIRANDA, Wander Melo. A coleção de arquivos e a memória cultural da América Latina. [s.n.].

. (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. 120p.

MONTEIRO, Maria de Assunção Morais. *Gênese e escrita do conto no diário de Miguel Torga*. 1995. 529 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa Contemporânea) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

. *A coleção: teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. Cap.11.

MOREIRA, Regina L. Os diários pessoais e a (re)construção histórica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.177-184, 1996.

MORAES, Marcos Antônio de. (Org.). *Mário e o pirotécnico aprendiz*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: IEB-USP; São Paulo: Editora Giordano, 1995. 248p.

MOTTA, Vera Maria Rocha. *Arquivos privados de titulares mineiros 1930/1983: estudos sobre a localização, composição e condições de uso dos documentos*. 1993. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Paginação irregular.

MAUROIS, André. *A arte da biografia*. Correio da Manhã, Salvador, 19 dez. 1953.

N

NAGEL, Rolf (Ed.). *Dicionário de termos arquivísticos: subsídios para uma terminologia arquivística brasileira*. 2. ed. Bonn: Fundação Alemã para o Desenvolvimento Internacional; Salvador: EBD/Ufba, 1991. 110p.

NAGY, Péter; HAY, Louis. *Avant-texte, texte, après-texte*. Paris: Éditions du CNRS, 1982. 132p.

NOCETTI, Milton A. Línguas naturais e linguagens documentárias: traços inerentes e ocorrências de interação. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.6, n.1, p.23-37, jan./jun. 1978.

NOVAIS, Maria Isabel Cadete. *Novos poemas de Deus e do diabo, de José Régio: gênese e memória de um projeto abandonado*. 1995. 264 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Portuguesas; Época Contemporânea) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

NUÑEZ CONTRERAS, Luiz. Concepto de documento. In: *Archivística: estudios básicos*. Sevilla: Diputación Provincial, 1981, p.24-44.

O

O Dilema Digital 2: Perspectivas de cineastas independentes, documentaristas e Arquivos audiovisuais sem fins lucrativos. Trad. Miller Schisler, Osvaldo Emery e Patricia de Filippi. São Paulo: Instituto Butantan, 2015. 138 p. Disponível em: <http://cinemateca.gov.br/sites/default/files/Dilema_Digital_2_PTBR.pdf> Acesso em: 23 mai. 2017.

OLIVEIRA, Antônio Braz de. Arquivística literária *haec subtilis ars inveniendi*. *Cadernos BAD*, Lisboa, n.2, p.107-121, 1992.

P

PALOMINO URBANO, Delia. La descripción documental fascinante del trabajo intelectual. *Anuario Interamericano de Archivos*, Córdoba, n.11, p.173-174, 1984.

. Importancia de la descripción documental. ENCUESTRO NACIONAL DE ARCHIVISTAS, 2, 1990, Medellín. *Anais...* Medellín: Asociación Colombiana de Archivistas, 1990. p.39-42.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GRANATO, Marcus. *Para pensar a interdisciplinaridade na preservação: algumas questões preliminares*. In: *Preservação documental: uma mensagem para o futuro*. Salvador: Edufba, 2012.

PISTORIUS, Georges. Le problème d'influence selon Paul Valéry. In: CONGRÈS D'AILC, 3. *Actes...* [s.l.:s.n.], 1963. p.1036-1042.

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS EM ARQUIVOS PRIVADOS. Rio de Janeiro : CPDOC, 1986. 102p.

R

RASTROS DA CRIAÇÃO. *Revista do Centro de Estudos de Crítica Genética*. São Paulo: n.1, 1997. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Semiótica da PUC-SP).

- REAL, Manuel Luís. Nota de Abertura. In: RIBEIRO, Fernanda. *Indexação e controlo de autoridade em arquivos*. Porto: Câmara Municipal, 1996. p.5.
- REIS, Carlos. *A construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s.d. 439p.
- RENÉ-BAZIN, Paule. France and international exchange and cooperation in archival education. *Janus Revue Archivistique, Conseil International des Archives*, Paris, n.2, p.63-65, 1998.
- RIBEIRO, Fernanda. Archival Science and Changes in the paradigm. In: *Archival Science 1*. Netherlands / Kluwer Academic Publishers, p.295-310, 2001.
- . *Indexação e controlo de autoridade em arquivos*. Porto: Câmara Municipal, 1996. 210p.
- ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998. 356p.
- ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.90, 1996.
- S**
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: Educ, 1992.112p.
- . Reflexão sobre relação do geneticista com o manuscrito. In: SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 332p.
- SANTOS, Maria Laura Nobre dos. et al. A inventariação do espólio de Fernando Pessoa: tentativa de reconstituição. *Rev. Bibl. Nac. Lisboa*, v.2,3, n.3, p.199-213, 1988.
- SANTOS, Newton Paulo Teixeira. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. 129p.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania / DPH*. São Paulo: DPH, 1992. 235p.
- SHELLENBERG, T.R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Tradução Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974. 345p.
- . *Documentos públicos e privados: arranjo e descrição*. Tradução Manoel A. Wanderley. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980. p.133-144.
- . *Manual de arquivos*. Tradução Manoel A. Wanderley. 2. ed. Salvador: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia. [197-]. (Publicações do Arquivo Público da Bahia, 2).
- . *Natureza do programa descritivo*. Trad. Manoel A. Wanderley. 2. ed. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- . *Princípios de arranjo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1959. 19p. SILVA, Armando B. Malheiro et al. *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Afrontamento, 1999. 254p. (Biblioteca das Ciências do Homem, Série Plural, 2).
- SILVA, Armando Malheiro da. *Revista PRISMA.COM*. n.9, 2010 – Mediações e mediadores em Ciência da Informação - ISSN 1646-3153 Disponível em: <<http://pentaho.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/2057/1893>>.
- SIMPLISSIMO. *O Formato ePub: Por Onde Começar?* 07 abr. 2010. Porto Alegre- RS. Disponível em: <<https://simplissimo.com.br/o-formato-epub-por-onde-comecar/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- SKOWRONEK, Jerzy. La mission de l'archiviste: les archivistes comme agents de la préservation de la culture et de l'identité nationale. Un modèle spécifique en Europe Centrale et Orientale aux XIXe et XXe siècles. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES ARCHIVES, *Actes...*: Pékin: Conseil International des Archives, 1997. p.68. (Archivum, Revue Internationale des Archives, vol. 53).
- SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. Classificação: um dos problemas fundamentais da arquivística contemporânea. *Arquivo & Informação*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 1994. p.3-4.
- STUMPF, Alexsandro. et al. *O livro digital em ambientes virtuais de aprendizagem: utilização da hipermídia como novas possibilidades de leitura*. Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para a aprendizagem. Pelotas-RS. 5, 6 set. 2011. Disponível em: <<http://wright.ava.ufsc.br/~alice/conahpa/anais/2011/papers/27.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

T

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Trad. Antonio A. Briquet de Lemos. Brasília, Briquet de Lemos, 2008.

TESSITORE, Viviane. *Arranjo: estrutura ou função?* Arquivo Hist. e Inf., São Paulo, v.10, n.1, p.19-28, jan./jun. 1989.

V

VASCONCELOS, Eliane. Carta missiva. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-13, jan./jun. 1998.

VASCONCELOS, Manuela; SILVEIRA, José Nobre; PRISTA, Luís. A catalogação do espólio de Fernando Pessoa. *Rev. Bibl. Nac.*, Lisboa, v.2, p.159-170, 1992.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes. A vontade de guardar: lógica de acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.10-14, n.2, p.62-76, jul/dez.1986.

VIANNA, L. Q. H. *Mutações da memória*. Rio de Janeiro: PVC, 1992. 27p.

W

WERNER, Michaël; GRÉSILLON, Almuth. *Leçons d'écriture: ce que disent les manuscrits*. Paris: Lettres Modernes, 1985. 357p.

WILLEMART, Philippe. Conceitos de manuscritologia. *Folha de São Paulo, Folhetim*, 5 fev. 1988. p. 2-3.

. A filologia e a crítica a serviço da interpretação do texto editado. *Estudos Lingüísticos*, Salvador, n.20, p.97-104, set. 1997.

. *Além da psicanálise: a literatura e as artes*. São Paulo: Nova Alexandria/ Fapesp, 1995. (Série Pensamento Universitário). WILLIAMS, Daryle. Memória e preservação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.10, n.20, p.373-379.

WITTER, Geraldina. Arquivos públicos e arquivos particulares. *Arquivos*, São Paulo, v.4, n.4, p.125-128, out/dez. 1983.

Z

ZORRINHO, Carlos. *Gestão da informação*. Lisboa: Presença, 1991. Paginação irregular.

“O tempo que fixo devora o tempo que esqueço. E, através deste ato de reter e descartar, me revelo, e que disso fica exposto o outro lado de mim mesmo – é que me deparo com a pesquisa de Zeny Duarte sobre Godofredo Filho. Mais do que catalogação, arranjo ou descrição arquivística, esta obra constitui-se em uma transmissão do tempo, para lembrar e não esquecer a vida e a poesia, não só de Godofredo Filho, mas também de uma antiga e recente Bahia.”

Claudius Portugal (Escritor, jornalista, repórter, colunista. Editor da extinta Revista Exu, de cuja publicação foram editados 36 números, além da coleção “Casa de Palavras”, ambas produzidas pela Fundação Casa de Jorge Amado. Pós-Graduado em Literatura Brasileira e Bacharel em Direito).